



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Lucia Helena Lopes de Matos

**A metáfora e a intertextualidade : uma realização**

Rio de Janeiro

2006

Lúcia Helena Lopes de Matos

**A metáfora e a intertextualidade: uma realização**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor , ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador : Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/PROTEC

M433 Matos, Lucia Helena Lopes de.  
A metáfora e a intertextualidade: uma realização multicultural na  
língua portuguesa / Lucia Helena Lopes de Matos. – 2006.  
241 f.

Orientador : André Crim Valente.

Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Teses. 2. Intertextualidade - Teses. I.  
Valente, André Crim. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90

Lúcia Helena Lopes de Matos

**A METÁFORA E A INTERTEXTUALIDADE: UMA REALIZAÇÃO  
MULTICULTURAL NA LÍNGUA PORTUGUESA**

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor, ao  
Programa de Pós-Graduação em Letras,  
da Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Área de concentração: Língua  
Portuguesa.

Banca Examinadora:

Titulares:

---

Prof. Dr. André Crim Valente – Orientador

---

Profª Drª Maria Aparecida Lino Pauliukonis – UFRJ -1988

---

Profª Drª. Valéria Coelho Chiavegatto – UERJ – 1998

---

Profª.Drª. Maria Teresa Gonçalves Pereira – UERJ - 1990

---

Profª. Drª. Rosane Santos Mauro Monnerat – UFF - 1998

Suplentes:

---

Prof. Dr José Carlos de Azerdo - UERJ

---

Profª Drª. Darcília M. Simões - UERJ

Data: 13 de julho de 2006

Local: Rio de Janeiro

Nota obtida: \_\_\_\_\_

Situação final: \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Ao Alexandre e Diego, frutos doces que vi brotar com orgulho.

Às minhas netas, Ana Carolina, Eduarda e Maria Fernanda,  
sementes de afetos que a cada dia rego em meu coração.

Aos meus pais, que prepararam a terra e plantaram o grão.

Aos meus irmãos, Heraldo e Cristina, que repartem comigo a  
seiva do mesmo chão.

## AGRADECIMENTOS

Ao orientador **Professor Dr. André Crim Valente**, pelo saber e amizade compartilhados, pela confiança e encorajamento e pela dedicação dispensada no mestrado e no doutorado.

À co-orientadora **Professora Dra. Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte**, pela generosa fraternidade e pelo apoio acadêmico na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Aos **professores, colegas e funcionários da pós-graduação da UERJ**, pelos conhecimentos colhidos e partilhados.

Aos **familiares e amigos**, pelo amor recebido e apoio incondicional.

A **Rita Maria**, amiga-irmã na emoção e no conhecimento.

Ao **José Carlos Palha e Mila**, irmãos portugueses, que me deram acolhimento no “Porto” de suas vidas.

Ao **Davi**, amigo na troca que enriquece a vida e estimula a autoconfiança.

Aos **amigos portugueses**, Fátima e Gericota, João Carlos, Tila, Mina e Carlos, Isabel e Antonio, Céu e Alexandre, Dedé, Pedro, Tereza e Rita, que, de alguma forma, preencheram a falta dos afetos tão distantes.

Aos **professores da banca examinadora**, pela aceitação da tarefa.

À **Professora Dra. Valéria Coelho Chiavegatto**, pelo diálogo que constrói o conhecimento e dirime dúvidas.

Ao **Professor Dr. Mario Vilela**, da FLUP, pela leitura crítica e comentários valorosos.

À **Professora Dra. Sofia Miguens**, da FLUP, pela contribuição e pela elucidação de alguns caminhos.

Ao **Professor Dr. Augusto Soares da Silva**, da UCP de Braga, pela paciente e informal orientação sobre metáfora conceptual e a valiosa lista bibliográfica sobre o assunto.

Ao **Dr. João Emanuel**, diretor da biblioteca da FLUP, e seus funcionários, pelo apoio e estrutura que viabilizaram minhas pesquisas naquela instituição.

Ao **Carlos**, brasileiro amigo, com quem partilhava espaço de trabalho e dúvidas acadêmicas na FLUP.

Aos **professores da FLUP**, que tenham acolhido, em algum momento, a minha ansiedade pela escassez de tempo diante de tanta procura e, como resposta, tinham sempre uma palavra encorajadora.

À **CAPES**, pelo apoio institucional e financeiro, que me possibilitou, por seis meses, a pesquisa em Portugal.

## I :

“O homem quisesse ou não, foi forçado a falar metaforicamente, e isto não porque não lhe fosse possível frear sua fantasia poética,mas antes porque devia esforçar-se ao máximo para dar expressão adequada às necessidades sempre crescentes de seu espírito. Portanto, por metáfora não mais se deve entender simplesmente a atividade deliberada de um poeta,a transposição consciente de uma palavra que se passa de um objeto a outro. (...) ... a metáfora antiga era mais freqüentemente uma questão de necessidade e, na maior parte dos casos, foi mais a transposição de uma palavra levada de um conceito a outro do que a criação ou determinação mais rigorosa de um novo conceito, por meio de um velho nome”. O que chamamos comumente de mitologia nada mais é que um resíduo de uma fase muito mais geral do desenvolvimento de nosso pensar; é apenas um débil remanescente daquilo que antes constituía todo um reino do pensamento e da linguagem.

(CASSIRER, Ernest, citando Max Muller\* in: *Linguagem e Mito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

\* MULLER, Max. Lectures on the science of language. Nova York, 1875, pp. 372-76.)

## II :

Sujeitos no plural, porque pretendemos falar dos sujeitos definidos pela lingüística: sujeito da enunciação e sujeito do enunciado. Partilham um destino comum,na medida em que a consciência literária contemporânea os concebe ambos como repletos de ficções. Já não se acredita no sujeito que se pretendia matéria do livro; a partir de agora inverte-se a questão: são os livros a matéria do sujeito, sujeito escrevente ou sujeito escrito. Em conseqüência, não haverá odisséia sem “travessia da escrita”. A verdade literária, como a verdade histórica, só pode constituir-se na multiplicidade dos textos e das escritas – na intertextualidade.

(JENNY, Laurent. “A estratégia da forma”, In: *Intertextualidades*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979)



## FRAGMENTO DAS HORAS

[...]

Trago dentro do meu coração,  
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,  
Todos os lugares onde estive,  
Todos os portos a que cheguei,  
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,  
Ou de tombadilhos, sonhando,  
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

[...]

PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos. In: *Antologia Poética-Clássicos-Público*. Lisboa: RBA Editores, 1994.

## O GUARDADOR DE REBANHOS

IX

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.  
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

[...]

PESSOA, Fernando. Poemas de Alberto Caeiro. In: *Antologia Poética-Clássicos-Público*. Lisboa: RBA Editores, 1994.

## RESUMO

MATOS, Lúcia Helena Lopes de. *A metáfora e a intertextualidade: uma realização multicultural na Língua Portuguesa*. 2006. 241 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Este estudo teve a finalidade de descrever, num corpus literário de iniciação, tanto a metáfora conceptual e suas manifestações lingüísticas quanto à intertextualidade, como caminhos possíveis para um processo de compreensão construtivo e autônomo, em textos de língua portuguesa produzidos em culturas diferentes. Selecionamos, como material de investigação dos aspectos estudados, na literatura brasileira, uma trilogia metaliterária de Lygia Bojunga Nunes, na literatura portuguesa, dois contos de Sophia de Mello Breyner Andresen, e na literatura africana, optamos pela representação moçambicana com uma novela de Mia Couto. As obras das duas primeiras autoras são lidas por jovens entre 14 a 17 anos nos seus países de origem e a obra de Mia Couto está aqui relacionada por ser uma possibilidade e um enriquecimento para o leitor em formação. Trabalhamos com a metáfora inserida nos fundamentos da Semântica cognitiva, porque traz como preceito básico o desvelamento das associações que vão embasar nossos esquemas mentais e cujo conhecimento vai-nos habilitando a uma autonomia para relacionar sentidos e perceber que até a mais obscura emissão vai ganhar ares de previsibilidade por conta das nossas experiências, dos textos que buscamos na memória e do contexto que construímos com os dados lingüísticos que preenchem a moldura de um dado cenário. A metáfora, porém, se mostrou produtiva em nossas análises porque associamos a sua gênese conceptual com a sua função pragmática. É nessa fusão que ela se faz língua, se faz pujante, desviante e revela para o interlocutor as marcas que a remetem para a circularidade original, ou seja, o conceito da qual ela foi gerida. Verificamos, na aplicação da teoria no corpus analisado, que, através dos fundamentos da metáfora conceptual e da intertextualidade, podemos compreender o que é universal e o que é cultural nas nossas expressões literárias e que a fronteira entre essas duas dimensões não fratura o diálogo que se faz urgente e necessário, para a defesa de uma cultura lusófona.

**Palavras-chave:** Metáfora conceptual; Intertextualidade; Semântica cognitiva; Leitura; Interpretação

## ABSTRACT

This study aimed to describe, in a literary corpus, both the conceptual metaphoric as well as its linguistic manifestations concerning intertextuality, and possible ways for a constructive and autonomous understanding in texts written in Portuguese and produced in different cultures. The selected material have included, in the Brazilian literature, a metaliterary trilogy by Lygia Bojunga Nunes; in the Portuguese literature, two short stories by Sophia de Mello Breyner Andresen; and as for the African literature, we have opted for the Mozambique representation, with a novel by Mia Couto. The works by the first two authors are read by 14 to 17-year-old youngsters in their native countries and the work by Mia Couto is referred here since it is considered to be an enriching possibility for the reader in formation. We have worked with the metaphor defined in the fundamentals of Cognitive Semantics, because it follows the basic principle of unveiling the associations which will found our mental schema and whose knowledge allows that even the most obscure emission will seem to be predictability based on our own experiences, the texts we retrieve from memory and the context that we build with the linguistics data which fill in the frame of a given scenario. The metaphor has proved to be productive in our analyses because we have associated its conceptual genesis with its pragmatic function. It is in this fusion that it becomes language, it is magnificent and deviant, and reveals to the interlocutor the marks that forward it to the original circularity, that is, the concept from which it was generated. By applying the theory to the analyzed corpus, we have verified that by means of the principles of the conceptual metaphor and of the intertextuality we can understand what is universal and what is cultural in our literary expressions and that the frontier between these two dimensions does not fracture the dialogue which is made urgent and necessary in the defense of a lusophonic culture.

**Key-words:** Conceptual metaphoric; Intertextuality; Cognitive semantics; Reading; Interpretation

## SINOPSE

A metáfora e a intertextualidade como elementos facilitadores da compreensão de textos literários de língua portuguesa produzidos por culturas distintas: brasileira, portuguesa e moçambicana. A variabilidade e a unidade da língua como formas de expressão de identidades e fragmentação de subjetividades. A leitura construída pelo viés cognitivista na busca de uma autonomia interpretativa. Estudos do significado com base nos fundamentos da Semântica Cognitiva. Aplicação dos aspectos teóricos na leitura de textos literários de iniciação.

## SUMÁRIO

Introdução	15
1 – Língua Portuguesa: variedade e unidade	24
1.1 – Aspectos históricos na formação do idioma	32
1.2 – A linguagem como expressão de cultura, referência e ideologia	38
2 – Leitura e compreensão / interpretação	43
2.1 – Leitura e cognição	50
2.2 – Leitura literária	56
2.2.1 – Texto literário	56
2.2.2 – Interação comunicativa texto-leitor	59
2.2.3 – Texto literário x texto não literário	61
2.3 – A interpretação consciente: o contexto, a intertextualidade e a mesclagem de vozes	64
2.3.1 – O contexto	65
2.3.2 – A intertextualidade	69
2.3.2.1 – Intertextualidade e metáfora: seus caminhos cruzados	71
2.3.2.2 – Intertextualidade em sentido restrito	74
2.3.2.3 – Autotextualidade	78
2.3.2.4 – Intertextualidade / interdiscursividade / polifonia	80
2.3.3 – Mesclagem de vozes	83
2.3.3.1 – O processo cognitivo da mesclagem	86
2.3.3.2 – Mesclagem de vozes no discurso relatado	88
3 – A metáfora: um percurso semântico histórico	94
3.1 – A Semântica cognitiva	108
3.2 – A figuratividade da linguagem ou a literalidade da metáfora.	118
3.3 – A metáfora conceptual: a estrutura do pensamento materializada em linguagem.	126
3.3.1 – Metáfora estruturante do pensamento e da linguagem.	128
3.3.1.1 – Esquemas metafóricos	128
3.3.1.2 – Tipos de metáforas	130
3.3.1.3 – Esquemas imagéticos: produtividade e restrição.	133
3.3.1.4 – Metonímias/ Metafonímias	133
3.3.1.5 – O sistema conceptual: a forma e o sentido.	141
3.3.1.6 – Novas contribuições ao modelo de Lakoff e seus colaboradores: a teoria da integração conceptual ou mesclagem.	146
3.3.1.7 – Metáfora lingüística X Metáfora conceptual: convencional, científica, literária.	149
3.4 – A metáfora como veículo de compreensão na interação verbal.	160

4 – A relevância e a especificidade da metáfora na literatura dentro do universo infantil,juvenil e adulto	166
4.1 – A literatura e o mercado editorial	169
4.2 – Cada autor um leitor?	173
4.3 – Lygia Bojunga Nunes	175
4.3.1 – Livro: um encontro com Lygia Bojunga	176
4.3.2 – Fazendo Ana Paz	185
4.3.3 – Paisagem	193
4.4 – Sophia de Mello Breyner Andresen	202
4.4.1 – História da Gata Borralheira e Saga	203
4.5 – Mia Couto	213
4.5.1 – A chuva pasmada	215
5 – Conclusão	224
6 – Referências bibliográficas	230

## Introdução

### Primeiros passos

Em nossa pesquisa de Mestrado, interessamo-nos pelo estudo da metáfora que rompe com a visão tradicional aristotélica de ornamento, cuja finalidade era atribuir graça e encanto ao estilo, para debruçar-nos sobre um novo enfoque que considera a metáfora estruturadora dos nossos conceitos e em cujas manifestações lingüísticas traduzimos, de maneira espontânea e natural, a linguagem de todo o dia. Nesse percurso, mostramos – através da análise do *corpus* (a linguagem publicitária, a charge e a manchete jornalística), voltado para a prática cotidiana, com nítida vocação para o jogo manipulador e sedutor da linguagem – ser o significado resultante de uma rede de conceitos que representa e une os diversos elos do conhecimento e o sistema metafórico.

Nesta tese de doutoramento, queremos aprofundar a pesquisa teórica iniciada no mestrado e descrever, num *corpus* literário de iniciação, a metáfora conceptual e a sua manifestação lingüística e também a intertextualidade como caminhos possíveis para um processo de compreensão construtivo e autônomo em textos de língua portuguesa produzidos em culturas diferentes.

No campo teórico, baseamo-nos, principalmente, nos fundamentos da Semântica Cognitiva, cujos princípios, segundo acreditamos, levar-nos-ão à autonomia nos processos de compreensão; não descartamos, porém, outras teorias que pudessem estabelecer um *continuum* para a linha de raciocínio a que queremos chegar. Esse é um trabalho de Língua Portuguesa que optou por estar em fronteiras: Língua, Lingüística e Literatura. Por reivindicarmos um estudo da língua no âmbito do significado, não queremos abdicar de outros estudos que não sejam incompatíveis entre si e ainda possam trazer aporte à teoria eleita por nós como a mais adequada ao nosso percurso.

O material de aplicação teórica são textos literários, adequados ao leitor em formação, produzidos por autores que usam a Língua Portuguesa como forma de expressão, mas que vivem em espaços continentais diferentes e, por isso, deveriam refletir em sua escrita características particulares oriundas de experiências que, por serem atávicas e inconscientes, poderiam trazer certo estranhamento para aqueles que delas não partilham.

Como o nosso campo de estudo é a Língua Portuguesa, metodologicamente analisarei o material lingüístico do corpus literário escolhido<sup>1</sup>, dispensando qualquer análise investigatória de resultados. Nesse encaminhamento, teremos de transitar entre as teorias lingüísticas (principalmente a Lingüística Cognitiva), literárias e filosóficas, já que trabalharemos com questões que são limítrofes (metáfora, intertextualidade, polifonia, enfim, compreensão de textos) e que se espriam para além do puramente lingüístico, lançando mão de aspectos discursivos e pragmáticos e usando conceitos de outras disciplinas como a Filosofia, a Antropologia e a Psicologia Cognitivista.

Trazemos, como material de investigação dos aspectos estudados, as literaturas brasileira, portuguesa e moçambicana produzidas por três autores representativos e lidos por jovens na faixa dos 14 aos 17 anos em seus países de origem<sup>2</sup>, Lygia Bojunga Nunes, Sophia de Mello Breyner Andresen e Mia Couto, respectivamente.

Por que pesquisar metáforas e apontar a importância dos textos e vozes como resultantes lingüísticos de processos mentais que envolvem conceptualizações, categorizações e conhecimentos, adquiridos ou transmitidos, partilhados em uma dada cultura (conhecimentos lingüísticos, experiências físicas e corpóreas, modelos cognitivos idealizados, modelos culturais) na compreensão da literatura voltada para jovens?

Creemos que esse estudo será capaz de conduzir a uma reflexão sobre os processos de compreensão que, embora universais, levam a resultados cujas nuances culturais são marcas advindas das experiências de cada povo, armazenadas em domínios que se interligam em redes para produzir sentido. O resultado desse processo se manifesta na língua, tanto no aspecto léxico-sintático, quanto no aspecto discursivo, espelhando uma diversidade dentro da unidade que deve ser vista como um patrimônio a ser pesquisado, preservado.

---

<sup>1</sup> Segundo Silva (1999), citando Geeaerts (GEEAERTS, D. "The structure of lexical variation: meaning, naming, and context", IN: GEEAERTS et all. Cognitive Linguistic Research 5, Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1994), "a análise baseada no 'corpus' minimiza o perigo das distorções metodológicas e da introspecção idealista, permite aceder tanto ao centro quanto à periferia, permite saber o que é que as pessoas realmente fazem com as palavras, dito de outro modo, permite aceder, não apenas ao 'knowledge that' (o item lexical X pode designar entidades com tais e tais características), mas sobretudo ao 'knowledge how' (o item lexical X pode ser usado com êxito), conhecimento este não necessariamente consciente."

<sup>2</sup> Com exceção de Mia Couto, que está aqui relacionado por ser uma possibilidade e um enriquecimento para o leitor em formação, mas, provavelmente, é mais lido por adultos em Portugal e forma, ainda, dentro dos muros universitários brasileiros um público-leitor. Em seu país de origem não há ainda uma política de formação de leitores.



Quanto à escolha de literatura de iniciação para essa reflexão, tem por objetivo abrir espaço para uma apreciação, ainda nos bancos escolares, por parte dos jovens numa faixa etária em que a atuação dos professores como orientadores de leitura ainda pode ser produtora. Poder-se-á formar, assim, um público-leitor voltado para uma integração cultural entre os povos lusófonos, dando oportunidade para que outras disciplinas dentro da instituição se comprometam com uma formação mais abrangente e preparando-os para a universalidade e atemporalidade que existe na obra literária de real valor.

Em síntese, a tese se propõe a uma reflexão sobre os mecanismos de construção do processo interpretativo, principalmente através da metáfora e da intertextualidade. Para tanto fará a descrição desses mecanismos em corpus literário de língua portuguesa proveniente de culturas diferentes: brasileira, portuguesa e africana (moçambicana). Com tais reflexão e descrição, pretende-se contribuir para possíveis intervenções de natureza didático-pedagógica, que estarão a cargo dos que atuam nesse campo. Esta tese não busca apresentar soluções desse teor, mas sim oferecer alternativas àqueles que se propõem a realizá-las.

### **A língua portuguesa: o sentido e os sujeitos**

Como usuários de uma língua, expostos às mais variadas situações comunicativas, estamos sempre em busca do sentido, usando, para esse fim, uma estrutura fixa do sistema e um conjunto de opções que vão dar maleabilidade às construções de acordo com as necessidades interativas. Dessa forma, os processos cognitivos, os aspectos pragmáticos e o sistema gramatical interagem para que, ora como enunciadore, ora como destinatários de qualquer produção oral ou escrita, sejamos capazes de codificar ou decodificar as relações estabelecidas numa determinada tessitura lingüística e possamos perceber os textos ali imbricados.

Na perseguição constante a essa rede harmônica, responsável pela interpretabilidade, o Leitor sempre encontrará “vazios”<sup>3</sup> cuja completude se dará a partir das experiências acumuladas, dos textos já lidos e das vozes apreendidas, do contexto, em suma, da história e da ideologia as quais marcaram os seus modelos de

---

<sup>3</sup> Essa é uma terminologia usada por Wolfgang Iser (1979) em sua teoria sobre a Estética da Recepção cuja abordagem se fará no corpo do trabalho.

mundo enraizados na cultura e expressos através da heterogenia e heteroglossia que dentro do sistema faz emergir a expressividade idiossincrática.

Como nesse trabalho não marcamos oposição entre o literal e o figurado, observaremos que em diferentes situações de uso, sejam elas formais ou distensas, usamos a metáfora como forma de expressar pensamentos, emoções, ou seja, como forma de conceituar o mundo ao nosso redor.

Considerando-se a metáfora como resultado de “um mapeamento, isto é, uma série de correspondências firmemente estruturadas” de modo que “entidades do domínio-fonte correspondam a entidades do domínio-alvo” (Lakoff,1993:206-7), transportando de um domínio para outro experiências físicas, corpóreas e culturais, projetando as experiências mais concretas sobre as mais abstratas, apontamos a metáfora como um processo intertextual<sup>4</sup>, interdiscursivo, e polifônico, visto que tanto a sua criação e recepção inconscientes ( as metáforas convencionais) quanto as inovações literárias são dependentes do nosso sistema conceptual que é marcado pelo registro de nosso “estar no mundo”.

Através desses dois processos, metáfora conceptual e intertextualidade<sup>5</sup>, buscaremos perceber se há diferenças fundamentais nas manifestações lingüísticas convencionais e literárias de metáforas conceptuais, entre as três literaturas estudadas e se os textos e leituras que marcam cada uma das culturas em foco são elementos dificultadores no intercâmbio literário que deveria ser mais intenso.

Enfim, procuramos desenvolver um percurso interpretativo para conduzir a uma leitura-cidadã desse universo cujo maior patrimônio é ter uma comunidade partilhante de uma língua que expressa ações e pensamentos constituídos em ambientes socioculturais diferentes.

### **Método descritivo para o caminho temático**

No primeiro capítulo, focalizaremos a Língua Portuguesa como um sistema que se multiplica em subsistemas produzindo uma variabilidade determinada por fatores geográficos, socioculturais, expressivos e temporais, trazendo sempre a determinação

---

<sup>4</sup> Texto, para nós, se define como uma categoria de limites não discretos e apresenta membros ou propriedades prototípicas e periféricas, albergando definições mais, ou menos, canônicas.

<sup>5</sup> A intertextualidade aqui é entendida tanto no seu sentido amplo (interdiscursividade) quanto no seu sentido restrito (intertextualidade propriamente dita).

histórica e expansionista do idioma como uma expressão de poder e ideologia que se reflete tanto na língua do colonizador quanto na do colonizado.

No segundo capítulo, mostraremos que é pelos mecanismos interpretativos cognitivamente construídos que os sujeitos vão se capacitar para ler o mundo, o outro e os textos que cruzarem sua história.

Apontaremos a intertextualidade/ interdiscursividade e a polifonia como fenômenos explicáveis também pelas teorias construtivas do significado e como a compreensão dos esquemas mentais ilumina os processos que respaldam uma série de conhecimentos necessários para uma visão mais holística dos procedimentos interpretativos de textos literários e não-literários.

O terceiro capítulo lançará um olhar para a metáfora em seu percurso histórico. Mostrará os diferentes enfoques para um tema que tem despertado o interesse de estudiosos de áreas distintas e adota a abordagem da Semântica Cognitiva como aquela que melhor atende às nossas expectativas de construção da autonomia do sujeito na edificação do seu conhecimento.

A metáfora será enfocada em dupla dimensão: 1) na análise das formas lingüísticas que refletem as estruturas do nosso pensamento como um sistema de projeção entre propriedades armazenadas em domínios. 2) como veículo de compreensão na interação verbal.

Em nenhuma das duas dimensões se levará em conta a dicotomia tradicional entre literal e figurado para o processamento de compreensão de textos, mas um *continuum* que procurará estabelecer os graus de figuratividade.

Examinaremos ainda a força da metonímia nas nossas conceptualizações, sua interação com a metáfora e como tais figuras se manifestam lingüisticamente na expressão convencional, científica e literária.

No quarto capítulo, investigaremos a importância da metáfora na formação da capacidade imaginativa do indivíduo e sua relevância para a interação do sujeito com o mundo não-visível e com o não-dito, que vai dando forma a sua habilidade inferencial.

É nesse capítulo que procederemos à análise das obras anteriormente mencionadas, procurando ater-nos aos aspectos teóricos estudados.

## **Análise descritiva para a reflexão pedagógica**

Como professora de língua portuguesa, sei da enorme dificuldade em vencer as resistências e despertar o desejo que vai desencadear o hábito e o prazer da leitura. A escola, certamente, teve uma grande parcela de culpa nesse processo. Segundo a maioria dos teóricos da leitura, a formação do leitor precisa acontecer antes ainda do domínio da decodificação simbólica da escrita, através de uma motivação interna (e não externa ao indivíduo, como pensa a escola), em situações significativas nas quais hipóteses possam ser geradas, mesmo por ensaio e erro, até chegar à geração de sentidos responsável pela exploração do universo ao redor<sup>3</sup>. Nesse contexto se abre espaço para a volição, cuja meta é a aprendizagem efetiva. Para isso não há idade determinada, vai depender do estímulo instigador dos sentidos e da curiosidade. Uma escrita enfadonha, desestimulante, distanciada da realidade, pode levar o leitor iniciante a se afastar definitivamente da leitura.

A leitura inadequada às experiências, que servirão de estofos para a compreensão do leitor, afasta o interesse o qual pode ser estimulado através de histórias que lhe sejam significativas e cujo nível de complexidade seja introduzido gradualmente. Cabe ao professor trazer para o plano da transparência os pontos mais nodosos do texto, criando, aos poucos, o mecanismo de auto-suficiência e habilitando o aprendiz a vãos mais pessoais para a captação da palavra poética, mesmo porque a construção do leitor é sempre um processo inacabado.

A intimidade que a criança estabelece com o mundo da fantasia, através de histórias ouvidas, jogos e brincadeiras que despertam a imaginação, vai prepará-la para lidar com a sua subjetividade e encontrar no mundo narrado um interlocutor para as questões do mundo interno e externo. Esse processo de iniciação poderá lhe abrir a porta para um gênero que lhe ofereça um envolvimento pelo belo, pelo deleite, pela fruição e que utiliza - além das metáforas convencionais, que passam despercebidas ao

---

<sup>3</sup> – A escola ainda segue modelos rígidos e autoritários em que a relação professor-aluno é unilateral, não se leva em conta os interesses do aluno. Segundo Paulo Freire, esse é o modelo da “educação bancária” em que “o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”. (1978:66)

Essa é uma prática que afasta o aprendente da busca do conhecimento, porque é externa, de cima para baixo. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire,1978:66), isto é, o desejo que move a procura pelo conhecimento vem de uma elaboração interna provocada pela inter-relação que o indivíduo faz com o mundo que o cerca.

leitor por estarem automatizadas – metáforas novas, também adequadas às suas experiências cognitivas, a sua experiência de mundo e cujas abstrações possam ser decifradas por analogia com as situações vividas concretamente.

Alerta para este percurso, visamos, em nosso trabalho, a um *corpus* voltado para jovens cuja formação progressiva os habilitará, paulatinamente, à leitura de textos literários.

Na literatura brasileira, a autora escolhida foi Lygia Bojunga Nunes, cujos livros selecionados para análise são aqueles que formam a trilogia sobre o fazer literário e a competência leitora: *Livro um encontro com Lygia Bojunga, Fazendo Ana Paz e Paisagem*. Eles primam pela qualidade e ensejam a oportunidade de executar o salto entre a linguagem marcada pelo estilo coletivo e o individual. As metáforas cotidianas servem de base para a descoberta e compreensão de outras mais inusitadas, já que o sistema metafórico revela alguns conceitos e esconde outros, somente revelados quando há intenção do emissor em trazer algo de novo à sua emissão ( Lakoff & Johnson, 2000).

Na literatura portuguesa, escolhemos trabalhar com dois contos da consagradíssima Sophia de Mello Breyner Andresen: **A História da Gata Borradeira** e **Saga**, do livro *Histórias da Terra e do Mar*. As estratégias serão as mesmas utilizadas para a literatura brasileira, porém os resultados, embora não sejam fundamentalmente diferentes em sua estrutura lingüística, vão trazer a esse estudo a novidade discursiva, o modo de dizer especial que é característico de cada comunidade e, conseqüentemente, as suas implicações semântico-estilísticas.

Quanto à literatura africana, fizemos uma escolha afetiva quando decidimos analisar a novela *Chuva Pasmada* do moçambicano Mia Couto. Creio que a poesia de sua prosa e a presença do imaginário africano possam ser um desafio maior, mas certamente valorosíssimo, como estímulo para a questão metafórica.

### **Referências teóricas**

Continuaremos na linha de pesquisa desenvolvida por Lakoff & Johnson (1980 / 2001 / 2002; 1999) e Lakoff & Turner (1989) Lakoff (1987, 1993), trazendo ainda a colaboração de Raymond W. Gibbs Jr.(1993, 1994, 2001) Gilles Fauconnier (1985) Faiconnier & Turner (1996, 2000), Augusto Soares da Silva (1997, 1999, 2001, 2002,

2003, 2004, 2005), Mario Vilela (2001, 2002, 2004), Patrícia Matos Amaral (1975) que trabalham a metáfora com um enfoque cognitivista, isto é, elas são a expressão do nosso sistema conceptual e são baseadas nas informações que aprendemos e repartimos com os demais membros de uma mesma comunidade, formando, assim, áreas de cognição que serão acessadas para construir e dar sentido às diferentes práticas de linguagem.

No aspecto da intertextualidade / interdiscursividade e polifonia, faremos um percurso trazendo os estudos de Bakhtin (1979,1981,1992) para mostrar que o discurso do eu é atravessado por outros discursos que espelham as diferentes vozes marcadas pela ideologia e pela cultura, passaremos por Fiorin (1999) até chegar aos estudos de Valéria Chiavegatto (1998, 1999, 2001, 2006) sobre a teoria da mesclagem de vozes. Quanto à intertextualidade usaremos Laurent Jenny (1979) e Lucien Dällenbach (1979).

Como suporte para a leitura e a construção dos significados, usaremos autores que elaboram estudos com viés cognitivista (ainda que assim não sejam rotulados) ou que exigem do leitor uma performance construtivista na elaboração das hipóteses interpretativas: Wolfgang Iser (1979), Van Dijk (2000), Margarida Salomão (1998, 1999), Valéria Chiavegatto (1997, 2002a, 2002b).

Esses são os teóricos que dão sustentação à análise do corpus, mas recorreremos a outros teóricos ligados à Semântica Cognitiva, à Psicolinguística, à Antropologia e à Filosofia da linguagem, o que se verificará ao longo do trabalho.

Conceitos como cultura, ideologia, identidade serão enfocados apenas nos aspectos que garantirão os objetivos que queremos atingir.

### **Esclarecendo...**

Temos certeza de que há muitos caminhos para se atingir um propósito, tanto que o nosso sistema conceptual já deu a essa metáfora (AÇÕES SÃO CAMINHOS PARA ATINGIR PROPÓSITOS) um valor convencional. Quando fizemos uma opção teórica para chegar ao nosso destino, acreditamos que essa seria uma variável entre muitas, contudo essa escolha trazia, de alguma forma, uma novidade ainda pouco explorada em nosso círculo acadêmico.

Em nossas pesquisas, observamos que a aplicação dos esquemas norteadores da Semântica Cognitiva tem sido dirigida mais a textos não-literários e os literários, quando analisados, estão, preferencialmente, circunscritos à linguagem sintética da poesia.

Escolhemos, pois, focar nosso estudo na narrativa literária, procurando nos trabalhos já realizados nesse campo, em textos diversos, o apoio para nos lançarmos na tarefa de trazer uma contribuição com algum viés inovador.

Não compactuamos com o fato de que o novo desatualiza o anterior. Pelo contrário, o conhecimento constrói-se numa progressão, e nos “vazios” deixados vamos nos aperfeiçoando e avançando (ou não, só o tempo e a experiência dirão).

...nenhuma escola, nenhuma hipótese ou doutrina, por mais brilhante que seja, monopoliza a verdade. É da própria natureza das verdades da razão científica e dos métodos que ela elabora, para ter acesso à intimidade dos fenômenos que estuda, o serem provisórias: as melhores teorias freqüentemente são aquelas que trazem em seu bojo a possibilidade de serem contestadas setorialmente, porque na crítica a que se submetem está a razão de ser do alcance transcendental da própria ciência do homem. (LOPES, Edward, 1979: 191 – 192)

## 1 – Língua Portuguesa: unidade e variedade<sup>1</sup>

Labov define a comunidade lingüística como um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem e não como um grupo de pessoas que falam do mesmo modo. A relação com a língua é fator primordial do conhecimento lingüístico. Daí a afirmação de que conhecer uma língua não é apenas conhecer as formas engendradas pela gramática, mas também o valor social atribuído a elas. (LABOV, W. Sociolinguistique. Paris: Minuit, 1976 APUD: Orlandi, 2003: 102)

Quando nos propusemos a trabalhar com um corpus que tivesse como material de pesquisa a língua portuguesa, mas como produtores literários representantes de universos experienciais e geográficos bastante diferentes, tínhamos algumas intenções que já foram elencadas. Agora, tendo por base as pesquisas já desenvolvidas por estudiosos de diferentes áreas, procuraremos comprovar, no exame das obras selecionadas, se as nossas hipóteses se sustentam diante do enquadre que queremos traçar.

Em primeiro lugar, focalizaremos a língua portuguesa em cada uma de suas moradas, assumindo a face dos seus utentes, no equilíbrio entre as funções comunicativas e expressivas: aquelas dizem respeito às funções pragmáticas; estas, às funções discursivas.

Como código institucionalizado, ela é reconhecível pela comunidade de seus falantes que a agrega em seu sistema cognitivo de maneira espontânea e inconsciente, se for assimilada como língua natural e/ou materna<sup>2</sup>. A aquisição da linguagem se faz numa gradação biopsicológica, na medida em que se constroem no indivíduo as

---

<sup>1</sup> A abordagem feita nesse item levará em conta tanto a visão da sociolingüística quanto a visão de alguns aspectos da análise do discurso na medida em não forem excludentes. Além disso, vêm sendo consideradas por teóricos mais ortodoxos, como Eni Orlandi, disciplinas que podem se complementar: “Por outro lado, algo que até o momento foi pouco explorado e merece uma maior atenção é a relação da análise do discurso com a sociolingüística, uma vez que os pontos comuns na consideração do objeto de que tratam são evidentes, como pudemos observar por este nosso estudo. Mais do que isso, sabemos que o termo sociolingüística recobre trabalhos extremamente diversos – etnografia da comunicação, variação lingüística, relação com a linguagem e até mesmo análise do discurso – ou seja, trabalhos que tratam da análise da linguagem no contexto. Há, pois, um domínio de interesses comuns, em que a sociolingüística já estabeleceu sistematizações bastante claras. Tratar-se-ia, pois, para a AD, de refletir sobre essas sistematizações de uma outra perspectiva, de sua perspectiva. (ORLANDI, 2003:111-112).

Por outro lado, também se fará uso de teorias bakhtinianas no que diz respeito à aquisição da linguagem, à polifonia discursiva e seu conseqüente apagamento, pois considero que essas teorias se complementam e trazem subsídios para a ampliação do entendimento de aspectos relacionados à descrição e/ou ao ensino da língua portuguesa

<sup>2</sup> É o que acontece com portugueses e brasileiros, mas não com a maioria dos africanos.



estruturas lógicas do pensamento, dando forma à inteligência, cuja adaptação se expande para formas cada vez mais complexas, num processo sucessório que vai se repetir, mais tarde, para qualquer aspecto do conhecimento. A criança vai adquirir a linguagem numa fase posterior através de um processo imitativo do discurso do outro, inicialmente fragmentado, caracterizado pelo monologismo egocêntrico, cuja característica é não ser possível ao sujeito se descentrar e se situar como tal em um sistema de relações comuns e recíprocas<sup>3</sup>. Nesta fase, o diálogo vai se estabelecer pelo sentido que o outro dá a esse discurso, num esforço de entendimento do seu desejo e da sua necessidade (no caso, geralmente, é a mãe que desempenha esse papel).

Dessa forma, os primeiros passos na aquisição da linguagem ocorrem sempre através da apropriação do discurso de alguém mais próximo e esta só passará a um estágio mais avançado quando a criança adquirir autonomia para deixar de ser interpretada e passar a ser interpretante da fala do outro, quando ela puder representar esse discurso e transformá-lo em seu, através do apagamento das vozes que perpassam por seu universo.(Bakhtin,1992)<sup>4</sup>

A naturalidade do processo de aquisição da linguagem vai inserir os falantes nativos numa dada comunidade lingüística, possibilitando identificar como sua a língua que lhes assegura o reconhecimento da cadeia fônica associada a determinados significados, criando espontaneamente um sistema de conhecimento que lhes permite falar, entender o que ouvem e estabelecer relações dentro do código. Assim, “conhecer uma língua é ter desenvolvido um saber regular e regulado”.(Duarte, 2000:17)

Os falantes nativos do Português, no caso em questão, vão desenvolvendo habilidades/sensibilidade lingüísticas para perceber as particularidades do sistema no

---

<sup>3</sup> Para Piaget, “o egocentrismo é uma absorção do eu nas coisas e nas pessoas, com indiferenciação entre o ponto de vista próprio e outros pontos de vista” (...) ‘Sair do egocentrismo é tomar consciência do que é subjetivo em si, em situar-se entre o conjunto das perspectivas possíveis e em estabelecer entre as coisas, as pessoas e seu próprio eu um sistema de relações comuns e recíprocas’ (Dolle, 1995:24)

<sup>4</sup> “As influências extratextuais têm uma importância muito especial nas primeiras fases da evolução do homem. Essas influências se envolvem na palavra (ou noutros signos) e tal palavra é a dos outros, e, acima de tudo, a da mãe. Depois disso, a “palavra do outro” se transforma, dialogicamente, para tornar-se “palavra pessoal-alheia” com a ajuda de outras “palavras do outro” e depois, palavra-pessoal (com, poder-se-ia dizer, a perda das asas). A palavra já tem, então, um caráter criativo” (Bakhtin, 1992,405-6).

“O processo de esquecimento paulatino dos autores, depositários da palavra do outro. A palavra do outro torna-se anônima, familiar (numa forma reestruturada,claro); a consciência se monologiza. Esquece-se completamente a relação dialógica original com a palavra do outro: esta relação parece incorporar-se, assimilar-se à palavra do outro tornada familiar (tendo passado pela fase da palavra “pessoal-alheia”). A consciência criadora, durante a monologização, completa-se com palavras anônimas. Este processo de monologização é muito importante. Depois, a consciência monologizada, na sua qualidade de todo único e singular, insere-se num novo diálogo (daí em diante, com novas vozes do outro, externas)”. (Idem, 406)

campo fonológico, lexical, morfossintático e semântico que vão caracterizar esta língua – que possui aspectos de identificação e de diversificação com outras línguas - como única, sendo possível, assim, codificar e decodificar as potencialidades reais ou virtuais daquele específico diassistema,<sup>5</sup>

O aprendizado da língua materna se faz primariamente através da modalidade oral e somente através do aprendizado formal é que o usuário passa a dominar o sistema simbólico da escrita, que historicamente representa uma conquista cultural das sociedades humanas, embora nem todas tenham atingido esse estágio. A competência lingüística do sujeito objetiva, por conseguinte, a compreensão e expressão do oral e a compreensão/ interpretação da leitura e a produção de textos.

É o conhecimento da língua, transmitido ou adquirido, como um sistema estrutural que comporta outros sistemas, dentro de uma certa organicidade e unidade, que vai definir o que e como deve ser dito aquilo que se quer expressar. Somado a esse conhecimento, há variáveis sociais, históricas, culturais, ideológicas, religiosas, éticas, geográficas, biológicas, emotivas, estéticas e ainda outras, que determinam a adequação do que queremos dizer. Existe, portanto, uma língua histórica que distingue, por exemplo, a língua portuguesa de outras línguas e a língua funcional que é um subsistema da língua histórica e dela é variante dependendo dos fatores extralingüísticos intervenientes, dos sujeitos e das situações. Enquanto a primeira é uma abstração, a segunda é a realização através do uso. A cada uso corresponde uma norma, isto é, o modelo adotado pelo grupo social ou pelo indivíduo, dependendo dos fatores que ocasionam a variação da língua e a sua multiplicação em subsistemas

Os subsistemas da língua se agrupam em obediência a certos fatores:

- **Fator histórico-geográfico**

Em se tratando da Língua Portuguesa, e desse trabalho específico, temos de considerar as diferenças muito evidentes entre o Português Europeu (PE => falado em Portugal) e o Português Brasileiro (PB) no que diz respeito aos aspectos fonológicos, lexicais e sintáticos. Como exemplificação, sem muito aprofundamento, podemos indicar como diferença fônica a redução do vocalismo átono no PE [bi'lisimu] X [be'lisimu] do PB. Como diferença lexical, para se fixar apenas num único domínio conceptual, o do futebol: golo (PE) X gol (PB); guarda-redes (PE) X goleiro (PB); grande penalidade (PE) X pênalti (PB); equipa (PE) X equipe (PB); pontapé de canto

---

<sup>5</sup> Diassistema é um conjunto de sistemas e subsistemas que formam uma língua histórica (Dicionário Houaiss de língua portuguesa)

(PE) X escanteio (PB)<sup>6</sup>. Uma das diferenças sintáticas mais marcantes é em relação à colocação pronominal com franca preferência dos brasileiros pela próclise, mesmo iniciando frase (Me diga a verdade), e a dos portugueses pela ênclise mesmo com a presença de conectores subordinativos (Espero que diga-lhe a verdade) ou então, em situações de interlocução, o uso do nome próprio como sujeito ao invés do pronome: A Lúcia vai hoje à Faculdade? (PE) X Você vai hoje à Faculdade? (PB)

Nas variedades africanas, embora a pesquisa ainda seja incipiente, há variáveis que distinguem a língua portuguesa falada naquele território daquelas faladas em Portugal e no Brasil, mesmo porque, para a maioria da população africana, o Português não é a língua materna, mas a língua segunda, a língua veicular que funciona como elemento de comunicação entre o poder constituído e os habitantes e entre esses e seus demais compatriotas, já que há vários grupos lingüísticos dentro de um mesmo espaço nacional.

Atualmente, por conta da crescente popularidade da televisão brasileira que funciona como canal difusor de hábitos, costumes e modos lingüísticos, é grande a influência do PB em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa.

Não são apenas os fatores geográficos que determinam as diferenças dialetais dentro de uma língua, ou seja, os diferentes usos de uma língua em diferentes regiões. Por mais que a globalização, com a velocidade dos fluxos de informação, tenha amenizado as diferenças intercontinentais da língua portuguesa (principalmente para portugueses e africanos), ainda há uma significativa variação que identifica, principalmente na fala, brasileiros e portugueses, já que os africanos seguem mais os padrões lusitanos.

Sabendo-se que há uma língua subjetiva ou “imaginária” que corresponde à fixação do sistema e uma língua que se realiza concretamente sem amarras e que está discursivamente marcada pela historicidade e pela maneira como seus falantes se constituem, ao mesmo tempo que atribuem os significados, pode-se afirmar que a língua portuguesa é marcada por algumas diferenças, já que cada cultura funciona como incubadoras da identidade que marca as línguas em sítios historicamente diferentes.

A atribuição de sentidos em uma língua vai depender da memória que se estabelece no saber discursivo armazenado nos espaços mentais dos sujeitos sociais, ou

---

<sup>6</sup> Pesquisa desenvolvida por uma equipe chefiada pelo prof.Dr.Augusto Soares da Silva da Universidade Católica Portuguesa (Braga), entre janeiro de 2004 a janeiro de 2006, e apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e publicada na Revista Portuguesa de Humanidades, VIII (2004), 99 - 117 com o nome de Léxico e variação Portugal / Brasil - Para uma sociolexicologia cognitiva do Português

seja, nos interdiscursos que atravessam uma dada cultura. Segundo Orlandi (2002), através da observação das relações que são estabelecidas dentro da língua, podem-se perceber os sistemas de pensamento veiculados pela “língua no acontecimento do significar na relação de homens com homens, sujeitos e sujeitos” (idem:13)

É evidente que a língua, como repositório dos pensamentos e idéias que se constituíram pela memória discursiva, estará atrelada a aspetos políticos e éticos. A produção do conhecimento e formação do “sujeito social brasileiro”, passam, segundo crê Eni Orlandi, pela maneira como a língua é ensinada e como se trabalham a questão de cidadania e os aspectos identitários da nossa brasilidade.

Dois discursos podem trabalhar com os mesmos elementos semânticos e revelar duas visões de mundo totalmente diferentes, uma positiva e uma negativa. Um texto oral ou escrito pode revelar valores que determinam a legitimidade do saber do colonizador ou do colonizado.

- **Fator sociocultural**

Essa variação é também chamada de diastrática e é condicionada pelo nível cultural e de escolaridade e é mais detectável nos extremos da pirâmide social.

A escolaridade, apesar de possibilitar o acesso a uma norma mais prestigiosa socialmente, tem afrouxado suas exigências e respeitado as variantes mais populares, trazendo, de certa forma, uma homogeneização que se alastra até para espaços e situações não-convencionais, sem encontrar ainda uma política para o ensino do idioma.

O problema é que, por falta de investimento na capacitação profissional e em outras questões de infra-estrutura, a escola tem constatado uma resistência do aprendente, muitas vezes traduzida em fracasso, para o aprendizado da norma por esta não estar vinculada à oralidade que a nós, brasileiros, parece ser mais natural. Talvez o aprendizado assumisse um sentido se o ensino formal da língua fizesse alusão aos aspectos históricos para dar validade a uma diglossia que possibilitaria a compreensão de uma cultura lusitanista em sentido mais amplo.

O sistema público de ensino, no afã de perseguir resultados numéricos, não conseguiu conciliar a qualidade, evidenciando total falta de capacidade para albergar uma massa crescente de crianças pertencente às camadas mais pobres e atualmente também as de classe média, cada vez mais alijada da escola particular que está voltada para uma elite cada vez mais diminuta na conservação de uma norma da língua que “corresponde a uma ‘outra’ história”(Orlandi,2002:28).

Em Portugal, a língua se realiza dentro dos padrões que são naturais para os seus falantes. É claro que há variantes socioculturais, mas o sistema escolar exerce um maior controle, tanto por atender a uma sociedade menos complexa que a nossa, quanto por estar seguindo o caminho da mão histórica, já que é a matriz que deu conformidade à língua portuguesa moderna. Por outro lado, também fecha os olhos para a variabilidade que se estendeu por outros continentes, eximindo-se da tentativa de integrar culturas de identidades próprias e que estão no mesmo patamar de importância. Pode-se verificar esse fato pela troca pouco consistente de textos que revelem o modo de ser de cada povo que ainda conserva na língua certa tradição do Português Europeu.

Na África há uma certa neutralidade na variação sócio-cultural por ser, para a maioria da população, uma língua segunda, adquirida de maneira formal. Como é muito baixo o nível de escolaridade, só a elite social é que domina a língua dentro dos padrões da norma culta, ainda ditada pelo modelo do colonizador. Nas demais faixas sociais, dissemina-se o uso do crioulo<sup>7</sup> que muitas vezes passa a ser a língua materna de um povo submetido a uma colonização que faz parte do passado histórico, mas com a qual ainda mantém muitas raízes mesmo depois da libertação.

- **Fator expressivo**

É também denominado de variação diafásica, manifesta-se nos diferentes registros da língua de acordo com a formalidade da situação discursiva e com a modalidade de uso utilizada (oral ou escrita). Como vimos, a língua é um subsistema que se organiza dentro das possibilidades de um arquissistema, o que nos leva a deduzir que existem várias possibilidades de realização lingüística e uma norma que se acomoda a cada uma dessas realizações manifestadas pela fala ou pela escrita.

Não podemos ignorar que a língua, arcabouço do processo de comunicação e instrumento de expressão do pensamento, das angústias, dos desejos, dos anseios, serve também à imposição de um domínio político por meio da cultura: pode afastar e/ou limitar classes sociais e pode perenizar o poder. Ela estabelece também padrões de comportamento lingüístico que geram expectativas dentro de um dado grupo. Assim sendo, o usuário escolarizado aprendeu formalmente que na maioria das sociedades existe uma língua padrão, cuja norma é a de maior prestígio social e é aquela oficializada pelo Estado. Seu uso difere da língua familiar e distensa que o licencia a práticas mais flexíveis e transgressoras. É a capacidade de adequação lingüística que

---

<sup>7</sup> Crioulo: língua mista, resultante do contato de uma língua de cultura com um falar nativo (Silvio Elia, 2000: 68)

nos faz perceber em um texto oral e escrito a especificidade do seu uso (coloquial, literário, burocrático, científico) e do seu agente (idade, sexo, profissão, grau de escolaridade).

Há de se registrar, ainda, uma tendência à neutralidade das variações nos textos escritos. Mesmo os textos literários que se valem da coloquialidade, do regionalismo, o fazem como estratégia literária, e normalmente o artifício deixa transparecer o grau de conhecimento que o autor possui do idioma do qual se serve.

É nas possibilidades de opção que o sistema oferece e a cultura sanciona que a expressividade da língua vai dar vazão à criatividade individual deixando manifestar através do lingüístico os sentidos que uma determinada estrutura social (dominada por produções estáveis e homogêneas historicamente determinadas) vai abonar.<sup>8</sup>

“Quando se descrevem, explicam, desenham ou contam coisas, quando variadas textualidades falam sobre pessoas, lugares ou práticas, estes estão sendo inventados conforme a lógica, o léxico e a semântica vigentes no domínio que produz o discurso.” (Costa, 2000: 33). É por isso que, tanto ao nível da produção quanto da recepção, as experiências e os interdiscursos vão determinar a recriação que cada um (ainda que limitados por uma coerção sociocultural) vai fazer de uma dada realidade lingüística, produzindo novas significações e, logicamente, maneiras próprias de dizer e ler um texto.

- **Fator tempo**

A língua, como organismo vivo, se modifica ao longo do tempo. Há variações que são perceptíveis para o falante, pois são frutos dos movimentos culturais, científicos e sociais que se processam dentro da sociedade em tempo acelerado, já que as mudanças e os avanços, principalmente no último século e no atual, foram avassaladores. Essas variações foram mais evidentes no léxico, com a criação de neologismos, mudanças semânticas ou mesmo processos figurativos, apresentando uma grande vitalidade diacrônica por serem os conceitos sociomorais e psicológicos atrelados à historicidade de um determinado grupo social, atuando diretamente nos aspectos categoriais de uma língua. Inclusive, no que se refere ao aspecto figurativo, a metáfora inovadora de hoje

---

<sup>8</sup> É no texto que a margem de criatividade e individualidade se realiza com mais vigor, e não compactuamos com o fundamento de que a estrutura social determinada historicamente engessa sempre os sentidos. Acreditamos que o sujeito, apesar de toda sujeição, ainda pode elaborar discursos críticos a partir das margens de “conflito” e “contradições” existentes na realidade. (Magda Soares, 1995:26). Essa posição justifica o período seguinte, e retoma o conceito de ideologia, considerando-a não imanente ao texto, mas sim às diferentes leituras que se faz desse texto.

pode estar amanhã lexicalizada, ou, ainda, num futuro mais remoto, quando não se puder recuperar a proveniência da rede analógica entre seus domínios, se transformar numa metáfora morta, o que prova o movimento das línguas através do tempo.

Um outro fator de mudança é a influência que outras línguas, principalmente as que detêm a hegemonia do poder, exercem na nomeação de novos objetos, de avanços científicos, ou até mesmo, na atualidade, por conta de uma globalização que aproximou e disseminou, através dos fluxos de comunicação, a cultura desses povos.

O empréstimo geralmente não parte de uma necessidade da língua, já que é quase sempre possível ampliar a base lexical ou fazer adaptações semânticas, mas é mais cômodo fazer um empréstimo de um termo já existente em outra língua do que criar um termo novo, além do que há uma certa subserviência cultural na imitação de modelos estrangeiros, fomentada pela publicidade e pelos órgãos da mídia em geral.

As variações fonológicas e as construções gramaticais são menos evidentes para o falante, mas elas podem ser comprovadas ao se examinar um texto estruturado em um outro estado sincrônico distante no tempo (Azeredo, 2000:37-38). Até mesmo para um leitor menos preparado, a escrita de um Machado de Assis ou de um José de Alencar já provoca o desconforto inicial de uma linguagem que não tem raízes na contemporaneidade, pode-se, daí, deduzir, o efeito produzido pela língua portuguesa da época de Camões ou Gil Vicente.

Como o objetivo maior desse trabalho é aumentar a habilidade de leitura para permitir um aproveitamento do imenso e rico acervo literário dos povos lusófonos, levantar aspectos e causas que possam dificultar/ facilitar esta aproximação é um caminho que elegi para desmistificar a impossibilidade de troca desse patrimônio que a língua portuguesa faz surgir. Os aspectos históricos e socioculturais, que marcaram e/ou marcam as diferentes realizações da nossa língua e que serão relevantes para entender o modo diferente de dizer ou escrever de cada nação, serão trazidos e apontados para facilitar o entendimento de outros universos e, através de um mundo criado pela ficção, aprendermos um pouco sobre nossos irmãos. São esse contributos que vivificam ainda mais a nossa língua, cuja unidade lhe atribui uma marca de identidade e cuja variabilidade lhe dá matizes de expressividade que a enriquecem ainda mais.

## 1.1– Aspectos históricos na formação do idioma<sup>1</sup>

Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa. (Rajagopalan, 2003: 69)

Não cabe a esse trabalho uma descrição exaustiva dos aspectos históricos na formação da língua portuguesa, mas ler uma boa historinha, sempre agradou mais aos alunos do que sair da inércia para construir o seu próprio conhecimento. Mal sabem eles que ler a História é apenas uma estratégia de sedução para que possa fazer algumas relações causais com o presente e atribuir sentido ao que lê.

Tudo começa como acaba, a História é circular, por isso aprendemos pela experiência a fazer previsões e saber com alguma dose de fantasia o que nos espera mais à frente. Assim é que o nosso legado lingüístico vem da expansão do império romano que impõe aos povos conquistados a sua cultura e, conseqüentemente, a sua língua. O latim chega, portanto, à Península Ibérica no início do séc. III a.C., a partir do Noroeste da região, na forma do latim vulgar, envolvendo os habitantes lusitanos e galaicos da região, os quais, não sem resistência, terminaram por modular o idioma que aos poucos se expandiu para o sul. Aquela, como esta, era uma época de imposição de poder e domínio, muitas guerras se faziam, e, como eram longas, o território afetado pelas invasões sofria a influência dessas civilizações resultando em mesclagem lingüística. Vieram, pois, os bárbaros germânicos, os visigodos, os árabes e outros cujas invasões deixaram menos marcas na língua. Foi com os árabes a luta mais longa e, embora não tenham abalado os alicerces da formação lingüística latinizada, foi a influência do povo islâmico que dentro da península lança os fundamentos que traz, principalmente para o estado espanhol democrático de hoje, uma fragmentação dialetal que ameaça a sua unidade política. A Galícia, por exemplo, tenta resgatar suas raízes e aproximar-se do tronco lingüístico galaico-português (que se estabilizou entre os

---

<sup>1</sup> As informações históricas foram pinçadas e sintetizadas de: Bechara(2000), Elia (2000), Souza (1991),Mateus (coord.) (1998), Mateus e Nascimento (org.) (2005)



séculos VI e VIII e veio a se separar entre os séculos XIV e XV<sup>2</sup>), rejeitando, depois do período pós-Franco, o espanhol que é adotado apenas como língua oficial de comunicação.

É entre os séculos XII e XIII que uma nova língua com autonomia do latim se faz assente com documentação gráfica ao mesmo tempo que se instala a Província Portucalense sob o reinado de D. Afonso Henriques. “E é evidente que, quando uma língua começa a ser documentada graficamente, ela já é pertença de muitos falantes desde há longo tempo.”(Mateus e Nascimento,2005:16). Mas foi só com D. Dinis que o Português foi oficializado em substituição ao latim e usado como língua veicular nos documentos oficiais.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal passa de caça a caçador e vara os mares em busca de outras terras impondo seu poderio naval e aspergindo sua cultura e língua a outros povos. É uma época de brilho e pujança literária com o surgimento de valores eternos como *Os Lusíadas* de Luís de Camões, marco da glória de um povo e riqueza de uma língua e os autos e farsas de Gil Vicente, que, através do perfil da sociedade, deixou também o registro da língua coloquial da época.

No Brasil, o Português é a “língua transplantada” (Elia, 2000) que alijou as línguas nativas, inclusive o Tupi, cujo uso assumiu tal importância que, em 1727, as autoridades portuguesas o proibiram através de intervenção legal. (Souza, 1991: 65). A resistência natural e o impasse diante do novo dificultou a implantação do idioma do colonizador o qual teve ainda que superar a visão de mundo carregada pela língua indígena.

Com efeito, na língua portuguesa, como de resto, em todas as línguas ocidentais, há uma nítida distinção entre o substantivo, o adjetivo (atributo) e o verbo (ação).Esse fato não ocorre na maioria das línguas indígenas, uma vez que a sua visão de universo faz com que sejam atribuídos aos objetos a noção de vida e de qualidade. Assim, uma pedra tem vida, realiza coisas e possui qualidades.

Ao normatizar as palavras indígenas, questiona-se uma visão de universo e desestrutura-se uma cultura, fato que, mesmo tendo sido praticado talvez de forma inconsciente, causou enormes danos à cultura nativa, preparando terreno para uma penetração vigorosa da cultura do colonizador. (Souza, 1991:66)

---

<sup>2</sup> “...a separação tem sido entendida,por alguns,como tendo dado nascimento a duas línguas, enquanto outros consideram tratar-se de um grupo de dialectos que se distinguem, em conjunto, dos dialectos portugueses” (Mateus e Nascimento (org.), 2005).

A língua indígena variava de acordo com o grupo a que pertencia e lhe era atribuído um caráter de inferioridade, principalmente pelos jesuítas que a consideravam uma língua pagã. Ela foi paulatinamente sendo apagada pela evangelização dos novos cristãos que deviam receber a palavra de Deus no idioma do invasor e também posteriormente pela divulgação do idioma através da ampliação do ensino formal. O português, além de língua oficial, era a língua da escolarização. Com o passar do tempo, antes mesmo de deixar de ser colônia, passa a ser a língua da cultura com significativa produção literária.

Através da língua perpetuam-se práticas sociais de poder, o que se acentua mais em regimes de dominação, não é à toa que certos termos assumem significados pejorativos, cristalizados na fala cotidiana e reveladores de modelos cognitivos idealizados<sup>4</sup>. É o que acontece com expressões como: “Vocês se comportaram como índios”. “Essa casa parece uma tapera”. E mais recentemente: “Nossa, que favela!”

O poder das palavras traz embutido o conjunto de crenças e valores aceitos e codificados pela classe dominante e vai se sedimentando no consciente coletivo. Dessa forma a presença do colonizador deixa sua marca histórica na linguagem, mesmo quando cessa a dominação.

Houve no Brasil tentativas de fazer valer uma reação anticolonialista com a ruptura da norma padrão determinada pelos modelos lingüísticos do Português Europeu e a criação de uma gramática genuinamente brasileira, principalmente no Romantismo com José de Alencar. Segundo suas idéias, a língua brasileira deveria espelhar a simplicidade expressiva do índio e do sertanejo. Um novo movimento de retorno a essas idéias brotou no Modernismo, com Mário de Andrade, que pretendia lançar uma série de anti-regras, em busca de uma estilização ou estilística da língua viva, de um estilo nacional desassociado da expressão lusitana.

Na formação do Português Brasileiro, ainda que sempre tenha havido por parte do sistema escolar tentativas de uniformidade, existiu uma evidente contaminação e influência, tanto do idioma nativo (em menor grau) quanto do africano, através da escravidão, e dos povos que imigraram para povoar tão longa extensão de terra. Hoje, depois de investimentos nos estudos sociolingüísticos para determinar a especificidade

---

<sup>4</sup> Os modelos cognitivos idealizados [“ICMs”, LaKoff, 1987; 68- 76] representam nosso conhecimento de mundo de forma parcial ou simplificada. Essas estruturas são socioculturalmente construídas pelos sujeitos, podendo ser caracterizados como modelos de cenários, molduras comunicativas, enquadres de cenas, scripts e funções sociais. (esses conceitos serão mais bem desenvolvidos no capítulo 3)

do idioma que aqui falamos, aparece, além da sua formação heterogênea, “a sua complexa variação diastrática, que é o resultado de múltiplas formas de interação social e conseqüentemente lingüística do Brasil” (Mattos e Silva, 2004:25)

Houve a tentativa de estabelecer uma norma lingüística coercitiva e o conseqüente policiamento gramatical a partir de um projeto, logo abortado, de educação para todos, esforço esse que só atingiu a uma elite brasileira, principalmente nas áreas urbanas. Comprova-se pelas análises sociolingüísticas que o “português brasileiro (...), entre as possibilidades de escolha disponíveis na diversidade provável(...), seleciona o menos marcado, lingüisticamente, isto é, o estruturalmente mais simples e o socialmente menos estigmatizado” (Mattos e Silva, 2004:22).

O Português Brasileiro, tanto no aspecto espacial, o que diz respeito à dialectologia, quanto no aspecto social, pesquisado pela sociolingüística, insere-se “num contexto multilingüe e multidialetal desde as suas origens” (idem, ibidem: 32). Mesmo a variante culta, principalmente na modalidade oral, possui uma heterogeneidade cuja justificativa se baseia nas sucessivas distribuições demográficas lingüísticas espaciais e sociais.

É indiscutível que a língua portuguesa funciona como denominador comum e língua de base, já que detém prestígio e poder, mas também é inegável que o Português Brasileiro se assume como língua nacional, derrubando o ideal homogeneizador que faz parte de uma visão reducionista. Até mesmo a última Constituição brasileira institui o Português como língua oficial e não mais como língua nacional, demonstrando um avanço político e lingüístico que reconhece “esse multilingüismo/dialetalismo evidente para quem quiser ver a realidade plurifacetada que recobre os muitos quilômetros de extensão do Brasil”. (idem, ibidem:13)

Em relação à África, a língua portuguesa tem o estatuto de língua oficial e língua segunda em suas cinco ex-colônias, situação esta bem diferente da que se instalou no Brasil.

As terminologias relativas à planificação e política lingüística são várias: língua oficial, língua nacional, língua regional, língua de comunicação mais ampla. Relativas ao aspecto social, principalmente em função do sistema educativo: língua majoritária, língua minoritária, língua da comunidade e língua vernacular. À língua majoritária associa-se a língua materna, que no caso das ex-colônias, devido à grande diversidade de línguas nativas, é bem fragmentada no que concerne ao número de falantes. Em

nenhuma delas, nenhum grupo lingüístico tem a cobertura de 50% da população, sendo Moçambique, Angola e Guiné Bissau as que apontam para uma maior diversidade.

O território africano foi gananciosamente disputado por europeus de diferentes línguas que, por sua vez, encontraram um território culturalmente multifacetado, já que entre si os povos nativos tinham pouco contato. Daí instala-se uma babel lingüística, pois havia um interesse muito maior na exploração comercial e na disputa pelo poder entre os colonizadores do que na ocupação territorial e na imposição cultural aos colonos. De qualquer forma estes tinham que aprender a língua do poder, a língua oficial, embora essa não fosse a língua falada no lar. Como segunda língua, muitos só tinham-lhe acesso através do ensino formal que estava destinado somente às elites, perpetuando assim a estratificação dentro da escala social.

A língua portuguesa nunca conseguiu se impor de modo peremptório para suas colônias que acabaram, por força das circunstâncias, desenvolvendo um bilingüismo quando não um plurilingüismo. Durante o regime colonial, a tentativa de impor um novo idioma aos povos dominados se devia ao caráter de superioridade que era imperativo mostrar e o controle que se tornava muito difícil sem uma mínima interação comunicativa.

Hoje, cessado o domínio político, há, por parte da população, diante da fragmentação lingüística que ainda permanece, a necessidade de ter uma língua que seja de comunicação ampla e dê aos novos dirigentes um maior trânsito internacional. Com base nos eventos históricos, o Português tem atualmente a função de cimentar uma certa unidade nacional, já que, devido ao número de falantes, nenhuma língua nesses países tem condições de reivindicar o estatuto de língua majoritária.

Mais uma vez a circularidade se apresenta para efeitos histórico-sociais: o poder que emana da língua faz com que somente as elites escolarizadas tenham voz nesse contexto de diversificação, além de alijar futuramente uma identidade autóctone. Corre-se o risco de que essas elites se cosmopolizem, deixando de lado os laços étnicos, dificilmente assumindo a postura ideal de usar a língua portuguesa para fins pragmáticos mantendo as afinidades étnicas e lingüísticas como principais símbolos de identidade.

Nesse novo caminho que as ex-colônias ainda tateiam, não obstante no período inicial pós-independência a norma adotada nas escolas ter sido a norma do Português de Portugal, elas procuram, à medida que se organizam, uma variedade que possa emergir “de processos de nativização em contextos plurilíngües, sendo a tendência actual a de

busca e possível desenvolvimento de uma norma a nível interno de cada um dos países.”(Lopes,1998: 25). Enfim, os falantes africanos “desejam ter um Português que seja seu, como símbolo de unidade e nacionalidade, e que seja distinto de outras variedades.” (idem:26).

Como o corpus literário africano escolhido para análise foi uma obra do moçambicano Mia Couto, acho importante listar os seguintes dados do Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Condições de Vida, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, realizado em 1998:

População: 16.135.403 habitantes (em 2005: 19.429.036 habitantes).

Falantes de Português como língua primeira: 489.915 hab. (3% da população total)

Falantes de Português com língua segunda: 43% da população.

Não conhecem ou não falam a L. Portuguesa: 54% da população

Existem 20 línguas bantu (como línguas maternas), sendo que:

24.8% da população falam o Emakhuwa	} constituem as 3 línguas principais em termos numéricos.
11.2% da população falam o Cisena	
11.2% da população falam o Xichangana	

Podemos concluir, pelos dados, que o público leitor de Mia Couto, não é, possivelmente, constituído dos usuários moçambicanos de língua portuguesa. Esse autor de projeção internacional escreve sobre o universo africano para leitores estrangeiros lusófonos.

## 1.2 – A linguagem como expressão de cultura, referência e ideologia<sup>1</sup>.

Numerosos fenômenos que a ciência lingüística costumava resumir no conceito de “mudança de significação”, a partir deste ponto de vista só podem ser compreendidos em princípio. Se, através da transformação das condições de vida, da mudança e do progresso da cultura, veio a instalar-se uma nova relação prática entre o homem e seu ambiente, os conceitos lingüísticos tampouco guardam seu “sentido” original. Começam agora a deslocar-se, a mover-se de um lugar para outro, na mesma medida em que os limites estabelecidos pelo atuar humano tendem a alterar-se e a diluir-se reciprocamente. Lá onde, por algum motivo, a fronteira entre duas atividades perde sua eficácia, sua “significação”, lá também se processa muitas vezes um deslocamento correspondente das acepções verbais, das expressões lingüísticas que denotam estas atividades. (CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. 4 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000, p. 58)

Na aventura pelos “mares nunca dantes navegados” aqueles que partiram, e conseguiram retornar ao mesmo porto, certamente traziam vestígios que os tornavam diferentes. A língua que levaram perdeu a “inocência monolíngüe” e deflagrou a crise da auto-suficiência que a marcara tanto em seu território de origem quanto nas “longes terras” por onde se arriscaram. Ninguém sai imune de aventuras de tais proporções e o latim é a prova de como a vulnerabilidade das línguas pode chegar a extremos.

A língua portuguesa que a duras penas tinha encontrado uma identidade pagou o preço da sua expansão com uma heterogeneidade que, se parecia precoce para época, hoje, com o encurtamento das distâncias, a contaminação cultural pelos serviços de informação e a mobilidade social, é um processo inevitável .

Os acontecimentos históricos e/ou sócio-culturais foram moldando o cenário mundial que, atualmente, apresenta uma realidade geopolítica com limites pouco demarcados. Por outro lado, as sociedades mais complexas e os sistemas de produção econômica centrados nas grandes potências trouxeram mudanças nas relações entre o

---

<sup>1</sup> Ideologia(s), termo polêmico, pela própria natureza do trabalho é aqui considerado como “sistemas sociocognitivos das representações mentais socialmente partilhadas que controlam outras representações mentais, como as atitudes dos grupos sociais (aí compreendidos os preconceitos) e os modelos mentais.” (DIJK, T. A. Van. “De la grammaire de texte à l’analyse socio-politique du discours”, in MOIRAND S. (ed.), *Le Français dans le monde*, numéro spécial, “Le Discours: enjeux et perspectives”, Paris, Hachette, 1996: 16- 29) Apud CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário da Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004: 269)

homem e o mundo, mediatizadas por novas formas de pensamento e por uma nova perspectiva lingüística.

O caráter referencial da língua com a intenção de apreender o real é questionado na medida que esta verdade é sempre uma máscara que encobre as “ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado e os próprios sujeitos não estão isentos desses efeitos” (Costa, 2000:32). Numa visão mais holística, a língua deixa de lado seu aspecto representativo como colagem do real para ser um recorte da visão de mundo de cada povo, captando suas experiências, sua cultura, podendo, portanto, variar de uma região para outra dentro de um mesmo país e, possivelmente, com mais intensidade, de um país para outro, ainda que a matriz lingüística seja a mesma, como é o caso da língua portuguesa.

Não se trata de negar radicalmente a tese da referencialidade da língua, mas levar em conta que a relação língua-mundo é permeada por premissas sociais, crenças, atitudes e que os sujeitos, para interagirem, devem partilhar as mesmas convicções abonadas pela cultura e pela ideologia.

O movimento de configuração e reconfiguração da ordem social instituída em situações relevantes da comunicação social no seio da sociedade hierarquizada é descrito como um movimento de construção e desconstrução das bordas e fronteiras que na linguagem constituem as identidades sociais. (Signorini, 2001:12)

A isso se chegou porque o ideal ético do iluminismo cujo conceito de civilidade era medido pelo desenvolvimento de um povo, de uma nação ou de uma tradição pelas vias da razão e do saber, e tinha como parâmetro a cultura européia, desembarcou na modernidade como um projeto fracassado. Segundo Birman (2000), várias foram as causas que contribuiram para a frustração e a decepção com este modelo: a educação e a saúde passaram a ser obrigação do Estado, num projeto de igualdade social, o que fez emergir a incompetência do aparelho político, produziu novas hierarquias e constituiu novas formas de exclusão, principalmente no que se referiu à desigualdade entre as diferentes raças. Legitimaram-se, assim, o colonialismo e o racismo, instauraram-se as guerras. O advento do nazismo, dificultou ainda mais o diálogo entre os homens e produziu em sua subjetividade<sup>2</sup> uma sensação de “desamparo” e instabilidade.

---

<sup>2</sup> O termo Subjetividade é conceituado por Benveniste como “a capacidade do locutor se posicionar como ‘sujeito’”, e “é na linguagem que devemos procurar os fundamentos dessa aptidão, “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE E. Problèmes de linguistique générale II, Paris:Gallimard [Problemas de lingüística geral II. Campinas: Pontes, 1989] Apud CHARAUDEAU,

Este é o campo propício para a instalação de novas forças cujas maiores conseqüências são a globalização e o neoliberalismo que trazem fragmentação social, desconstrução da subjetividade com a perda da identidade, deslocamento, principalmente no pós-guerra, para um novo modelo cultural americano.

O grande problema da pós-modernidade é que o indivíduo (etimologicamente o eu indivisível), passa a ser um sujeito descentrado, polifacetado, pertencente, na grande maioria, a comunidades lingüisticamente pluralistas e assujeitado a um discurso globalizante a serviço de uma ordem que estabelece a ambigüidade tanto no aspecto pessoal quanto social.

Os sujeitos estão em constante processo, num redemoinho de informações que resvala para o campo dos significados. A política, a economia, as ciências, as artes saem do círculo fechado dos privilegiados e encostam no cotidiano do cidadão comum com uma vitalidade terminológica que atravessa as fronteiras do regional, do nacional para intercambiar conhecimentos. A linguagem precisa se apoiar na economia da metáfora, tanto para universalizar conceitos quanto para buscar a identidade.

Para facilitar a compreensão, o pensamento opera correspondências entre entidades de domínios concretos e entidades de domínios abstratos, as experiências físicas e corpóreas dão suporte às experiências mais abstratas. Metáforas conceptuais como *Tempo é dinheiro*, *Discussão racional é guerra*, *Trabalho é recurso*, *A vida é uma viagem*, *o Bom está acima*, *O ruim está abaixo*, *A mente é um recipiente* e *Idéias são substâncias* vão moldando o pensamento ocidental e, na medida que vão agregando vozes de sua cultura, elas saem da esfera do geral para a expressividade do particular.

A linguagem é uma criação do homem e por ele pode ser moldada, feita e refeita para atender os anseios e os interesses de cada momento histórico. É instrumento de poder e sujeição tanto em esferas micro quanto macro sociais. A verdade pode ser manipulada por sistemas conceptuais representados por metáforas e usadas por lideranças políticas, religiosas, empresariais e midiáticas.

A circularidade da História remete-nos, com um olhar mais atento, para as tensões permanentes no mundo que só se deslocam geograficamente. O discurso colonizador / colonizado é permanente, faz parte de uma cultura atávica à natureza humana e vem a reboque do imperialismo lingüístico com a disseminação do inglês como língua de comunicação internacional.



A famosa crise de identidade que atinge o privado e o social reconfigura a noção de cultura que abandona o seu “sentido estrito de acumulação de saberes ou de processo estético, intelectual e espiritual” (Costa, 2000:31) para ser “constitutiva das nossas formas de ser, de viver, de compreender e de explicar o mundo” (idem).

No que se refere ao aspecto epistemológico, essa transformação na forma de conceber a cultura – que significa uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades – tem sido identificada como *virada cultural* e está intimamente relacionada com as mudanças na forma de conceber a linguagem (...). *Virada lingüística* e *virada cultural* inscrevem-se no mesmo contexto epistemológico em que as práticas sociais e os artefatos culturais são concebidos como linguagens, como discursos que, sendo práticas de significação, atribuem sentido ao mundo e, ao fazê-lo, criam, instituem, inventam. Vemos hoje uma intensa proliferação de culturas (cultura do trabalho, cultura empresarial, cultura das organizações, cultura do corpo, cultura da masculinidade, cultura da magreza etc.), que nada mais são do que territórios, instituições ou atividades produzindo e fazendo funcionar um universo próprio de práticas e de significados. (Costa, 2000: 34)

Na cultura estão embutidos os significados que estão ideologicamente marcados por serem expressões de verdades construídas a partir de uma certa ordem social e das crenças e idéias de uma determinada sociedade. Daí não serem fixos, podem variar de acordo com o interesse do poder e do momento histórico. Por exemplo, a palavra *medo*, varia de sentido no tempo e no espaço, dependendo do contexto histórico-social em que circule. Certamente, na época dos anos difíceis da ditadura, para os ativistas políticos não era o mesmo que hoje assume para a população do Rio de Janeiro que vive ameaçada pela violência urbana. Assim como o nacionalismo pregado naquela época pelos militares do poder não era o mesmo que se cantava na música popular brasileira.

A linguagem e a cultura devem ser lidas como instrumentais de veiculação de visões de mundo e constituição de sujeitos, pois em seus significados, muitas vezes, trazem embutidas estratégias de dissimulação que acarretam comportamentos sociais, estimulam crenças, criam estereótipos e produzem modelos cognitivos que modalizam o modo de ser de um grupo social e constroem conhecimentos.

Marisa Vorraber Costa (2000) apresenta em seu artigo um estudo desenvolvido por Maria Alice Goulart em sua dissertação de mestrado *O micro poder dos catálogos de livros de literatura infantil* em que pesquisa a imagem de leitores infantis nas narrativas dos catálogos de propaganda dos livros de literatura infantil e paradidáticos comparando-a com a que é divulgada pela revista *Veja KID+*.

A primeira, uma criança dependente dos adultos, necessitada de proteção, imatura, em constante devir, que se desenvolve em etapas e que necessita de disciplina – a criança escolar moderna. A segunda, uma criança contemporânea, plurifacetada, desconcertante, independente, que transita simultaneamente pelos ditos mundos infantil e adulto, e que é presenteada no “dia da criança” com um pôster contendo uma visão frontal da bunda da Tiazinha, o que afasta, desde logo, sua aproximação com os consagrados atributos de inocência e imaturidade. (Costa, 2000: 41)

Esse paradoxo de imagens constrói as subjetividades descentradas que trazem a ambivalência com que a escola e as famílias - instituições também atingidas por esses e outros artifícios do mercado - têm de aprender a lidar.

A racionalidade, o positivismo cartesiano são, hoje, mitos do passado e o homem acaba por aceitar a sua condição determinada por agentes nem sempre visíveis, sabendo, entretanto, que os discursos produzidos pela cultura/ideologia devem, na medida do possível, passar pelo crivo da crítica para que se faça uma leitura de mundo menos ingênua. Além do mais, essa perspicácia para ler o mundo, a sua própria vida, os aspectos cotidianos que estão rotulados pela cristalização pode levá-lo a uma prática transformadora da realidade e capacitá-lo para a produção de um texto mais autoral no seu universo social. “No entanto esse discurso crítico não surge do nada, do vazio, mas se constitui a partir dos conflitos e das contradições existentes na realidade” (Fiorin, 2003:44).

Quando se sabe que a língua, mesmo possuindo um sistema autônomo e livre das determinações sociais, se manifesta por um discurso que utiliza estratégias argumentativas para afetar o Outro, já se entra no jogo da linguagem com um olhar mais arguto, canalizando a atenção para os fatos da língua, buscando as marcas de orientação para os implícitos e o nível semântico subjacente à superfície lingüística.

Enfim, é esse o leitor que se quer formar. Como sempre haverá armadilhas que irão capturá-lo, esse será sempre um leitor virtual, pois o leitor real estará em constante processo, num constante devir.

## 2– Leitura e compreensão / interpretação

### O catecismo desses malditos que escrevem

*Versão resumida*

*Composto Por Uma Mulher A Quem Não Agradam  
Os Catecismos*

Pergunta: *Você é leitor ou leitora?*

Resposta: Sim, pela graça de meu nascimento e pela graça de meu tempo.

P. *Quem deve ser chamado de leitor ou de leitora?*

R. É aquele, ou aquela, que, tendo recebido o alfabeto como uma das mais preciosas heranças da humanidade, procura fazer disso o melhor proveito.

P. *Em que consiste esse melhor proveito?*

R. É o poder de pensar por si próprio, de registrar coisas que possam atravessar o tempo e o espaço, de se emocionar e dividir essa emoção com o outro, ainda que ele não esteja próximo; consiste ainda na capacidade de se perguntar sobre o que dizem ser a ordem natural do mundo e ter a possibilidade de divulgar esses pensamentos, para a boa distinção do que é e do que não é natural.

P. *É necessário que o leitor ou a leitora saiba também escrever?*

R. Sim, com toda a força de sua natureza.

P. *Qual é o sinal desses leitores-escretores e dessas leitoras-escritoras?*

R. A inquietação, pois estão sempre prontos a decifrar o mundo e atribuir um sentido a tudo que aí acontece.

P. *Como é que eles fazem esse sinal?*

R. Deixando os olhos vagabundear sobre todos os tipos de texto; pegando o lápis ou a esferográfica, a pena ou o giz, o carvão ou a caneta-tinteiro, entre o polegar e o indicador e apóia-los sobre qualquer superfície capaz de receber a escrita, para aí registrar tudo o que concerne à existência humana.

P. *Em que consiste o desejo desse tipo de pessoa?*

R. Consiste em sonhar com uma civilização mais acolhedora, em que a letra – que é uma construção sem moral e que não é, em si mesma, garantia de nada – seja um instrumento para o louvor da dignidade humana, para a divulgação e vigilância dessa condição.

P. *Diga alguns de seus mandamentos.*

R. Desconfiar sempre de tudo que se espalha como verdade universal; procurar ver o mundo de vários lugares diferentes; ter o olhar perverso, quer dizer, aquele que é capaz de atravessar a página; não ter professor nem lugar fixo para proceder à interpretação; não temer a reviravolta que uma página escrita pode trazer consigo.

N.B. A autora desse catecismo leu, com muita atenção, as *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, escritor brasileiro preso durante a ditadura de Getúlio Vargas, sem que houvesse qualquer acusação formulada contra ele. Não havia, em verdade, cometido outro crime senão o de pensar e escrever o que via a sua volta. Ao deixar a prisão de Ilha Grande, no

estado do Rio de Janeiro, teve um desejo incontrolável de desafiar o vice-diretor, dizendo que ia escrever sobre o que tinha visto ali. O vice-diretor, que era médico, perguntou a ele se era jornalista. “Não, senhor, sou escritor”, respondeu. “Vou fazer um livro, umas duzentas páginas. Vocês me deram um material excelente” – continuou. Virando as costas a Graciliano, o vice-diretor se afastou resmungando: “A culpa é desses cavalos que mandam pra cá gente que sabe escrever.” (LACERDA, Nilma Gonçalves.\* Deus não tem nada com isso – Diário de navegação da palavra escrita na América Latina – Fragmentos. In: *Leitura: Teoria & Prática – Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil*. Ano 21 - no. 41 – setembro de 2003.

\* O texto acima trata-se de uma paródia do gênero catecismo, “segundo de perto dois dos mais famosos, o *Catecismo Dos Normandos* e o *Catecismo Dos Cobradores de Impostos*”

A escolha dessa epígrafe tem a intenção de ser uma provocação para se refletir sobre a formação do Leitor-ideal e em que contexto sociocultural ele atinge a maturidade descrita acima.

Estamos falando da língua portuguesa que radica em três países que estão longe de atingir esse modelo: Portugal, Brasil e Moçambique. Segundo Magda Soares (1995: 18), “leitura não é(...) ato solitário; é interação verbal entre indivíduos socialmente determinados: o leitor (...); o autor(...)”. Cada um desses participantes tem sua própria história e eles estão, de certa maneira, vinculados a grupos sociais com estruturas culturais e ideológicas que podem, ou não, ser diferentes. A leitura tem de levar em conta, além da concretude interativa entre leitor – texto – autor, os aspectos “extraleitura” para poder perceber que esse leitor ideal é, nas sociedades em estudo, aquele que pereniza o poder trazido pelo saber, atribuindo, assim, à leitura “um valor positivo absoluto” (idem:19).

A leitura, como é natural, reflete a mesma relação de poder que é veiculado pelo registro culto da língua; primeiro, que a modalidade escrita não é do domínio de todos, principalmente no Brasil e em Moçambique; segundo, que a alfabetização não garante o acesso aos significados, como se tem observado nas instituições educacionais; terceiro, que a leitura feita sobre a pressão da promessa de ascensão social (arranjar um bom serviço, ter acesso ao mundo letrado, etc) já caracteriza o seu papel discriminatório.

A escola contribuiu, sem dúvida, para propagar uma imagem mitificada do livro e da leitura e até mesmo o professor não sabe como conduzir esse acesso democrático, já que ele raramente tem uma relação com a leitura de valor agregado. Esse valor permite que o sujeito-leitor se autorize no mundo, encontre sua identidade e reconheça a

força da sua consciência crítica para fazer valer sua cidadania, é, portanto, uma ameaça ao poder constituído que não pode perder os seus privilégios.

Em síntese: as condições sociais de acesso à leitura, em nossa sociedade capitalista, são diferenciadas: discriminam-se as camadas populares pelo reforço de sua concepção pragmática da leitura, a que se atribui apenas um “valor de produtividade”, enquanto, para as classes dominantes, ler é proposta de lazer e prazer, de enriquecimento cultural e ampliação de horizontes; supervaloriza-se um discurso escrito que legitima a ideologia das classes dominantes, expropriando as classes dominadas do seu próprio discurso; sonega-se às camadas populares o acesso à produção escrita, facilitando-o, porém, às classes favorecidas. Fica, assim, evidente a força determinante que tem a situação extraleitura – a estrutura social com sua divisão de trabalho e conseqüente divisão de classes - sobre leitura: na verdade, as relações de produção, de distribuição e de consumo de leitura como bem cultural repetem as condições discriminativas de produção, distribuição e consumo de bens materiais. (SOARES, M.,1995: 25)

Felizmente não é só no texto escrito que se instauram os sentidos. O mundo é um texto que alguns lêem intuitivamente e atribuem significados que os habilitam a interpretar o seu assujeitamento e os levam, assistematicamente, a desenvolver tanto a capacidade crítica de se indignar contra o *status-quo* estabelecido, quanto a capacidade de reescrever um outro texto para a história.

Levantou-se aqui, a partir de um artigo de Magda Soares, uma faceta da determinação político-ideológica, em que a leitura, quer na produção quer na recepção, está inserida, mas existem outras que resultarão em várias outras determinações, produzindo leituras críticas ou marcadas *a priori*.

Umberto Eco (1992) diz que “ao ler um texto (ou o mundo, ou a natureza como texto) pode-se oscilar entre dois extremos: 1) a escassa curiosidade e escassa inclinação à suspeita; 2) as virtudes opostas”.

As ciências humanas já deram conta de que vivemos num mundo ideologizado e que o homem vive a angústia da fragmentação e da evanescência do conhecimento imposto pelas instituições político-culturais. É premente incitar os indivíduos à suspeita e instigar a curiosidade em abstrair ( “separar mentalmente para tomar em consideração” – Novo Dicionário Aurélio,1975) situações que se lhes apresentem como unívocas. Urge encontrar saídas para a crise da contemporaneidade e não é sem motivo que se multiplicam estudos sobre leitura e interpretação.

Já que os significados podem se estabelecer no “espaço dialético dos antagonismos, da contradição”(SOARES, Magda, 1995: 28) e que a linguagem não é só representação nem só interação comunicativa, mas é o *locus* da construção dos sujeitos e dos sentidos, resta ainda a possibilidade de construir cognitivamente mundos possíveis. A linguagem não serve como espelho do pensamento, ela filtra-o, e a história já provou que é viável subverter a ordem e descobrir novas relações que permitam ao homem atuar sobre a natureza e modificar o seu curso.

No espaço social privilegiado em que nos encontramos, com acesso aos mecanismos de competência para a produção de textos e compreensão da leitura, temos de ter consciência de que essa é uma prática de complexas funções psicológicas que nos habilita a pensar, refletir interpretar e a criar um novo modelo, já que em outros níveis também somos determinados por ideologias outras. É nesse sentido que, tomando de empréstimo a expressão de Eco (1992), podemos ser um ELEITO, ou seja, “aquele que compreende que o verdadeiro significado de um texto é o seu vácuo” que vai ser preenchido através das inferências e pressuposições definidas pelo contexto e acionadas por uma memória semântica e pela bagagem experiencial de cada um, operando construtivamente na atribuição dos significados.

Esse mecanismo exige leitores perspicazes, porquanto as estratégias de compreensão não são fáceis, como a princípio possam parecer, e demandam conhecimentos de diferentes naturezas que são pré-requisitos para a construção do sentido: conhecimento lingüístico, conhecimento textual e conhecimento de mundo.

O conhecimento lingüístico fundamental para a compreensão é aquele que está estruturado em sistema, normalmente implícito e automatizado através de uma gramática natural onde sintaxe, semântica e cognição estão imbricadas para dar às construções da língua uma definição lógica, coerente e significativa. A visão descritiva da língua não privilegia o sujeito em seus enfoques, ao contrário da sociocognição que o coloca no centro das suas pesquisas por ser ele o grande manipulador das estruturas na busca do sentido em sua troca com o ambiente social.

É na *práxis* que as estruturas vão se consolidando na tentativa de nomear, “identificar, segmentar, distribuir, e combinar as unidades de diferentes níveis que compõem a gramática das línguas” (Chiavegatto, 2002a:167). Por sua vez, essas estruturas se pré-organizam em domínios mentais realizáveis em processos metafóricos com base nas experiências corpóreas, espaciais e temporais numa rede de correlações voltada para o intercâmbio comunicacional.

Segundo Angela Kleiman (2001), o leitor em formação, apropriando-se desse conhecimento lingüístico, depois do reconhecimento do objeto material a ser examinado, estaria mais apto a acessar sua memória de trabalho a fim de agrupar as unidades sintáticas do texto, num “processo chamado de fatiamento”<sup>1</sup> sempre em conformidade com a gramática implícita, para poder processar as informações textuais e perceber na superfície lingüística as formas que incitam a abertura dos espaços que na nossa mente vão permitir as associações mais consistentes para a interpretação de um dado contexto..

Por exemplo, num dos livros de Lygia Bojunga analisados, *Fazendo Ana Paz*, o título aponta para uma metáfora que conduz a narrativa: o processo de criação da personagem é fragmentário e processual, assim como é o próprio indivíduo contemporâneo e a figura do autor-personagem. O vocábulo que desperta logo de início essa associação no espaço mental é o verbo “**fazer**” no gerúndio. Para chegar a essa relação, o leitor tem que perceber o valor semântico do gerúndio e levantar hipóteses sobre as propriedades prototípicas ou periféricas da categoria do verbo “**fazer**” que estão em jogo nesse contexto, para depois confirmá-las dentro da sintaxe narrativa. Isso sem falar nas associações a que o nome Ana Paz pode remeter, tendo em vista os intertextos que ficaram arquivados em sua memória.

Outro conhecimento importante para a compreensão é o que diz respeito ao universo textual. Quanto mais exposto aos diferentes gêneros de texto e formas de discurso, mais o leitor estará ambientado com a variedade disponível no circuito discursivo. Será bastante relevante ele poder diagnosticar uma estrutura expositiva, narrativa ou descritiva, identificando os aspectos pertinentes a cada uma dessas modalidades para criar expectativas inerentes ao modelo e tê-los como guias das próprias produções.

Diante da diversidade de gêneros, é mister traçar os objetivos de leitura, pois eles não serão os mesmos se o leitor estiver diante de um jornal, diante de um poema ou diante de um romance. Mesmo dentro do jornal, temos objetivos diferentes ao ler uma notícia sobre esporte, sobre economia, uma charge ou uma propaganda. Esses critérios vão ajudar a estabelecer hipóteses, na medida que as expectativas sobre um determinado texto estarão calcadas nos objetivos que se tem em vista ao lê-lo e no conhecimento

---

<sup>1</sup> “A memória de trabalho (...) pode ser concebida como a capacidade do leitor para estocar o material que está entrando mediante a percepção e para agrupá-lo em unidades significativas com base no seu conhecimento da língua. O processo de agrupamento e análise é conhecido como FATIAMENTO.” (Kleiman, 2001:34)

prévio sobre o assunto. Essa habilidade capacita o leitor a determinar temas e subtemas, priorizando as idéias principais e desprezando as acessórias numa tarefa analítica e consciente de automonitoramento do conhecimento.

Finalmente, é de extrema importância considerar a visão de mundo do leitor. Todo indivíduo carrega uma bagagem de experiências - onde ficam registradas suas crenças, valores, modelos culturais - responsável pela mediação de suas relações e pela sua estrutura de compreensão. Sabendo-se que toda atividade de leitura requer uma interação leitor-texto, é fundamental para o sucesso da tarefa que a relação não se estabeleça com idéias pré-concebidas, inalteráveis e com crenças imutáveis, pois, assim, ser-lhe-á impossível perceber as pistas deixadas, ficando o diálogo comprometido pela inflexibilidade do leitor.

Se a produção de sentidos está inserida na relação leitor-texto, o que torna uma leitura eficiente?

Em primeiro lugar, não existe uma única leitura eficiente, mas há uma gama de possibilidades para os sentidos que vai depender da historicidade dos sujeitos envolvidos no processo. Há sempre um leitor hipotético que fica no plano das idéias do autor e um leitor real que vai atualizar o sentido baseado nas suas experiências. Quando este último consegue perceber as marcas deixadas para o outro, estará se aproximando o mais possível da orientação semântica inicial também marcada pelas condições sócio-históricas de seu criador. Nesse caminho, portanto, não há previsibilidade que sustente a univocidade textual, pois tanto o autor quanto o leitor não podem dar conta das variantes dessa dinâmica. E, como o objeto analisado não se fecha em si mesmo, é possível a um leitor mais experiente fazer inferências, perceber o que não é dito, mas está implícito, e ser capaz de estabelecer um diálogo com os outros textos constituidores do seu repertório, tornando sua leitura mais polissêmica e menos parafrásica.

Somente quem, no seu exercício de interpretação, está com os canais perceptivos abertos e se encontra livre das amarras da rigidez ideológica pode ser parceiro desse jogo criativo da atribuição dos sentidos numa prática de co-autoria textual que vai ampliar sua visão de mundo, acrescentando novas aquisições cognitivas a sua bagagem experiencial.

De acordo com as reflexões feitas sobre leitura, pode-se concluir que a ampliação da capacidade de compreensão leitora demanda tempo; não pode ter resultados imediatistas e não pode estar a serviço de um poder que ignora a diversidade sócio-histórica do indivíduo e privilegia uma única via de conhecimento como a mais



prestigiosa. Estamos, a todo momento, sendo desafiados a interpretar diferentes linguagens e diferentes textos, prática de extrema relevância para a inserção do indivíduo no mundo e para a construção, sempre em processo, da habilidade de compreensão.

Não existe um dia mágico, quando um pré-leitor subitamente torna-se um “aprendiz”, exatamente como não existe um indicador do dia em que o aprendizado é completado e um leitor forma-se. Ninguém é um leitor perfeito, continuamos a aprender cada vez que lemos. (Frank Smith, 1991, 251)

Muitas vezes o leitor iniciante em processo de conquista para a leitura se depara com a dificuldade e desiste da tarefa se não for estimulado para romper com as barreiras que entram a sua compreensão. Em princípio, deve-se considerar a familiaridade com o assunto e com a linguagem como aspectos facilitadores para se atingir a volição espontânea. Só depois de arrebatado e seduzido para a leitura, é possível oferecer-lhe a aproximação com textos que reflitam outras culturas.

## 2.1 - Leitura e cognição

Na citação de Frank Smith que fecha o item anterior fica clara a questão processual na formação do leitor, já que, sob o enfoque cognitivista, o sujeito não tem uma construção de mundo acabada e a maneira como se conceptualiza esse mundo é sempre imperfeita, incompleta e a linguagem nem sempre dá conta das experiências que se acumulam e resultam em novos conhecimentos.

Embora não seja sua única função, a linguagem tem na interação, de maneira geral e específica, e na “permuta de sentidos negociados” (Azeredo, 2000:11) sua face mais transparente.

Externamente a interação pode se estabelecer entre dois ou mais indivíduos num esforço cooperativo de compreensão, ou internamente no âmbito da construção cognitiva para o processo de compreensão, quando o indivíduo, a partir das informações captadas, interage com a memória, com o contexto, com as crenças e modelos culturais, também num esforço de adequação semântica aos mundos possíveis. Em ambos aspectos (externa e internamente), os elementos envolvidos são instáveis e não obedecem a padrões pré-determinados, pois são muitas as variantes que intervêm nessa dinâmica.

Num trabalho que envolva leitura e compreensão pelo viés cognitivo, interessamos, exatamente, enfocar as estratégias que otimizam essa relação processual comunicativa, já tendo em vista a abordagem da semântica cognitiva sobre a qual nos debruçaremos mais tarde.

Como a linguagem analisada será a verbal na modalidade escrita, tomaremos o ponto de vista do leitor na sua interação com o texto, que é visto como um artifício organizado em sistema cuja coerência será determinada não por uma lógica interna, mas pelo subconjunto de suposições que o destinatário tem do mundo. Tanto é assim que um texto (ou mesmo um acontecimento real) vai ter plurileituras dependendo de como as informações da superfície lingüística vão interagir com as capacidade inferenciais (que devem ser convergentes numa mesma comunidade lingüística) e com a visão de mundo particular que vai estar condicionada pela capacidade cognitiva de cada um metabolizar as experiências, resultando a idiosincrasia de uma determinada representação.

O livro *Paisagem* de Lygia Bojunga ficcionaliza e metaforiza exatamente essa visão multissêmica que se traduz numa obra dependendo do seu leitor. A autora usa estratégias textuais para se investir de autor ficcional que dialoga com Lourenço, o

leitor-ideal corporificado em personagem, cuja ação diante do texto é de reflexão, dedução e atribuição de sentidos com ativação de todos os mecanismos cognitivos no esforço de encontrar a coerência para indícios que de outro modo seriam desconexos. Só que o texto Paisagem liga os personagens (autor ficcional, Lourenço, a menina do Lado) através de uma interpretação hermética permeada por um conceito de simpatia universal<sup>1</sup> expresso por aspectos que remetem por semelhança a aspectos de outras coisas. Esses aspectos vão assumindo contornos de concretude para cada um dos personagens de acordo com as experiências e as suposições que cada um tem do mundo. É que cada personagem tem que explicar o motivo de ter tomado conhecimento de um texto que ainda não tinha sido publicado e fora escrito pela escritora enquanto esta morava em um outro país.

Para a Menina do Lado que se tornara leitora capturando a emoção do leitor Lourenço, a paisagem tinha o contorno do maravilhoso, fruto da imaginação infantil:

“ – Pois é, a história fechada no caderno, o caderno fechado na gaveta, tudo muito fechado, não é? (...) O vento abriu o caderno justinho na página que você escreveu essa...como é que você chama?...ah! Essa paisagem, e a página ficou aberta, e o vento foi passando nela. Foi passando e foi lendo tudo que você escreveu. E aí ele resolveu arrancar ela do caderno pra ele. E sabe que ela gostou? Gostou mesmo de sair com ele. Então os dois ficaram vivendo juntos, o vento e a página. Assim, voando pr’aqui, voando pra lá. Até que um dia o vento nem reparou que a janela do meu quarto tava toda aberta e entrou. Ele e a folha do teu caderno. (...) Ela falou que queria ter nascido desenho e não letra; disse que só preto e branco fazia ela triste: ela

<sup>1</sup> Umberto Eco (1992) diz que há dois modelos de interpretação, uma que privilegia o racionalismo grego implantado por Platão e Aristóteles, em que conhecer quer dizer conhecer através da causa numa elaboração de uma certa ordem fixa num mundo com a assunção de alguns princípios: 1) princípio da identidade(A=A) 2) princípio da não contradição (é impossível que uma coisa seja A e não seja A ao mesmo tempo) 3) e o princípio do 3º.excluído (ou A é verdadeiro ou A é falso e não há meio-termo). Desses princípios derivam o modo de raciocínio típico do racionalismo ocidental, que vai entrar em crise e ser questionado por filósofos e lingüistas atuais como Lakoff e Johnson.

Ainda segundo Eco, o mundo grego, porém, é continuamente atraído pelo “apeíron” (infinito). O infinito é o que não tem “modus”. Escapa à norma. Fascinado pelo infinito a civilização grega elabora, juntamente com o conceito de identidade e não-contradição, a idéia de metamorfose contínua, simbolizada pelo mito de Hermes, que é volátil, ambíguo, abrindo a possibilidade para um segundo modelo interpretativo em que se negam os princípios acima descritos, pois o deus Hermes pode estar sob diferentes formas, em diferentes lugares no mesmo momento. O mito de Hermes triunfa no séc.II d.C., cujo hermetismo (um fervilhar de povos, línguas, idéias, onde são tolerados todos os deuses que possuíam um significado profundo para cada povo; o império dissolve as pátrias locais e suas identidades) procura uma verdade que não conhece e só possui nos livros. Por isso se imagina ou se espera que todos os livros contenham uma centelha de verdade, entrando em crise um dos princípios do modelo racional grego, o do 3º. excluído. Muitas coisas podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, mesmo que se contradigam entre si. Mas se os livros dizem a verdade, mesmo quando se contradizem, então todas as suas palavras são alusões, metáforas, alegorias. Dizem coisas diferentes do que parecem dizer. (...). Assim se identifica a verdade com o que não é dito, ou é dito de maneira obscura e tem de ser compreendido para além das aparências e da letra.

Assim sendo, todo o pensamento hermético é permeado do conceito de uma “simpatia universal” que se exprime através dos aspectos formais das coisas que remetem por semelhança para os aspectos formais de outras coisas, donde se exclui o princípio da não-contradição.

queria ter cor. Eu então peguei a minha aquarela e fiz ela toda colorida, cada letra eu fui virando num pedacinho de desenho, e quando era uma palavra o desenho ficava assim grande, e quando era uma frase toda o desenho ainda ficava maior.” (p.43)

Lourenço, capaz de fazer relações mais profundas, faz inferências e pressuposições baseadas no conhecimento que tem da escrita daquela autora específica, justificando seu conhecimento telepático pela afinidade/ intuição, sensações capazes de explicar a relação que ele e a Menina do Lado têm com a autora, já que ele, leitor perfeito, construía a ouvinte perfeita ao ler-lhe as histórias de onde emerge a familiaridade que vai permitir a ambos compactuar do mesmo cenário (a paisagem).

“Foi só olhar para o desenho que eu achei aquela paisagem com cara de ter sido escrito por você, aí é que está, quando eu digo, eu sou Leitor do fulano, isso quer dizer que eu conheço o fulano, então ninguém precisa me dizer esse livro é do fulano ou da beltrana porque é só começar a ler o livro que eu já sei que é do fulano ou da beltrana, (...); O João diz que tem uma afinidade incrível com a música do Villa e então acontece essa ligação, é a mesma coisa que acontece comigo e você, então eu olhei pr’aquela paisagem e disse só pode ser dela, não de outra. “ (pp. 50-51)

“ ...um belo dia eu comecei a ler as tuas histórias pro Monstrinho, no princípio ela ficava desenhando enquanto eu lia, mas depois ela ficava só escutando (...)”

“...eu sou um Leitor tão competente que o monstrinho virou tua ouvinte, ...” (p.52)

Dessa forma, ele consegue fazer relações em busca de uma construção cognitiva que o remeta ao esquema conceptual que vai mapear a metáfora mais profunda:

“... e outro troço que eu não tinha sacado antes é a influência que uma arte tem na outra, a música da minha voz (...) a música da minha voz, lendo as palavras da tua escrita passaram pra irmã da Renata em forma de desenho, é uma interligação incrível, você não acha?”

Lourenço também busca uma certa referencialidade para o fato:

– Quer dizer que você interpreta esse mistério como “mera coincidência”.  
 – Mera não. É uma coincidência-só-possível entre dois seres profundamente afins, como sói (gostou desse sói?) acontecer entre um leitor super ligado numa escritora (você).  
 – Mas não são dois seres, Lourenço, são três...  
 – O terceiro é o resultado da ligação dos dois primeiros, tivemos uma filha monstrinho<sup>2</sup>, o que você quer? – E começou a rir.”

A autora justifica o fenômeno enigmático pelo critério da intertextualidade, num racionalismo teórico mais coerente com o conhecimento que tem das estratégias cognitivas da compreensão.

---

<sup>2</sup> A filha monstrinho a que ele se refere é a Menina do Lado.

“Comecei a examinar uma possibilidade atrás da outra. Quem sabe eu lá tinha visto essa paisagem num lugar qualquer? Uma gravura...uma pintura...Uma pintura que o Lourenço também tinha visto?...Quem sabe eu nunca mais tinha me lembrado dessa pintura, mas a lembrança dela tinha ficado lá no meu "sótão", e agora se intrometia na minha escrita...? Ou então, vai ver, a paisagem era parte de um livro que eu tinha lido? (ou de um filme que eu tinha visto?) Um Livro da minha infância? da minha adolescência? Um livro que o Lourenço tinha lido também...e a paisagem tinha feito uma impressão funda nele...e agora ele sonhava com ela...será? Nesse caso, o que eu pensava que era *minha invenção* não passava de uma lembrança que tinha dormido e que agora acordava?”

É interessante observar como a descrição do fato enigmático feito por Lourenço a sua namorada Renata, que não era leitora da autora, fez sentido com outra representação cognitiva, visto que suas (as de Renata) motivações, propósitos e intenções eram totalmente diversos dos personagens envolvidos na apreensão de um texto que tinha sido lido pela intuição, emoção e conhecimento de um universo partilhado apenas pelos três personagens: autora, Lourenço e a Menina do Lado.

“– Olha, a Renata tem umas coisas que me deixam louco, isso por exemplo, lá tô eu parafusando o nosso mistério e ela vem e me diz com a cara mais limpa do mundo que não tem mistério nenhum, ah, não? Eu perguntei, não, você e essa mulher (ela não é tua leitora, viu, por isso que ela te chama de essa mulher), você e essa mulher freqüentaram o mesmo cenário (...), vocês podem ter freqüentado esse cenário em vidas diferentes e agora cada um tá se lembrando dele de um jeito: você sonha com ele, ela bota ele num livro; e pronto deu o mistério por explicado.” (p. 31)

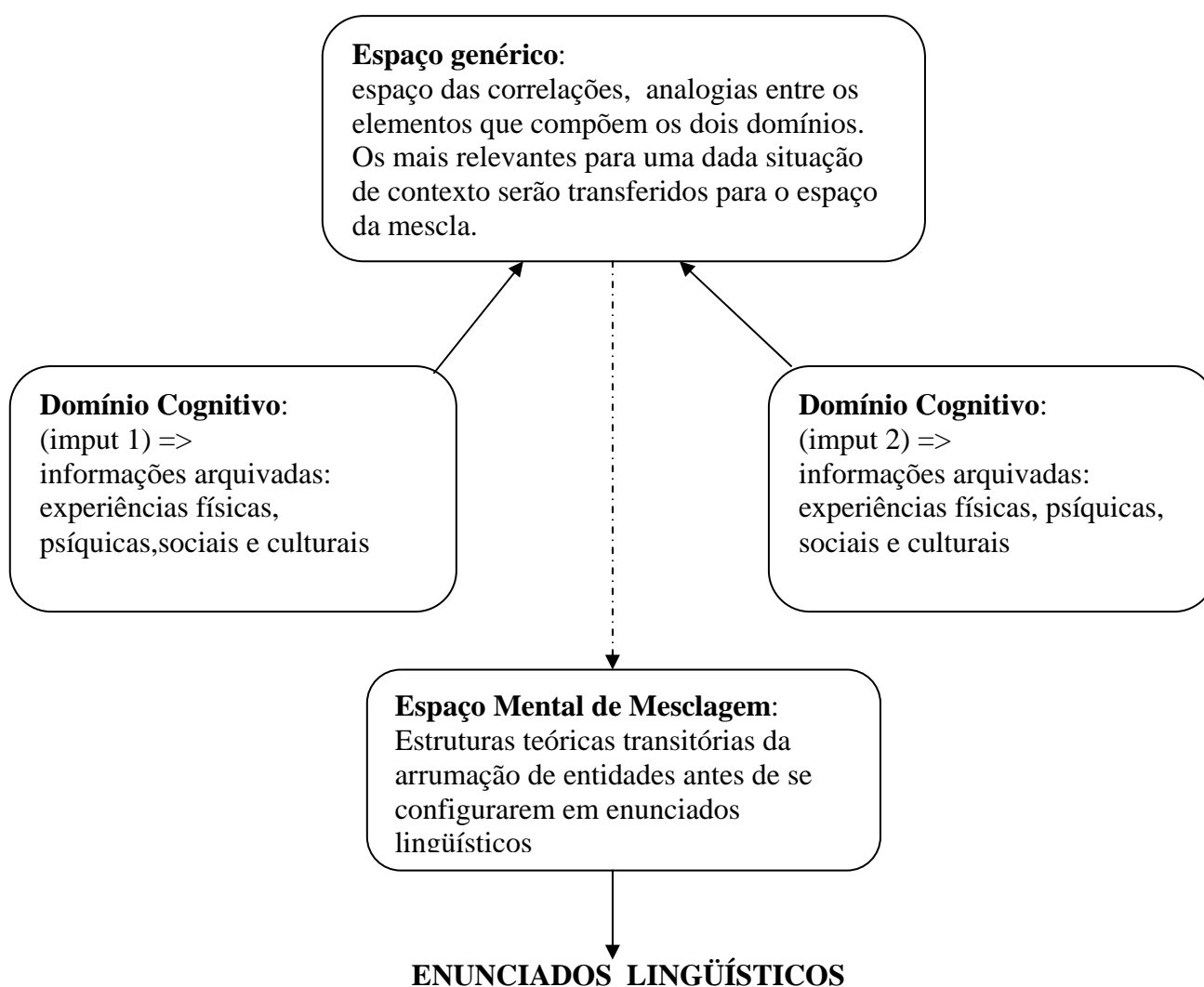
Além do mais, mesmo Lourenço falando da escritora e do texto Paisagem para a namorada, ele, certamente o fazia numa situação e com propósitos diferentes daqueles que atuavam na descrição para a Menina do Lado, donde se deduz que “as representações são construídas a partir das intenções, das interações comunicativas e de toda situação” que por sua vez “irão interagir com a própria compreensão do discurso.” (Van Dijk,2000: 19).

Fica claro que a ficção criou um mundo possível da estratégia interpretativa com uma representação cognitiva dependente dos arquivos sediados na memória semântica de cada um dos leitores. Não há uma via única de compreensão, os processos são múltiplos dependendo das diferentes situações, de diferentes usuários, das suas crenças, enfim de seus modelos culturais e dos diferentes discursos.

O processo operacional de compreensão praticamente não varia depois que o sujeito sai do centralismo egocêntrico e toma distância do Outro e dos objetos, já que, segundo Maria de Lourdes Dionísio de Souza(1998:58) a realização de diferentes

atividades mentais fundamentais ao ato de ler é basicamente a mesma em todas as fases do desenvolvimento. O que evolui são as representações e interpretações de acordo com a forma mais rudimentar ou elaborada que podem assumir em função da quantidade e qualidade da experiência de mundo.

Apresentaremos aqui o esquema de compreensão, segundo a teoria de mesclagem a partir dos estudos dos espaços mentais desenvolvidos por Gilles Fauconnier (1985) e outros. Este esquema será mais bem desenvolvido em relação aos aspectos teóricos no capítulo 3:



Os domínios cognitivos são arquivos permanentes em relação aos espaços mentais (mas não fixos, porque podem ser modificados ou ampliados) trazendo armazenadas as experiências acumuladas. Pode haver tantos domínios quantas forem as

ordens de conhecimento acumuladas por um indivíduo. Os domínios serão chamados numa dada situação comunicativa e as entidades dos domínios pertinentes ao contexto daquela situação comunicativa serão enviadas para um espaço genérico onde serão feitas associações, analogias, correlações, correspondências metafóricas, deslocamentos metonímicos, sendo que as mais relevantes para o contexto serão enviadas para o espaço mental de mesclagem para se estruturarem e construírem significados adequados à compreensão que, imediatamente após se transformarem em linguagem, se dissolvem para dar vez a novas construções de sentido. São as formas lingüísticas que vão funcionar como construtores do espaço mental, pois elas serão as pistas para as inferências que demandam significados relevantes.

Embora herdando parte dos elementos significativos dos espaços dos quais partiram, a configuração do espaço mesclado produz matizes significativos diferenciados, pois a combinação dos elementos que o constituem é original.

Segundo Fauconnier (1996:194), o processo de mesclagem é uma operação que permite explicar uma série de fenômenos lingüísticos e ajudar-nos a conhecer melhor a natureza das relações que existem entre as construções lingüísticas e processos cognitivos.

.....  
 As informações transferidas dos espaços de partida passam a ser vistas como parte de uma ampla estrutura auto-contida na mescla, herdeira parcial dos significados envolvidos para a sua construção. Os novos sentidos são construídos a partir do complemento dessas estruturas por conhecimentos anteriores, enquadres, modelos cognitivos idealizados e esquemas culturais que se projetam na estrutura compósita do espaço mesclado. Após elaborada e complementada no EG, a estrutura da mescla é re-elaborada por um trabalho cognitivo desempenhado no interior da mescla, de acordo com sua estrutura e lógica emergentes. (Chiavegatto, [www.da.linguagem.nom.br](http://www.da.linguagem.nom.br))

Esse processo de mesclagem nos espaços mentais é produtivo para muitos processos cognitivos, principalmente aqueles que envolvem compreensão e interpretação dos significados em práticas interativas como a leitura. Levam o destinatário a alcançar, através dos mecanismos das estruturas mentais, além dos sentidos mais aparentes, os aspectos polifônicos do texto, a desambiguação da linguagem metafórica, fatores que tecidos em redes, com vínculos nas experiências pessoais ativadas por pistas lingüísticas, podem conduzir o leitor a hipóteses mais consistentes e sistemáticas.

## 2.2 - Leitura literária

### 2.2.1 – Texto literário

O contínuo clássico é uma sucessão de elementos de densidade igual, submetidos a uma mesma pressão emocional; ele retira deles toda tendência a uma significação individual e como que inventada. O próprio léxico poético é um léxico de uso, não de invenção: nele, as imagens são particulares em grupo, não isoladamente; por costume, não por criação. A função do poeta clássico não é, portanto, encontrar palavras novas, mais densas ou mais brilhantes, mas ordenar um protocolo antigo, aperfeiçoar a simetria ou a concisão de uma relação, levar ou reduzir um pensamento ao limite exato de um metro. (...) trata-se de uma arte da expressão, não da invenção; nela, as palavras não reproduzem, como mais tarde, por uma espécie de elevação violenta e inesperada, a profundidade e a singularidade de uma experiência; elas se ordenam em superfície, segundo as exigências de uma economia elegante ou decorativa. O que encanta é a formulação que as reúne, não a potência ou beleza delas. ( BARTHES, 1971: 58-59)

A pragmática abriu aos estudos lingüísticos um cenário de novas possibilidades que trouxe aos dois enfoques tradicionais – a sintaxe e a semântica – um outro perfil de abordagem, ou seja, a relação dos signos com os seus usuários. É evidente que isso trouxe um novo olhar não somente no que diz respeito ao fenômeno da interpretação, como também à revelação de que a linguagem serve menos para informar do que para agir sobre o outro.

Tanto na fala quanto na escrita estamos basicamente voltados para a argumentação, tentando convencer e impondo nossos pontos de vista. Usamos para isso os recursos lingüísticos e estilísticos disponíveis no sistema a fim de atingir o destinatário influenciando-o, mais ou menos explicitamente, e dessa forma seduzindo-o como cúmplice daquilo que queremos defender.

Já que persuadir o outro pressupõe a prática de um discurso nada inocente, é mister conhecer os resultados dessa ação (etimologicamente a palavra *pragma* significa ação).

Barthes, na epígrafe, diz que não há diferença entre o léxico poético e o léxico de uso, isso porque sempre procuramos produzir um efeito em nossas interações, efeito esse que pode ser mensurado de acordo com a finalidade do que se quer transmitir. As palavras de uma língua são assépticas até se contaminarem com as nossas subjetividades. Na língua falada, há uma instantaneidade das relações entre os domínios cognitivos, os espaços genéricos e os espaços mentais antes de se tornarem enunciados,



mas, já que o locutor pode se valer de estratégias da oralidade, o resultado não fica comprometido: a idéia e a forma se contaminam pela expressividade pessoal e pelo contexto situacional. Contudo essa espontaneidade passa por uma triagem maior na linguagem escrita e o arranjo das palavras em discurso pode dar-lhes um valor premeditado pela intenção do enunciador ou pela função que este atribui ao enunciado.

Como já vimos, a língua possui caráter social e coletivo, mas em sua manifestação discursiva é afetada por variáveis de naturezas diversas a imprimir-lhe uma marca de individualidade acentuada naqueles que fazem da forma matéria de arte numa imbricação artesanal com a idéia. Emerge daí a função poética da linguagem (contributo indispensável de Jakobson (1973) aos estudos lingüísticos) a exigir do seu artífice o arranjo das palavras na frase e das frases no texto de acordo com um esquema cognitivo adequado a sua visão de mundo e a sua competência no traquejo das combinações lingüísticas tendo em vista o plano intencional para gerar significados naquela obra.

A língua literária não é uma variedade que possa ser formalmente apresentada, não é uma língua funcional, ela é mais um modo de produção discursiva em que estão agregados valores estéticos e idiossincráticos e normalmente é engendrada como uma particularidade de cada obra, embora não possa ser considerada o único fator de sua literariedade..

Também não é o assunto que confere literariedade a um texto, não há conteúdos exclusivos da literatura nem avessos a ela, qualquer um, por mais banal que seja, pode transformar-se em obras de real valor. Há, ainda, polêmicas na atribuição de mundos ficcionais para caracterizar um texto literário, pois segundo Maingueneau(1996: 28), “a conversa mais banal está recheada de enunciados de ficção”.

É o modo de abordagem, ou da linguagem ou do tema ou de ambos, que vai criar um elo de ligação afetiva e/ou intelectual entre os sujeitos discursivos, colocando-os em situação de comunicação, num mundo estrategicamente forjado, envolvendo-os numa cumplicidade destinada a atribuir nexos, a decifrar enigmas e a entender as transgressões ao/do tecido textual.

Enfim, não há um aspecto ou outro, mas uma conjunção de fatores que categoriza o texto literário e o aponta como um mundo centrado em si mesmo, voltado para suas próprias referências, e que cria, através dos princípios da pragmática, um ato de linguagem (idem, ibidem) cujas asserções fingidas instauram um universo metafórico

onde circulam as figuras do discurso (autor implícito/ narrador e leitor virtual / narratário) numa interação comunicativa em busca dos sentidos do texto.

Umberto Eco (1992: 234 –5) descreve os mundos criados pela narrativa literária, segundo o ponto de vista do Leitor Modelo, entidade discursiva instaurada no / pelo texto:

1)“Mundos possíveis que parecem credíveis e verossímeis e podemos concebê-los”

Nele se enquadra a narrativa de *Livro: Um encontro com Ligya Bojunga*, em que a narradora, apesar do uso de uma linguagem simbólica, conta sua experiência em relação a sua afinidade com a leitura e seu despertar para o ofício de escritora, dentro de um espaço e tempo factíveis.

Aqui também se enquadra o conto *Saga*, embora a narrativa faça alusão a um tempo e espaço mítico - o sonho de regressar à ilha/casa paterna em busca do elo familiar desfeito e nunca recomposto perdura por toda a existência e se pereniza na morte – os acontecimentos se desenrolam dentro de certa verossimilhança.

2)“Mundos possíveis que parecem inverossímeis do ponto de vista da nossa experiência atual”.

É o caso de *Fazendo Ana Paz*, em que o narrador se investe de Autor (atuando numa enunciação primária) para criar um personagem de sua escritura (funcionando dentro de uma enunciação secundária), com o qual ele interage (Ana Paz) como se estivessem no mesmo plano enunciativo.

Também nesse caso podemos enquadrar a *História da Gata Borracheira* que embora transcorra num espaço e tempo factíveis, os elementos do “maravilhoso” estarão presentes a partir do título que remete para o conto de fadas do era uma vez...

3) “Mundos inconcebíveis para além da nossa capacidade de concepção porque seus presumíveis indivíduos violam os nossos hábitos lógicos e epistemológicos.

Aqui se situa a obra *Paisagem* em que o autor ficcional se investe de autor real e corporifica no personagem Lourenço o leitor abstrato-ideal que persegue, deduz e soma sentidos à obra. Cria-se, dessa forma, um simulacro da enunciação, onde o onírico, o icônico, o pictórico e o musical se entrelaçam em simbiose alegórica para representar o conhecimento partilhado, um dos aspectos da decifração dos sentidos.

A obra *Chuva Pasmada* também transita dentro de um mundo inconcebível para nossos padrões, porque toda uma comunidade se inquieta com os presságios que uma chuva em suspensão representa para as crenças e simbolismos de uma cultura ligada mitologicamente à natureza.

Esse terceiro tipo de narrativa não inviabiliza a compreensão, pois esse cenário faz parte de um planejamento textual. Numa primeira leitura, ou numa leitura de superfície, ele vai gerar um leitor ingênuo facilmente prisioneiro da armadilha do narrador, mas é previsto para uma leitura mais crítica um leitor modelo que poderá perceber os vazios do texto e desarmar, num segundo momento, os ardis que embotavam sua compreensão. Nessa construção o leitor certamente encontrará o prazer da parceria num jogo que admitirá diferentes estratégias e diferentes leituras para perceber até a natureza destrutível do texto em relação a uma resolução final.

Já Wolfgang Iser (1979), importante teórico para a estética da recepção, não prioriza a oposição entre realidade e ficção no discurso literário. Ele se preocupa mais com os efeitos do literário na construção do sujeito e do seu conhecimento, isto é, volta-se mais para as relações comunicativas do leitor com o texto, como veremos a seguir.

### 2.2.2 – Interação comunicativa texto - leitor

Iser (1979) vai basear sua análise sobre a interação do leitor com o texto na Teoria da Interação de Edward E. Jones e Harold B. Gerard<sup>1</sup> cujo fenômeno comunicativo não pode prever como e o quanto os parceiros em interação serão afetados pelo processo que prevê táticas, estratégias e esforços interpretativos. Os “planos de conduta” não podem ser monitorados todo o tempo porque cada um dos envolvidos lida com a sua subjetividade. Essa imprevisibilidade, porém, é que dinamiza o processo permitindo desvios de rotas preliminarmente traçadas e impedindo a cristalização de atitudes ao conferir uma dinâmica inovadora às interações.

Ele traz, ainda, como contributo para o seu estudo, a visão psicanalítica de Laing, Phillipson e Lee<sup>2</sup> sobre processo de comunicação. Laing diz:

“Meu campo de experiência, contudo não é preenchido apenas por minha visão direta de mim (ego), mas pelo que chamarei metaperspectivas – minha visão da visão do outro sobre mim

---

<sup>1</sup>JONES, Edward E.& GERARD, Harold B. *Foundations of social psychology*. New York, 1987: 505 – 512.

<sup>2</sup> LAING, R. D. , PHILLIPSON, H. e LEE, A. R. *Interpersonal perception. A theory and a method of research*. New York, 1966: 4.

(...) ajo à luz das atitudes, opiniões, necessidades, etc., reais ou supostas dos outros quanto a mim”.

Conclui-se, então, que, na interação, cada um delinea uma imagem do outro a partir da sua própria interpretação, armazenando esse conhecimento como experiência apreendida sobre si e sobre o outro.

Aquilo que não nos é dado a conhecer na interação é em nossa mente o “vazio” que nos impulsiona para a ação num esforço de representação que também é interpretativo na medida que é construído a partir dos pressupostos situacionais, tal como se apresenta no modelo dos espaços mentais descritos por Fauconnier(1994)<sup>3</sup> e adotado por nós em relação à leitura. Por esse motivo, achamos pertinente associá-lo ao modelo de leitura de Iser, que importa o conceito de vazio para justificar a incerteza do Leitor sobre o conhecimento preciso que tem sobre o objeto(o outro) texto. Sua visão (a do Leitor) será sempre parcial e individual e essa relação será assimétrica, já que entre leitor e texto há um esquema de referências dessemelhantes, sendo necessário, portanto, um esforço para que sejam geradas as possibilidades – elas serão múltiplas - de compreensão numa cooperação fundamental para o processo de comunicação.

Por outro lado, o texto tem que ativar “meios de controle”- diferentes de uma comunicação face a face – que possibilitem ao leitor fazer correção de rota, à medida que a leitura avança, e construir hipóteses interpretativas para preencher os “vazios” anteriores não respaldados no sistema de redes significativas formadas pelas unidades lingüísticas do texto.

Como a obra não diz tudo e os pontos de indeterminação (geradores de vazios) são preenchidos pelo leitor com dados da realidade extratextual transportados para aquele universo específico, “o texto ficcional adquire sua função, não pela comparação ruinosa com a realidade, mas sim pela mediação de uma realidade que se organiza por ela.” (Iser, 1979: 105). É essa indeterminação que vai requisitar a interação do leitor com o texto e assinalar a função comunicativa da leitura.

Segundo Iser mais do que um preenchimento, os vazios requerem combinações entre segmentos do texto. “À medida que os vazios indicam uma relação potencial, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeção (...) do leitor. Assim quando tal relação se realiza, os vazios ‘desaparecem’”.

---

<sup>3</sup> Os vazios seriam os espaços mentais que são espaços transitórios, em constante formação, alimentados pelo espaço geral que leva em consideração as entidades relevantes para uma dada situação vindas de domínios cognitivos habitados pelos modelos cognitivos físicos e socioculturais.

Não podemos deixar de indicar, num insight associativo, a teoria de Iser (que usa como suporte o texto literário) como domínio fonte e a teoria de Fauconnier (o suporte é o processo mental de compreensão) como domínio alvo para indicar a seguinte metáfora conceptual : **A mente é um texto.**

Além do mais, a teoria dos vazios apresenta o aspecto cognitivo da construção de um conhecimento novo requisitado pelo texto literário que vai se opor à automatização da linguagem cotidiana (mesmo representada pela metáfora convencional que é inconsciente e lexicalizada<sup>4</sup>). Os vazios rompem com as conexões que devem ser (re)construídas pelo leitor em busca da coerência textual que restabelece o esquema traçado pelo texto.

Podemos comprovar essa tese no texto *Fazendo Ana Paz* em que a narrativa é segmentada por três planos de tempo e espaço e em cada um desses planos atua a mesma personagem (Ana Paz) em diferentes fases da vida. A estratégia textual é criar um vazio pela desconexão tempo-espaço-personagem exigindo do leitor, que desconhece o enigma, possibilidades interpretativas para recuperar as conexões que vão dar coerência ao texto.

### 2.2.3 – Texto literário x texto não literário

O tipo de conexão que o leitor engendra e a relação comunicativa que estabelece com o texto literário são diferentes daquelas que atribui às suas relações interacionais cotidianas e também com os textos não-literários.

Se os vazios dos textos ficcionais os orientam contra o pano de fundo da linguagem pragmática, contribuindo para a desautomatização das expectativas habituais do leitor, então este precisa reformular para si o texto formulado, a fim de ser capaz de recebê-lo. Esta exigência não emerge na interação diática da linguagem pragmática porque as conexões abertas podem ser fechadas pelos pedidos de esclarecimento do parceiro, que tornam desnecessário o uso de sua imaginação. Também o texto expositivo faz pouco uso dessa exigência, pois regula em alta dose as suas conexões a fim de que esteja garantida a recepção do que pretende dizer acerca de um objeto determinado. A desautomatização resultante dos vazios dos textos ficcionais leva a uma outra direção. A medida que não se entrosa com a expectativa central da linguagem pragmática, necessita de uma equivalência relacionante, que permita ao

---

<sup>4</sup> Este conceito será desenvolvido no capítulo 3.

leitor descobrir o que se chamou “arquissema”<sup>5</sup>, subjacente aos segmentos desconectados, e que, tão logo “se encontra”, permite ligar estes segmentos em uma nova unidade de sentido. (Iser, 1979: 109)

Nos atos diários interacionais, sejam face a face ou nas leituras do cotidiano há uma previsibilidade maior, embora não total, dos textos em jogo. Já a literatura rompe com os esquemas dos modelos (cognitivos, culturais, imagéticos), formatando-os de uma outra maneira, com um novo arranjo, que quebra a expectativa e causa um estranhamento, e conseqüentemente produz o “vazio” que será recuperado pelo leitor a partir das suas experiências, rearrumando os antigos modelos agora numa nova ordem adequada às estruturas daquele universo ficcional, produzindo, assim, imagens reconfiguradas para um novo contexto.<sup>6</sup>

Os vazios são relevantes esteticamente e podem gerir, segundo Iser, imagens de primeiro e segundo graus. Essas últimas causam um estranhamento maior e por isso precisam de um esforço cognitivo mais acentuado por parte do leitor. A validade desse tipo de leitura está na construção do sentido por parte do leitor que muitas vezes precisa se distanciar do texto para poder julgar a orientação que está lhe dando e corrigir a rota, principalmente quando há uma complexidade maior na obra.

Iser discorda dos formalistas russos quanto à dificuldade de percepção numa obra de arte. Para ele, não há dificuldade de percepção na análise da obra de arte, contudo o seu inerente grau de complexidade dificulta a constituição do sentido que está em constante reformulação e renovação, sempre exigindo que o leitor abandone as previsões já gastas para se voltar a novos esquemas significativos. Isso, conseqüentemente, retarda a percepção, pois ela é desautomatizada.

Esta posição está em total sintonia com o arcabouço teórico da Semântica Cognitiva que sustenta as hipóteses desse trabalho. E não podemos deixar de observar o valor cognitivo dessa análise, já que ao fazermos um exercício mental para “ver” as imagens rotineiras e habituais numa dimensão diferente, mais criativa, “somos induzidos a imaginar algo no conhecimento oferecido ou incitado que seria inimaginável enquanto prevalecesse a decisão de suas orientações habituais”(idem,ibdem: 114).

---

<sup>5</sup> Termo usado por LOTMAN, Ju. M. A estrutura dos textos literários, UTB 103, trad. de R. D. Keil, München, 1972: 216.

<sup>6</sup> Aqui fazemos um contraponto entre a teoria de Iser e a teoria da metáfora conceptual cognitivista dentro do enfoque literário. Teoria desenvolvida no capítulo 3.

Quanto mais vazios há num texto, mais o leitor é requisitado para o “diálogo”, efetuando-se uma interação maior entre as partes. Existem, todavia, textos que procuram minimizar essa interferência com um controle maior sobre as suas conexões a fim de produzirem um mínimo de “vazios”. É o caso do “romance de tese, da literatura didática”, cujas estruturas discursivas são mais ou menos previsíveis, procuram se adequar às projeções do leitor para que ela não se separe muito do objetivo traçado, os “vazios” são regulados, restando como margem de participação do receptor aceitar ou recusar a proposta da obra. É o que acontece nas boas propagandas modernas em que os “vazios” são orientados para as inferências que já estão previstas no texto.

Iser chama atenção para o texto com valor comercial tal qual o folhetim, popular no século XIX, a novela televisiva, similar moderno do folhetim, e o “triller” de filmes, todos usuários da função dos “vazios”, com finalidade diferente. Os cortes na história não solicitam a colaboração do destinatário para uma articulação das seqüências que lhe demande criatividade, contudo a suspensão da narrativa nos momentos de tensão funciona como um “vazio” preenchido pela curiosidade do sujeito que vai ativar a imaginação para fazer previsões da história e se sentir atraído a continuar cativo daquele estratagema.

Concluimos que o “vazio” existe não só como um artifício do texto literário para ativar as plurissignificações ou para articular seqüências do texto que provocaram lacunas de compreensão – tanto de ordem semântica, quanto sintática ou lexical - mas também como estratégia de monitoramento em textos não-literários. Melhor, o “vazio” deve estar presente em qualquer tipo de texto, pois ele, de alguma forma, mantém o interesse, induz e guia a atividade do leitor. E, na medida que o sujeito lê o texto (ou o mundo), vai ampliando experiências e produzindo conhecimento de e para si.

O observador pode considerar o objeto estético como incompleto, sair de sua atitude contemplativa e converter-se em co-criador da obra, à medida que conclui a concretização de sua forma e de seu significado. A experiência (...) pode, por fim, se incluir no processo de uma formação estética da identidade, quando o leitor faz a sua atitude estética ser acompanhada pela reflexão sobre seu próprio devir: ‘A importância do texto não advém da autoridade do seu autor, não importa como ela se legitime, mas sim da confrontação com a nossa biografia. O autor somos nós, pois cada um é o autor da sua biografia’<sup>7</sup> (Jauss, 1979 b:82)

---

<sup>7</sup> Zimmermann, H. D. Sobre a utilidade da literatura - observações preliminares para uma teoria da comunicação literária. Frankfurt, 1977:172. Apud Jauss, 1979 b:82.

### 2.3 – A interpretação consciente: o contexto, a intertextualidade e a mesclagem de vozes

“...reconhecer o meu poder-ser no meu ter-sido, eis a repetição já não onírica, mas resolvida” ( RICOEUR, Paul. *Le temps raconté*, in *Revue de Mataphysique et de Morale* (4), 1984:363)<sup>1</sup>

Temos visto que os processos de interpretação de um texto exigem a construção gradual de uma competência de leitura que demanda do sujeito um esforço que, se não estiver ligado ao prazer, certamente resultará em fracasso e desestímulo. Para atingirmos o estágio de total monitoramento do ato interpretativo, é necessário passar por etapas que vão do engatinhar por gêneros que estimulam os sentidos sem que se dê conta dos motivos que engendram a satisfação, passando pelo interesse e simpatia pela ação e personagens, muitas vezes com o envolvimento que redundam em projeção e transferência. Essa satisfação mais básica vai se descentrando para os aspectos psicológicos e os fenômenos causais que movimentam as narrativas, até chegar à consciente satisfação que resulta na percepção da macroestrutura do texto de caráter heurístico.

Na medida que crescemos na compreensão leitora, também evoluímos na nossa maneira de apreender o mundo e nos ressignificarmos como sujeitos. É através de nossas experiências passadas que damos forma às expectativas futuras, entendemos o presente e vamos organizando o repositório das nossas vivências acumuladas na interação com o(s) outro(s), formando um saber que nos habilita a pôr em prática atividades mentais que geram imagens, cenários e *scripts* necessários para especular hipóteses, pressupor e inferir a partir dos referenciais conhecidos e poder retroagir para rever, aprofundar e até modificar o já lido. Daí vem a avaliação da obra no que se refere tanto aos aspectos estéticos quanto aos valores morais agregados por herança sociocultural e ideológica.

A troca constante entre a informação micro e macro textual<sup>2</sup>, a restauração de quadros intertextuais e interdiscursivos, o levantamento dos traços relevantes para uma dada situação contextual vão possibilitar ao leitor preencher os “vazios” da obra.

<sup>1</sup> Apud SUMARES, Manuel. “Refiguração textual e experiência interhumana: a última fase da teoria hermenêutica de Paul Ricoeur” *Revista de Comunicação e Linguagens-Textualidades*. Porto: Edições Afrontamento, junho, 1986: 7-21

<sup>2</sup> Atribuir significado às palavras, às unidades frásticas e textuais; estabelecer relações locais entre essas unidades para buscar a coesão lexical e gramatical do texto ( relações anafóricas, conectores frásticos implícitos ou explícitos); compreender informação situacional implícita pelo recurso a quadros comuns;



Ao explicitarmos e compreendermos os nossos processos de pensamento, pelo reconhecimento de quando e porquê não se está a compreender, e sabendo onde ir procurar, ganhamos não só um maior controle sobre esses processos, como também uma maior consciência de como os textos nos influenciam e interessam. Deste modo, enquanto se lê, a adequação dos sinais às suas representações deixará de ser uma síntese passiva porque consciente. ( SOUZA, Maria de Lourdes Dionísio, 1998: 61).

### 2.3.1 – O contexto

Conforme já nos referimos nesse trabalho, o ato interpretativo deve ser uma construção, um trabalho de elaboração entre as pistas léxico-sintáticas da superfície lingüística e as informações contextualmente relevantes que fazem parte de um conjunto de suposições que o sujeito tem do mundo e que armazenados em domínios se projetam e se ligam em redes integrando-se em espaços mentais.

Mesmo as interpretações de expressões corriqueiras e cotidianas exigem do receptor exercícios automáticos de inferência por já estarem circunscritos por uma moldura pragmática que lhe é familiar. Vejamos dois exemplos retirados de *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*:

- 1) – Sabia que esse fulano está na moda, **todo o mundo** lê ele, mas sabia que ele é ruim demais? (p.18)
- 2) A cada novo poema, lido ou ouvido no passado, e aonde o meu olho batia agora, voltava **todo o mundo**, todo o espaço onde eu me movia naquela época. (p.28)

O leitor, ao ler as passagens emitidas por enunciadores diferentes e em situações enunciativas distintas, leva em conta, automaticamente, a perspectiva de quem as produz, contextualiza-as em dimensões diferentes, e não tem a menor dificuldade para atribuir sentidos específicos para a expressão **todo o mundo** em (1) muitas pessoas; (2) emoções, sentimentos e sensações.

Já vimos, também anteriormente, que todo ato de leitura é assimétrico, pois nada garante a quem lê que esteja reproduzindo fielmente as representações do enunciador, mas há no enunciado indicações que amparam a situação de enunciação indicando ao leitor quem, a quem, de quem, onde, quando e por que fala..

No primeiro exemplo, a expressão-foco é um sujeito indefinido e pejorativo, pois, de acordo com o enquadre ideológico de leitura, dado pelo enunciador, quem lê faz parte de uma elite que não segue a moda, é seletivo. O contexto amparou, então, a contradição lê x moda.

No segundo exemplo, a expressão-foco é o espaço abstrato das emoções, já como “topos” privilegiado no enquadre de uma leitura mais nobre, a poesia, que desperta lembranças de um tempo e experiências já vividos. O contexto albergou tempo-espaço-lembrança numa mesma dimensão.

Segundo Maingueneau (2001:20) “compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável.”

É porque os sentidos das elocuições não são dados *a priori* que o contexto vai ter uma relevância enorme para a interpretação dos enunciados.

O contexto - exige dos leitores uma atenção para as instruções verbais do texto, que delimitam a situação de enunciação (quem, a quem, de quem, de onde, quando e por que fala) - e o cotexto - coloca uma unidade lingüística em relação à outra dentro do mesmo texto - vão mobilizar a memória dos saberes enciclopédicos e pragmáticos.

Passemos à leitura do fragmento abaixo tirado do conto Saga de Sophia de Mello Breyner Andresen (pp. 75 –76) para analisarmos até que ponto o contexto pode amparar uma leitura dos “vazios”, principalmente para um leitor de cultura brasileira.

O mar do Norte, verde e cinzento, rodeava Vig, a ilha, e as espumas varriam os rochedos escuros. Havia nesse começo de tarde um vaivém incessante de aves marítimas, as águas engrossavam devagar, as nuvens empurradas pelo vento sul acorriam e Hans viu que estava se formando a tempestade. Mas ele não temia a tempestade e, com os fatos inchados de vento, caminhou até o extremo do promontório.

O vôo das gaivotas era cada vez mais inquieto e apertado, o ímpeto e o tumulto cada vez mais violentos e os longínquos espaços escureciam. A tempestade como uma boa orquestra, afinava os seus instrumentos.

Hans concentrava o seu espírito para a exaltação crescente do grande cântico marítimo. Tudo nele estava atento como quando escutava o cântico do órgão da igreja luterana, na igreja austera, solene, apaixonada e fria.

Para resistir ao vento, estendeu-se ao comprido no extremo do promontório. Dali via de frente o inchar da ondulação cada vez mais densa como se as águas se fossem tornando mais pesadas.

Agora as gaivotas recolhiam a terra. Só a procelária abria rente à vaga o vôo duro. À direita, as longas ervas transparentes, dobradas pelo

vento, estendiam no chão o caule fino. Nuvens sombrias enrolavam os anéis enormes e, sob uma estranha luz, simultaneamente sombria e cintilante, os espaços se transfiguravam. De repente começou a chover.

A família de Hans morava no interior da ilha. Ali, o rumor marítimo só em dias de temporal, através da floresta longínqua, se ouvia. Mas ele vinha muitas vezes até à pequena vila costeira e, esgueirando-se pelas ruelas, caminhava ao longo do cais, ao lado do cais, ao lado dos botes e veleiros, atravessava a praia e subia ao extremo do promontório. Ali, no respirar da vaga, ouvia o respirar indecifrado da própria paixão.

A primeira pergunta que o leitor pode-se fazer é quem, de quem, quando e de onde fala. Fica claro que o narrador fala de Hans (nome com o qual o brasileiro não tem familiaridade), de uma ilha, Vig, ao mar do Norte (Norte de onde?) e o tempo e o espaço, embora façam referência à situação de enunciação (“nesse começo de tarde”, “dali”, “agora”, “à direita”, “ali”), pela seleção lexical e pelo uso do verbo no imperfeito (tempo do “mundo narrado”(Koch, 2000:37) ), remete o leitor para um tempo e espaço mítico, instaurando o “vazio”na descrição de Vig e remetendo ao fantástico imaginário a ser confirmado ou rejeitado pelas seqüências narrativas posteriores.

A descrição da ilha, carregada pelas tintas soturnas na categoria do mar, já é um índice dos sentimentos contrastantes provocados pelos elementos da natureza em seus habitantes. Através dos aspectos lingüísticos, situacionais e pragmáticos, vai-se estabelecendo a moldura comunicativa em que enunciatário e enunciado dialogam dentro de uma realidade encenada<sup>3</sup>, criando-se um contexto que é construído a partir das informações textuais que podem ser relevantes para um leitor e não ser para outro. O importante é que na rede de relações o esquema de significados se torne coeso e coerente, e as previsões e regressões viabilizem ou corrijam as hipóteses.

Nesse trecho, o mar, sujeito a variações dos ventos e tempestades, para Hans é cântico solene, desperta os sentidos (“Hans concentrava o seu espírito para a exaltação crescente do grande cântico marítimo”) e sua descrição tem o tom épico que o liga às raízes históricas do povo português. Essa interpretação só pode ser criada se o leitor brasileiro criar um contexto que esteja vinculado a um saber enciclopédico e preveja os intertextos que atravessaram a cultura lusitana.

Talvez para o leitor português, esse seja um contexto mais prontamente estabelecido por ser-lhe culturalmente mais relevante e por estar mais agregado ao inconsciente coletivo do seu povo. Para o leitor brasileiro, certamente, haverá um esforço cognitivo maior e exigirá relações pontuadas por outros saberes.

---

<sup>3</sup> Salomão (1999: 71).

Os contextos são molduras dinâmicas que se estruturam sob as práticas lingüístico-culturais, daí o leitor iniciante não se interessar por leituras que fujam muito do seu universo de experiências, pois fica mais difícil imaginar um cenário que preencha os “vazios” que demandam construções criativas.

Lygia Bojunga ficcionalizou muito bem essa tese ao descrever seus primeiros contatos com a leitura em *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*:

Comecei a achar que aquela história de ler não era uma coisa descomplicada feito descascar uma laranja, pular uma amarelinha, cantar junto a música que tocava no rádio.

E se em vez de ler, liam para mim, aí mesmo é que a coisa não se descomplicava: o meu pai e a minha mãe liam história para mim numa coleção de livrinhos pra criança que tinha lá em casa, tudo impresso em Portugal, e cheio de infantas, estalagens, escopetas, arcabuzes, abadessas rezando vésperas, raparigas na roda a fiar...

O quê?

Como é?

Lê de novo?

Que que é isso?

E quando diziam, é português, não é, minha filha? eu achava tão esquisito! mas não é a língua da gente?

Era.

Bom, mas então esse negócio de ler era um troço bem chato, não era não?

E aí meu tio, que tinha me dado Reinações de Narizinho (e que era um tio que eu adorava), chegou lá em casa e quis saber, então? gostou do livro? Eu fiz uma cara meio vaga.

(...) tirei a coragem não sei de onde e comecei a ler: “Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo...” E quando cheguei no fim do livro eu comecei tudo de novo, numa casinha branca lá no sítio do Picapau Amarelo, e fui indo toda a vida outra vez, voltando atrás num capítulo, revisitando outro, lendo de trás pra frente, e aquela gente toda do sítio do Picapau Amarelo começou a virar s minha gente(...)

.....  
Esse acordar da imaginação começou a mudar tudo.

.....  
Mas o que a minha imaginação queria mesmo era voltar pr’aqule mundo encantado que o Lobato tinha criado, e ficar imaginando o tamanho e a cor da pedrinha que a Emília tinha engolido (e que não era pedrinha coisa nenhuma, era uma pílula falante); (...)

( pp12-13)

Lido o fragmento acima e ligando-o à teoria desenvolvida até aqui, concluímos com uma pergunta: Quem criou aquele mundo encantado, Lobato ou a sua Leitora-Ideal?

### 2.3.2 - Intertextualidade

Terminamos o item anterior apresentando um trecho de uma das obras de Lygia Bojunga a ser analisada. Pelo relato, ela faz-nos conhecer o seu despertar para a paixão pela leitura que começou num processo gradual com Monteiro Lobato – que ela diz ter sido seu primeiro caso de amor - até alcançar outros universos literários e ir constituindo suas faces de sujeito à medida que fazia novas experiências de leitura. Lobato nunca deixou de ser um caso de amor, além de ter sido com ele que se desvirginou como leitora.

E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode revisitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros, com os quais a gente teve um caso de amor. Está tudo ali, retido, seguro, todas as nossas sensações daquele tempo. E não importa que a gente diga, ué, como é que fui me apaixonar por ele? Puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais. Não importa. Ele continua a ser o depositário de toda aquela emoção do passado. (p.29)

*Reinações de Narizinho* foi o concreto que sedimentou novas procuras literárias até dar-lhe competência para outras formas. Esse livro iniciou o eco a que se somaram outros ecos como o grito dos galos que tecem (tessitura/texto) a manhã de João Cabral de Melo Neto<sup>4</sup>.

Segundo Laurent Jenny (1979: 5) “só se aprende o sentido e a estrutura de uma obra literária se a relacionamos com os seus arquétipos – por sua vez abstraídos de longas séries de textos, de que constituem, por assim dizer, a constante.” Ou seja, são os modelos que se transformam em experiência através de uma construção cognitiva que vão ser o “dado” transformado em suporte para o “novo”, sempre resgatado pela memória, mesmo que numa automatização inconsciente.

O leitor atento deve sempre treinar sua capacidade à suspeição para perceber o que na sua produção e/ou recepção é o “dado” e o “novo” e assim ter uma maior ingerência sobre a produção dos sentidos. Podemos perceber esse estado de alerta em Chico Buarque de Holanda em uma entrevista ao jornal O Globo de 06/05/06, Segundo Caderno, p.5:

---

<sup>4</sup> NETO, João Cabral de Melo. “Tecendo a manhã”. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

**O Globo:** Apesar da dificuldade maior em compor, você procura maior sofisticação como compositor. Há uma disposição de buscar essa dificuldade?

**Chico:** Ou então de desconfiar da facilidade. Se a coisa vem fácil demais, é porque de alguma coisa há de se desconfiar. Ela vir fácil pode significar várias coisas: que você já tenha feito aquilo, pode ser plágio. Então, não quero complicar, mas quero evitar a facilidade. (...)

**O Globo:** No DVD do disco você fala que voltar à música é recomeçar do zero. Com a bagagem de canções não seria mais difícil compor, tanto passado, tanta referência?

**Chico:** Certamente, já que a impressão é de que já esgotei todos os assuntos e os temas musicais. Mas o fato de ficar tanto tempo sem pegar o violão, sem compor, também tem essa vantagem, você não está com a mão viciada, você não vai naturalmente aos caminhos que ia antes, já não tem mais a memória dos dedos.

Palavra escrita, palavra marcada a aço e a fogo. É possível recomeçar do zero? Certamente não e Chico sabe disso, daí ter se explicado melhor: como a música (som) também é um texto, seu distanciamento permitiu que a memória de seus dedos não ficasse viciada no mesmo, mas não impediu que ele **recriasse** o mesmo.

Temos em nossa mente os domínios cognitivos mais ou menos departamentalizados por categorias conceptuais com propriedades prototípicas e periféricas. Dependendo das nossas intencionalidades e do contexto que é relevante para uma dada situação, vamos engendrar outras realizações num espaço mental de mescla e dar uma roupagem nova ao já conhecido, fruto também de variações pela agregação de novas experiências que resultam em uma nova estrutura compósita. É por isso que a intertextualidade, a interdiscursividade e a metáfora serão constitutivas do processo de compreensão e atribuição de sentidos e obedecem a uma mesma matriz esquemática.

Toda obra literária está, pois, inserida num sistema cuja rede se mantém pela disposição dos textos que circulam na cultura e vão estar em relação para facilitar a desambiguação dos sentidos. Assim sendo, a intertextualidade é um fenômeno verificável tanto na forma quanto no conteúdo e pode ser base para determinados gêneros como a imitação, a paródia, a citação, a montagem, o plágio, etc., gêneros esses que se relacionam em duplicidade: com a obra em que se espelham e com todas as outras obras que são do seu gênero específico.

Muito embora nesses gêneros textuais a intertextualidade seja verificável explicitamente, ela vai precisar, na maioria das vezes, de um olhar mais crítico para apreender o trabalho de assimilação e transformação que o autor afetado, consciente ou inconscientemente, vai criar com a marca da sua personalidade.

### 2.3.2.1 - Intertextualidade e metáfora: seus caminhos cruzados

Para direcionarmos o conceito de intertextualidade como uma projeção, um mapeamento de um texto em outro texto, precisamos assumir uma definição de texto (apesar da polêmica gerada por tal conceito) que, para nós, possui limites não discretos e apresenta membros ou propriedades prototípicas e periféricas<sup>5</sup>. Parece-nos que esse encaminhamento pode albergar definições como as de:

1) **Julia Kristeva**, para quem texto “é sinônimo de ‘sistema de signos’, quer se trate de obras literárias, de linguagens orais, de sistemas simbólicos sociais ou inconscientes”.<sup>6</sup>

2) **Halliday e Hassan** que “definiram o texto como uma unidade semântica: ‘Um texto é mais bem pensado não como uma unidade gramatical, mas antes como uma unidade de tipo diferente: uma unidade semântica. A unidade que o texto tem é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que expressa o fato de que ele se relaciona como um todo com o ambiente em que está inserido’ (1976:293). Insistindo, por outro lado, no fato de que um texto não se define absolutamente por seu tamanho (uma frase proverbial, uma máxima ou vários volumes são textos do mesmo teor que ‘Proibido fumar’ ou ‘Vende-se’), relativiza-se a questão da frase como unidade de base da textualidade”.<sup>7</sup>

3) **Ingedore Villaça Koch** (2000: 22) diz que texto é “uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros na interação, não apenas a apreensão dos conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais”.<sup>8</sup>

Com base na teoria do protótipo, o texto como uma construção lingüística seqüenciada de frases, períodos e parágrafos faz parte da categoria como membro mais prototípico, enquanto as definições acima são membros mais periféricos, colocados aqui numa ordem decrescente em relação ao protótipo (a de Kristeva é a mais periférica).

<sup>5</sup> Julgamos, pela linha de raciocínio que queremos seguir, que texto é uma categoria de limites imprecisos e dinâmicos e apresenta membros (ou propriedades) mais prototípicos e outros mais periféricos. A teoria do protótipo será desenvolvida no terceiro capítulo.

<sup>6</sup> KRISTEVA, J. La Revolución du langage poétique, Seuil, 1974, p.60. Apud JENNY, Laurent. (1979:13)

<sup>7</sup> HALLIDAY, M. <sup>a</sup> K. & HASAN, R. Cohesion in English, London: Longman, 1976. APUD CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário da Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

<sup>8</sup> KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: contexto, 2000

Por outro lado, não há texto sem discurso, já que é no texto, seja qual for a sua natureza, que o discurso se manifesta. O discurso estaria para o texto assim como a enunciação para o enunciado.

Vista a posição adotada, em relação à definição de texto, vamos seguir a orientação de Koch para intertextualidade, concebendo-a sob a distinção de “intertextualidade em sentido amplo” e “intertextualidade em sentido restrito” (2000: 47) Esta distinção é a mesma que vários teóricos fazem entre intertextualidade e interdiscursividade cujo conceito abriga-se sob a perspectiva da Análise do Discurso.

Em princípio, não podemos deixar de concordar com Adam(1999:39)<sup>9</sup> que “o discurso é concebido como a inclusão de um texto em seu contexto(=condições de produção e recepção)”

Fiorin (1999: 34) faz uma distinção entre intertextualidade e interdiscursividade que, de certa maneira, converge para a distinção que faz Koch. “A interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, pois ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta”

Pelos motivos expostos, acreditamos que a intertextualidade é um processo de projeção de um texto sobre outro texto carregando não somente suas referências, mas também todas as leituras culturais e ideológicas que se instauraram naquele texto transplantado. Ainda seguindo essa linha de raciocínio, julgamos que a metáfora conceptual, estudada no capítulo a seguir, como projeta propriedades de um domínio-fonte para um domínio-alvo e cada domínio encerra experiências físicas, corpóreas e culturais, projetando as experiências mais concretas sobre as mais abstratas, (a metáfora) transporta texto de um domínio para outro. Daí ser possível traduzirmos lingüisticamente tempo como dinheiro da seguinte forma: *Não posso gastar tempo com você, Meu tempo é valioso, Preciso poupar tempo nessa tarefa.*

Segundo Lakoff & Johnson (2002), a metáfora conceptual não é lingüística, mas se manifesta lingüisticamente. Ela é engendrada no pensamento e, segundo supomos, ela só pode se formar como conceito, na medida que ela apreende as nossas experiências físicas, corpóreas e culturais no universo de sentidos que atribuímos às ações e aos pensamentos na nossa interação com o mundo. Não associamos tempo a dinheiro fortuitamente, ele é um bem valioso em nossa cultura.

---

<sup>9</sup> ADAM, J. M. Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes, Paris: Nathan, 1999. Apud CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário da Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004: 1

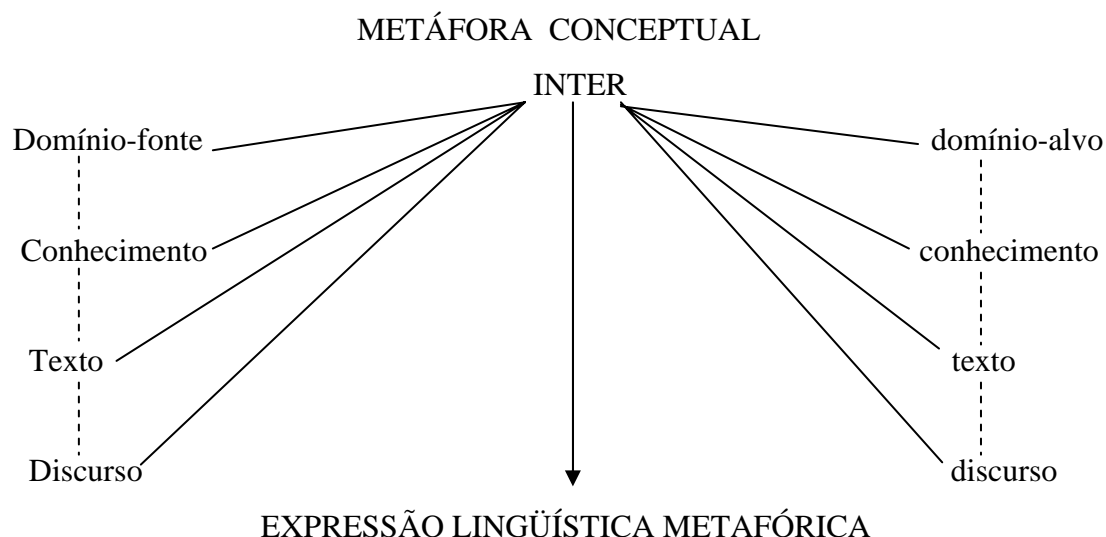


Devido à forma pela qual o conceito de trabalho se desenvolveu na cultura ocidental moderna, em que o trabalho é normalmente associado ao tempo que toma, e ele é quantificado com precisão, tornou-se hábito pagar as pessoas pela hora, semana, mês ou ano. Em nossa cultura TEMPO É DINHEIRO de muitas formas: unidades de chamadas telefônicas, pagamento por hora, taxas diárias de hotel, orçamentos anuais, juros sobre empréstimos e pagamento de dívida para com a sociedade através do tempo de serviço. Essas práticas são relativamente novas na história da humanidade e não existem em todas as culturas. Elas surgiram nas modernas sociedades industrializadas e estruturam profundamente nossas atividades cotidianas básicas. (Lakoff & Johnson, 2002: 51)

Só conceptualizamos tempo como dinheiro depois de resignificarmos e cruzarmos os textos que conceptualizam tempo e os que conceptualizam dinheiro em nossa cultura. Esse textos foram assimilados, adaptados e transformados para gerarem as metáforas lingüísticas listadas (*Não posso gastar tempo com você, Meu tempo é valioso, Preciso poupar tempo nessa tarefa*)..

A metáfora é o resultado de uma projeção de propriedades entre domínios que agregam as experiências, os conhecimentos, os textos, os discursos e vozes que cruzam a cultura.

Ela também é um reflexo do caráter dialógico (entre textos e discursos) e polifônico que é constituidor da linguagem. Observe-se o esquema:



Nesse trabalho, consideramos a metáfora, assim como a intertextualidade / interdiscursividade / polifonia, exemplos significativos do funcionamento do processo

de interpretação, pois não são fenômenos revestidos de excepcionalidade, somente apreensíveis em usos raros de linguagem. Vão estar presentes tanto na literatura (abrindo “vazios” para a construção subjetiva do sujeito), quanto nas nossas interações mais cotidianas, pois “escusado é dizer que qualquer leitura pressupõe uma teoria acabada do sujeito<sup>11</sup> e da sua relação com o social, o que ultrapassa em geral a ambição do poeticista.”<sup>12</sup>

Tais fenômenos não refletem uma miscelânea de textos que se cruzam, mas um processo de assimilação e recriação de vários textos e vozes que serão absorvidos por um texto no qual o sentido se centraliza.<sup>13</sup>

O que torna ainda bastante fluida tais asserções é a definição de texto dentro dos limites canônicos, visto ser sua própria denominação uma metáfora que abraça leituras polissêmicas.

Se aceitamos que um texto não é um sistema fechado, não é auto-suficiente, podemos reconhecer que o escritor (o produtor do texto), que também – ou antes de tudo – é leitor, vem carregado de influências várias, de múltiplas citações. Nós, autores, somos resultado de várias leituras. De alguma forma tudo já foi dito; cabe a nós outros saber redizer. Que tenhamos competência lingüística – e intertextual – para fazê-lo com “engenho e arte” (Valente, 2002:192)

### 2.3.2.2 - Intertextualidade em sentido restrito

Partindo-se do pressuposto, junto com Jenny (1979:14), de que “propomo-nos falar de intertextualidade tão só desde que se possa encontrar num texto elementos anteriormente estruturados, para além do lexema, naturalmente, mas seja qual for seu nível de estruturação”, vamos adotar a divisão de Kock (1999: 46-50) que considera a interdiscursividade um caso de intertextualidade em sentido amplo e estabelece a distinção chamando a intertextualidade propriamente dita de restrita.

Para ela, a intertextualidade em sentido restrito vai se estabelecer na relação de um texto com outro ou outros já existentes. A intertextualidade, assim expressa, vai ser

---

<sup>11</sup> Uma teoria acabada do sujeito para uma determinada e específica leitura, isto é, para cada significância abre-se um espaço de mescla emergido de um sujeito que se posiciona diante das alternativas relevantes para um dado contexto.

<sup>12</sup> KRISTEVA, J. *La Revolución du langage poétique*, Seuil, 1974,p.60 Apud JENNY, Laurent. (1979:13)

<sup>13</sup> No caso da metáfora, o texto centralizador é a metáfora lingüística conceptual que se materializará em texto a partir das contribuições interdiscursivas e intertextuais que vão dar forma no pensamento à metáfora conceptual. Veremos o estudo das metáforas conceptuais convencionais ou literárias no terceiro capítulo.

fundamental para a produção e a recepção de um texto e pode ser de diferentes naturezas:

- De conteúdo e de forma (não há intertextualidade absoluta de forma): textos científicos da mesma área, entre matérias de jornais em que um dado assunto é focado num único dia, ou matérias de um mesmo jornal sobre um mesmo assunto, textos literários pertencentes a uma mesma escola ou a um mesmo gênero. A paródia, por exemplo, se relaciona quanto ao conteúdo com o texto que está parodiando e quanto à forma com todos os outros textos parodísticos.

Nesta pesquisa, por ser uma tese de Língua portuguesa, que procura se aproveitar de teorias de diferentes linhas para atingir o objetivo que se pretende (no caso, uma convergência de teorias que possam maximizar a compreensão), praticou-se fartamente a intertextualidade de conteúdo, como, por exemplo, trazendo os princípios da estética da recepção para a semântica cognitiva.

- Explícita e implícita : ela é explícita quando há referência da fonte do intertexto e é implícita quando não há essa referência e cabe ao receptor recuperá-la de memória ao reconstruir o sentido do texto.

Nos dois contos de Sophia de Mello Breyner Andresen, estudados nesse trabalho, podemos diagnosticar no primeiro conto *História da Gata Borracheira*, uma intertextualidade explícita que remete diretamente o leitor para as ligações entre o tema e as figuras comuns ao conto de fadas que dá título ao conto e ao novo texto no qual vai se operar o sentido. Em *Saga*, a intertextualidade é implícita, pois a narrativa se constrói sob a temática e a figura bíblica do retorno à casa paterna, sentido só recuperado se o leitor tiver conhecimento enciclopédico para estabelecer a relação.

- Das semelhanças e das diferenças : na primeira o intertexto é usado para reforçar a tese que se pretende defender, enquanto na segunda ele é usado como apoio para contradizer o que se quer declarar.

Nos contos citados acima, *História da Gata Borralheira* e *Saga*, os intertextos são assimilados, recriados e vão estabelecer com o texto-base uma construção de tese oposta, isto é, as personagens nos dois contos não realizam a missão mitológica de felicidade eterna (a “Gata Borralheira” paga com a morte o triunfo de se tornar “princesa” e o filho nunca é perdoado pelo pai, apesar de ter vencido todos os obstáculos que lhe apareceram).

- Interna, externa e atribuída a um enunciador genérico: a interna é quando o intertexto pertence ao próprio autor do enunciado; a externa é quando se refere a um texto alheio (é a mais comum de se encontrar) e a última provém do repertório de uma comunidade, como no caso dos provérbios, ditos populares e saberes comuns a uma coletividade.

No início da narrativa *Fazendo Ana Paz*, há uma intertextualidade interna e explícita quando o narrador-Autor alude a um personagem de uma outra história criada por ele. O personagem é Raquel e o livro é a *Bolsa Amarela* e o intertexto serve a um propósito: mostrar as diferenças no processo de criação.

Quanto à intertextualidade externa, chega ser abusiva em *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*, quando a narradora fala sobre seus livros e autores preferidos. Aliás a narrativa base usa o intertexto externo para se autoconstruir.

O intertexto atribuído a enunciador genérico vai ser fartamente encontrado em uma narrativa como *Chuva Pasmada*, permeada por saberes ligados à africanidade, um saber ancestral dos anciãos sobre os espíritos da natureza:

“No poente, vimos o avô, o meu pai e os meus tios se encaminharem para o pátio do régulo. Assunto de chuvas é da competência dos deuses. È por isso que existem os samvura, os donos da chuva. São eles que falam com os espíritos para que estes libertem as águas que moram nos céus.” (p. 9)

Segundo André Valente (2000, pp: 82,83) a intertextualidade externa e implícita é a mais usada nas relações de significado pelo jogo intertextual. Tal pesquisa acrescenta um dado relevante para o observador atento às manifestações lingüísticas, visto que há sempre uma intencionalidade do produtor textual ao tentar uma parceria

com o receptor, valendo-se do conhecimento de mundo e de outros textos introjetados por este.

Fiorin (1999: 29 - 36), prega a distinção entre texto e discurso<sup>14</sup> para trabalhar a interdiscursividade e a intertextualidade. Diz que este último conceito se realiza através de três processos : a citação (“pode confirmar ou alterar o texto citado”), a alusão (“ não se citam as palavras (ou quase todas), mas produzem-se construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, sendo que todas mantêm relações hiperonímicas com o mesmo hiperônimo ou são figurativizações do mesmo tema”), e a estilização ( “reprodução do conjunto dos procedimentos do ‘discurso de outrem’, isto é, do estilo de outrem”)

Em *História da Gata Borralheira*, há o processo de citação no título com alteração: intertexto (Gata Borralheira) e texto-base (História da Gata Borralheira). Há processo de alusão em que certas figuras são substituídas por outras, mantendo, porém, vínculo com as figuras do intertexto: (“Lúcia tinha dezoito anos e era este o seu primeiro baile. Tinha vindo com a tia que era sua madrinha”). E ainda a estilização: no intertexto o príncipe devolve o sapato perdido à Gata Borralheira que então vira princesa (adquire o poder). No texto base, Lúcia (a Gata Borralheira) perde o sapato valioso com que chegara ao baile. O homem que surge não lhe dá o poder, mas tira-lhe e ela morre.

Era um homem de bela aparência e de ar exacto e brilhante. Tudo nele mostrava inteligência, poder, posse, domínio.

Inclinou-se ligeiramente, com ar amável, segurou o braço de Lúcia e disse:

- Vamos para a varanda.

.....  
- O que é que tu queres de mim agora?

- Quero o sapato do teu pé esquerdo.

- O sapato?

- Sim, o teu sapato.

- Não, não, não! – gritou Lúcia. – O sapato é meu. Ganhei-o. Fui eu que o ganhei. É o trabalho da minha vida inteira. É a minha vida.

- Dá-me o teu sapato, Lúcia.

Lúcia recuou com terror e disse:

- Não, o sapato, não.

.....  
E dizendo isto o homem estendeu-lhe na mão um sapato.

---

<sup>14</sup> Para Fiorin, no discurso a construção do sentido se faz através de um enunciador que no enunciado expressa os mecanismos da enunciação revestidos por temas e/ou figuras, modalizados espacial, temporal e actorialmente . Por outro lado, é no texto que os sentidos se manifestam e se dão a ler. “É o lugar da relação entre imanência e manifestação.” (1999: 30)

Era um sapato de salto alto, forrado de seda azul, velho, miserável, esfarrapado.

Lucia quis fugir mas seu corpo estava rígido e ela não pôde mover nenhum dos seus membros. Quis gritar mas a sua voz estava muda.

O homem inclinou-se, tirou-lhe do pé o sapato de brilhantes e calçou-lhe o sapato de farrapos. (pp. 42 –43).

### 2.3.2.3 – Autotextualidade

Segundo Lucien Dällenbach (1979), o termo autotextualidade aponta para um desdobramento da narrativa em pelo menos dois planos: o da narrativa propriamente dita e a reflexão sobre esta que funciona como uma *meta-significação*. Laurent Jenny também justifica essa técnica como “engaste”, ou seja, “narrativas dentro da narrativa”, produzindo relações semânticas metonímicas e metafóricas.

Achamos particularmente interessante trazer essa técnica intertextual, porque ela explica a estratégia narrativa usada em *Fazendo Ana Paz*.

É a reflexão sobre as estratégias de construção de um personagem e toda a elaboração criativa do fazer literário que vai dar abertura para aparecer a história da personagem Ana Paz. Por sua vez, a personagem vai ser criada em fragmentos temporais, trazendo para o leitor as diferentes fases da vida (Ana Paz-menina, Ana Paz-moça, Ana Paz-velha), criando um enigma metonímico pela relação de contigüidade, só decifrável no adiantado da história (quando a unidade da personagem é resgatada) e também um enigma metafórico quando a personagem em construção pela narrador-Autor se resolve e toma forma, mesmo que imperfeita (metáfora literária com viés conceptual ontológico: somos matéria cuja forma é moldada pelo Outro, no social, no cultural e no histórico), tornando-se o personagem para o qual desde o início estava destinada.

Tanto o texto metaliterário (processo de criação) quanto o outro texto engastado (a história de Ana Paz) são literaturas que rompem com o segmento narrativo, contestando a cronologia histórica. Além dos três planos temporais narrativos, há o plano da enunciação que nada mais é que uma encenação relacionando os fragmentos narrativos numa unidade diegética.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> “Estendida à narratologia geral, esse termo recobre, para além dos universos ficcionais, a história contada como conteúdo e mais amplamente o mundo que propõe e constrói cada narrativa: o espaço e o tempo, os eventos, os atos, as palavras e os pensamentos dos personagens. O universo diegético de uma narrativa é interpretativamente construído pelo leitor/ouvinte a partir do que está dito e do que está

E aí eu comecei a rasgar a Ana Paz. Pra nunca mais (nunca mais, tá me ouvindo, Ana Paz? NUNCA MAIS!) eu sofrer a tentação de continuar escrevendo ela.

- .....
- Desculpa, Ana Paz, mas não dá.
  - O quê?
  - Você não ficou resolvida.
  - Ora, não me vem com isso, quem é que fica *resolvido*?
  - Quem? Muitos personagens, ué. Eu acabei de fazer um livro: tudo que é personagem ficou resolvido.
  - Pra quem? Pra você? Pra eles? Pra quem te lê?
  - Pra mim, é claro! Se sou eu que faço eles, eles têm que ficar resolvidos pra mim! E você não foi resolvida.
  - Problema meu.
  - Meu, meu!! Escuta, Ana Paz, tem buraco na tua história, tem página riscada, tem página cheia de anotação do que você vai ser, e tem muita página em branco do que você não foi: então você não tá sentindo que eu não consegui te fazer inteiriça?
  - E precisa?
  - Então não precisa?! Então você não precisa dum pai pra viver? Tudo que é tentativa que eu fiz pra levantar o teu pai resultou num Pai medíocre, e você sabe muito bem, Ana Paz: ele não pode ser um pai medíocre.
  - Mas pera aí! Você me deu uma infância, me fez gostar tanto do meu pai, medíocre ou não a gente se ligou forte! E você me levou pra adolescência, e você me fez viver 80 anos até começar um projeto novo de vida, meu deus, tanta coisa! E tudo tão difícil de ser vivido, de ser vencido! Mas mesmo assim você quer me rasgar?!
  - Você não tá resolvida, vê se entende!
  - Mas por que que eu não posso ser assim mesmo?
  - Assim mesmo o quê?
  - Assim não resolvida, feito você diz, descosturada, mal acabada, tanto pedaço de mim rasgado (sabia que você me rasgou demais?). Você sonhou pra mim uma vida toda bem feita, só que tua idéia não deu certo e eu fiquei desse jeito. Mas por que que você precisa rasgar o que eu fiquei? Por que que você não pode me contar pros outros assim? Desacertada, inacabada, esperando a luz que, um dia, vai se acender (ou não) em tudo que é pedaço que eu tenho de escuridão? Puxa vida! Eu nasci pra viver num livro! livre! (você sabe tão bem quanto eu que não tem nada mais livre que um livro); já chega o tempo que eu fiquei numa gaveta, já chega o tempo que eu fiquei na tua cabeça: tudo tão fechado, tão cheio de complicação. Eu quero ir lá pra fora!!
- E hoje ela foi.

Rio, abril de 1991.

(pp 84 – 87)

O leitor diante dessa estratégia precisará de certa competência literária para perceber que a intertextualidade é um diálogo de um texto com outros textos que se distanciam em relação à produção, mas é também um diálogo de textos que são auto-referentes e pertencem ao mesmo universo diegético.

...os fragmentos textuais vão jogar com a sua ambigüidade, e vão lançar para o contexto um feixe de virtualidades combinatórias. Em qualquer dos casos, o fragmento intertextual

tem tendência para se comportar não como uma narrativa no seio de outra narrativa, mas como uma palavra poética na sua relação com o contexto, com tudo que isso significa de variações estilísticas, de incontrolável, de inadequação (Jenny, 1979: 35)

Os discursos veiculados pelo texto literário são, em sua natureza, heterogêneos, dialógicos, polifônicos e, tanto no jogo enunciativo, quanto no jogo metafórico, representante do nosso sistema conceptual, vão estar presentes a imagem, a figuratividade que se reconhecem nos modelos culturais, no convencional e no “já dito” herdando um conhecimento que vai dar base para ousar novas criações.

É essa relação dialogal entre o novo e o dado, entre o literário e o metaliterário e a interação entre as diferentes vozes projetadas em um discurso que vai constituir a intertextualidade em sentido amplo (interdiscursividade) e em sentido restrito. “Com efeito, sob um texto ou um discurso ressoa outro texto ou outro discurso; sob a voz de um enunciador, a de outro”. (Fiorin, 1999:34).

#### **2.3.2.4- Intertextualidade / Interdiscursividade / Polifonia**

Se retornarmos à seqüência de desenvolvimento desse trabalho, lembraremos que a língua é um sistema marcado por realidades histórico-culturais, é constituída pela memória dos usos em cuja diversidade vigoram vozes que embutem além dos proferidores, as condições de proferimento, constituindo virtualidades para se fazerem ouvir em circunstâncias diversas e servirem de esteio para a produção e interpretação de novas representações.

A língua, como diassistema comporta inúmeros outros sistemas prenes de “micromundos, quadros, cenários - culturais, sociais, religiosos, regionais, ideológicos, profissionais, etários e outros – que ficam plasmados e memorizados nas unidades lingüísticas”. (Fonseca, 1991: 276)

É a agregação de todos esses elementos ao sistema que vai dar forma aos discursos que por natureza são polifônicos e dialógicos. Dialógicos porque todo discurso pressupõe uma interação entre o EU e o Tu que faz emergir a alteridade e a intersubjetividade, não podendo, portanto, ser um sistema fechado, pois é um lugar de troca e relações polêmicas ou contratuais. Essa relação entre Eu e o Tu pode remeter a interação verbal propriamente dita, às relações de persuasão e de interpretação que se



estabelecem entre Leitor-texto - conforme temos visto até aqui - ou ao diálogo entre os muitos textos de uma dada cultura.

Para alguns teóricos, polifonia é diferente de dialogia, já que a última é constitutiva da linguagem, enquanto a primeira pode se opor a texto monofônico (como é o caso do discurso autoritário). Para este trabalho a oposição não é relevante, pois o texto monofônico apenas mascara a presença de outras vozes, abafa-as, mas acreditamos que ela se faz presente pelo seu silenciamento. Por outro lado, o nosso centro de interesse é o texto literário que é essencialmente polifônico e dialógico.

O universo literário é um depósito da multifuncionalidade da língua onde se instalam as vozes sociais, onde interagem emissor-receptor travestidos de autor implícito, narrador, narratário, onde dialogam os textos circulantes. Por esse motivo, ele será sempre uma estrutura inacabada, sempre sujeito à travessia de novos discursos e agregador de novas vozes.

Todos os contributos que o conceito de dialogismo e de polifonia trouxeram para os estudos lingüísticos e literários – sem falar em outras áreas do saber como a psicanálise, a filosofia, a sociologia – são dívidas que os atuais pesquisadores mantêm com os estudos feitos por Mikhail Bakhtin que, embora não tenha sido o precursor<sup>14</sup>, a partir das suas publicações, inaugurou um novo olhar para os aspectos do significado, e diferentes vertentes foram surgindo.

Ele toma como *corpus* básico para suas pesquisas a obra de Dostoievski que inaugura o romance polifônico em oposição a uma outra categoria, o romance monológico, cujas personagens espelham a visão de mundo do autor, daí os discursos serem ideologicamente monovalentes, sem ambigüidades, características comuns, também, aos discursos autoritários. Por outro lado, nos polifônicos, os personagens possuem uma voz autônoma, plurívoca, e vai haver tantos pontos de vista quanto forem os personagens, que não expressarão a voz do autor, sendo, assim, um discurso mais dialético e, conseqüentemente, dialógico, com entrada para o múltiplo, a polêmica.

Ainda que o dialogismo se infiltre na filosofia de vida, na política e na visão de mundo, é na linguagem que Bakhtin vai centrar suas investigações.

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente nossa voz, esquecendo de quem são; com outras, reforçamos as nossas

---

<sup>14</sup> Segundo Edward Lopes (1999: 79) Bakhtin foi influenciado pelos formalistas (e nunca deixou de ser um deles) que “primeiro teorizaram na Europa a relação da obra e do discurso com o seu outro, com a outra obra, com o discurso oposto, como constitutiva da produção da mensagem”

próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas. (Bakhtin, PPD, 1981: 169)

Ao trazer para a transparência a prática dialógica entre os muitos textos que habitam um texto-matriz e as vozes sociais e ideológicas presentes nos discursos, deixa patente a primazia do intertextual sobre o textual e coloca em cheque a questão autoral em sua forma mais primária, já que

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta de aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de interpretações de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada. Por isto, a orientação da palavra entre palavras, a sensação distinta da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalingüístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada. (Bakhtin, PPD, 1981: 176)

Um texto abarca vários outros textos e, ao se inserir num novo contexto, sofre um processo de ressemantização, mas mantém vínculos associativos trazidos da memória e capazes de despertar as projeções respaldadas pela experiência, provando, assim que nenhum texto é inédito, nem mesmo as metáforas literárias mais inusitadas.

Os estudos de Bakhtin, depois de mais de setenta anos, continuam servindo de base para as pesquisas atuais sobre os estudos lingüísticos e vários teóricos dialogam com sua obra num inesgotável projeto inconcluso, porém sempre produtivo. Seu pensamento não aceita rótulos dentro das categorias do campo do conhecimento, daí ser difícil classificá-lo como lingüista, teórico da literatura, analista do discurso, especialista em estética ou filósofo, todavia comprova-se, hoje, a pertinência de seus temas para o processo de produção e recepção textuais.

### 2.3.3 – Mesclagem de vozes<sup>15</sup>

Assim como vimos que não há texto criado por um ineditismo adâmico, a todo momento, neste trabalho, propomo-nos a refletir sobre a continuidade teórica que existe na ciência e no pensamento humano. É por isso que veremos no capítulo a seguir que ainda se pode pensar em metáfora com enfoque conceptual remetendo, em alguns aspectos, para a metáfora estudada por Aristóteles.

Esse é um trabalho de língua portuguesa com o objetivo de repensar os processos de compreensão, principalmente através da metáfora e da intertextualidade, e checar, no *corpus*, os entraves que possam dificultar a leitura de textos de língua portuguesa produzidos em culturas distintas. Para isso, nos baseamos, principalmente, nos fundamentos da semântica cognitiva que, estamos convencidos, constrói a autonomia nos processos de compreensão; porém, não descartamos qualquer outra teoria que pudesse estabelecer um *continuum* para a linha de raciocínio a que queremos chegar. Esse é um trabalho de língua que optou por estar em fronteiras: Língua, Lingüística e Literatura.

Sendo assim, trazemos, mais uma vez, a contribuição de pesquisas mais recentes sobre polifonia, sem deixar de mostrar o liame com teorias anteriores e estabelecer as linhas fronteiriças por onde caminhamos.

Sabemos que a língua (e isso constatamos no primeiro capítulo dessa tese com a língua portuguesa) é um espaço de “mesclas nunca inteiramente resolvidas e homogeneizadas de dialetos, socioletos, jargões, normas e registros diversos” (Lopes, 1993:91), numa heterogeneidade que vai ter como consequência a “multidiscursividade da língua”, derivando a “multitextualidade do discurso”. Esta faceta assinala o caráter dialógico da língua que Bakhtin trouxe para a discussão acadêmica, agregada ao discurso polifônico em que vozes contratuais ou antagônicas marcam o pensamento construído e o discurso produzido.

Interessa-nos, agora, agregar os conhecimento desenvolvidos por Valéria Chiavegatto, junto ao Grupo de Pesquisa Gramática, Interação e Cognição (UFJF, UFRJ, UERJ e UGF), sob a Coordenação geral de Maria Margarida Martins Salomão, para trazer à tona os mecanismos cognitivos da mescla de vozes dentro dos espaços

---

<sup>15</sup> Como o trabalho se baseia nos fundamentos da Semântica Cognitiva, privilegiamos os estudos desenvolvidos por Valéria Chiavegatto e, por conseguinte, adotamos a maior parte dos teóricos em que ela se baseou, já que são os mesmos que sustentam nosso enquadre teórico.

mentais, aproveitando a teoria desenvolvida por Fauconnier (1985), Turner (1998), Fauconnier & Turner (1996,2000), Brandt (2001) - estudada no capítulo 3 desse trabalho - e outros teóricos ( Redecker e Sanders (1996)<sup>16</sup> para o estudo sobre perspectivação e Genette(1972)<sup>17</sup> para conceito de focalização) que Chiavegatto elegeu para dar consistência a sua pesquisa.

Vimos que o texto literário é um espaço em que relações de persuasão e de interpretação são estabelecidas entre leitor-texto, portanto se firma, também, sob os alicerces das situações pragmáticas da comunicação. Nesse espaço, os sujeitos do discurso (narrador e narratário) interagem, ora como senhor do seu próprio discurso (num processo de silenciamento de outras vozes), ora mesclando outras vozes que estão arquivadas em seus domínios cognitivos. Essas vozes, porém, antes de serem concretizadas em discurso, são processadas pelo ponto de vista do sujeito, ou seja, pelo seu modo de “‘perspectivar’ os fatos que apresenta ou as opiniões que manifesta”(Chiavegatto, 1999:98), e, conforme sejam suas escolhas gramaticais, vai produzir um discurso aparentemente autoral que precisa ser desmascarado pelo leitor.

Voltados para uma intencionalidade na ativação dos sentidos, os sujeitos vão fazer uso, nas suas construções lingüísticas, do conhecimento léxico-sintático, do conhecimento de mundo, conseqüentemente, de outras vozes, que serão importados dos seus arquivos memoriais (os domínios) para serem estruturados parcialmente (de acordo com a relevância contextual) e configurados num discurso ressemantizado, logicamente, camuflado.

É preciso um intérprete que tenha percepção de como se dá o processo para que o mascaramento se desvele a partir dos enunciados lingüísticos provenientes dos espaços mentais abertos no acionamento das projeções entre domínios, deixando vozes e conhecimentos se ligarem em rede para dar conta de qualquer situação significativa. Se o intérprete compartilha os mesmos conhecimentos e circula no mesmo universo de vozes, mais facilmente pode perceber as vozes implícitas agora perspectivadas pelo enunciadador num novo texto resignificado. Se, porém, os conhecimentos e vozes são dados novos, vai ter que fazer relações com seu conhecimento enciclopédico, praticar

---

<sup>16</sup> SANDERS, José & REDEKER, Gisela. Perspective and the representation of speech in narrative discourse. In: FAUCCONNIER & SWEETSER. Spaces words and grammar. Chicago: Chicago Press, 1996: 290-317.

<sup>17</sup> GENETTE, G. Figures III. Paris: Seuil, 1972

inferências para perceber as possíveis perspectivações<sup>18</sup> do emissor e poder chegar, num sentido inverso ao da construção, à descoberta da polifonia instalada no texto depois de processada, com um outro ponto de vista, no espaço de mesclagem.<sup>19</sup>

... ao pesquisarmos como múltiplas vozes se incorporam à voz dos sujeitos que produzem os enunciados nas interações em tempo real, estaremos contribuindo para o entendimento de como processos cognitivos e lingüísticos interagem, pois estaremos diante de fenômenos que estão profundamente imersos nas relações entre cognição, linguagem e interação. (idem: 98)

O esquema que explica o processo de mesclagem está configurado no capítulo 2, item 2.1 (Leitura e cognição) e vai ser retomado no capítulo 3, item 3.3.1.6 (Novas contribuições ao modelo de Lakoff e seus colaboradores: a teoria da integração conceptual ou mesclagem) e, segundo Chiavegatto (1999:104), citando Fauconnier (1996: 149), é uma “operação que permite explicar uma série de fenômenos lingüísticos”, inclusive a assunção de outras vozes pelo sujeito discursivo em novos arranjos criativos (sob uma perspectiva própria), exteriorizando, como concluímos, uma voz traduzida por um mascaramento autoral, da mesma forma que são engendrados os nossos pensamentos traduzidos em linguagem.

Quando nesse espaço de reflexão teórica o sujeito enunciador (no caso, a autora desse trabalho) traz para sua fala outras vozes de autoridade que, de alguma maneira, trazem mais legitimidade a sua voz e preservam a sua face, ela o faz com alguns indicadores lingüísticos, os introdutores do espaço mental – os space builders, como denomina Fauconnier(1994) - (e.g. ...segundo Chiavegatto, citando Fauconnier...), indicando claramente que faz uso da voz do outro. Por outro lado, quando ela faz uso da voz de autoridade sobre este mesmo assunto, sob uma perspectiva pessoal, as marcas polifônicas têm de ser recuperadas por inferência., já que não haverá introdutor de espaço mental. Ela selecionará os conhecimentos relevantes de um outro domínio armazenado em sua memória, mas que, ao ser mesclado com alguns outros

<sup>18</sup> “Perspectiva é a introdução de um ponto de vista subjetivo que restringe a validade da informação apresentada a um sujeito particular (uma pessoa) no discurso. Um segmento do discurso é perspectivado quando seu contexto relevante de interpretação é limitado por uma pessoa, embebido no espaço que contém a realidade do narrador.” ( Sanders e Redecker, 1996, p. 293)

<sup>19</sup> “Ao analisarmos os “Introdutores dos espaços mentais em relatos de opinião em português” (Projeto CNPq 1995-1997) percebemos que, na configuração dos espaços mentais que estruturavam parcialmente a construção dos argumentos com os quais as opiniões eram expressas, informações importadas de outros espaços mentais e de múltiplos domínios cognitivos apareciam intercruzadas. Com frequência, os espaços mentais que se estruturam a partir desses entrecruzamentos revelam-se resultantes de “conceptual blendings’ que, em português, traduz-se por **mesclagem**.”(Chiavegatto, 1999:99)

conhecimentos (também relevantes para seus objetivos) sobre mesclagem de voz, vai criar um discurso autoral camuflado e as vozes de autoridade estarão implícitas, precisando de um leitor que partilhe do mesmo conhecimento para reconhecer o que é do outro (e não dela) com uma nova roupagem.

### 2.3.3.1 - O processo cognitivo da mesclagem

Chiavegatto(1999), traz Fauconnier e Sweetser (1996)<sup>20</sup> para explicar que

o sujeito (EGO1) embute em sua voz (ENUNC1) outra(s) voz(es) (ENUNC 2) para construir sua argumentação, ele o faz a partir do ponto de vista – seu enquadre (ENQ1) sobre a situação que constitui o conteúdo de sua comunicação. Ao embutir a voz (ENUNC2) de outro sujeito (EGO2) em sua voz (ENUNC1), importa, também, a perspectiva (ENQ 2) com que o outro sujeito enfoca os fatos aos quais se referem.

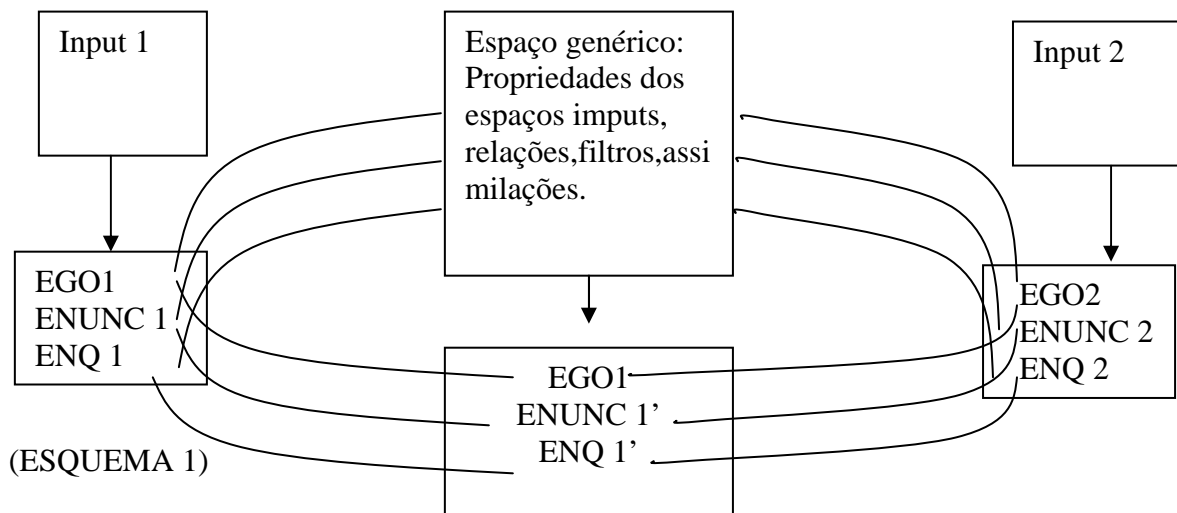
Nesse processo de transporte de vozes, ficam marcadas na superfície discursiva, através da representação, a perspectivação dos sujeitos envolvidos (Ego1, Ego2, Ego3...) e seus conseqüentes pontos de vista (ENQ 1, 2, 3,...) e das vozes mescladas e perspectivadas o resultados lingüísticos ( ENQ 1') cuja polifonia pode estar explícita ou implícita

A conformação desses enquadres vai sendo dada pelos introdutores de espaços mentais (pistas lingüísticas) que fornecem aos interlocutores a senha para ativar as propriedades relevantes dos domínios cognitivos e requisitar as vozes que serão perspectivadas no espaço de mescla. Só que tanto a produção verbal quanto a interpretação processadas são dinâmicas e aceleradas e ao interlocutor anexar a voz de outro sujeito (EGO 2) à sua voz de sujeito discursivo (EGO 1), abre-se um espaço genérico (EG), onde são mapeadas as propriedades selecionadas dos inputs a partir dos introdutores dos espaços mentais. São levantadas as vozes pertinentes e relevantes que, transportadas para o espaço de mescla, vão passar pelo filtro do ponto de vista (ENQ 1') do sujeito enunciador (EGO1) que, ao elaborar seu enunciado, tem em vista significados contratuais, polêmicos ou neutros com as vozes importadas, num trabalho de comprometimento ou não da face. Para ilustrar, trazemos o esquema definido por Chiavegatto:

---

<sup>20</sup> FAUCCONNIER & SWEETSER. Spaces words and grammar. Chicago: Chicago Press, 1996

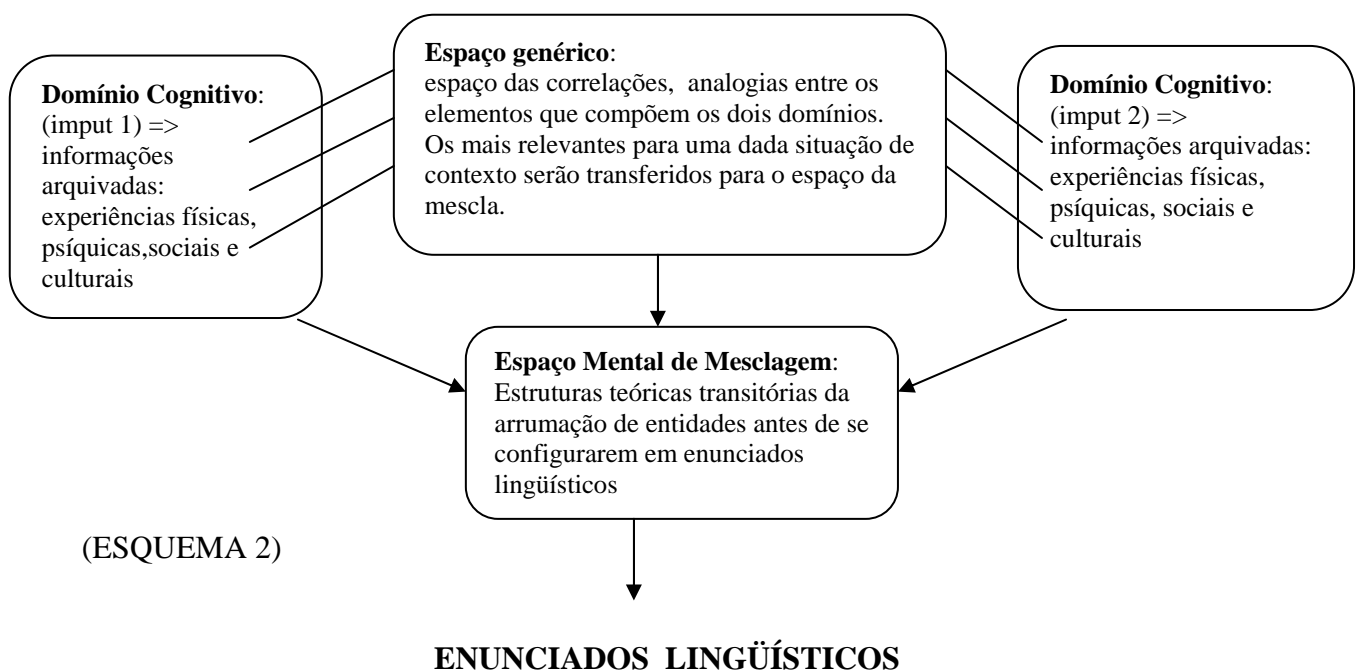
## CONSTRUTORES DOS ESPAÇOS MENTAIS



Para Valéria Chiavegatto, a partir do momento em que o sujeito discursivo engendra uma nova construção para o processo de mesclagem e não faz a colagem de uma voz na sua, ele já se assenhorou de um discurso próprio.

Não discordamos dessa posição quanto ao aspecto construtivo que requer uma operação cognitiva por parte dos interlocutores, mas não podemos deixar de reconhecer que no discurso vão sempre existir as marcas que fazem emergir diferentes vozes numa dada emissão.

O processo de mesclagem de vozes se processa levando em conta os mesmos elementos descritos em 2.1 que repetiremos para melhor esclarecimento



Tomando como base o trecho que polemiza a voz de Chiavegatto com a voz do sujeito discursivo neste trabalho, vamos adaptá-lo ao esquema 1 para perceber como a mescla ocorreu:

Para Valéria Chiavegatto a partir do momento em que o sujeito discursivo engendra uma nova construção para o processo de mesclagem e não faz a colagem de uma voz na sua, ele já se assenhorou de um discurso próprio.

Não discordamos dessa posição quanto ao aspecto construtivo que requer uma operação cognitiva por parte dos interlocutores, mas não podemos deixar de reconhecer que no discurso vão sempre existir as marcas que fazem emergir diferentes vozes numa dada emissão.

Temos o sujeito discursivo (EGO1: autora do trabalho) que, acionado pelo introdutor do espaço mental (Para Valéria Chiavegatto...), traz um outro sujeito (EGO 2: Chiavegatto), cuja voz (ENUNC 2) foi filtrado pelo seu ponto de vista (ENQ 2) - ou seja todos os seus enunciados foram significados depois de passarem por um processo de mesclagem (ver esquema 2) - para com ela (a voz) compactuar, polemizar ou tomar uma atitude de neutralidade protegendo sua própria face. EGO1 se apossa da voz de EGO2, faz considerações e relações no espaço genérico (EG) levando em conta as informações dos seus espaços inputs para, ao reconsiderar o ponto de vista de EGO2, criar no espaço de mesclagem de vozes o seu próprio ponto de vista (ENQ 1') agora ressignificado depois da reflexão feita a partir da reflexão de EGO2. Seu enunciado traz adesão por um lado (protege a face) e polemiza por outro.

### **2.3.3.2 – Mesclagem de vozes no discurso relatado**

A citação é uma espécie de imagem (sempre incompleta e pouco fiel) de outro discurso, realmente proferido ou imaginado, antecipado, construído. Se é verdade que a citação pressupõe duas situações de enunciação, já não é tão certo que o segundo enunciado retome palavras ditas no primeiro, como sugere a visão tradicional sobre o relato de discursos. Mesmo nos casos, talvez mais frequentes, em que a enunciação citadora retoma palavras proferidas anteriormente, é raro que o relator ao reproduzi-las, o faça de forma literal. O que é normal é que o relator reproduza o enunciado ouvido em função da significação que lhe conferiu, tendo em conta não as palavras ditas mas também a interpretação que delas faz à luz das circunstância da enunciação. (Duarte, 2003:38).



Conforme cita Isabel Margarida Duarte, em todo cruzamento de vozes, seja explícito ou implícito, há uma mesclagem em que a(s) voz(es) tomada pelo enunciador passam por uma maior ou menor modalização.

Sanders e Redeker, conforme nos conta Chiavegatto (1999), pequisaram em textos narrativos como, sob a perspectiva do narrador, embutia-se a perspectiva de outros sujeitos, sejam personagens ou outras entidades que, segundo pensamos, preenchem um texto de vozes (os leitores, por exemplo).

Nas narrativas literárias, que interessam de perto a esse trabalho, as vozes do narrador e dos personagens podem evocar também relação contratual, polêmica ou neutra, conforme a condução dada pelo o narrador, como podemos comprovar no diálogo final entre o narrador-Autor e Ana-Paz, apresentada novamente em fragmento:

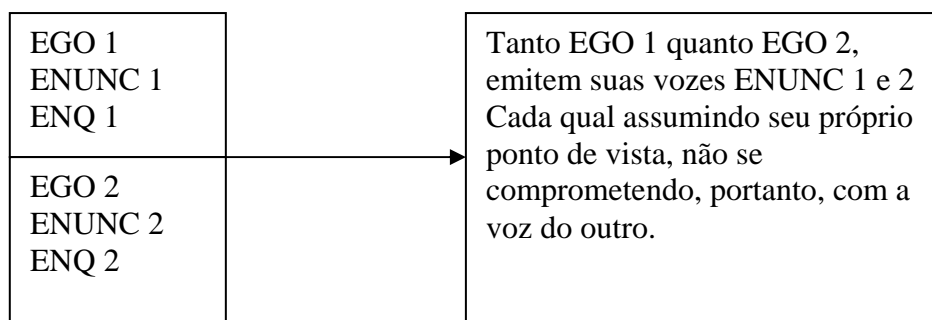
E aí eu comecei a rasgar a Ana Paz. Pra nunca mais (nunca mais, tá me ouvindo, Ana Paz? NUNCA MAIS!) eu sofrer a tentação de continuar escrevendo ela.

- .....
- Desculpa, Ana Paz, mas não dá.
  - O quê?
  - Você não ficou resolvida.
  - Ora, não me vem com isso, quem é que fica *resolvido*?
  - Quem? Muitos personagens, ué. Eu acabei de fazer um livro: tudo que é personagem ficou resolvido.
  - Pra quem? Pra você? Pra eles? Pra quem te lê?
  - Pra mim, é claro! Se sou eu que faço eles, eles têm que ficar resolvidos pra mim! E você não foi resolvida.
  - Problema meu.
  - Meu, meu!! Escuta, Ana Paz, tem buraco na tua história, tem página riscada, tem página cheia de anotação do que você vai ser, e tem muita página em branco do que você não foi: então você não tá sentindo que eu não consegui te fazer inteiraça?
  - E precisa?

Então não precisa?! Então você não precisa dum pai pra viver? Tudo que é tentativa que eu fiz pra levantar o teu pai resultou num Pai medíocre, e você sabe muito bem, Ana Paz: ele não pode ser um pai medíocre.

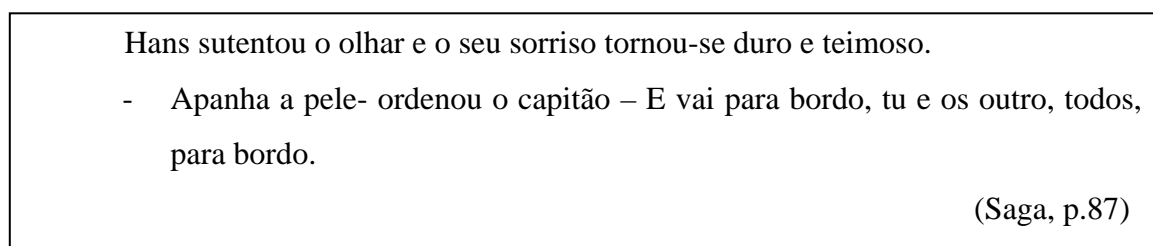
Nesse trecho, podemos perceber que as vozes polemizam em discurso direto e, mesmo o narrador sendo personagem e sua perspectivação estar comprometida no desenrolar dos fatos, há aqui uma heterodiscursividade clara, e, por isso, é o tipo de discurso em que há uma maior preservação de face do enunciador.

Nesse caso teremos o seguinte esquema:

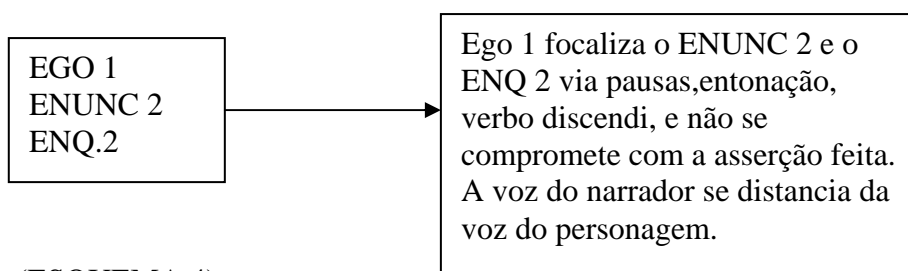


(ESQUEMA 3)

Mas há um outro tipo de discurso direto em que o narrador é só observador:

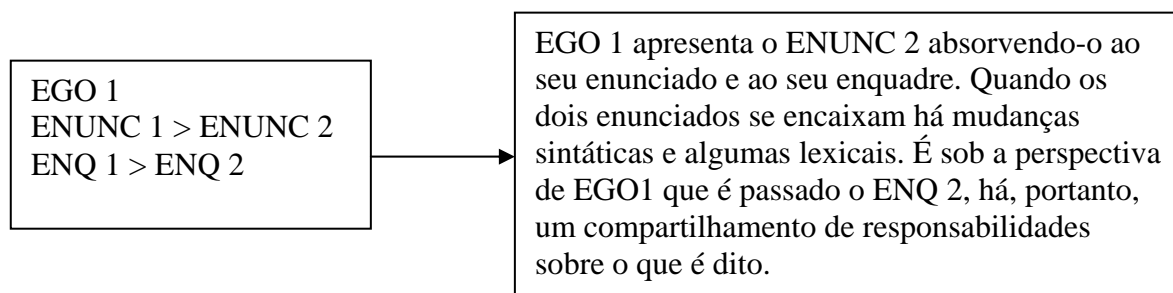


Nesse caso, temos o seguinte esquema :



(ESQUEMA 4)

No caso do discurso indireto, é um relato que se faz sobre o relato, a heterodiscursividade é difusa e, segundo Duarte (2003: 104), há uma certa perda de “dramaticidade”, pois se chama mais “a atenção sobre o se que diz do que sobre o *como se diz*”. Há um envolvimento maior do narrador, porque ele modaliza a voz do personagem. Daí termos o seguinte esquema:



(ESQUEMA 5)

O discurso indireto livre é o mais passível de ambigüidade, pois há, muitas vezes dificuldade para se delimitar as vozes do discurso. Na narrativa ficcional, a possibilidade de recuperação dos sujeitos discursivos pode-se dar pelo contexto ou por marcas lingüísticas deixadas pelo enunciador. Há aqui uma mesclagem plena de vozes. O DIL obedece ao mesmo esquema da mesclagem de voz totalmente implícita.

“ Foi no ano passado que um tal de Lourenço me escreveu contando que morava no Rio, todo mundo reclamava do Rio, ele sabia que o Rio estava lotado de barulho e de problema, mas paciência: ele amava o Rio. Dizia que ele não podia reclamar do barulho: morava numa ladeira calma de Santa Teresa, você conhece Santa Teresa?, e me contava que o bairro era um pedaço do velho Rio, um morro de onde se via a cidade espalhada lá embaixo, sabia que ainda tem bonde?”

Segue-se o esquema:

EGO 1  
ENUNC 1 X ENUNC 2  
ENQ 1 X ENQ 2

EGO 1 integra totalmente o enunciado e o enquadre de EGO2 ao seu enunciado e ao seu ponto de vista. Na mescla abole-se qualquer marca sintática ou lexical para que a absorção seja total. A autoria do ENUNC 2 é omitida e, para que seja desvelada, é necessário haver inferências por parte do leitor, ou que a determinação seja dada pelo contexto, ou, ainda, que haja identificação pela estrutura lingüística da paráfrase.

(ESQUEMA 6)<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Os esquemas 1, 4, 5, 6 foram remanejados do trabalho de Valéria Chiavegatto “Mesclando Vozes: construindo a argumentação em diferentes trabalhos de face” retirado da internet. [www.da.linguagem.nom.br](http://www.da.linguagem.nom.br). Acesso em maio de 2006.

O processo de mesclagem de vozes leva não só ao reconhecimento da polifonia nos discursos, mas ao seu mecanismo cognitivo. É um fenômeno comum na interação do dia a dia, nos textos do nosso universo cotidiano, assim como na literatura. Seu funcionamento dentro dos esquemas mentais é o mesmo de outros que conduzem à construção dos significados, levando em consideração a circulação de informações que estão acondicionadas em domínios cognitivos e que se projetam em redes para a abertura de espaços mentais. Essas informações só foram arquivadas por terem se transformado em conhecimento adquirido ou transmitido.

O estudo dos processos de construção do conhecimento veio abrir um amplo campo de investigação que não está restrito à ciência lingüística. É preciso o aporte de diferentes disciplinas para explicar o que ainda permanece como anseio do homem. Conhecer demanda esforço e uma sintonia de prontidão para as significâncias do mundo. Aprender é andar, saindo de um ponto zero, para um caminho em espiral cujo diâmetro vai aumentando à medida que alargamos nossas experiências. É entendendo os miúdos da vida, sua concretude, suas leis físicas e biológicas, automatizados pela banalidade do uso, que podemos dimensionar o que não está ao acesso dos olhos e da razão. É dessa forma que vamos amadurecendo as estruturas que vão permitir fazer as relações para além do referencial.

Esse lento se fazer para crescer é o próprio movimento da natureza observável nos movimentos da construção do sujeito como ser cultural. Precisamos ler a cartilha para ler o mural e daí ler o manual, o receituário, o jornal; ler a carta de amor e a troca de humor; a história em quadrinho e o quadro de arte; a publicidade mercadológica e a propaganda eleitoral. Enfim, precisamos aprender a ler a vida que se tece em texto cujos “vazios” serão preenchidos por nossa criação. Somos criadores e criaturas num mesmo texto.

Só que não há texto literal, tudo é e não é, o direito tem o avesso e por trás do aparente há a metáfora.

Todo o percurso traçado nesse trabalho vem sedimentando o caminho para entender o que é básico em sua essência e que vai ser conhecido não como enigma, mas como experiência conceptualizada no pensamento a partir da nossa percepção corpórea, dos nossos movimentos espaço-temporais, do que vimos, ouvimos, falamos e lemos. De tudo que transformamos em conhecimento e armazenamos em domínios cognitivos resgatáveis pela memória no momento que precisamos facilitar o difícil, nomear o

indizível, sintetizar o analítico. Pelo exposto, concluímos que a metáfora está mais a serviço da transparência do que da opacidade.

Acreditamos que todos os estudos feitos até aqui, sobre as variáveis que movimentam o nosso olhar de observador crítico nas linhas de um texto, se fecham e encontram sua culminância no estudo da metáfora. Esse estudo, porém, desmistifica seu caráter hermético e supõe, mesmo para o uso mais inusitado e criativo, uma previsibilidade que só dependerá da seleção da propriedade mais relevante de um conceito que já serviu de base para outras metáforas mais usuais e desgastadas.

Até se chegar a esse enfoque de metáfora, muito se pesquisou através dos tempos. Seu estudo sempre foi um desafio para as teorias da interpretação. Certamente ainda se continuará investigando, porque essa também não é uma leitura acabada.

### 3 – A metáfora: um percurso histórico-semântico

O interesse pelo estudo da metáfora vem trazendo, ao longo do tempo, questões fundamentais para a compreensão e para legibilidade textual.

Desde Aristóteles<sup>1</sup> - que considerava a clareza como qualidade fundamental da elocução retórica (voltada para a persuasão) e da poética - a metáfora tem sido discutida. Não obstante o discípulo de Platão reconhecer que na linguagem cotidiana todos se servem dos recursos metafóricos, esse uso deveria ser útil ao objetivo do orador quando, ao criar enigmas bem feitos, estaria fugindo da banalidade sem, no entanto, se afastar das possíveis analogias que o público pudesse fazer. Aquelas que fossem obscuras tornar-se-iam por demais poéticas, trazendo ao estilo um certo ar pitoresco. A eficácia de um discurso estaria na dosagem ideal da escala dos matizes associativos provocados pelos nomes e verbos usados com fins específicos tanto na prosa quanto na poesia.

Compreende-se, assim, que, a partir desse tempo, a metáfora circulasse na esfera da Retórica, vista como um saber independente, e que deveria ser regulada em seu uso para que não se perdesse a objetividade e provocasse um efeito de afetação ao discurso originando desconfiança e, conseqüentemente, pouca credibilidade ao orador. “A Retórica de Aristóteles é já uma disciplina domesticada” que se equilibra entre dois pólos: “não é apenas uma arma em praça pública,”(...) nem “é uma simples botânica de figuras”. Antes de se tornar apenas ornamento, a Retórica foi perigosa (e nesse aspecto inimiga da Filosofia), porque

a ‘arte de bem dizer’ se liberta do cuidado de ‘dizer a verdade’; a técnica fundada sobre o conhecimento das causas que engendram os efeitos da persuasão dá um poder extraordinário a quem a domine perfeitamente: o poder de dispor das palavras sem as coisas; e de dispor dos homens ao dispor as palavras. (...) Por isso Platão a condenava: para ele a Retórica estava para a justiça – virtude política por excelência – como a sofística para a legislação; e ambas estavam para a lama como a culinária para a medicina e a cosmética para a ginástica – isto é, artes da ilusão e do engano. (Ricoeur, 1983: 15-6).

Com o passar do tempo a Retórica perde a sua importância para se tornar um apêndice da literatura, limitando-se aos estudos dos tropos, com acento ornamental, mais voltada para a escrita que a sua primeira vocação, a elocução. A visão aristotélica

---

<sup>1</sup> Aristóteles, s/d.

de metáfora, no entanto, esteve presente, e ainda está, até os nossos dias, chegando até o último terço do século passado sem grandes alterações e, segundo Miguens (2002), renunciando as suas “virtudes cognitivas”, isto é, “os efeitos no espírito de quem as ouve ou produz”, “dando a conhecer verdades, provocando a aprendizagem de coisas novas”.<sup>2</sup>

As várias definições sobre metáfora e as questões que tal conceito levantará já trazem um problema marcado pelo índice de que há muito mais do que o simplesmente lingüístico por trás do aparente enigma lexical. Se resgatarmos a origem da palavra, verificaremos que a própria palavra *metaphora* é uma metáfora marcada pelo movimento, já que “*phora* é mudança segundo o lugar”, sendo, portanto, no seu sentido literal, “uma palavra fora do lugar”, condenando a todos que se interessam por seu estudo a andar em círculos.(Miguens, 2002: 76).

Esse é um assunto que vem despertando fascínio e polêmica entre aqueles que têm a linguagem como centro de interesse. Várias perguntas são levantadas quando a questão é a metáfora, a começar pelo dilema filosófico: as expressões metafóricas veiculam proposições falsas ou verdadeiras? Ou pelo dilema lingüístico: é um fenômeno de interesse essencialmente lingüístico ou não? Ou ainda a proposta trazida pelos teóricos da análise do discurso e questionada por outras correntes: sua indeterminação é construída pelas máscaras da ideologia e do interdito ou está a serviço da intencionalidade do falante? Ou ainda a pergunta que interessa a todas as correntes do conhecimento: a linguagem é essencialmente metafórica, premissa que define o homem como animal simbólico ou é mecanicamente previsível e convencional, geradora de frases corretas e boas ou anômalas como a metáfora?

O estudo da metáfora ramifica-se à medida que o interesse pelos mistérios da linguagem vai tomando forma de ciência e passa a interessar a diferentes áreas do conhecimento. A lingüística, num progressivo caminhar, vai se descentrando do sistema saussuriano e recebendo contribuições de outras disciplinas e o discurso, tanto o espontâneo quanto o elaborado, passou a ser objeto de interesse das ciências humanas e sociais. É quando a Semântica vai assumir um lugar que é o resultado da convergência

---

<sup>2</sup> Segundo Miguens (2002: 75) “para Aristóteles, as metáforas são fenômenos nos quais palavras deslocadas do seu âmbito de ocorrência ‘próprio’ provocam uma iluminação no espírito de alguém, uma compreensão súbita de algo que não seria compreensível de outro modo. Este facto é acompanhado de prazer, o prazer misturado de espanto associado à aprendizagem de algo que era anteriormente desconhecido. Se as metáforas são deslocações ou transportes de palavras, palavras fora do âmbito próprio, é importante notar que essa deslocação de palavras não provoca uma desordenação ininteligível mas sim uma nova inteligibilidade e que o fenômeno não se restringe à arte e à eloquência, sendo freqüente no uso comum da linguagem.”

de uma série de trabalhos, de influências e de condições externas durante um período de gestação mais ou menos grande.

A Semântica, disciplina cujo objeto de estudo não possui um perfil discreto<sup>3</sup> e definível, vai ser agregada por outras ciências que se interessam pelo significado e pelo veículo deste, a linguagem. Desta forma, a Semântica estará sujeita aos conflitos que dominam as ciências: “fatores como os afetos, a história ou o contexto nunca serão explicáveis pela ciência” ou “todos esses fatores constituem a essência da experiência humana” e não são “insusceptíveis de explicação científica” ou ainda “o isolamento artificial destas dimensões”(Gardner, 1985:71) seria uma solução para enquadrar as disciplinas na forma da ciência.

A comunidade científica transita pelas correntes do pensamento em ondas cíclicas e cada nova contribuição, normalmente, não anula as anteriores, mas desloca o olhar para aspectos que ora se obscurecem, ora se iluminam.

É desta forma que o olhar sobre a metáfora, que se manifesta lingüisticamente, anda em círculos e provoca tanto debate, sendo estudada ao longo dos séculos como um aspecto importante para a decifração do pensamento e da construção do real e do conhecimento humano ou como irrelevante pela “doutrina do positivismo lógico cuja noção básica era que a realidade podia ser precisamente descrita através de uma linguagem que fosse clara, sem ambigüidade e, em princípio, testável.”<sup>4</sup>

O universo de estudiosos sobre o assunto é bastante considerável e dar conta de todas as correntes é presunção a que esse trabalho não se destina. Ainda mais que há especialistas que agrupam os estudos de acordo com a área de seu interesse.

Com certeza, pode-se dizer que tudo começou com o interesse de Aristóteles pela relação da metáfora na linguagem e a função da metáfora na comunicação prenunciando além do aspecto cognitivo, já mencionado, o aspecto pragmático, e heurístico de tal conceito.

Sophia Miguens em um sucinto, mas precioso, artigo faz um levantamento de alguns estudiosos que trouxeram importantes contribuições principalmente para a sua área de atuação, a filosofia, cujo interesse pela natureza da linguagem e do pensamento e “acerca da natureza do humano”, leva a concepção de metáfora ultrapassar o limite do lingüístico em seu aspecto retórico.

---

<sup>3</sup> “...que constitui uma entidade em separado; individualmente distinto” (Houaiss, 2001:1053).

<sup>4</sup> ORTONY. A. ( 1993: 1-16).



Para ela (Sophia), os séculos depois de Aristóteles são marcados pela falta de novidade, até bem recentemente, no que diz respeito à metáfora que, embora tenha surgido nos limites da “*lexis* (elocução, estilo)” é comum na linguagem de todo dia, assim como nos nomes comuns e próprios.

Aristóteles nota que *onoma* é *phonê semantiké*, som significativo, sem indicação de tempo. É isto que distingue *onoma* de *rhema*, o verbo, no qual existe marca de tempo. Aquilo que é nome opõe-se ainda a *stoikheion*, a letra, som indivisível, e a *asemos*, o que não significa. Mas não são os nomes ou substantivos que constituem o campo do metaforizável. Nome e verbo, nomeadamente, estão, enquanto sons significativos, dentro do ‘limiar semântico’, por contraste com as partes antecedentes da *lexis* que são *asemos*, não dotados de significação. Os fenômenos metafóricos dão-se no interior deste limiar semântico. A ligação da metáfora à *lexis* a partir do nome dá-se da seguinte maneira na *Poética*. Quando Aristóteles pergunta que nomes há, segue-se uma enumeração: há nomes correntes (**kyrion**), estrangeiros, ornatos, inventados, alongados e metáforas. É, portanto, no núcleo semântico da enunciação ou *lexis* que pode haver metáfora. *Metaphora* é, assim, até agora, algo que acontece aos ‘nomes’ (no sentido generalizado de sons significativos), que é descrito em termos de um movimento, que transpõe um nome que Aristóteles chama *allosios* (‘estranho’, que designa uma outra coisa, de uma outra forma que é ‘*para to kyrion*’, contra o uso vulgar). (Miguens,2002:76-77).

Aristóteles já subcategorizava a metáfora, considerando-a “transporte de um nome de acordo com alguma ‘regra’ ou razão”:

- 1 – o transporte do gênero para a espécie;
- 2 - o transporte da espécie para o gênero<sup>4</sup>;
- 3 – o transporte da espécie para a espécie<sup>5</sup>;
- 4 - o transporte por analogia<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Quando se diz HOMEM (espécie), supõe-se o gênero MORTAL e essa substituição está de tal forma padronizada na língua que, ao se substituir MORTAIS por homens, não se leva em consideração outros seres mortais como os animais irracionais.

<sup>5</sup> Esse tipo de metáfora, segundo Umberto Eco se refere a uma estrutura de 3 termos em que aquele que interpreta a metáfora precisa fazer uma transferência de propriedades entre o 1º. e o 2º. termo, abduzindo por sua experiência de mundo o que há de comum entre os dois termos. Ex.: ‘O dente da montanha’: dente(1º. termo), montanha (2º. termo) => pontiagudo ( 3º. termo: propriedade periférica). (ECO, 1992). Nesse caso “é preciso definir quais componentes do significado das palavras em jogo sobrevivem e quais devem cair”. (...) para se estabelecer “um processo em que duas coisas se tornam diferentes de si mesmas e no entanto reconhecíveis.” ( MIGUENS, 2002: 78)

<sup>6</sup> Segundo Aristóteles a metáfora de 4º. tipo se verifica na relação entre 4 termos sendo A está para B assim como C está para D. Essa relação estabelece uma proporção preenchível por diversos termos da língua, podendo estabelecer catacreses, como ‘perna da mesa’ (X está para mesa, assim como perna está

As duas primeiras são as sinédoques já padronizadas dentro da linguagem comum. As duas últimas exigem um maior esforço interpretativo e para Aristóteles é a 4ª. espécie de metáfora que mais se faz apreciar.

O certo é que em Aristóteles estão as bases para as futuras reflexões sobre a metáfora e os significados. A rede de propriedades que emergiu de sua estrutura classificatória foi fundamental como alicerce para alavancar teorias que dão suporte ao pensamento moderno.

Umberto Eco utiliza conceitos do filósofo pragmatista americano Peirce na reflexão de Aristóteles sobre a metáfora e assegura que o filósofo grego voltava-se mais para a interpretação da metáfora do que para sua criação, já que a hermenêutica era o enfoque que mais interessava a Eco e, portanto aquele que lhe interessava pôr em evidência. Para o pesquisador italiano, o enigma que “desambiguava”<sup>7</sup> metáforas de 3ª. ou 4ª. espécies era um fenômeno tanto de ordem dicionarial quanto enciclopédico. O primeiro é marcado por traços semânticos imediatamente descritíveis de uma palavra (são os traços mais prototípicos<sup>8</sup>), o segundo, por traços semânticos apreendidos do conhecimento de mundo, marcados pela cultura. Nesse caso, a metáfora não institui uma relação de semelhança entre os referentes, mas uma similaridade sêmica entre os termos relacionados (quanto mais periféricos<sup>9</sup> forem os traços entre os termos, mais inusitada será a metáfora). “A interpretação metafórica, na medida em que tem de hipotizar modelos de descrição enciclopédica e tornar pertinentes algumas propriedades, não descobre a similaridade, mas sim constrói-a” (Eco,1992).

A interpretação desse tipo de metáfora envolve um processo de abdução<sup>10</sup>, em que são processadas inferências muito complexas, já que, dependendo do contexto, são amplificadas algumas propriedades e embaciadas outras. É esse, de alguma forma, o eixo regulador da “semiose ilimitada”<sup>11</sup>, pois é o sistema de relações internas abonadas

---

para o corpo humano) ou relações mais transgressivas, chegando muitas vezes a um processo de “desambiguação(...) irredutivelmente ‘aberto’ (Miguens,2002:82)

<sup>7</sup> Termo utilizado por Sofia Miguens (2002)

<sup>8</sup> Termo muito usado na Lingüística cognitiva, definível na nota 9..

<sup>9</sup> As categorias são imprecisas e dinâmicas e apresentam uma estrutura prototípica, ou seja, os membros (ou propriedades) de uma categoria se agrupam por similaridades parciais e se diferem por graus de saliência (uns membros são mais prototípicos e outros mais periféricos). Esta é a teoria do protótipo, um dos alicerces da Lingüística Cognitiva,

<sup>10</sup> Termo semiótico peirceano; abduzir é hipotizar sobre um sistema que torne plausíveis indícios que de outro modo seriam desconexos. (Eco, 1992)

<sup>11</sup> “Entenda-se por semiose ilimitada (i) o facto de o processo de interpretação dos signos ser ilimitado e (ii) não se restringir a signos verbais”. (Miguens, 2002:97)

pela cultura que vai tornar possível a amplificação e o embaciamento das propriedades na rede de similaridades.

É, ainda, importante na interpretação de uma metáfora, segundo Eco, percebê-la a partir de um grau zero da linguagem, possibilitando que até as metáforas mortas se tornem desviantes, pois o que faz a metáfora ser morta é a “sua história sociolingüística e não a sua estrutura semiótica, a sua gênese e a sua possível reinterpretação”. (Eco,1992)<sup>12</sup>.

De acordo com a teoria de Eco, o sucesso de uma metáfora é evidentemente função do formato sócio-cultural da enciclopédia, i.e. das crenças de quem as produz e interpreta, logo, não existe nem pode existir algoritmo para a metáfora, ela não depende apenas de produções ou arranjos dos signos eles próprios mas também das situações. O seu sucesso ou insucesso é uma questão pragmática. Esta explicação da metáfora não exclui que se possam dar metáforas ‘novas’, nunca ouvidas, fenômenos aurais como lhes chama U. Eco, ou, também, ouvidas (nesse momento, por este sujeito que interpreta) como se fossem nunca ouvidas, o que pode acontecer por exemplo com doentes psicóticos, ou quem aprende uma língua estrangeira. Sendo as metáforas fenômenos pragmáticos, existem contextos estéticos, por exemplo, e fazendo transições entre aquilo a que Eco chama ‘diferentes substâncias semióticas’, como substâncias verbais e pictóricas, isso é relativamente freqüente (num exemplo de Eco, é possível dizer que num retrato de mulher de Modigliani a metáfora verbal ‘pescoço de cisne’ é reinventada). (Eco,2001:209 in Miguens, 2002:101-2.)

Pode-se concluir que para Umberto Eco o valor cognitivo da metáfora está nas relações hipotéticas necessárias para a interpretação, buscando-se estabelecer na enciclopédia a rede de conhecimentos que possibilita a inferência dos fenômenos semânticos. Para nós, esse é apenas um dos valores cognitivos da metáfora. Esse valor também se constrói na busca da similaridade analógica entre as nossas experiências mais concretas (físicas e corpóreas) que se projetam sobre as mais subjetivas numa rede de mapeamentos.

Miguens, no mesmo artigo, traz, resumitivamente, as teorias de John R. Searle, Donald Davidson e Paul Ricoeur e as quais ampliaremos trazendo a complementação que buscamos nos próprios teóricos (assim como fizemos com U. Eco) ou nas releituras feitas de seus trabalhos por outros autores.

---

<sup>12</sup> Ver também Eco 2001:208-9.

Searle, no final da década de 70, inicia seus estudos sobre a metáfora combatendo, em parte, duas abordagens tradicionais: 1) a que remonta a Aristóteles e que envolve a comparação ou similaridade entre dois ou mais objetos; 2) a que envolve a oposição verbal ou interação entre dois conteúdos semânticos, isto é, a interação entre o significado metafórico e o literal. Segundo ele, se tomadas literalmente, elas são inadequadas, mas deve-se tentar ver o que há de verdade em tais abordagens.

A falha existe quando atribui à comparação “condição de verdade” e quando requer o processo de inferência para a compreensão dos enunciados metafóricos que os falantes produzem e que os ouvintes entendem. Para Searle, uma coisa é o que a expressão lingüística diz e outra é o que significa. O que de fato é dito, tem, em algum sentido, uma anomalia, um “non-sense” semântico, estabelecendo uma “óbvia falsidade”, há, portanto, “um significado da sentença e um significado do falante”.

“Os enunciados metafóricos realmente significam alguma coisa diferente das palavras e sentenças, porém isso não é porque tenha havido qualquer troca no significado dos elementos lexicais, mas porque o que o falante quer dizer é algo diferente daquilo. O significado do falante não coincide com o significado das palavras ou sentenças. Esse ponto é essencial porque o principal problema da metáfora é explicar como o significado do falante e o significado da sentença são diferentes e como eles são, apesar disso, relacionados.”<sup>13</sup> (tradução: ver referência na nota)<sup>13</sup>

Além disso, o que ele defende é que a similaridade funciona como uma estratégia de compreensão, não como um componente do significado. Em outras palavras, a similaridade tem a ver com a produção e a interpretação da metáfora, não com o seu significado. Para isso, ele usa como exemplo (no mesmo artigo citado acima) a frase “Richard é um gorila” e mostra que há diversas características do gorila, que podem estar sendo levadas em conta, para o efeito da comparação. Cabe ao ouvinte inferir qual a intenção do falante: se ele está comparando Richard ao gorila por sua força ou por sua doçura.

---

<sup>13</sup> The metaphorical utterance does indeed mean something different from the meaning of the words and sentences, but that is not because there has been any change in the meanings of the lexical elements, but because the speaker means something different by them; speaker meaning does not coincide with sentence or word meaning. It is essential to see this point, because the main problem of metaphor is to explain how speaker meaning and sentence meaning are different and how they are, nevertheless, related. (Searle in Ortony, 1993:90 –1)

Optamos, nesse trabalho, transcrever os originais somente de textos em inglês.

Searle constrói a teoria da metáfora tentando estabelecer os princípios que relacionam o significado de sentenças literais e o significado de enunciados metafóricos. Para ele, o conhecimento que capacita pessoas a usarem e a entenderem enunciados metafóricos está por trás do conhecimento que essas pessoas têm do significado literal das sentenças e das palavras (inerente à competência semântica do indivíduo), pois só assim elas podem dar conta da falsidade das proposições e da anomalia de sentido que viola as regras dos atos de discurso ou viola os princípios conversacionais de comunicação e podem perceber “como é possível para o falante dizer metaforicamente ‘S é P’ e querer dizer ‘S é R’, quando P evidentemente não quer dizer R” e podem perceber “como é possível para o ouvinte que ouve a enunciação ‘S é P’ saber que o falante quer dizer ‘S é R’”. Depois de reconhecer a asserção metafórica, o ouvinte deve ter algumas estratégias para atribuir possíveis valores a R, assim como restringir, de acordo com o contexto, os limites de R. (Searly in Ortony,1993: 102 - 3).

Ele aborda a metáfora no aspecto funcional em relação à comunicação, apoiando-se na teoria dos atos de fala, ressaltando, assim, tal como U.Eco, o seu (da metáfora)aspecto pragmático.

Segundo Samuel Levin em *Language, concepts and worlds* (Ortony,1993:112 – 123), quase na mesma época da publicação do estudo de Searle, apareceu o artigo de Donald Davidson sobre a metáfora<sup>14</sup>. Embora os dois tenham se envolvido em acirrada polêmica, há pontos convergentes e divergentes nos seus enfoques. Ambos afirmam que, como as sentenças literais, as sentenças metafóricas significam simplesmente o que elas dizem. Enquanto para Searle o processamento de compreensão desses enunciados por parte do ouvinte envolve uma inferência do significado intencional do falante, para Davidson não há, no processo de compreensão, lógica alguma ou qualquer fenômeno lingüístico relevante, a metáfora provoca no ouvinte efeitos causativos, ou seja, psicológicos, fora do controle dos sujeitos envolvidos.

...enquanto Searle, no artigo *Metaphor*, propõe explicitamente várias regras e princípios que guiam um ouvinte na busca daquilo que uma enunciação metafórica quer dizer, Davidson pretende explicar os fenômenos metafóricos sem pressupor uma teoria da linguagem que conceba esta como uma questão de convenções baseadas em regras. De facto, Davidson recusa o apelo a regras em qualquer sentido para descrever as

---

<sup>14</sup> DAVIDSON, Donald. What Metaphors Mean, *Critical Inquiry*, 5, 1978: 31 – 47.

metáforas, quando declara que não há instruções para fazer ou compreender metáforas, não há manuais que digam o que as metáforas significam, não há ‘fechamento definitivo’ na compreensão de metáforas, não há ‘testes’ de metáforas que não façam apelo ao gosto.

.....  
 Note-se que se Davidson está certo, não se pode nunca dizer que uma metáfora foi mal interpretada: ela faz o que faz, provoca o que provoca.(Miguens, 2001: 106)

Assim como a teoria de Searle tem uma forte dimensão pragmática, a de Davidson estabelece uma distinção entre o que as palavras significam e o que elas são usadas para fazer. “I think metaphor belongs exclusively to the domain of use” (Davidson,1978:33).

Paul Ricoeur, em *Metáfora Viva* (1983), faz um caminho longo por várias teorias metafóricas. Seu olhar de filósofo, um dos mais prestigiados do seu tempo, perseguiu o estudo da interpretação paralelo à da metáfora numa concepção hermenêutica. Sua análise não é excludente, por isso parte dos preceitos aristotélicos e vai integrando conceitos, disciplinas e metodologias num *continuum* para demonstrar que a soma desses conhecimentos conduz a metáfora à instância do discurso. Suas reflexões são tão abrangentes e profundas que transbordam o meramente conceptual para invadir o campo do existencial e do ontológico em relação ao pensamento e, por esse motivo, mesmo seguindo em nosso trabalho uma linha dentro da Lingüística Cognitiva, sempre nos reportaremos às suas considerações, já que trabalhando com a Literatura precisamos de alicerces que liguem os três vértices de um mesmo triângulo: a metáfora convencional e lexicalizada, a “inovação semântica”, ou metáfora nova e literária e, por fim, a trama ficcional que, conforme acreditamos, e Ricoeur confirma, instaura no processo de enunciação um *estado metafórico* no texto, um *estar-como* que faz com que as palavras no grau mais baixo de metaforicidade tracem redes de conexão e estejam de tal modo arranjadas que passem a ter um novo viço e surja uma significação renovada pelo vigor da linguagem.

Deste ponto de vista, a linguagem técnica e a linguagem poética constituem os dois pólos de uma mesma escala: numa extremidade, nenhum sentido se estabiliza no exterior do “movimento entre significações”. É certo que a prática dos bons autores tende a fixar as palavras em valor de uso. Essa fixação pelo uso está sem dúvida na origem da falsa crença segundo a qual as palavras têm um sentido, possuem o seu sentido. Do mesmo modo a teoria do uso não inverte, mas finalmente

consolidou a pressuposição da significação própria das palavras. Mas o emprego literário das palavras consiste precisamente em restituir, ao contrário do uso que as imobiliza, “o jogo das possibilidades interpretativas contidas no todo da enunciação”. É por isso que o sentido das palavras deve cada vez ser “adivinhado” sem que jamais se possa fixar numa estabilidade adquirida. A experiência da tradução indica no mesmo sentido: mostra que a frase não é um mosaico mas um organismo; traduzir, é inventar uma constelação idêntica em que cada palavra recebe o apoio de todas as outras e, em última análise, retira benefício da familiaridade com o conjunto da língua. ( Ricoeur, 1993,122)

Ricoeur, em suas pesquisas sobre interpretação, traz à luz uma outra similaridade: a metáfora da teoria das figuras e a narrativa da teoria dos gêneros literários. Embora sejam de naturezas diferentes, relacionam-se nos aspectos da inovação semântica, da produção de sentidos, e da construção da imaginação produtora, processos importantes para a construção de uma nova metáfora ou para a estruturação da ficção literária.

A ponte que ele estabelece entre a compreensão da metáfora e a interpretação da obra literária mostra o exercício cognitivo no funcionamento da imaginação que é operado pela criatividade da linguagem, demandando estratégias de distanciamento e alteridade entre o sujeito e o objeto. Nessa dialética, é preciso ao mesmo tempo operar uma suspensão do mundo referencial para projetar novas possibilidades, “um deixar-ver do mundo ou mundos que aparecem nos textos”<sup>15</sup>

Ricoeur mostra ainda a importância que a cultura, marcada pelo social, e o conhecimento enciclopédico trazem para a funcionalidade da imaginação criativa, tanto para a metáfora quanto para a criação da ficção literária.

A implicação da imaginação produtora na inovação semântica e na refiguração narrativa envolve também estabelecer no seio da história da comunicação entre projetos individuais e coletivos nos quais se reconhecem “não somente os contemporâneos mas (também) os predecessores e os sucessores” (Sumares, 1986: 10)

.....  
Deste modo nada se opõe a que uma palavra signifique mais do que uma coisa; na medida em que reenvia às partes contextualmente ausentes, estas podem pertencer a contextos opostos; as palavras exprimem então, pela sua “sobredeterminação” das “rivalidades de grande escala entre contextos”. Esta crítica da supertição da única significação verdadeira, prepara evidentemente uma apreciação positiva do papel da metáfora. Mas a afirmação é válida para todas as

---

<sup>15</sup> SUMARES, 1986: 9

formas de duplo sentido que podem estar ligadas às intenções, as pressuposições e as convenções veiculadas pelas partes ausentes do contexto. (Ricoeur, 1983: 121)

Como seu livro *Metáfora Viva* é de uma densidade que parece ao seu leitor uma árdua tarefa reduzir sua obra, usaremos aqui o percurso que o próprio Ricoeur traça no prefácio para orientar-nos em relação aos seus estudos. (1993: 5-11).

Ele traça para a metáfora um percurso que passa por diferentes disciplinas e a cada uma delas faz corresponder uma unidade lingüística. . Na conclusão ao esquema, afirma que não pretende visitar os três enfoques atribuindo a eles juízo de valor, mas “legitimar” cada um deles “ num encadeamento progressivo da palavra à frase e desta ao discurso.



<p align="center"><b><u>RETÓRICA CLÁSSICA</u></b> PALAVRA</p>	<p align="center"><b><u>SEMIÓTICA e SEMÂNTICA</u></b> FRASE</p>	<p align="center"><b><u>HERMENÊUTICA</u></b> DISCURSO</p>
<p>A retórica clássica toma a palavra como referência.</p> <p>A metáfora é definida como tropo por semelhança =&gt;</p> <p>Consiste num deslocamento e numa extensão de sentido das palavras; a sua explicação emana de uma teoria da substituição =&gt;</p> <p>Precursor: <b>Aristóteles</b>.</p> <p>A sua análise situa-se no cruzamento de 2 disciplinas: a retórica e a poética.</p> <p>Objetivos da retórica: a persuasão no discurso oral.</p> <p>Objetivos da poética: a mimesis das ações humanas na poesia trágica.</p> <p>A retórica se concentra na figura do <u>desvio</u> (ou tropo): a significação de uma palavra é deslocada em relação ao seu uso codificado. Objetiva a classificação e a taxinomia. Não dá conta da produção da significação</p>	<p>A metáfora é recolocada no quadro da frase e tratada <u>não</u> como denominação desviante, mas <u>predicação impertinente</u>.</p> <p>Oposição entre a teoria da metáfora-palavra e a teoria da metáfora-enunciado.</p> <p>Benveniste: a frase é portadora da significação completa mínima (semântica) e a palavra é um signo no código lexical (semiótica).</p> <p>Frase : Semântica :: Palavra: Semiótica</p> <p>Semântica: teoria da tensão (a produção da metáfora no seio da frase tomada como um todo.</p> <p>Semiótica: teoria da substituição. (o efeito de sentido ao nível da palavra isolada)</p>	<p>Objetivo: integrar a semântica da palavra na semântica da frase.</p> <p>É a <u>palavra</u> que, no <u>discurso</u>, assegura a função de identidade semântica: é esta identidade que a metáfora altera. Importa, assim, mostrar como a metáfora produzida ao nível do enunciado, tomado como um todo, “se focaliza” na palavra.</p> <p>Transição entre o nível semântico e o nível hermenêutico: “o trabalho da semelhança” agora focado sobre o problema da inovação semântica =&gt; uma proximidade inédita entre 2 idéias é percebida apesar da sua distância lógica.</p> <p>Semelhança: uma tensão entre a identidade e a diferença na operação predicativa acionada pela inovação semântica.</p> <p>Reinterpretação das noções de “imaginação produtiva” e de “função icônica”.</p> <p>Imaginação: uma função da imagem que consiste em “ver como”, isto é, perceber o semelhante no dessemelhante.</p> <p><b>Novo Ponto de Vista:</b> diz respeito à <u>referência</u> do enunciado metafórico como poder de “redescrever a realidade”.</p> <p>Conexão entre o <u>sentido</u> do discurso (que é a sua organização interna) e a <u>referência</u> (o poder de referir-se a uma realidade exterior à linguagem).</p> <p><b>Metáfora</b> é uma estratégia do discurso. Preserva e desenvolve o poder heurístico desdobrado pela ficção. Liberta o poder que certas ficções comportam de redescrever a realidade.</p> <p align="center"><b>Referência Desdobrada</b> (Jakobson)</p> <p>1) Referência de 1º. Grau: redescreve o real.</p> <p>2) Referência de 2º. Grau; referência poética. Redescrição pela ficção</p>

Em sua compilação sobre teóricos que analisaram a metáfora, Sofia Miguens não deixou de fora os representantes da Linguística Cognitiva, George Lakoff e Mark Johnson, que, segundo ela trazem “a novidade que séculos e séculos de comentários a Aristóteles não trouxeram”. Como este enfoque da metáfora foi o que elegemos como suporte teórico para nossas pesquisas (mesmo que por vezes tenha necessidade de trazer visões que, segundo cremos, não são excludentes e vão completar algumas lacunas), esmiuçaremos os conceitos de metáfora conceptual em um item específico.

Faz-se necessário, porém, marcar as restrições de Miguens à visão dos teóricos americanos. Ela começa por assinalar que, apesar de trazerem alguns aspectos novos, esses estudos também estão inseridos dentro de uma linha contínua e nada parte do essencialmente diferente, como um padrão nunca antes percebido. Miguens clarifica que, embora Lakoff e Johnson contestem o mito objetivista, e tenham partido de uma oposição aos pressupostos de Chomsky, eles repetem a concepção da Linguística chomskyana, isto é, “como uma teoria da mente e do cérebro” (2001:86). Ainda ressalta que, na medida em que eles pregam que o conceito metafórico expresso na linguagem espelha um outro conceito numa projeção de propriedades que ora se escondem, ora se iluminam (processo ‘highlighting and hiding’), os estudiosos também repetem a visão aristotélica (pôr debaixo dos olhos as semelhanças).

Ela reconhece, no entanto, que a grande novidade está no aspecto experiencial e corpóreo da metáfora, que possibilita e dá acesso à compreensão; em sua ubiquidade sistemática nas línguas naturais; na sua falta de excepcionalidade e, por conseguinte, na sua convencionalidade, e, ainda, na sua natureza não lingüística. “A omnipresença de metáforas em todas as línguas naturais mostraria, assim, que o ‘processamento semântico’ envolve algo como representações universais não algorítmicas mas perceptivas”(2001:88), através de nossas experiências corpóreas primordiais (embodied experience<sup>16</sup>) opondo-se à proposição do caráter modular da linguagem em que se baseou Chomsky, mas por outro lado identificando-se com ela quando demonstra o caráter não consciente e não intencional das manifestações lingüísticas que apenas espelham o sistema conceptual dos usuários de uma língua.

Quando em seu artigo Sofia Miguens questiona se todas as metáforas seriam fenômenos cognitivos da sensorialização, deixa pistas para que o leitor perceba que considera a teoria de Lakoff e Johnson uma elaboração de ‘arquiteturas cerebrais inatas’

---

<sup>16</sup> Esse e outros conceitos referentes a essa linha de pesquisa serão discutidos no capítulo 3, item 2.

e leva-nos a crer que concebe a compreensão metafórica, vista pela Semiótica de Eco e pela Pragmática de Searle e Davidson, com dimensões mais amplas, já que, para ela, os cognitivistas só enfocam as metáforas mais básicas deixando de lado aquelas mais elaboradas e literárias. Esse é um ponto de vista que teremos oportunidade de discutir quando trouxermos o aporte de outros teóricos cognitivistas ( e até mesmo de Lakoff) para tratar da metáfora que foge da linguagem convencional e traz o ineditismo, seja através de um novo arranjo enunciativo, seja através de projeções entre domínios com mais luz em traços periféricos que prototípicos.<sup>17</sup>

Considero, contudo, tanto a seleção de teóricos sucintamente analisados, quanto as questões levantadas por Miguens, de total relevância e úteis ao meu trabalho. Penso que cada um desses teóricos possa somar ao objetivo final que é o entendimento do texto por aqueles que estão interessados na eficiência da leitura.

---

<sup>17</sup> Ver capítulo 3, item 2

### 3.1 – A Semântica Cognitiva

A Semântica Cognitiva é o campo de maior interesse de um novo paradigma nos estudos da linguagem que surgiu no final da década de 70 e início da de 80, como uma extensão e aperfeiçoamento da Semântica Gerativa. Foi o interesse pelo significado que abriu espaço para o surgimento da Lingüística Cognitiva, cujos pioneiros foram os norte-americanos George Lakoff e Ronald Langacker<sup>1</sup>, ambos discípulos de Chomsky. Conquanto a Lingüística Cognitiva tenha chegado como oposição às premissas chomskianas - a estrutura sintática lingüística podia ser desassociada dos outros aspectos da linguagem<sup>2</sup> e a lingüística não necessitava da contribuição de outras disciplinas – valeu-se, e muito, dos aspectos cognitivos que vigoravam nessa corrente e até mesmo em outras mais antigas<sup>3</sup>.

O pensamento científico vem se dividindo entre dois eixos ao longo dos séculos, os racionalistas/ objetivistas e os empiristas/ experiencialistas, desde Platão. As correntes que surgiram equilibram-se, então, nesses pólos, tentando sempre refutar os preceitos anteriores. Os analistas que conseguem, porém, se distanciar do fenômeno percebem que sempre há uma integração entre os saberes que se apóiam nessas extremidades.

Para melhor visualizar a diferença que constrói as singularidades de correntes alternativas, como a lingüística estruturalista/gerativista e a lingüística cognitiva, transcrevo o quadro-síntese descrito por Cuenca y Hilferty (1999: 16) e traduzido por nós:

---

<sup>1</sup> Ver Silva (1997:59 – 60) e Cuenca &Hilferty (1999: cap 1)

<sup>2</sup> “Se a sintaxe estivesse ligada, de modo inextricável, a outros aspectos da linguagem como por exemplo ao significado ou ao valor comunicativo, então poderia não ser possível discernir as leis que a regem”. (Gardner, 1985: 255)

<sup>3</sup> “A perspectiva cognitivista da linguagem não é nova, ao contrário do que alguns cognitivistas afirmam, nomeadamente Lakoff (1997: xii). Swiggers (1998) assinala uma longa tradição de estudo da linguagem em relação com a percepção e o conhecimento com três marcos principais anteriores ao séc. XX: a hermenéia (expressão ou, melhor, interpretação de um pensamento) de Aristóteles, a gramática especulativa medieval (dos modistas) e a gramática filosófica (*grammaire générale* ou *raisonné*) dos séculos XVII e XVIII”. (Silva, 1997:63)

OBJETIVISTA	EXPERIENCIALISTA
<ul style="list-style-type: none"> <li>• pensar é manipular símbolos abstratos, que se relacionam diretamente com o mundo.</li> <li>• o pensamento é independente do corpo humano.</li> <li>• o pensamento é atomístico.</li> <li>• o pensamento é lógico e pode ser formalizado e descrito a partir de valores de verdade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o pensamento responde a uma estrutura ecológica.</li> <li>• o pensamento tem caráter corpóreo, isto é, se baseia na experiência corporal humana.</li> <li>• o pensamento tem propriedades gestálticas.</li> <li>• o pensamento é imaginativo e somente pode descrever-se por modelos cognitivos.</li> </ul>

(Cuenca y Hilferty (1999: 16)

Vale dizer que tanto uma quanto a outra se interessam pela linguagem como construtora do conhecimento, só que para o estruturalismo a linguagem é fim, ou seja preocupa-se com as estruturas que a sustentam, e para a proposta cognitiva é meio, isto é, “procura saber como a linguagem contribui para o conhecimento de mundo”, volta-se, basicamente para a questão semântica, mas uma semântica voltada para o conceito que estrutura e constrói o pensamento, precisando, por isso, de outras disciplinas que também se interessem pelo modelo cognitivista das construções mentais. (Silva, 1997: 62 - 64).

Mario Vilela (2002), em seus estudos, faz uma distinção entre a Semântica cognitiva, que leva em conta o conceito, e a “semântica do significado (lingüístico) como foi praticada na semântica estruturalista européia” (p.44). A primeira apresenta falha no que concerne ao reducionismo semiótico do significado, já que não valoriza o signo (significante e significado) como entidade lingüística; a segunda, no que se refere à distinção entre conceito e significado, não levando em conta o extralingüístico condenado pelas abordagens estruturalistas.

Para Vilela, porém, as duas semânticas são incompletas e, por isso, complementares.

Não se pode ignorar que o falante de uma língua possui um conhecimento sistemático já lexicalizado internamente, por isso torna-se necessário “distinguir o saber acerca das relações lexicais de uma palavra, como a polissemia, a sinonímia, etc. e o saber acerca das marcas de uso.” (p.121). Como no diassistema de uma língua coexistem as variações diatópicas, diastráticas e diafásicas, subsistemas que também possuem elementos de outros subsistemas sistematizados dentro de uma lógica que possibilita a interação, conclui-se que “todos esses elementos pertencem aos traços semânticos de

uma língua” (p.121) e fazem parte do conhecimento de língua internalizado pelo falante, ou seja, sua competência lingüística.

É o que encontramos no dicionário como gíria, dialecto, regionalismo, literário, popular, informal, etc: como em estar triste e estar chateado, estar deprimido e estar na fossa, etc., o “estado de coisas” referenciado é parcialmente o mesmo, mas com aspectualizações diferentes.

.....  
O fato essencial e característico da marca diassistemática parece ser o facto de a referência extralingüística não ser afetada ou apenas indiretamente: rir, sorrir, rebentar de riso, rir a bandeiras despregadas (...) aponta para os mesmos estados de coisas, mas apontando para diferentes aspectos que mudam a nossa concepção do referente. Sabemos que as marcas regionais, sociais e estilísticas servem para a diferenciação sinonímica. Esta marca diassistêmica pertence como o semema ao saber lingüístico de um falante de uma língua particular, não ao sistema homogêneo, mas ao léxico como a um todo. (2002: 121-122)

Vilela lembra que a competência lingüística do usuário de uma língua envolve outros conhecimentos implícitos ou explícitos, tais como: as categorias gramaticais, o conhecimento de palavras cognatas, as regras das relações sintáticas, o reconhecimento dos significados. Diz, ainda, que, a partir das relações sintagmáticas dentro do contexto, um determinado lexema se realiza como polissêmico, homonímico ou sinonímico, antonímico ou paronímico. “Nesse saber do falante inclui-se o conhecimento da contigüidade no domínio da referência ou relações associativas, apreciações/valorizações, textos tradicionais (provérbios, ditados), estratégias discursivas”.(p.122)

Todos esses saberes “semêmicos” – “o saber lingüístico nuclear, através do qual um falante distingue uma palavra de outras (ou de outra palavra)” (p.105) - que são do domínio da semântica estruturalista, são extremamente relevantes para o falante, mas a contribuição indispensável que a semântica cognitivista traz é o saber extralingüístico, isto é, um saber enciclopédico baseado nas experiências que vai considerar a linguagem “como processo e estratégia de conceptualização e categorização do real” (p.107) e ainda vai considerar o conhecimento de *frames* e situações prototípicas que também serão de enorme relevância para o estabelecimento das categorias de mundo, que, na maior parte das vezes, são revestidas de figuratividade.

Esse novo enfoque semântico que a partir de Lakoff e Johnson recebeu o nome de experiencialismo (1980) e mais tarde, na obra *Philosophy in the Flesh. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, de Lakoff (1987), recebeu o nome de

realismo corporizado (embodied realism), procura superar a divisão empiricismo/racionalismo e dirigir um olhar para uma concepção mais flexível de linguagem, a começar pelo processo de categorização que é determinante na formação dos conceitos e do mundo que nos rodeia.

Se antes, como produto, ainda, do pensamento Aristotélico, os membros de uma categoria eram definidos por propriedades necessárias e suficientes e todos se agrupavam por limites discretos, agora as categorias são imprecisas e dinâmicas e apresentam uma estrutura prototípica, ou seja, os membros (ou propriedades) de uma categoria se agrupam por similaridades parciais e se diferem por graus de saliência (uns membros são mais prototípicos e outros mais periféricos). Esta é a teoria do protótipo, um dos alicerces da Linguística Cognitiva, cuja origem deita raízes nas pesquisas psicolinguísticas de Eleanor Rosch (Lakoff, 1987), cujo interesse pelos modelos formais da memória conceptual humana levou-a à categorização das cores, das aves, dos frutos e de outras classes que se agrupam em categorias contínuas e heterogêneas, mas relevantes pelos efeitos de prototipicidade.

Para entendermos melhor a teoria do protótipo, é importante trazer dois conceitos extremamente relevantes para os fundamentos da Semântica Cognitiva: os modelos cognitivos idealizados (“ICMs”, Lakoff, 1987:68 – 76) e os modelos culturais.

Os modelos cognitivos idealizados [“ICMs”, LaKoff, 1987; 68- 76] representam nosso conhecimento de mundo de forma parcial ou simplificada, mas é um conceito importantíssimo para a teoria do protótipo, porque é na tensão entre o modelo cognitivo idealizado e o exemplar de uma dada categoria que vai se estabelecer a proximidade com o modelo prototípico ou o(s) modelo(s) periférico(s). Essas estruturas são sócio-culturalmente construídas pelos sujeitos, podendo ser caracterizadas como modelos de cenários, molduras comunicativas, enquadres de cenas, scripts e funções sociais.

Os modelos culturais são espécies de modelos cognitivos idealizados que são culturalmente localizados, por exemplo, as propriedades prototípicas da roupa de praia feminina no Brasil e na Europa são diferentes. Tomando-se o enquadre de cena de uma praia no Rio de Janeiro, dificilmente encontraremos mulheres de seio de fora, enquanto esse é um hábito comum em mulheres de qualquer idade em praias européias.

Não há necessariamente uma correspondência entre o mundo real e as categorias porque elas resultam das nossas representações mentais do mundo, de nossos modelos

cognitivos idealizados e modelos culturais<sup>4</sup> que podem abonar associações entre membros de uma categoria. O protótipo seria o exemplar mais representativo de uma determinada categoria, aquele que compartilha mais características com os demais membros da categoria e ao mesmo tempo essas características o distinguem de outras categorias. Os limites de uma categoria a outra são difusos e sofrem a gradação dos membros periféricos.

A teoria do protótipo explica por que as categorias não podem ser tomadas como estruturas invariantes e justifica tanto a polissemia como a compreensão de metáforas novas que ativam nos espaços mentais um núcleo prototípico responsável pela “estabilidade estrutural que permite interpretar novos fatos através do conhecimento já existente”. (Silva, 2004:84)

Silva (2004:82) adaptou o exemplo do conceito de *mãe*, usado por Lakoff (1987:74-76) e chamado por ele de ‘Cluster models’. Transcrevo aqui por achar bastante ilustrativo de como os modelos cognitivos idealizados são fundamentais para mostrar a discrepância que existe entre os mesmos e a realidade e para justificar o olhar da Linguística Cognitiva para a categorização com mais flexibilidade, presente na teoria do protótipo.<sup>5</sup>

Um exemplo paradigmático é o conceito de *mãe*, aparentemente definível em termos de condições necessárias e suficientes. A mãe prototípica supõe vários atributos que nem sempre se verificam na mesma pessoa: é aquela que concebe, gera e dá à luz um filho, cria-o e educa-o e, além disso, está casada com o pai da criança e, ainda para muita gente, é a que

---

4 “Em vez de falar de um ‘objeto-protótipo, de um elemento que é prototípico – o qual nos levaria, por exemplo, à discussão (bizantina) de qual fruta é mais prototípica, a maçã ou a pêra, qual animal doméstico é mais prototípico, o cachorro ou o gato - , se fala de ‘entidade-protótipo cognitiva’, ou melhor, de efeitos de prototipicidade. Para cada categoria construímos uma imagem mental, que pode corresponder-se de maneira mais ou menos exata com algum membro existente da categoria, com mais de um ou com nenhum em concreto. Essa imagem mental é o que denominamos protótipo da categoria. Quando falamos de protótipo estamos concretando uma abstração que realmente remete a juízos sobre o grau de prototipicidade. O protótipo não seria mais que um fenômeno de superfície que toma diferentes formas segundo a categoria que estudamos; é, basicamente, o produto de nossas representações mentais do mundo, de nossos modelos cognitivos idealizados” (tradução de Cuenca & Hilferty, 1999: 36).

<sup>5</sup> Neste trabalho procuramos simplificar a Teoria do Protótipo e nos determos nos fundamentos que fossem pertinentes para a compreensão da metáfora, da polissemia, enfim, da polissemantização. Para um aprofundamento de tal teoria, poderíamos ter consultado entre outras, as seguintes obras:

**LAKOFF, G.**, 1987 (vide bibliografia ao final do trabalho)

**GEERAERTS, Dirk.** (1985) *Paradigm and Paradox. Explorations into a Paradigmatic Theory of Meaning and its Epistemological Background*, Leuven: Leuven University Press,

(1988) “On necessary and sufficient conditions”, *Journal of Semantics* 5, pp. 275 – 291.

(1988) “Where does prototypicality come from? In : Rudzka-Ostyn (ed.), pp. 207 – 229.

(1988) “Prototypicality as a prototypical notion”, *Communication and Cognition* 21, pp 343 – 355.

**WIERZBICKA, Anna.** *Lexicography and Conceptual Analysis*. Ann Arbor, Karoma Publishers, 1985.

**KLEIBER, Georges.** *La Sémantique du Prototype. Catégories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.



se dedica às tarefas do lar. Ora, a falta de correspondência entre o protótipo e a realidade dá lugar a uma grande variedade de conceitos de mãe, como *mãe biológica*, *mãe adotiva*, *mãe de aluguer*, *mãe solteira*, *mãe trabalhadora* (e outras que o desenvolvimento das técnicas de reprodução assistida nos reserva). Deste modo, perde razão o famoso aforismo *mãe só há uma* e não surpreenderá dizer que eu tenho quatro mães reais: a mulher donde procedem os meus genes, a mulher que me deu à luz, a mulher que me criou e a esposa de meu pai.

Aqui ficará mais claro que as fronteiras entre os saberes semêmicos e os saberes extralingüísticos são difíceis de estabelecer, “daí a dificuldade de entender língua, pois essa sua condição de não-representação lhe dá um caráter intrinsecamente opaco.” (Marcuschi, 2003:256)

Esses dois planos, o semêmico e o extralingüístico, fazem parte do sistema mental e da memória discursiva do falante, por isso essas correntes teóricas não são excludentes e a lingüística, com enfoque a que nos propomos, além de se preocupar com a competência lingüística do falante, valoriza o aspecto funcional da linguagem, sendo “pragmaticamente orientada” (Silva, 1997: 62)..

Começamos por relativizar o fato de que a Lingüística Cognitiva, não se volta para o lingüístico, mas para o conceito. Mesmo reconhecendo a importância dessa e de outras premissas desse estudo (estruturas conceptuais e pré-conceptuais traduzidos em modelos cognitivos idealizados, metáforas e metonímias conceptuais, protótipos e esquemas imagéticos), é no exame da língua, como estrutura e produto, dentro do tecido textual, que abordaremos alguns desses aspetos combinados, mesmo porque a língua, em sua materialidade, é o campo de investigação para qualquer observação teórica.

A própria Lingüística Cognitiva não se atém a um modelo de descrição homogêneo e abraça várias linhas de investigação, assim sendo, pensamos que o pesquisador pode construir sua reflexão a partir dos fundamentos facilitadores para a compreensão e que não estejam em contradição. Mesmo porque essa é uma ciência interdisciplinar e recebe contribuições da Psicologia Cognitiva, Neurociência, Inteligência Artificial, Antropologia, Filosofia cujos interesses giram em torno do acesso à realidade e da construção do conhecimento através da linguagem.

Hoje se defende que o conhecimento se faz pela interação comunicativa e Marcuschi (2003) - através da explicação de Fauconier e Turner<sup>6</sup>: “vemos uma xícara de café como uma coisa porque nossos cérebros e nossos corpos trabalham para lhes dar

---

<sup>6</sup> FAUCONNIER, G e TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

esse status” - acentua que “somos seres cognitivos em um sentido muito diverso do que os demais seres vivos o são” (2003:240), já que os humanos além de interagirem entre si, atribuem ao seu congênere e a si a intencionalidade em suas ações, havendo, dessa forma, entre eles, além de um processo colaborativo, a posse do legado cultural transmissível às gerações pelo aprendizado. Portanto “as habilidades cognitivas típicas da espécie humana, não se devem a uma herança exclusivamente biológica e sim resultam de uma variedade de processos sociais, históricos e ontogenéticos” diz Marcuschi, agora se apropriando de Tomasello<sup>7</sup>.

Segundo essa perspectiva somos uma soma de nossa herança biológica, social, histórica e através da linguagem e da cultura nos constituímos em seres cognoscentes, logo a língua é mais do que um instrumento de conhecimento, é constitutiva dele.

Agora já se baseando em Jackendoff<sup>8</sup>, Marcuschi (2003:242) analisa os pré-requisitos que esse teórico vai elencar para que sejamos capazes de dominar uma língua. Jackendoff se baseia em Chomsky e lança o “*Argumento da Gramática Mental*”<sup>9</sup> e o “*Argumento do Conhecimento Inato*”<sup>10</sup>. Marcuschi critica e diz que falta a esses postulados “a informação cultural ou social” o que enfraquece, de certa forma, tais “reflexões cognitivistas-mentalistas”, embora este mesmo teórico, depois de refletir sobre várias questões, chegue à conclusão de que “o modo como somos repercute sobre o modo como produzimos o conhecimento e o sentido”, trazendo à baila a questão maior da sua teoria que vai resultar em *O Argumento para a construção da experiência*, ou seja: “como a nossa experiência está relacionada com a realidade física?”

Ainda assim Marcuschi vai discordar de Jackendoff, a quem considera um mentalista moderado, pois o pesquisador brasileiro entende que “a experiência humana, revelada em suas atividades de categorização, não é um dado natural, mas um trabalho social e histórico que resultará na produção da cultura humana.”(2003:242). Além do mais, ele observa que a forma não pode ocupar um espaço “absolutista” e “autônomo” na produção de sentido, já que agregada a ela estarão sempre as atividades sociocognitivas. Daí que, para se ter uma visão holística da linguagem, faz-se necessário

---

<sup>7</sup> TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1999.

<sup>8</sup> JACKENDOFF, R. *Patterns in the mind: language and human nature*. New York: Basic Books, 1994.

<sup>9</sup> “o *Argumento da Gramática Mental* postula a existência de princípios gramaticais inatos e inconscientes”(p.242).

<sup>10</sup> “O *Argumento do Conhecimento Inato* postula que a maneira como aprendemos a falar implica que o cérebro humano contenha uma especialização para a linguagem geneticamente determinada”. (p.242).

abraçar diferentes correntes teóricas, uma prática a que a Linguística Cognitiva tem recorrido.

(...) todas as habilidades são permeadas e mediadas pela experiência em vários níveis de modo integrado, o que permite um contínuo de teorias lingüísticas desde um formalismo puro até o funcionalismo.

Isso nos leva a crer que a maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva **sobre** o mundo e de nossa inserção sociocognitiva no mundo, pelo uso de nossa imaginação em atividades de ‘integração conceitual’, do que pelo simples fruto de procedimentos formais de categorização lingüística. O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo construtivo e imaginativo e não de uma identificação de realidades discretas e formalmente determinadas. A primeira consequência disso é a impossibilidade de uma relação biunívoca entre linguagem e mundo, ou seja, cai por terra a visão representacional de linguagem, tão cara a todos os formalismos. Entra em cena uma continuidade conceitual elaborada com base na diversidade dos esquemas que mapeiam relações cognitivas estáveis.

Não se trata de negar que os fenômenos de nossa percepção sejam reais, ou de afirmar que não tenham uma existência extramental, mas se trata de não aceitar que sejam identificáveis como unidades naturais, ou que sejam apenas representações mentais. Recusamos tanto o naturalismo positivista como o mentalismo cognitivo na sua forma ingênua. (Marcuschi, 2003:243)<sup>11</sup>

Concordo com Marcuschi quando ele diz que “As categorias não podem ser cartografias cognitivas. Não são uma espécie de repertório de etiquetas para dizer o mundo”. (2003: 256). É aí, no nosso entender, que a teoria de Lakoff (Lakoff e Johnson:1980, Lakoff:1987, Lakoff e Turner (1989) pioneira, mas incompleta, vai precisar ser relativizada e receber a contribuição de outras linhas de pensamento.

Mara Zanotto (1998) já apontava que, ao fugir do “mito da objetividade”, Lakoff e Johnson caem, de certa maneira, neste mesmo paradigma ao conceptualizar de forma concreta os conceitos mais subjetivos. Em suas pesquisas, eles deixam de lado a indeterminação dos sentidos, que vai ser instituída no contexto e nas trocas interacionais, na enunciação. Portanto há lacunas na teoria dos precursores da Linguística Cognitiva que privilegiaram em suas pesquisas o estudo da metáfora e da metonímia, principalmente as convencionais, enquanto outros, como Langacker,

---

<sup>11</sup> Podemos concluir, que tanto o lingüista português, Mario Vilela, quanto o brasileiro, Luiz Antônio Marcuschi rejeitam posições unilaterais em relação às reflexões sobre a aquisição de conhecimento através da linguagem.

voltaram-se mais para a construção de uma teoria cognitiva mais completa denominada Gramática Cognitiva e ainda outros, como Gibbs, voltaram-se para o enfoque psicolinguístico da construção de modelos interpretativos baseados na distinção literal/figurado. De qualquer forma, não podemos negar a enorme contribuição que Lakoff, em parceria com Johnson, sozinho ou em parceria com outros autores, trouxe para o enfoque da metáfora (e, conseqüentemente, do significado), assumindo, nessa visão, a tarefa de conceptualizar o mundo e, dessa forma, nomeá-lo. Sua atuação dentro da Linguística Cognitiva ficou tão marcada pelo estudo da metáfora que fica plenamente justificada “a designação de abordagem lakoviana da metáfora”. (Silva, 2003:15)

Junto com Lakoff, Langacker ergueu os pilares do enfoque mais contemporâneo no estudo da linguagem, preocupando-se em estabelecer uma gramática de bases cognitivas. Para isso estabeleceu os cinco princípios fundamentais da Linguística Cognitiva. Traduzo a síntese desses princípios feita por Cuenca y Hilferty (1999: 19):

- a. O estudo da linguagem não pode separar-se de sua função cognitiva e comunicativa, a qual impõe um enfoque baseado no uso.
- b. A categorização, como processo mental de organização do pensamento, não se realiza a partir de condições necessárias e suficientes que determinam fronteiras rígidas entre as categorias cognitivas, mas sim a partir de estruturas conceptuais, relações prototípicas e semelhanças de família que determinam limites difusos entre as categorias.
- c. A linguagem tem um caráter inerentemente simbólico. Portanto, sua função primeira é significar. Daí se deduz que não é correto separar o componente gramatical do semântico: a gramática não constitui um nível formal e autônomo de representação, mas também é simbólica e significativa.
- d. A gramática consiste na estruturação e simbolização do conteúdo semântico a partir de uma forma fonológica. Por isso o significado é um conceito fundamental e não derivado na análise gramatical.
- e. Se impõe uma caracterização dinâmica da linguagem que dilui as fronteiras entre os diferentes níveis de linguagem (a semântica e a pragmática, a semântica e a gramática, a gramática e o léxico) e mostra as dificuldades e inadequações que resultam da aplicação rígida de certas dicotomias, como a que opõe diacronia e sincronia, competência e performance, denotação e conotação. A gramática é uma entidade em evolução contínua, “um conjunto

de rotinas cognitivas, que se constituem, mantêm e modificam pelo uso lingüístico”<sup>12</sup>

Temos certeza de que essas contribuições foram fundamentais para o surgimento de teorias que procuram preencher lacunas - até porque a flexibilidade, a interdisciplinaridade, são preceitos básicos na Lingüística Cognitiva. O trabalho da nossa pesquisa tem como linha de partida as assunções elementares de Lakoff e Johnson (1980) para a metáfora, os trabalhos posteriores desses teóricos sozinhos ou em outras parcerias, associados aos estudos de um outro fundamento da linguagem: a prática dialógica e interacional, que abriga a intencionalidade, o dado e o novo, a polifonia, o contexto, a inferência e o pressuposto e que vão, junto à metáfora, ampliar a compreensão dos textos e justificar a construção cognitiva da realidade que nos cerca . Portanto, levar-se-á em conta a troca interativa em que se integra o histórico e o social, em uma negociação de sentidos a partir de uma rede experiencial, traçada e mapeada em domínios, que, de certa forma, traduzem a nossa percepção de mundo que deixa de ser objetiva para ser uma construção sócio-partilhada.

Sendo assim, consideramos pertinente para uma visão holística na compreensão metafórica, enfocá-la em sua dupla dimensão: 1) a metáfora como estrutura do pensamento materializado em linguagem; 2) a metáfora como veículo de compreensão na interação verbal.

Embora essa ainda seja uma questão mal resolvida e polêmica dentro da ciência cognitiva, nas duas dimensões não se levará em conta a dicotomia tradicional entre literal e figurado para o processamento da compreensão de textos, mas um *continuum* que procura estabelecer os graus de figuratividade. A metáfora perde a sua excepcionalidade e é um produto manifesto do nosso sistema conceptual, estruturante do pensamento, da linguagem e da ação, tanto no discurso ordinário, quanto no discurso científico e no discurso poético.

---

<sup>12</sup> LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive grammar, vol.I: Theoretical Prerequisites*. Stanford (Cal.): StanfordUniversity Press, 1987.

### 3.2 A figuratividade da linguagem ou a literalidade da metáfora?

A importância que se vem dando ao estudo da metáfora está, de certa forma, condicionada à importância crescente dada ao fenômeno da significação lingüística e ao processo de interpretação em geral. “O trabalho de construção requerido ao ouvinte/leitor, de que a interpretação da metáfora constitui apenas um limite, é essencialmente o mesmo para todos os usos de linguagem”.<sup>1</sup> Como a linguagem é matéria prima fundamental na construção do conhecimento e na produção de mundos processados na interação sócio-histórico-cultural, e como o paradigma científico atual questiona a abordagem objetivista de apreensão do real, o estudo da metáfora, na medida que funciona como veículo para aferição das teorias que se interessam pelo significado, vem questionar o mito que, até então, vigorava na sociedade ocidental cartesiana.<sup>2</sup> Embora esse caminho tenha possibilitado enfoques inovadores para a metáfora, muitos pesquisadores ainda localizam a metáfora dentro do bipolarismo que separa a linguagem literal, que serve para veicular a verdade, e a linguagem figurada que conduz ao erro e a imprecisão.

Mesmo os teóricos que abraçam a Pragmática trazem uma visão mais dicotômica que dialética e examinam as proposições metafóricas como a “Semântica das Condições de Verdade”, privilegiando “a distinção entre significado do falante e significado da sentença como propunha Grice”.<sup>3</sup>

Finger, em *Metáfora e Significação* (1996), faz um levantamento de como alguns teóricos, voltados para o raciocínio positivista, estudam a metáfora, começando por Grice que “exige que sejamos capazes de explicar como é possível que a partir de um dado proferimento, seja comunicado muito mais do que é literalmente dito”. Martinich<sup>4</sup> amplia as teorias de Grice, argumentando que as metáforas não se inserem nos estudos semânticos, mas no circuito da Pragmática, pois só o uso vai definir a literalidade ou não de um enunciado. Para ele a metáfora é um jogo de faz-de-conta que vai depender de um pacto cooperativo entre falante e ouvinte para ser interpretado, envolvendo, dessa

---

<sup>1</sup> Amaral, 2003: 16

<sup>2</sup> Relativo à Descartes. O pensador francês “achou que era possível estabelecer qual o conhecimento mais válido, menos sujeito a questionamentos. Procurou pensamentos que fossem claros e nítidos e, por isso, indubitáveis. Uma posição privilegiada estava reservada para as idéias da aritmética e da geometria, que pareciam menos constrangidas pela dúvida, tão evidentes que deveriam ser verdadeiras.” ( Gardner,2002: 81)

<sup>3</sup>Grice (1987).Apud Finger, 1996:19 - 30

<sup>4</sup> Martinich, A. P. “ Atheory for Metaphor”, originalmente publicado em Journal of Literary Semantics, v.13, p. 35 – 56, 1984. Apud: Finger, 1996:31 - 38

forma, as “implicaturas conversacionais”. Searle<sup>5</sup>, conforme exposto anteriormente, ainda pelo mesmo caminho, diz que o enunciado será sempre literal, mas que o falante pode torná-lo metafórico no seu proferimento, logo há, também um significado para a sentença diferente do significado do falante, e isto é demonstrado com os atos de fala. De uma forma ou de outra, todos esses teóricos e outros como Bergmann<sup>6</sup>, Davidsom,<sup>7</sup> procuram uma forma de explicar, sem violar suas convicções, como o falante ao proferir uma metáfora não está se comprometendo com uma falsidade e como a colaboração inferencial do ouvinte (Almeida&Finger<sup>8</sup>) é necessária para que a proposição lingüística tenha força de verdade.

Na investigação psicolingüística, Gibbs traz os resultados de pesquisas que mostram que o entendimento da linguagem figurada não tem necessariamente que passar pelo reconhecimento de uma paráfrase literal ou o reconhecimento de um significado literal anômalo ou então o reconhecimento da figuratividade e a posterior rejeição ao significado literal quando há um contexto que dá apoio aos conhecimentos sociais partilhados. A facilidade que temos para reconhecer enunciados figurados é, possivelmente, derivada do nosso sistema conceptual que tende a metaforizar, num processo inconsciente, nossas experiências mais básicas.

Isso, porém, não prova a inexistência de linguagem não-figurada ou literal. O que se pretende é derrubar alguns mitos que afirmam que toda linguagem convencional cotidiana é literal, que somente a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira, as categorias gramaticais de uma língua são literais e não comporta figuratividade.

A linguagem figurada nem sempre requer um esforço cognitivo adicional e muitas expressões metafóricas (como por ex.: “cirurgiões são açougueiros”<sup>9</sup>) são mais prontamente compreendidas que sua paráfrase literal. Na verdade, as investigações (Gibbs, 1994, 2001) trouxeram a evidência de que os processos de compreensão e interpretação usados para a desambiguação da metáfora são os mesmos usados para o entendimento da linguagem literal. O processo de compreensão de linguagem figurada ou literal é uma construção por parte dos sujeitos envolvidos que devem levar em conta

---

<sup>5</sup> Ver as referências já citadas

<sup>6</sup> Bergmann, M. “Metaphorical Assertions”, publicado originariamente em *The Philosophical Review*, v.91. p.229 – 245,1982. Apud; Finger,1996: 59 – 65.

<sup>7</sup> Davidson, D. *What Metaphors Mean*. In: Davidson, D. *Inquires into Truth and Interpretation*. Oxford: Clarendon Press. P.245 – 264, 1984. Apud: Finger, 1996: 40 – 42 e 67 – 69.

<sup>8</sup> Para Almeida & Finger a colaboração inferencial receberia o nome de “Princípio de Caridade que expressa a tentativa (preocupação) do ouvinte de maximizar a coerência no sistema de crenças atribuído ao falante”(p.78).

<sup>9</sup> O estudo sobre esse exemplo encontra-se no artigo de Gibbs in Ortony, 1993: 254.

a informação disponível, distinguindo as lingüísticas e as extralingüísticas que se ajustam para dar sentido ao todo.

Katz e Ferreti, segundo Gibbs, adotam o modelo de “constraint satisfaction”<sup>10</sup> para explicar como a compreensão de provérbios usuais e desconhecidos é afetada pelo contexto. Os primeiros são entendidos rapidamente, porque todas as informações pertinentes já estão processadas no sistema mental, já os últimos levam um tempo maior, principalmente se não estiverem emoldurados pelo contexto.

(...) quando pessoas lêem um provérbio desconhecido, imediatamente focam a interpretação literal, o que não acontece com o provérbio familiar em que já focam imediatamente a interpretação figurada, isso porque no desconhecido eles precisam processar as fontes de informação lingüística e extralingüística para alcançar a interpretação figurada enquanto no familiar essas informações já estão processadas. Esses dados são consistentes para explicar a compreensão da linguagem figurada ao nível da palavra, da frase e do mais alto nível textual, e como a linguagem figurada é entendida direta ou indiretamente. (Tradução livre, ver referência na nota)

Gibbs acentua que a forte dicotomia entre literal/ figurado se deve à confusão entre os processos e os produtos da interpretação lingüística “que toma lugar em tempo real dispendo de um primeiro milésimo de segundo de processo para a análise reflexiva de longo termo” Trata-se, então, de um *continuum* temporal que corresponde, irregularmente, aos seguintes níveis de entendimento:

- 1) Compreensão da linguagem, ou seja, a inter-relação da competência lingüística do sujeito (ao nível fonológico, lexical e sintático), do seu conhecimento de mundo e do contexto.

---

<sup>10</sup> “constraint satisfaction” é um modelo que valoriza a compreensão à nível textual e tem sido valorizado pela ciência cognitiva. (KATZ, A. N & FERRETI, T. R. Moment-by-moment reading of proverbs in literal and nonliteral contexts. *Metaphor and Symbol*, 16, 193-221, 2001.

“Familiar proverbs were understood more easily than unfamiliar expressions, and the speed-up in processing for familiar proverbs occurred as soon as the second word of the expression was read. But the first words of unfamiliar proverbs were read more quickly in contexts supporting their figurative, rather than literal, meanings. Yet the analysis of an unfamiliar proverb’s figurative meaning was not always complete when the last word was read.(...) Katz and Ferretti (...) suggest that a constraint satisfaction model accounts for this pattern of data by positing how different sources of information (i.e., syntactic, lexical, conceptual) compete for activation over time in parallel.(...)...when reading an unfamiliar proverb, people immediately focus on a literal interpretation because there is less competition from other sources of information supporting a figurative meaning. Similarly, familiar proverbs are easier to process than unfamiliar expressions because there is more information available from the context and the words in familiar proverbs to support a nonliteral interpretation. (...) The idea that different sources of linguistic and nonlinguistic information compete for activation and are ultimately integrated makes intuitive sense in explaining diverse aspects of figurative language understanding” (Gibbs, 2001:322)



- 2) Reconhecimento é o momento em que a proposição figurada é identificada como categoria conceptual e semântica diferente, isto é, determina-se se uma dada expressão convém ao significado literal, metafórico, irônico, etc, embora não haja qualquer evidência de que esse seja um processo consciente ou não.
- 3) Interpretação é um processo monitorado pela consciência numa interação de conhecimentos partilhados, crenças e modelos culturais possibilitando hipóteses interpretativas.
- 4) Apreciação é o prazer estético provocado pela linguagem figurada que requer um processo mental diferente da compreensão, cada uma refletindo diferentes partes do *continuum* temporal, e nesse caso é o arranjo lingüístico que entra em foco.

Outra confusão que se estabelece é em relação às funções do sentido literal na interpretação do enunciado figurado que, segundo alguns teóricos, funcionam como uma violação das máximas conversacionais. Esse problema se deve à falta de consenso para a definição do sentido literal.

Segundo a visão cognitivista de construção do significado, ao contrário do que prega Grice (1987) e Searle (1993), nos atos de fala, não há um processo que envolve reconhecimento de um significado para o que é dito e outro para o que se quer dizer, porque a maioria das implicaturas conversacionais são convencionalizadas e são entendidas sem qualquer análise do significado das palavras. Ao ouvir uma frase como “Está calor aqui”, proferida em um contexto de enunciação, o ouvinte imediatamente interpreta como representação de pensamentos que são relevantes para o falante e por esse motivo imediatamente deduz que alguma ação está sendo requisitada (“Por favor, abra a janela ou ligue o ventilador ou o ar condicionado”) dado o pragmatismo da situação. Nesse caso, a inferência de um significado indireto ou não-literal não demanda um processo de implicatura conversacional mais elaborado para chegar ao significado pretendido pelo falante., nem há violação das máximas conversacionais.

Em relação às metáforas conceptuais, vale dizer que elas não requerem grande esforço de compreensão por estarem associadas às nossas experiências físicas e corpóreas, além de traduzirem de forma concreta as nossas experiências subjetivas. Já as metáforas literárias, na instância da interpretação, exigirão processo semelhante ao da produção, isto é, uma dosagem maior de criatividade, critério essencial quando os

aspectos figurados fogem ao convencional, ainda que se realizem através de um mesmo mapeamento conceptual básico que ilumina alguns aspectos mais prototípicos na linguagem convencional do dia a dia ou focaliza os mais periféricos quando o enfoque é mais criativo.

Visto dessa maneira, percebe-se que há uma fluidez nos limites entre linguagem literal e figurada (tal como um *continuum*), já que a última perde seu caráter de desvio e de anormalidade para assumir o caráter de ubiquidade como fator de cognição e de construção do real.

Existe uma transição gradual, perceptível pela competência semântica que está codificada no sistema mental, da literalidade para os diferentes graus de figuratividade<sup>11</sup>, diluindo a linha que a tradição delimitou.

Andrew Ortony, numa obra de referência, *Metaphor and Thought* (1993), reúne os estudiosos mais recentes da metáfora e em seu artigo propõe uma divisão desses estudos obedecendo a duas linhas diferentes, ainda problematizando a questão literal / figurado: uma que parte de uma posição construtivista da metáfora e outra que parte de uma posição oposta, não-construtivista.

<sup>11</sup> Adaptando o exemplo dado por Taylor (1995: 136 – 139) (...) o Quadro I apresenta diferentes usos do adjetivo atributivo **alto** e a sua transição gradual da literalidade para diferentes graus de figuratividade.

Literal		metonímico		Metafórico
(1) edifício alto tecto alto	(2) maré alta	(3) temperatura alta	(4) preços altos	(5) Alta qualidade

Quadro I. Continuum literal-figurado.

Em (1) **alto** é usado literalmente para designar um grau superior (acima da média) da escala da verticalidade, quer no sentido extensional (**edifício alto**) quer no sentido posicional (**tecto alto**), mas o mesmo não acontece, num crescendo de figuratividade, em (2)-(5). O uso de **alto** em (2) é parcialmente metonímico, pois refere-se quer à dimensão vertical quer à dimensão horizontal, realizando a metonímia **acima por acima e mais**; e em (3) é inteiramente metonímico, já que **alto** substitui uma outra entidade do mesmo domínio, Isto é, a escala de verticalidade é usada em vez de escala de temperatura, actualizando, assim, **alto** a metonímia **acima por mais** ou, mais genericamente, **efeito pela causa**, no sentido de que a temperatura quente faz subir o termómetro. O adjetivo **alto** em (4), bem como a expressão subida de preços, oscila entre a leitura metonímica e uma leitura metafórica; no primeiro caso, a interpretação faz-se por representação gráfica do preço sob a forma de uma linha a subir traçada num gráfico, e a metonímia é do tipo **coisa pela sua representação**, ou então pela metonímia **acima por mais**, correlacionando o preço à quantidade de dinheiro despendido; no segundo caso, a interpretação faz-se, não por contigüidade, mas por similaridade entre 'altura' de um preço e 'quantidade' de dinheiro, através da metáfora **mais é acima**. Finalmente em (5) alto diz respeito a uma escala perfeitamente distinta, a de avaliação (axiológica), cujo ponto mais alto é 'bom', realizando assim a metáfora **bom é acima**. (Silva, 2003:18-19)

NOTA: verificar que no *continuum* de figuratividade a metonímia é mais referencial que a metáfora.

Para Ortony, o confronto está centrado na cognição, processo resultante de uma construção mental que se apóia num conhecimento de realidade distanciado do positivismo lógico cujo mundo objetivo não é diretamente acessado, mas é construído pela linguagem, pela percepção e pelos conhecimentos pré-existentes no sujeito.

“A abordagem cognitivista atribui um importante papel à metáfora, tanto na linguagem quanto no pensamento e também tenta quebrar a distinção entre o metafórico e o literal. Uma vez que para o construtivista, o significado, ao invés de estar pronto, tem que ser construído, o uso não-literal da linguagem não constitui um problema especial. O uso da linguagem é uma atividade essencialmente criativa, assim como a sua compreensão.

O certo é que metáforas e outras figuras do discurso podem, algumas vezes, requerer um pouco mais de criatividade que a linguagem literal, mas a diferença é quantitativa, não qualitativa.

Por outro lado, a posição não-construtivista considera o uso metafórico mais insignificante, desviante e parasita que o “uso normal”. Se a metáfora necessita de explicação de algum modo, essa explicação será em termos de violação das normas lingüísticas. Metáforas caracterizam a retórica, não o discurso científico. Elas são vagas, supérfluas e desnecessárias, apropriadas para os propósitos da política e da poesia, não para os propósitos dos cientistas que tentam fornecer uma descrição objetiva da realidade física.” (tradução: ver referência na nota)<sup>12</sup>

A visão construtivista da metáfora também põe em xeque, segundo Ortony, a distinção entre linguagem literária e científica, já que não dicotomiza a relação metafórico e literal.

O meu trabalho adota a perspectiva de que existe uma gradação entre literal e figurado, que se apóia mais na diferença quantitativa que qualitativa, conforme a citação acima, e acredito que haja exatamente o mesmo processo na gradação quantitativa das estratégias para a compreensão e na quantificação da criatividade para a produção da metáfora literária, da metáfora científica ou dos usos metafóricos da linguagem convencional, já que há uma imagem que se apóia nas nossas experiências mais básicas

---

<sup>12</sup> The constructivist approach seems to entail an important role for metaphors in both language and thought, but it also tends to break down the distinction between the metaphorical and the literal. Since, for the constructivist, meaning has to be constructed rather than merely “read off”, the meaning of nonliteral use of language does not constitute a special problem. The use of language is an essentially creative activity, as is its comprehension. To be sure, metaphors and other figures of speech may sometimes require a little more creativity than literal language, but the difference is quantitative, not qualitative. By contrast, the nonconstructivist position has metaphors as rather unimportant, deviant, and parasitic on “normal usage”. If metaphors need explaining at all, their explanation will be in terms of violations of linguistic rules. Metaphors characterize rhetoric, not scientific discourse. They are fuzzy and vague, inessential frills, appropriate for the purposes of the politician and the poet, but not for those of the scientist, who attempting to furnish an objective description of physical reality (Ortony in Ortony, 1993: 2).

e se expande em desdobramentos até revelar o inusitado que marca a metáfora poética. Na verdade, a metaforicidade já se estabelece no pensamento que constrói o nosso sistema conceptual e se materializa nas categorizações lingüísticas, marcando um patamar de grau zero até expansões mais criativas, daí a afirmação de que as estratégias de compreensão e de produção dos diferentes usos da linguagem são as mesmas. Se o leitor/ ouvinte for capaz de perceber, no nível da consciência, os processos mais básicos de metaforização, levando em conta suas experiências físicas e corpóreas, seu conhecimento de mundo e o contexto em que as proposições se inserem, vai também construir as significações mais extensivas e elaboradas por terem processos semelhantes<sup>13</sup>.

Por exigir mais criatividade para a desambiguação dos enunciados com maior grau de figuratividade, deduz-se que, a partir dos índices do contexto, o sujeito vai inferir, pressupor e estabelecer coerência e sentido na situação de discurso.

O entendimento da significação lingüística como construção do destinatário e, portanto, da interpretação de enunciados lingüísticos como um processo criativo, que requer sempre, em maior ou menor grau a participação activa do leitor/ouvinte, conduziu a um esbatimento da distinção entre literal e figurado. (Amaral, 1975: 49).

---

<sup>13</sup> Esta posição é defendida, dentro da designação construtivista atribuída por Ortony, pelo psicolingüista Raymond Gibbs:

The traditional assumption that figurative language is deviant because it violates communicative norms suggests that people should take longer to process figurative utterances than to comprehend literal expressions.

However, this idea may be false for two major reasons. First, the poetic structure of mind suggests that figurative language reflects fundamental aspects of everyday thought. People do not find figurative language any more difficult to process than literal discourse, because both types of language arise from figurative scheme of thought that are a dominant part of our conceptual system. (...) Second, people may find figurative language readily understandable when these utterances are encountered in realistic discourse contexts. The pragmatic information that constitutes social situation can provide a framework for understanding language such that figurative expressions seem perfectly acceptable and appropriate. (1994: 85).

“A assunção tradicional de que a linguagem figurada é desviante porque viola normas comunicativas sugere que as pessoas deviam levar mais tempo para processar sentenças figurativas que para compreender expressões literais.

Entretanto esta idéia pode ser falsa por duas razões. Primeiro, a estrutura poética da mente sugere que a linguagem figurativa reflete aspectos fundamentais do pensamento cotidiano. As pessoas não encontram na linguagem figurativa mais dificuldade de processamento que no discurso literal, porque os dois tipos de linguagem surgem do esquema figurativo que é uma parte dominante do nosso sistema conceptual (...) Segundo, as pessoas descobrem que a linguagem figurativa é prontamente entendida quando as sentenças estão inseridas num contexto discursivo realístico. A informação pragmática que constitui a situação social pode prover um esquema para o entendimento da linguagem de tal forma que a expressão figurada parece perfeitamente aceitável e apropriada.”

Ortony ainda marca uma outra distinção para o enfoque da metáfora que diz respeito à abordagem microscópica e macroscópica. A primeira toma a palavra e a frase como referência e a segunda volta-se para “um sistema de metáforas ou modelos metafóricos”, ou seja, para um amplo sistema do qual emana a metáfora (idem:4). Essa distinção remete para a distinção tripartite de Ricoeur (1983) em que o estudo da metáfora, em cada uma delas, toma como referência a palavra, a frase e o discurso respectivamente.<sup>10</sup>

Enfim, Patrícia Matos Amaral resume bem as visões que se derivaram, de certa forma, das observações de Aristóteles sobre a metáfora:

Assim, o que vai mudando ao longo da reflexão lingüística e filosófica sobre a metáfora é o estatuto atribuído à analogia: para uns, ela é a formulação literal subjacente, que permite a “tradução” e, portanto, a compreensão da metáfora; para outros, é a estratégia interpretativa, o mecanismo de leitura a empreender depois de identificado o significado literal da metáfora. Uma terceira postura é a que entende a analogia já não ao nível do texto nem do contexto, mas como relação estruturante do nosso próprio pensar; o enunciado metafórico seria um pretexto para a sua descoberta, o lugar por excelência da sua manifestação. (1975: 30)

---

<sup>10</sup> Aliás, essa cadeia de significados em gradação já era também sinalizada por Ricoeur, conforme observa Miguel Baptista Pereira, tradutor do livro *Metáfora Viva*, na apresentação do mesmo. (...) metáforas radicais ou dominantes aglutinam metáforas parciais oriundas de campos diversos de experiência e possibilitam inúmeras interpretações a nível conceptual. ‘São estas metáforas dominantes, capazes de engendrar e de organizar uma cadeia, que fazem a junção entre o nível simbólico, de evolução lenta e o nível metafórico, mais volátil’. (Pereira in Ricoeur, 1983: XIII).

### 3.3 - A Metáfora Conceptual: a estrutura do pensamento materializada em linguagem

Como deixei claro, ao final do item 3.1, pretendo enfocar, em meu trabalho, a metáfora em uma dupla dimensão: analisando as formas lingüísticas que refletem as estruturas do nosso pensamento e a metáfora como veículo de compreensão na interação verbal.

Mais uma vez, vale dizer que o real - nessa concepção, uma construção abalizada pela cultura e pela linguagem, seja literal ou metafórica - vai espelhar as nossas experiências, desde as mais básicas e primitivas até as mais elaboradas e artísticas, numa linha crescente que vai da convencionalidade e lexicalização até a criatividade que ilumina aspectos inovadores de um mesmo conceito. Nesse processo ocorre uma estratégia de conceptualização e categorização do real que se estrutura em redes de projeções entre, no mínimo, dois domínios, um fonte e um alvo.

Desde que começamos a interagir com o mundo a nossa volta, fazemo-lo levando em conta as nossas percepções mais básicas, ou seja, as sensório-motoras, que normalmente provêm do aprendizado que adquirimos de forma natural a partir das nossas relações com o meio físico e social. Nas relações com o meio físico, o nosso corpo é a referência para as imagens primárias que formarão os nossos conceitos mais elementares e nos levarão à categorização através da linguagem, preparando a bagagem mental e cultural que vai dar suporte para aquisições cada vez mais elaboradas. Essa referência corpórea e essas imagens mais elementares vão se formando com base em nossas experiências e na troca com o ambiente social ainda familiar e vão formar as estruturas lógicas do pensamento que são anteriores à aquisição da linguagem.<sup>1</sup>

É, pois, nessa construção dinâmica do conhecimento que se fundamenta nos esquemas imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas que nos apropriamos de categorizações figuradas convencionais e criamos redes de significados que se projetam em um conjunto de correspondências ontológicas e epistêmicas<sup>2</sup> entre domínios conceptuais. Por isso, expressões como *Tenho muita raiva de você* ou *Não posso perder tempo com besteiras* ou *Sua vida profissional disparou* ou ainda *“Meu coração amanheceu pegando fogo,*

---

<sup>1</sup> Ver Piaget in DOLLE. J. M. Para Compreender Jean Piaget. Rio de Janeiro: Ed.Guanabara Koogan,1995.

<sup>2</sup> As correspondências são ontológicas porque envolvem as estruturas mais básicas da experiência (as sub-estruturas) e são epistêmicas porque as correspondências se processam com base no conhecimento adquirido.)

*fogo*” são manifestações lingüísticas de metáforas conceptuais que, de certa forma, demonstram a nossa capacidade mental de poetizar a nossa linguagem

Essas projeções entre domínios (termos mais concretos no lugar de outros mais abstratos) guardam, de certa maneira, a noção tradicional de transferência de elementos, pois, na verdade, os falantes de uma língua estão sempre tentando instaurar no circuito locucional termos desviados de uma experiência para outra, seja por medida de economia – o léxico de uma língua não dá conta de todo o sistema mental – seja para estabelecer relações de semelhança entre uma situação A e uma situação B. É por isso que a figuratividade, principalmente a metafórica e a metonímica, são mecanismos cognitivos rotineiros, naturais e ubíquos que dão forma ao nosso pensamento e se manifestam lingüisticamente nas nossas interações cotidianas, científicas ou poético-expressivas.

Isso é possível porque o nosso sistema conceptual é construído (não só, mas também) através de metáforas baseadas nas informações que aprendemos e repartimos com os demais membros de uma mesma comunidade, formando, assim, áreas de cognição que serão acessadas para dar sentido às diferentes práticas de linguagem.

A compreensão, por esse novo parâmetro, se processa com base em nossas experiências concretas para dar conta de outras mais abstratas e “implicam sistemas inteiros de conceitos ao invés de palavras ou conceitos individuais”(Lakoff & Johnson, 2002:206). Quanto mais básicas forem essas experiências, mais universais e generalizantes serão os conceitos metafóricos, mas, na medida que os conceitos são resultantes de esquemas mais elaborados, eles podem também ser mais culturais e específicos de uma formação discursiva determinada.

É bom lembrar que os sistemas conceptuais podem variar de uma comunidade para outra, pois são fruto das vivências e experiências de um grupo específico e das diferentes vozes que atravessam aquela cultura. As categorizações advindas desses sistemas vão variar em seu grau de metaforização, indo de um grau zero (numa gradação do literal para o literário) até um grau elevado de estranhamento. A linguagem humana forma, no caso, uma rede inter-relacionada tanto de criações novas quanto de expressões cristalizadas, sendo que as primeiras são interpretadas com base no sistema metafórico conceptual estruturado pelo falante ao longo de sua história e usadas no seu cotidiano. Este sistema metafórico revela alguns conceitos e esconde outros, somente revelados quando há intenção do emissor em trazer à sua emissão algo de novo.

### 3.3.1 - Metáfora estruturante do pensamento e da linguagem

#### 3.3.1.1 – Esquemas metafóricos

É muito comum, ao pensarmos (e posteriormente nos expressarmos) sobre fatos e processos a nossa volta, importarmos expressões de um campo de experiência para outro. Geralmente esse transporte se processa de um domínio-fonte para um domínio-alvo através de um conjunto de correspondências assimétricas e parciais e unidirecionais. No domínio-fonte estão os elementos internos mais básicos ou objetivos que vão se projetar de maneira parcial (a totalidade geraria uma tautologia), assimétrica (a parcialidade gera uma correspondência assimétrica, já que nem todos os elementos do domínio fonte encontrarão correspondência no domínio-alvo. É possível, ainda, que a lógica do domínio-fonte não seja projetada integralmente no domínio alvo<sup>3</sup>) e unidirecional (o domínio-fonte, mais concreto, é projetado no domínio-alvo e não o inverso<sup>4</sup>). Cria-se, assim, através de uma rede significativa, uma metáfora conceptual que não é de natureza lingüística e proveio de uma outra metáfora mais generalizante numa estrutura hierárquica superior, ou a metáfora produzida é que dará origem a outras metáforas subordinadas que, por sua vez, se multiplicarão em manifestações lingüísticas metafóricas. Assim, quando o enunciado lingüístico *Estou com muita raiva* é proferido, sua compreensão não exigiu nenhum esforço cognitivo, primeiro, por já ser uma expressão lexicalizada e, por isso, os falantes não têm consciência da metaforicidade expressa; segundo, a nossa experiência projeta as emoções em domínios de substâncias, dando-lhes uma concretude que facilita a compreensão. Dessa maneira, o enunciado lingüístico, nada mais é que uma manifestação da metáfora *Raiva é um fluido quente dentro de um container*, que, além do enunciado metafórico *Estou com muita raiva*, ainda pode produzir outros como: *Vou explodir de raiva*, *Não sei o que faço com essa raiva que estou sentindo*, *Ele está cheio de raiva*. Para a metáfora *Raiva*

<sup>3</sup> “Há alguns aspectos do domínio espacial que não podem ser projetados no domínio temporal, já que o espaço é tridimensional e o tempo unidimensional: não podemos “ver” (conhecer) o futuro olhando para frente, ao passo que podemos ver o que espacialmente está diante de nós” (SILVA, 2003:35)

<sup>4</sup> A questão da direcionalidade é importante para mostrar que a metáfora não é simplesmente uma questão de similaridade. Se o processo fosse simplesmente de similaridade, ele seria bidirecional. Nesse caso, o vocabulário, a imagem, as inferências seriam transferidas de um domínio para o outro e vice-versa. Existiria, por exemplo, além da metáfora IMPORTANTE É GRANDE (e.g. ‘Aqui está a grande questão que quero colocar para você’) uma outra, GRANDE É IMPORTANTE, com exemplos estranhos do tipo ‘Não consigo mover aquele sofá sozinho porque ele é importante demais’, em que sofá importante corresponde a sofá grande. (GRADY, J.E. Foundations of meaning: primary metaphor and primary scenes. 1997. Dissertation (PhD) – University of California, Berkeley. APUD: LIMA, 2003:162)



*é um fluido quente dentro de um container* ainda há uma metáfora superordenada em uma escala hierárquica: **EMOÇÕES SÃO SUBSTÂNCIAS** que ainda está subordinada a **ESTADOS SÃO RECIPIENTES** e delas podem gerar outros submapeamentos, cujas manifestações lingüísticas vão se expressar, por exemplo, em:

*Estou cheio de amor para dar.*

*Ai, essa tristeza que não termina...*

*Ele não consegue digerir sua revolta.*

*O medo se espalhou no recinto.*

*A alegria tomou conta do meu ser.*

A metáfora conceptual não é um caso de linguagem, mas de pensamento e de razão. Nesta nova abordagem, existe uma maneira de conceptualizar, por exemplo, a emoção que metaforicamente vai se realizar em diferentes expressões lingüísticas. A metáfora, portanto, se refere à projeção (ou mapeamento) conceptual e o termo expressão metafórica se refere à expressão lingüística individual que é autorizada pelo mapeamento. Metáfora, como um fenômeno, envolve tanto a projeção conceptual quanto a expressão lingüística individual. (Lakoff, 1993: 202 – 252)

Não são apenas os conceitos básicos como as emoções (raiva, amor, medo, etc) que são entendidos metaforicamente, outros conceitos básicos como tempo, quantidade, estados, trocas, ações, causas, propósitos, etc são entendidos via metáfora, dando consistência ao fato de que, para a gramática das línguas, a metáfora é um atributo central. Elas se formam em esquemas de extensão, organizados hierarquicamente das metáforas mais gerais e universais, que se irradiam em movimento descendente, para as mais específicas e culturais, até chegar (partindo do mesmo conceito) às literárias e inovadoras.

Tomemos como exemplo o conceito geral que se verifica nas línguas ocidentais de que:



teóricos estudados, que a metáfora não é um caso de linguagem, mas é estruturante dos processos do pensamento humano. As metáforas são deslizamentos semânticos definidos a partir de termos mais literais, ligados à experiência concreta, daí associarmos tempo a dinheiro, pois culturalmente, desde que o tempo gasto com trabalho foi valorado, a noção cristalizou-se no inconsciente coletivo das sociedades ocidentais capitalistas.

As metáforas vão desempenhar um papel fundamental na compreensão do mundo, no desenvolvimento tanto dos processos cognitivos quanto dos raciocínios inferenciais úteis para a aprendizagem e para a interpretação e produção de diferentes linguagens.

As metáforas orientacionais são diferentes das estruturais, já que estas estruturam um conceito em termos de projeção de um domínio fonte para um domínio alvo, envolvendo uma mudança de perspectiva ( tempo é dinheiro, argumentar é guerra, amor é viagem) de maneira parcial e unidirecional. Aquelas organizam um sistema de conceitos em relação a um outro numa dimensão espaço-linear, em que o domínio-origem é um esquema imagético de origem espacial. Elas se referem às orientações espaciais acima-abaixo, dentro-fora, à frente-atrás, profundo-superficial, central-periférico e têm como referência concreta os nossos corpos e sua movimentação dentro do espaço físico para explicar a não arbitrariedade do sistema. Também elas podem ser determinadas pela cultura, embora tenham mais vocação para a universalidade, já que são de natureza física.

Tomarei somente alguns exemplos da obra de Lakoff & Johnson, apenas a título de ilustração, para mostrar o quão abundantemente a metáfora orientacional está presente no nosso cotidiano :

- a) **Feliz é acima / Triste é abaixo** : Hoje me sinto *pra cima*; *Caí* em depressão; Ele está abatido, espero que logo se *levante*.

**Base física** : uma postura inclinada acompanha a tristeza e a depressão, enquanto uma postura erguida acompanha a alegria

- b) **Mais é acima / Menos é abaixo** : O nível de alfabetização *creceu* no país nos últimos anos; A inflação está lá *no alto* ; A criminalidade *caiu* no Estado.

**Base física** : quando se acrescenta uma quantidade maior de uma substância ou de um objeto físico a um recipiente, se eleva o nível .

- c) **Bom é acima / Mau é abaixo** : Neste ano conseguimos *um pico* nas vendas. Não vou me *rebaixar* a isso. Tivemos *altos e baixos* na vida.

**Base física para o bem-estar pessoal** : felicidade, saúde, vida e controle- as coisas que caracterizam principalmente o que é bom para uma pessoa- são todas acima.

Segundo Lakoff e Johnson, pode parecer incoerente **mais** ser para cima e **bom** também ser, quando temos frases como “A inflação subiu” ou “A criminalidade está aumentando”, mas eles explicam que, de maneira geral, é assim que ocorre dentro de uma cultura, no entanto quando as circunstâncias mudam, há conflitos entre os valores , acarretando, inclusive, mudanças nos processos metafóricos, sobrepondo um sobre o outro. Nesse caso, **Mais é acima** se sobrepõe a **Bom é acima**. Isso só vem reforçar que todas essas metáforas são definidas pelos grupos sociais e que nenhuma delas pode ser entendida ou representada se não estiver fundamentada na experiência.

Uma outra maneira de definir conceitos abstratos dentro do nosso domínio cognitivo é fazer uso das metáforas ontológicas, ou seja, transformar nossas experiências em objetos e substâncias, podendo, assim, “categorizá-las, agrupá-las, quantificá-las e, conseqüentemente, racionalizar sobre elas”( 2002:76). Na busca da clareza, o sujeito lança mão de conceitos concretos, captando em cada realização um aspecto da abstração, tendo o cuidado de manter a compatibilidade das naturezas ontológicas pertinentes, se a intenção não for causar estranhamento.

O uso dessas metáforas é tão corriqueiro que se torna um exercício de percepção dar conta do seu mecanismo. Conceituamos ações e acontecimentos como objetos e as atividades como recipientes, empregando rotineiramente expressões como: *Suas colocações estão **fora** do contexto.* (o discurso é uma substância e o contexto um recipiente); *Não tenho **muíta** tolerância com essas coisas.* (a ação é um objeto); *Seus argumentos estão **cheios** de imperfeições.* (argumentos são recipientes).

O uso dessas metáforas também não é arbitrário, já que

“somos seres físicos demarcados e separados do resto do mundo pela superfície de nossa pele; experienciamos o resto do mundo como algo fora de nós. Cada um de nós é um recipiente com uma superfície limitada e uma orientação dentro-fora. Projetamos nossa própria orientação dentro-fora sobre outros objetos físicos que estão limitados por superfície” ( Lakoff & Johnson, 2002:81).

Daí, por exemplo, ser comum considerar a metáfora do campo visual como um recipiente e o que vemos como substâncias em seu interior : Não posso vê-lo, ele está *fora* da minha visão; *Perdi-o de vista.*

Uma metáfora ontológica bastante corriqueira é a personificação das mais diversas atividades, pois proporciona-nos compreender, através da analogia com as ações humanas, uma gama de experiências e fenômenos do âmbito das subjetividades. Por exemplo, ao personificarmos a inflação, estamos no circuito das generalizações que vão se desmembrar em outras metáforas como “**A inflação é um inimigo**” ou “**A inflação é um animal que precisa ser contido**”, daí as manifestações lingüísticas metafóricas: *A inflação trouxe o flagelo àquele país*, ou *A inflação devorou as nossas economias* ou *A inflação selvageriza qualquer economia*.

### 3.3.1.3 - Esquemas imagéticos: produtividade e restrição

Não é qualquer projeção que se pode estabelecer entre um domínio-fonte e um domínio alvo, pela incompatibilidade entre alguns aspectos. Já vimos que isso acontece entre a correspondência tridimensional do espaço e unidimensional do tempo (ver nota 3 em 3.3.1.1). Segundo Johnson<sup>5</sup>, acredita-se que essas restrições são definidas pelos esquemas imagéticos, ou seja, experiências sensório-motoras que determinaram padrões de percepção de movimento dos objetos no espaço, de ações, de eventos, e da consciência corpórea desde a formação do nosso desenvolvimento cognitivo. As projeções não podem violar os esquemas imagéticos que construímos desde a tenra idade, daí “a bem conhecida metáfora TEMPO É DINHEIRO permite-nos pensar e falar acerca do tempo em termos de mercadoria que se pode gastar, mas que não se pode receber de volta, justamente em sintonia com o fato de o tempo passar e não voltar atrás” (Silva, 2003: 35). Esta hipótese (de não violação dos esquemas imagéticos e de conservação das topologias das entidades nos mapeamentos de correspondências nos dois domínios, ou seja, a entidade X de um domínio corresponde a X’ no outro domínio, a entidade Z a Z’, e assim por diante. Não trocamos as correspondências por raciocínio lógico com base na percepção, se não tivermos a intenção proposital de produzir enunciados com a total ausência de lógica) é a chamada *Hipótese de Invariância* (Lakoff, 1993)

Além de fornecerem suporte para a produtividade de vários conceitos metafóricos, esses esquemas imagéticos, por serem estruturas conceptuais muito simples, baseadas em experiências de nossos corpos com o meio ambiente e em seus

---

<sup>5</sup> JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987: caps. 2-5)

movimentos sinestésicos, eles são diretamente significativos e resultam numa figuração *gestáltica* que organiza nossas percepções e imagens dentro de uma lógica que organiza nossa concepção de espaço (dentro-fora [recipiente e substância], embaixo- em cima, à frente – atrás, perto-longe [origem/percurso/destino], parte-todo, equilíbrio [balança], força, luminoso-sombrio, quente-frio).

Como dissemos, esses esquemas dão suporte a conceitos metafóricos <sup>6</sup> que Lakoff e Johnson (2002: 130) chamam de conceitos emergentes, como os de objeto, substância e recipiente e origem/percurso/destino. “A metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO (‘Ele realizou a tarefa em dez minutos’) fundamenta-se na correlação entre um objeto movendo-se, em um espaço definido por fronteiras, em direção a nós e o tempo que leva para nos alcançar” (220:130). Organiza-se assim a experiência em uma *gestalt* multidimensional<sup>7</sup> configurante do esquema imagético.

Embora outras experiências como a emocional e a cultural sejam também relevantes para a metaforização de conceitos, nós, freqüentemente, conceptualizamos experiências não físicas em termos de experiências físicas, seus significados são diretamente apreendidos e não necessariamente metafóricos, como nos explicam Lakoff e Johnson, tomando por base uma categoria gramatical como a preposição.

Considere os seguintes exemplos:

Harry está na cozinha (Harry is in the Kitchen.)

Harry está no Elks (clube). (Harry is in the Elks.)

Harry está em estado de amor. / Harry está amando.  
(Harry is in love.)

Os exemplos referem-se respectivamente a três domínios de experiência: espacial, social e emocional. Nenhum tem prioridade sobre o outro em termos de experiência; são todas experiências igualmente básicas.

Mas, no que se refere à estruturação conceptual, há uma diferença. O conceito DENTRO DE do primeiro exemplo emerge diretamente da experiência espacial de maneira clara. Não é uma instância de um conceito metafórico. Os outros dois exemplos, no entanto, são instâncias de conceitos metafóricos. O segundo é uma instância da metáfora GRUPOS SOCIAIS SÃO RECIPIENTES, em termos da qual o conceito de grupo social é estruturado. Tal metáfora permite-nos perceber o conceito de grupo social com base na noção de espaço. A

<sup>6</sup> “Os esquemas imagéticos não existem como entidades individuais e isoladas, mas ligam-se entre si através de transformações de esquemas imagéticos. Como importantes transformações de esquemas imagéticos, Lakoff(1987):442-3) aponta as seguintes: da focagem do percurso para a focagem do ponto-final[...], do múltiplo para a massa [...], do movimento zero-dimensional para o movimento uni-dimensional [...]. Cada transformação do esquema imagético reflete, pois, aspectos importantes da experiência humana[...]”. (SILVA,1997:78).

<sup>7</sup> “Compreender tais gestalts multidimensionais e a correlação entre elas é a chave da compreensão da coerência na nossa experiência (...) gestalts experienciais são maneiras de organizar as experiências em blocos estruturados” (Lakoff e Johnson, 2002:158)

palavra “na/no” e o conceito DENTRO DE são os mesmos nos três exemplos; não temos três conceitos diferentes de DENTRO DE ou três palavras homófonas para expressá-lo. Temos um conceito emergente DENTRO DE, uma palavra para ele, e dois conceitos metafóricos que parcialmente definem grupos sociais e estados emocionais. O que esses casos mostram é que é possível haver tipos igualmente básicos de experiências, mesmo existindo para eles conceptualizações não igualmente básicas. (Lakoffe Johnson, 2002:131-132)

Podemos concluir, então, que as nossas conceptualizações e, conseqüentemente, a maioria de nossas categorizações não são arbitrárias, segundo o enfoque da Linguística Cognitiva. Nosso sistema conceptual está fortemente embasado nas nossas experiências corpóreas e nas relações com o meio físico e cultural e muitas contribuições vêm aperfeiçoar os conceitos que procuram provar tal tese. É o que aconteceu com investigações mais recentes que passaram a ser incorporadas por Lakoff e Johnson (1999), principalmente no que se refere às metáforas primárias de Grady<sup>8</sup> que são experiências ainda mais básicas ( e por isso mais importantes para a pesquisa da formação do sistema conceptual metafórico) denominadas de subcenas ou cenas primárias. A primeira é de tal primariedade que não se reduz a nada mais, assim como ver algo ou sair de algum lugar . Já a cena primária, embora ainda simples, possui um pouco mais de complexidade, já que correlaciona o nível mental ao perceptual, daí a metáfora VER É COMPREENDER (Estou vendo o que você quer dizer) que provém também da imagem do recipiente de onde o conhecimento emerge (‘X dentro de um contentor não é visível, logo inacessível ao conhecimento; ‘X fora do contentor é visível, logo acessível ao conhecimento). As cenas primárias são cenários para a correlação entre a experiência subjetiva e a experiência sensório-motora, resultando relações ver e conhecer, afeição e calor ( Eles receberam-me calorosamente), intimidade/ similaridade e proximidade ( Ela é uma pessoa muito próxima/ Essas cores não são iguais, mas são próximas), escalas lineares e caminhos ( A inteligência dela está na frente da dele), coisas importantes e coisas grandes (“Amanhã é um grande dia”), tempo e movimento ( Virá o tempo em que seremos felizes).

A teoria das metáforas primárias atinge mais eficiência por atribuir a uma mesma experiência duas dimensões distintas envolvidas enquanto a teoria da metáfora conceptual projeta domínios de experiências diferentes, o mais concreto no mais abstrato, e se baseia no esquema imagético, enquanto as primeiras em cenas primárias.

---

<sup>8</sup> GRADY, J.E. Foundations of meaning: primary metaphor and primary scenes. 1997. Dissertation (PhD) – University of California, Berkeley, 1997 Apud : LAKOFF & JOHNSON (1999)

Levando-se em conta a imagem do contentor, todos os casos são representados por um único esquema imagético, enquanto as cenas primárias se distinguem quando se trata de “meter algo na caixa e entrar em casa” (Silva,2003: 40-41)

### 3.3.1.4 – Metonímias / Metafonímias

Historicamente há uma certa familiaridade entre a metáfora e a metonímia, basta nos reportarmos a Aristóteles que já considerava a metáfora o transporte do gênero para a espécie, o transporte da espécie para o gênero, o transporte da espécie para a espécie, o transporte por analogia, sendo que os dois primeiros vieram mais tarde ser atributos da sinédoque e da metonímia que, aqui, serão tratadas como um único princípio de figuratividade.

Há, ainda, os teóricos, hoje, que consideram a metonímia, num *continuum* entre literal e figurado, um caso primário de metáfora<sup>9</sup>.

Aqui nos importa assinalar que tanto a metáfora quanto a metonímia são processos cognitivos e ambas estão inseridas no discurso das comunidades como reflexo das nossas atuações e dos nossos pensamentos e desta forma vão se manifestar na linguagem como expressão das nossas estruturas conceituais que se formam a partir das nossas experiências e das nossas relações com o mundo bio-psico-social.

De acordo com a tradição, as duas figuras se distinguem pelas relações que estabelecem de similaridade (metáfora) e contigüidade (metonímia), mas a Lingüística Cognitiva revê estas relações, pois nem toda relação de similaridade é metafórica, já que não há nenhuma metaforicidade entre a similaridade de um pardal(membro prototípico da categoria ave) e um pingüim (membro periférico da mesma categoria). Enquanto a “similaridade que está na base da expressão ‘ave rara’ atribuída a uma pessoa, essa já é metafórica (Silva, 2003:25). O mesmo se verifica nas relações de contigüidade entre ‘rosa e flor’ e ‘beber um copo’, em que na primeira verifica-se apenas um caso de hiponímia, enquanto que na segunda, recipiente e líquido podem ser referidos separadamente, daí poderem ser “uma relação metonimicamente explorada” (idem,ibidem).

---

<sup>9</sup> Ver no item 3.2 (nota 11, p. 119) quadro que apresenta diferentes usos do adjetivo atributivo alto e a sua transição gradual da literalidade para diferentes graus de figuratividade.



A metáfora vem sendo, ao longo dos tempos, mais estudada que a metonímia, mas esta tem recebido por parte da Linguística Cognitiva uma atenção especial justamente por, tal como a metáfora, fazer parte do nosso discurso cotidiano e se apoiar nas nossas experiências. Segundo os principais estudiosos desse novo enfoque lingüístico (Lakoff e Johnson (1980), Lakoff e Turner (1989) Gibbs (1994)), em relação à estrutura, o que as identifica é que “ambas constituem processos conceituais que relacionam entidades”(Cuenca e Hilferty,1999:111) e o que as distingue é que na metáfora há uma projeção de entidades do domínio-fonte para o domínio-alvo, enquanto a metonímia opera dentro de um único domínio, associando duas entidades conceptualmente contíguas.

Para Croft(1993),<sup>10</sup> a metonímia é processada através de uma “salientação de domínios”, isto é, a entidade pouco saliente de um domínio é ativada mentalmente em referência a uma outra entidade mais saliente, o mesmo processo categorizado como ‘ ponto de referência (PR) e zona ativa (ZA)’, segundo o exposto por Langacker (1984, 1993, 1999).<sup>11</sup> Para este, se uma determinada entidade ( por exemplo, carroceria [ZA] ) de um domínio (carro [PR] ) é ativada numa situação X (lavar o carro), isso significa que em uma outra situação Y (fazer a revisão do carro) a componente mecânica é que será a entidade ativada. Carro, nesse caso, não possui estatuto polissêmico, porque se trata de saliência de entidades diferentes de um mesmo domínio generalizado na realização do esquema metonímico PARTE PELO TODO.

---

<sup>10</sup> CROFT, Willian. “The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies” *Cognitive Linguistics* 4-4, 335-370.

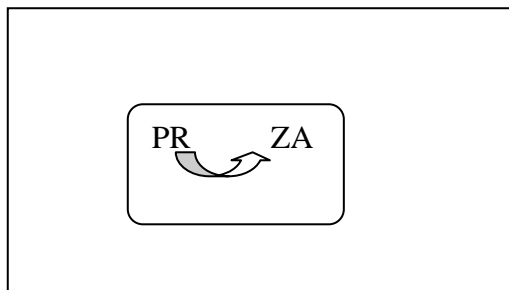
<sup>11</sup> 1984 “Active zones”, *Berkeley Linguistics Society* 10, 177 – 188.

1993 “Reference-point constructions”, *Cognitive Linguistics* 4, 1 – 38.

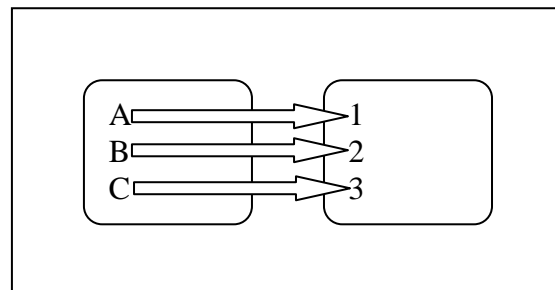
1999 *Grammar and Conceptualization*, Berlin/ new York: Mouton de Gruyter.

Cuenca e Hilferty (1993: 111) esquematizaram a explicação dada acima:

Metonímia => um único domínio



Metáfora => domínio origem e domínio alvo



PR = ponto de referência

ZA = zona ativa

A, B, C = atributos do domínio-origem

1, 2, 3 = atributos do domínio-alvo

No quadro a seguir, Cuenca e Hilferty apresentam as metonímias mais frequentes com os respectivos Pontos de Referência (PR) e Zonas Ativas (ZA):

PARTE PELO TODO É um turbo diesel fantástico	PR: motor	ZA: carro
TUDO PELA PARTE Lavo meu carro uma vez por semana	PR: carro	ZA: exterior
CONTINENTE PELO CONTEÚDO Bebo um copo de leite diariamente	PR : copo	ZA: o líquido
MATERIAL PELO OBJETO Pegue o vidro na geladeira	PR : substância	ZA: objeto feito de
PRODUTOR PELO PRODUTO Preciso comprar uma gilete	PR : marca Gilete	ZA: lâmina de barbear
LUGAR PELA INSTITUIÇÃO O Planalto interferiu no processo	PR : Palácio do Planalto	ZA : o governo
O LUGAR PELO EVENTO "o Haiti é aqui"	PR: Haiti	ZA: a pobreza
INSTITUIÇÃO POR PESSOAS A Universidade abriu um novo curso	PR : Universidade	ZA: responsáveis
PESSOA PELO NOME Você não está na lista	PR : você	ZA: o seu nome
CAUSA PELO EFEITO Tenho tudo o que meu trabalho me dá	PR : trabalho	ZA: dinheiro

O quadro a seguir foi sistematizado por Silva (2003:44) baseando-se nos estudos de Kövecses (1986,1988, 1990, 2000)<sup>12</sup> para demonstrar como o domínio das emoções e sentimentos é produtivo para a metonímia conceptual em que o efeito fisiológico substitui a emoção/sentimento, ativando o esquema mais geral O EFEITO PELA CAUSA:

EFEITO FISIOLÓGICO	EMOÇÃO / SENTIMENTO
Aumento da temperatura do corpo	Fúria, alegria, amor
Abaixamento da temperatura do corpo	Medo
Vermelhidão da cara e pescoço	Fúria, amor
Palidez	Medo
Gritos e lágrimas	Fúria, tristeza, medo, alegria
Suor	Medo
Secura na boca	Medo
Aumento de pulsação e sangue	Fúria, revolta
Ansiedade, palpitações	Medo, amor
Arritmias	Medo
Postura erecta	Orgulho
Cabisbaixo	Tristeza, vergonha
Incapacidade de se movimentar	Medo
Saltar	Alegria
Abraçar	Alegria, amor
Agitação física geral	Fúria, revolta, medo, alegria, amor

É na figuratividade das emoções que a interação entre metáfora e metonímia é mais produtiva, ativando até a criação do termo “metafonímia”<sup>13</sup> que espelha ou uma integração entre as duas figuras (‘metonímia dentro da metáfora’, ou mais esporadicamente ‘metáfora dentro da metonímia’) ou uma cumulação (‘metáfora a partir de uma metonímia’ ou mais esporadicamente ‘metonímia a partir de uma metáfora’). Na conceptualização das emoções a partir da metonímia EFEITO PELA CAUSA, em que são salientados os efeitos fisiológicos em contigüidade com as respectivas causas, várias metáforas são criadas levando em conta esquemas imagéticos acionados por esses efeitos que estão ligados a reações corporais primárias. O aumento da temperatura do corpo para expressar fúria, alegria, amor, vai dar sustentação para imagens como a do fluido dentro de um contentor que de acordo com a intensidade da temperatura pode explodir em raiva, amor, alegria ou chegar a níveis bem baixos provocando o frio do medo ( *Senti um frio na barriga de tanto medo*). É, talvez, baseado nesse princípio da

<sup>12</sup> 1986 *Metaphors of Anger, Pride, and Love. A Lexical Approach to the Structure of Concepts*, Amsterdam: John Benjamins.

1988 *The Language of Love*, Lewisburg: Bucknell University Press.

1990 *Emotion Concepts*, New York: Springer-Verlag.

2000 *Metaphor. A practical introduction*, Oxford: Oxford University Press

<sup>13</sup> Termo criado por GOOSSENS, Louis:

1990 “Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action”, *Cognitive Linguistics* 1-3, 323 – 340.

primariedade das experiências corporais que alguns autores, entre eles Barcelona, dizem que “Experiências baseadas na conexão entre dois diferentes domínios são freqüentemente encapsuladas por significados de abstrações metonímicas” (tradução de Barcelona,2000: 52)

Silva (1997,1999, 2003) - pesquisador português, que em suas publicações orienta esse trabalho na busca das fontes para a compreensão dos contributos dos diferentes teóricos para os principais fundamentos da Lingüística cognitiva – se baseia em Andreas Blank<sup>14</sup> para afirmar que a motivação para o uso da metonímia “vem responder aos princípios da maximização do sucesso cognitivo e comunicativo e da minimização do esforço lingüístico” (2003:51) e ainda acrescenta com mais detalhes:

Também Kövecses & Radden (1998) e Radden & Kövecses (1999) identificam princípios cognitivos e comunicativos para a explicação do mecanismo metonímico (em particular, no que diz respeito à seleção do “ponto de referência”, que permite aceder à “zona activa”). Um dos princípios cognitivos é o da *experiência humana*: a nossa perspectiva antropocêntrica do mundo leva a preferir o ‘humano’ em detrimento do ‘não-humano’ (daí, por exemplo, as metonímias POSSUIDOR POR POSSUÍDO, CONTROLADOR POR CONTROLADO, PRODUTOR POR PRODUTO), o ‘concreto’ em detrimento do ‘abstrato’ (FÍSICO POR MENTAL, FÍSICO POR EMOCIONAL). Um outro é o da *seletividade perceptiva*: tendemos seleccionar o ‘imediate’ (por exemplo, os efeitos afetam-nos mais imediatamente do que as causas, e daí a metonímia EFEITO PELA CAUSA), o ‘real’, o ‘domínio’ (donde, por exemplo, a metonímia CAPITAL PELO PAÍS), o ‘delimitado’ e o ‘específico’. Um terceiro princípio cognitivo é o das *preferências culturais*, pelo qual é atribuído estatuto proeminente a elementos de um domínio culturalmente marcados. Daí a preferência pelo ‘estereotípico’ em detrimento do ‘não-estereotípico’, do ‘prototípico’ em detrimento do ‘não-prototípico’, do ‘central’ pelo ‘periférico’, do ‘importante’ pelo ‘menos importante’, do ‘ideal’ pelo ‘não-ideal’, do ‘comum’ pelo ‘raro’, etc. Os autores acrescentam dois fatores comunicativos: o princípio da clareza e o princípio da relevância.

---

<sup>14</sup> BLANK, Andreas. “Co-presence and succession: A cognitive typology of metonymy” In: K.-U. Panther & G. Radden (eds.). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999: 169 – 191.

### 3.3.1.5- O sistema conceptual: a forma e o sentido

Até aqui temos procurado nos alinhar aos fundamentos da Lingüística Cognitiva que aponta para o fato de que as representações de nossas experiências não processam as propriedades e as entidades do mundo de forma direta, mas figurativamente e que os significados não estão agregados às formas lingüísticas, mas são construções mentais produzidas pelo sujeito em situações pragmaticamente definidas por um contexto limitado por modelos de cenários ou molduras comunicativas. A autonomia que faz o sujeito optar por uma determinada forma para atuar em determinado contexto vai, através de processos de inferenciação, determinar qual a interpretação pertinente que se deve dar àquele enunciado, resolvendo, de certa forma, a “ilimitação da semiose”, de que nos fala Pierce (1977)

Trocando em miúdos, as experiências e conhecimentos que acumulamos ao longo da nossa existência ficam armazenados na memória em arquivos chamados de domínios que são definidos por áreas de sentidos. Entre esses domínios vão ocorrer as projeções metafóricas, as ativações de entidades ou subdomínios que selecionam, num processo de saliência, a relação metonímica, os deslizamentos semânticos perfilados entre os membros prototípicos e os membros periféricos e a polissemia. Essas informações armazenadas serão acessadas pelo usuário da língua, organizadas em pensamentos e estruturadas em linguagem que se atualiza em um determinado contexto, possibilitando que uma mesma forma possa ter sentidos diferentes se a situação comunicativa assim o exigir.

É através dessas correspondências entre domínios mentais sancionados pelos esquemas imagéticos, os modelos cognitivos idealizados e os esquemas culturais que vai tomando forma a organização da gramática das línguas naturais, totalmente contaminada pelos processos figurativos. Perfilome, dessa forma, com o que diz Chiavegatto(2002a: 191)

A faculdade da linguagem é, assim, parte de um sistema cognitivo mais amplo, o que explica as similaridades que podem ser encontradas entre as línguas naturais. A integração de aspectos das experiências sócio-culturais aos sistemas lingüísticos, por seu turno, explica as particularidades que os caracterizam. Esta feição particularizante das línguas humanas, fruto da amoldagem das estruturas lingüísticas aos conceitos sócio-comunicativos, torna, cada língua natural, fator de instauração de identidades e referências, tanto para seus usuários, quanto para a comunidade à qual se insere.

Dáí podemos concluir que as construções lingüísticas, sejam lexicais, gramaticais ou discursivas são manifestações do pensamento conceptual cuja transfiguração em linguagem, na maior parte das vezes, é representada por processos figurativos<sup>15</sup>. É importante, porém, observar que, embora abrace essa posição, não nos engesso à rigidez de um aspecto mentalista que enforma todos os indivíduos num mesmo esquema de competência, pois isso seria, de certa forma, um retorno às premissas chomskianas. Precisa-se levar em conta, como alertam Gibbs e Steen (1997:3) que, como armazenamos em domínios as experiências tanto sociais quanto individuais, é possível que nem todas as pessoas possuam um sistema conceptual metafórico com o mesmo grau de complexidade. Além do mais, também é possível que “partes dessas metáforas conceptuais tenham que ser (re)construídas de diferentes maneiras em diferentes ocasiões” (idem). Questões como essas continuarão a ser levantadas e outras pesquisas aparecem para preencher lacunas e aperfeiçoar as já existentes. Abordaremos no item a seguir a teoria da integração ou mesclagem conceptual (“blending”) que não é incompatível com a teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson, mas sim complementar. Todas essas pesquisas vêm sendo aperfeiçoadas para dar conta dessas e outras limitações que não abraçam a totalidade de um assunto tão complexo.

Apesar de tantas variáveis virem à tona, o cenário que se descortina é de um novo paradigma para as questões do significado e conseqüentemente para natureza da gramática que é cognitiva e semanticamente motivada. Segundo Fauconnier<sup>16</sup>, não é na forma que está o significado, mas ela o guia através de pistas produzidas/inferidas pelo produtor/receptor numa construção que se apóia não somente nas propriedades semânticas das categorias e suas associações nos enunciados, mas também nas propriedades semânticas que não estão visíveis, mas são apreensíveis pelas correspondências que cada indivíduo faz com as suas experiências, com seus modelos cognitivos idealizados (MCIs), enfim, com seu conhecimento de mundo.

---

<sup>15</sup> Em metáforas da Vida Cotidiana (2002: 21), Lakoff e Johnson “mostram que a linguagem cotidiana é densamente metafórica e apenas parcialmente literal (...) Exemplificando: uma frase como ‘o balão subiu’ não é metafórica e tampouco ‘o gato está sobre o tapete’ (...). Mas tão logo nos distanciemos da experiência concreta e comecemos falar de abstrações e emoções, a compreensão metafórica é norma”

<sup>16</sup> Fauconnier, G. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Dentre os processos figurativos que emanam em linguagem, não há dúvida que a metáfora tem sido a mais estudada e, numa hierarquia tropológica, não há dúvidas sobre a primazia da metáfora, ainda que essa posição não faça justiça à metonímia.

Não há limites para a metáfora - segundo explicam José Antonio Millán e Susana Narotzky na introdução da versão em espanhol de *We live by* - porque ela pode manifestar-se em todos os tipos de elementos gramaticais, inclusive “nas preposições, quase todas espaciais, nas perífrases verbais de aspecto (ir, andar, vir, estar, seguir, chegar, etc), nos adjetivos que denotam dimensões físicas”, enfim, muito do sistema lingüístico é estruturado em cima de conceitos ou sistemas metafóricos ancorados na práxis social.

De fato, a espacialidade, a situação dos objetos em um mundo físico orientado pela gravidade é uma importante fonte de metáforas em muitas línguas (Acima é bom). No entanto, não se pode generalizar; ao que parece, não há nenhum “universal” desse tipo a que se atenham todas as línguas. As metáforas são basicamente culturais e, além disso, em grande medida próprias de cada língua determinada. (tradução: ver referência na nota)<sup>17</sup>

Lakoff & Jonhson demonstram, ainda, que, como existe a metáfora conceptualizada em termos de espaço, ela vai estar presente também no eixo sintagmático das frases para produzir efeitos de sentido, já que as palavras são dispostas de forma linear umas após as outras repetindo o mesmo esquema conceptual que direcionam nossa compreensão para o que seja próximo, distante, longo, curto, primeira posição, mais, menos etc, influenciando, assim, no conteúdo que assume um caráter motivado pelas nossas experiências cognitivas.

Eles partem de algumas metáforas espaciais (orientacionais) para provar de que forma elas vão se manifestar lingüisticamente para atuar no sentido. Faremos um quadro para melhor visualizar aquilo que eles expõem:

---

<sup>17</sup> De hecho, la espacialidad, la situación de los objetos em um mundo físico orientado por la gravedad es una importante fuente de metáforas en muchas lenguas ( Arriba, Erguido es Bueno). Sin embargo, no se puede generalizar; a lo que parece, no hay ningún “universal” de este tipo al que se atengan todas las lenguas. Las metáforas son básicamente culturales, y además en gran medida propias de cada lengua determinada.(Millán e Narotzky, In: Lakoff y Jonson, 2001:24)

**METÁFORA**

Manifestação lingüística baseada na metáfora conceptual

**Mais forma é mais conteúdo:** Ele correu e correu e correu e correu. (maior efeito do que “Ele correu”) Ele é muito muito muito alto. (maior efeito do que “Ele é muito alto) Ele é gra-a-a-a-ande! ( maior efeito do que “Ele é grande). Muitos idiomas, em todo o mundo, recorrem ao recurso morfológico da reduplicação, isto é, da repetição de uma ou duas sílabas da palavra, ou de toda palavra. Pelo que sabemos, todos os casos de reduplicação, nos diferentes idiomas do mundo, são exemplos em que MAIS FORMA indica MAIS CONTEÚDO.

**Maior proximidade, maior efeito** Efeito semântico: Quais são os homens mais próximos a Khomein? (maior efeito que: Quais são os homens que exercem maior influência sobre Khomein?)

Então quanto MAIS PRÓXIMA a forma A estiver da forma B, mais forte será o efeito de sentido de A sobre o sentido de B.:

1) “Maria não acha que ele partirá amanhã” e “Maria acha que ele não partirá amanhã”. Na segunda frase o **não** nega mais o partir do que o achar, a força da negativa está mais próxima do predicado mais relevante. 2) “Ensinei grego para Harry.” e “Ensinei ao Harry grego.” Na segunda frase, em que ensinar e Harry estão próximos, a sugestão de que Harry realmente aprendeu o que lhe foi ensinado é maior – isto é, o ato de ensinar teve um efeito sobre ele.

Resumindo, em todos esses casos uma diferença de forma indica uma diferença sutil de sentido. A natureza dessas diferenças é dada pela metáfora QUANTO MAIOR A PROXIMIDADE, MAIOR É O EFEITO, em que a PROXIMIDADE se aplica aos elementos da sintaxe da frase, enquanto o EFEITO se aplica ao sentido da frase<sup>18</sup>

Lakoff & Johnson chamam atenção, ainda, para a “coerência metafórica na gramática” (2002:229), levando-se em conta a metáfora conceitual UM INSTRUMENTO É UM COMPANHEIRO que pode manifestar-se em proferimentos lingüísticos como “Com esta caneta viajo o mundo e produzo meus textos”. Fica claro perceber o porquê de a mesma preposição **com**, que serve ao adjunto adverbial de instrumento, servir também ao adjunto adverbial de companhia, derrubando, assim, o aspecto arbitrário de determinados signos.

É, também, interessante a percepção, segundo eles, de que a metáfora orientacional DESCONHECIDO É PARA CIMA e CONHECIDO É PARA BAIXO (“Sua sugestão ficou no ar”; “Assentei minhas propostas”) vai marcar a entonação para cima nas perguntas e a entonação para baixo nas afirmações.

Observam eles que certas duplas sintagmáticas como: “Para cima e para baixo; Para frente e para trás; Ativo e passivo; Bom e mau; Aqui e lá; Agora e então”, são mais

<sup>18</sup> Os exemplos e as explicações inseridos no quadro foram retirados integralmente do livro (Lakoff & Johnson, 2002:228)



comuns do que os seus contrários: Para baixo e para cima; Para trás e para frente; Passivo e ativo; Mau e bom; Lá e aqui; Então e agora”. Explicam que isso se deve ao fato de guiarmo-nos conceptualmente por uma “pessoa canônica” e termos uma imagem que reverte para nós de que somos “mais altos do que baixos”, estamos “mais para frente do que para trás”, somos “mais ativos do que passivos”, somos “mais bons do que maus”, e, por vivermos no presente, no lugar em que estamos, é que “nos vemos mais aqui do que lá, e agora mais do que então (naquele tempo). Esse fato cultural marca nossas experiências que se refletirão no nosso modo de dizer (2002:227).

Em outras palavras, a sintaxe não é independente do sentido, especialmente dos aspectos metafóricos do sentido. A “lógica” de uma língua baseia-se nas coerências entre sua forma espacializada e seu sistema conceptual, e principalmente os aspectos metafóricos do sistema conceptual.(2002:234)

Segundo a concepção aqui levada em conta, a gramática é extremamente motivada e o significado passa por um processo de pragmatização. Visto isso, o sistema lingüístico, em seus diferentes níveis de análise, é bastante dinâmico e, segundo os lingüistas cognitivos, esse fato vai pôr em questão a dicotomia sincronia/diacronia, já que a função discursiva está permanentemente atuando na estrutura sintática das línguas.

Dentro da lógica cognitivista, os domínios, por albergarem experiências e conhecimentos de mundo, não podem naturalmente ser rígidos e inflexíveis. Suas categorias, dependendo do contexto (fator de dinamização das formas/significados e estruturações sintáticas), vão ativar membros prototípicos ou periféricos de uma categoria, projetá-los em outros domínios em processos figurativos, ou acionar seja o valor polissêmico de um item lexical, seja os processos neológicos que vão dar vitalidade a uma estrutura que, por esse motivo, não se pode olhar pela ótica da rigidez.

Na medida que qualquer enunciação está carregada de valores, experiências e até mesmo ideologias, logicamente compartilhados por um mesmo grupo social e referendados por um contexto que é emoldurado por modelos cognitivos idealizados, esquemas imagéticos e modelos culturais, há uma implicação do emissor no seu enunciado e um certo grau de subjetividade que vai demandar no uso expressivo da linguagem e no enriquecimento pragmático da mesma. Daí a hipótese da ‘gramática emergente’ de Hopper<sup>19</sup> ao assegurar que “a gramática sempre é emergente, nunca presente[...] sempre está se fazendo. Em outras palavras, não há ‘gramática’, mas sim

---

<sup>19</sup> HOPPER, Paul J. “Emergent grammar”, Berkeley linguistic Society, 13, 1987: 139 – 157.

‘gramaticalização’ – movimentos em estruturas que freqüentemente se podem caracterizar de maneira típica”

As modificações que as funções discursivas impõem à estrutura fonológica, léxica e morfossintática das línguas marcam, além dos processos de gramaticalização, a evidência da importância do sujeito na atribuição dos sentidos. Levam-se em conta, assim, a situação comunicativa e o texto para as fundamentações da contextualização, dificultando traçar os limites entre os aspectos lógicos e sociais do significado (Cuenca e Hilfrety, 1999:186)

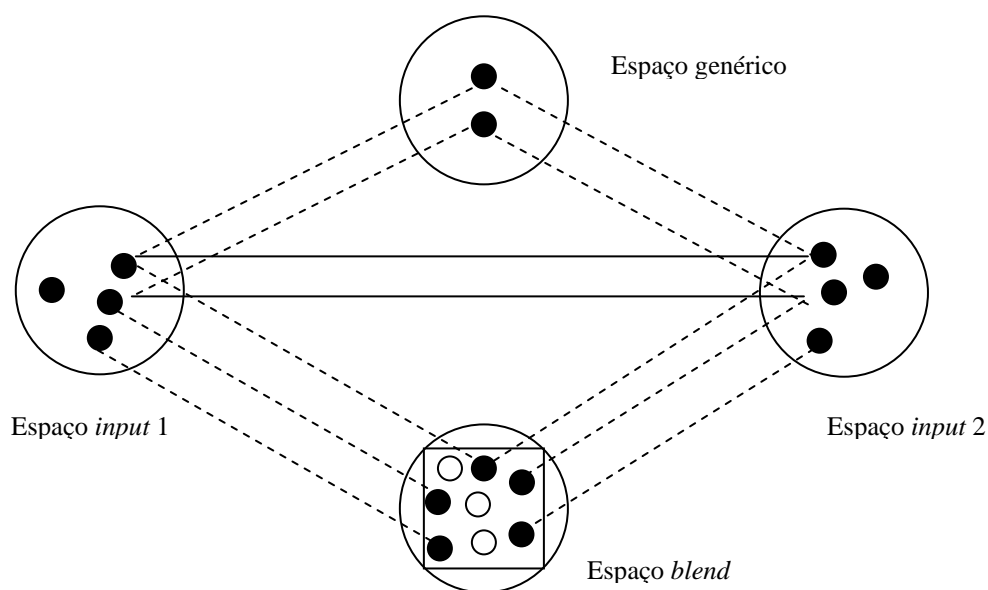
Esta concepção enciclopédica do significado se relaciona com a idéia de que não existe uma diferença categórica entre o significado literal e o figurado (donde se incluem as expressões idiomáticas, as metáforas e metonímias e as extensões semânticas como a polissemia). Por outro lado, justifica que a estrutura semântica não se considere universal, porém, até um certo ponto, dependente de uma língua determinada. As habilidades cognitivas e a experiência são comparáveis entre culturas, mas a maneira como se constrói um significado concreto está sujeito a variáveis interlingüísticas e culturais. (idem)

### **3.3.1.6 – Novas contribuições ao modelo de Lakoff e seus colaboradores: a teoria da integração conceptual ou mesclagem.**

A teoria da integração conceptual ou mesclagem filia-se aos estudos dos espaços mentais introduzidos por Gilles Fauconnier (1985) e vem, de certa forma, ampliar as explicações sobre metáforas convencionais e, principalmente, literárias, que as teorias experiencialistas de Lakoff não dão conta. Essa teoria vem recebendo adesões, principalmente de Mark Turner (1998), ( & Fauconnier, 1996,2000) e outros como Brandt (2001). Na verdade, uma teoria não invalida a outra e até utiliza-se de alguns conceitos como os de domínios fonte e alvo (espaços inputs) acrescentando outros espaços como o espaço genérico e o espaço de mesclagem (espaço blend).

A teoria de mesclagem se dá no lócus de espaços mentais, durante o discurso, e possui mais flexibilidade que a teoria da metáfora conceptual, já que esta é unidirecional (do domínio-origem para o alvo) e admite correlação entre pares de domínios mais ou menos estáveis, enquanto aquela se constrói no momento da produção (enquanto se fala e se pensa), recrutando informações de vários domínios (tudo que nossa experiência e conhecimento consideram relevantes para fazer as inferências valerem dentro de um

dado contexto) numa rede de ligações estabelecidas pelos frames (enquadres de situação), formados a partir dos esquemas imagéticos, modelos cognitivos idealizados e modelos culturais. Essa rede (network) gera novas conceptualizações que podem ser temporárias e substituíveis à medida que vai se estabelecendo, num processo dinâmico, a compreensão de uma proposição. Tomemos, como base, para a exemplificação, a representação adotada por Turner (1998:65) e a aplicação sobre a metáfora que inicia o primeiro verso do poema Livro: a troca de Lygia Bojunga: *Pra mim, livro é vida*



Fragmentos do poema:

### **LIVRO : a troca**

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena  
os livros me deram casa e comida.

.....

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava  
a minha imaginação.

Todo o dia a minha imaginação comia, comia e comia;  
e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no  
mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu,  
era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca  
tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas –  
é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no  
livro, mais ele me dava. [...]

O espaço *imput* 1 corresponde ao domínio-fonte: **Livro**

O espaço *imput* 2 corresponde ao domínio-alvo: **Vida**

O espaço genérico alberga o que há de comum aos espaços *imput*, provindo de um esquema superordenado, envolvendo esquemas imagéticos, interações de dinâmicas de forças, movimento abstrato, etc, daí **o livro é um agente, um ser vivo que tem e dá vida e por isso provoca ações.**

O espaço “blend”/mesclagem / integração conceptual emoldura a cena/situação (frame), recruta informações do domínio-fonte (**livro conta histórias verdadeiras ou ficcionais, livro passa experiências, livro possui personagens que dão vida às histórias, livro ensina, livro diverte**) e do domínio-alvo (**vida é um ciclo que vai do nascimento à morte, vida biológica e psicologicamente envolve crescimento, amadurecimento e envelhecimento, vida traz experiências de várias naturezas, vida é um processo em que se desenrolam acontecimentos que vão estruturando a história de cada sujeito**), seleciona as que são pertinentes para o contexto em que a proposição está inserida, Adiciona considerações mentais e discursivas que os sujeitos constroem quando falam ou pensam sobre uma determinada situação: **Livro é símbolo de cultura; “Quem lê sabe mais”; Quem lê tem uma vida interior mais rica; Quem lê muito, perde outros tipos de lazer; Quem lê é “nerd”; “A leitura também é uma forma de lazer”. Quem lê, sabe muito e por isso tem mais poder”.**

O espaço de integração conceptual é o espaço emergente que ativa todos esses conceitos e vai dar sustentação ao que emerge do contexto: o livro alimentava minha imaginação, que para a autora é o mote para a vida ( **a imaginação tornava a sua vida mais rica em experiências, abria-lhe espaços para o desconhecido**), ações que formam modelos cognitivos idealizados (MCIs) sob o enfoque da elite culturalmente letrada.

O espaço de integração conceptual organiza o nosso conhecimento de mundo possibilitando as inferências necessárias para a representação do pensamento em linguagem. Eles são provisórios porque, assim que fazem emergir os significados dos enunciados, já desaparecem em busca de novas ativações para sustentar a interatividade comunicacional.

A nossa hipótese é que, nesses espaços mentais, - ligados em rede pelos domínios, onde se deposita a memória de textos, discursos e vozes apreendidos e aprendidos na construção cognitiva do arcabouço mental do sujeito - a semiose tece a interpretabilidade metafórica.

Esse processo é tão maquinal e instantâneo quanto mais convencional é a metáfora. Em metáforas mais originais, o processo continua ser o mesmo, mas os recursos para a desambiguação vão exigir um esforço cognitivo que demandará mais inferências, mais dependência do contexto para perceber quais os introdutores ou construtores de espaços mentais<sup>20</sup>, isto é, quais são as formas lingüística que orientam a abertura e a construção dos espaços em nossa mente (Chiavegatto, 2002:60).

Na verdade, ao interpretarmos os sentidos a que os enunciados nos remetem, extraímos sentidos das relações que atualizamos entre os signos – imagens – que se atualizam em espaços mentais em foco, em domínios ativados e que emergem na dinâmica de sentidos que esperam nascer no contexto. Informações, por exemplo, que intercruzam textos – **a intertextualidade** – vêm suprir de sentidos os enunciados manifestos [...] (Chiavegatto, 2002: 123) (o grifo é meu).

### 3.3.1.7 - Metáfora lingüística X metáfora conceptual: convencional, científica, literária

De acordo com o que já foi apresentado, a metáfora, antes do enfoque desenvolvido principalmente por Lakoff e Johnson (1980), era vista como uma imprecisão do significado e possuía um enfoque estritamente lingüístico.

Os teóricos, aqui estudados, trazem como novidade o fato de que a questão do significado está basicamente centrada nas experiências humanas. Portanto, o interesse se concentra na maneira como as pessoas constroem um conceito, como o entendem, e como funcionam com ele. Esses conceitos, porém, não são conceitos isolados. A sua compreensão só é produtiva por estar inserida em termos de domínio da experiência em sua totalidade, numa “gestalt experiencial”, formada por domínios básicos fundamentados por nossos corpos, nossa interação com o ambiente físico e nossa interação com outras pessoas dentro de nossa cultura.

O sistema metafórico funciona como um caleidoscópio em que certos aspectos de uma mesma experiência são desvelados, enquanto outros são ocultados. Assim é possível haver “*frames*” mais usuais e outros mais inusitados para um mesmo conceito e para definir uma mesma situação, numa rede coerente de implicações que vai dar força de verdade à metáfora.

---

<sup>20</sup> São os chamados space builders de Fauconnier (1994)

Essa imbricação entre linguagem, pensamento, ação e cultura é tão forte que até as metáforas novas, que não estão inseridas no nosso cotidiano, vão, de certa forma, criar a possibilidade de uma nova realidade. Ao atuar em nosso sistema conceitual, uma nova metáfora pode alterá-lo trazendo-lhe formas novas de atuações culturais e sepultando as antigas.

Segundo Huizinga (1980), desde o início, a sociedade humana tem suas atividades marcadas pelo jogo, fator cultural da vida. O jogo manipula “certas imagens, numa certa imaginação da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens). (p. 7). Nesse sentido, encontra-se a linguagem, que permite ao homem distinguir, definir, designar as coisas e dessa maneira dizer o mundo e agir sobre ele. O poder de designação, como manifestação cultural, possibilita infinitos desvios do caminho reto do sentido que em seus extremos deságua na poesia. Esse poder fascinante faz com que a língua entre num forte jogo de sedução.

Huizinga se fixou na teoria dos jogos para mostrar o quanto as ações humanas estão marcadas por determinados conceitos.

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza. ( Huizinga, 1980, p.7 )

Lakoff & Johnson, porém, não vêem a metáfora com um jogo de palavras, pois mesmo as metáforas poéticas unem a razão e a imaginação e são resultantes do nosso sistema conceptual, o mesmo que determina as metáforas do cotidiano. Da afirmação de Huizinga, certamente, deduziriam que a teoria dos jogos se reflete nas ações humanas, porque pensamos a vida como um jogo, daí a criação da metáfora conceptual VIDA É JOGO. Pensam eles que não existe uma criação poética marcada pelo estilo individual, mas todas as metáforas são provenientes de um mesmo sistema categorial impregnado pela cultura e, por isso mesmo, partilhado por todos os membros de uma determinada formação discursiva.

Da percepção de metáfora, sob o enfoque de Huizinga e de Lakoff & Johnson, vai se estabelecer a diferença entre metáfora lingüística e metáfora conceptual.

A metáfora conceptual estudada por Lakoff e Johnson preocupou-se mais com a sua convencionalidade do que com a indeterminação que provoca no significado. A ubiquidade da metáfora na linguagem cotidiana torna-a lexicalizada e inconsciente para

o usuário, embora não se possa caracterizá-la como metáfora morta. Para eles “são ‘vivas’ no sentido mais fundamental: são metáforas que vivenciamos”(2002:125). O fato de as metáforas estruturarem conceitos através de projeções parciais (e não totais) entre entidades interdomínios - de acordo com modelos que iluminam determinados aspectos e encobrem outros, para produzirem o discurso cotidiano, científico ou literário - faz esses esquemas interagirem com outros conceitos e se expandirem para criar novas conceptualizações, manifestadas por novas e inusitadas metáforas lingüísticas, cuja vitalidade é fantástica, gerando na língua uma riqueza vocabular que está muito próxima da fecundidade dos processos de formação de palavras.

Para Lakoff e Johnson (2002), exemplos de metáforas mortas são as catacreses (“pé da montanha, cabeça de alho, perna da mesa”). Para eles a vitalidade de uma expressão lingüística é determinada mais pelas funções que esses elementos desempenham em nosso sistema conceptual.

Exemplos como *pé da montanha* são idiossincráticos, não sistemáticos e isolados. Não interagem com outras metáforas, não desempenham papel importante em nosso sistema conceptual e, portanto, não são metáforas que vivenciamos. Os únicos sinais de vida dessas metáforas é que podem expandir-se em sub-culturas e que suas porções não usadas servem de base para novas metáforas (relativamente não interessantes). Se há metáforas que merecem ser consideradas “mortas”, são essas, embora elas realmente apresentem lampejos de vida e, nesse caso, são compreendidas, em parte, em termos de conceitos metafóricos marginais como MONTANHA É UMA PESSOA. (2002: 124)

Como vimos anteriormente, a figuratividade se processa num *continuum*, o que explica também a convencionalidade e o grau de inventividade de expressões lingüísticas metafóricas que são herdeiras de um mesmo conceito.

Vejamos os exemplos:

**TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES** (1)

**Esta teoria não se sustenta.** (2)

**Esses fatos são os tijolos e argamassas da minha teoria.** (3)

**Sua teoria tem milhares de quartinhos e corredores compridos e tortuosos.** (4)

**As teorias clássicas são patriarcas que geram muitos filhos que lutam incessantemente.** (5)

Em (1), temos a metáfora conceptual generalizante que estrutura os dois domínios TEORIAS (alvo) e CONSTRUÇÕES (fonte).

Em (2), a inventividade é zero, daí a convencionalidade formando a lexicalidade fraseológica que abriga expressões de forma fixa.

Em (3), já há uma certa extensão para termos mais periféricos dentro do enquadre da convencionalidade.

Em (4), o inusitado se estabelece por não serem, normalmente, essas as propriedades usadas dentro do domínio de construções que são atribuídas ao domínio das teorias.

Em (5), possivelmente, para desambiguar a metáfora, seria necessário fazer uso dos espaços mentais e da teoria da integração para estabelecer o vínculo com o conceito que deu origem e possibilitou uma nova maneira de pensar sobre algo.<sup>21</sup>

O que se pode perceber é que há construções lingüísticas que, a despeito de partilharem uma mesma significação conceptual, apresentam diferenças de conteúdo informativo, sejam de natureza emotiva, estilística ou discursiva. É a Pragmática que vai determinar a intencionalidade de um texto, o gênero a que pertence e a sua função, selecionando as analogias que se adaptam à linguagem ordinária, à científica ou à literária e a aceitabilidade que terão na sua recepção<sup>22</sup>.

É o sujeito, como produtor ou receptor que vai lançar mão das estratégias que servirão aos objetivos comunicacionais (ver o item que trata da metáfora como veículo de compreensão na interação verbal). Pelo seu caráter sintético, explicativo e experiencial (a objetividade da experiência para expressar a subjetividade ou a tecnicidade da ciência) a metáfora é largamente usada em campos nos quais tradicionalmente era rejeitada, como o da ciência e o da tecnologia. A metáfora conceptual obedece a uma construção epistêmica que faz eco nas pesquisas empíricas de Piaget tendo como foco os esquemas de assimilação pelo sujeito da aprendizagem. Todo indivíduo tem um repertório de conhecimentos acumulados e organizados, por sua própria experiência, em esquemas – a sua estrutura cognitiva. Diante de um novo conhecimento, o acervo interior de cada um é mobilizado estabelecendo uma relação com o desafio. Se o seu esquema de assimilação permite a compreensão do novo objeto de conhecimento, a operação é realizada com sucesso, passando essa nova aquisição para o arquivo das experiências; caso contrário, a apreensão do novo estímulo dar-se-á através da deformação do objeto. O esquema de assimilação precisa estar abastecido de experiências que sirvam de embasamento para o novo, ou seja, aquilo que vai ser

---

<sup>21</sup> As frases foram exemplos criados por Lakoff e Johnson (2002:121 – 123).

<sup>22</sup> BEAUGRANDE, Robert & DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to Text Linguistics*. London/New York: Longman, 1981.



agregado seja apenas uma face desconhecida de um objeto multifacetado. Atribui-se, assim, um outro significado, gerado a partir da bagagem anterior, e que é sempre intervencionado pela cultura.

Baseada nesse princípio, a ciência, provavelmente, se respalda para dar forma ao seu discurso. O uso de metáforas no campo científico vai viabilizar aos não-iniciados conhecimentos muito específicos e complexos. Ninguém estranha metáforas que são mapeadas a partir do domínio da saúde em áreas como a da informática ou da economia (o vírus do computador, ou “[...] a saúde da economia brasileira dependerá de uma melhora, ou relativa estabilidade da vizinha Argentina.” (Folha de S. Paulo, 30/06/01)). A ciência usa a terminologia metafórica ou por falta de termo apropriado (no caso da informática) ou como extensão do modelo (no caso da economia) provando a vitalidade de metáforas que poderiam ser consideradas mortas. Essas e outras metáforas utilizadas por esses gêneros textuais (o científico e o tecnológico) possuem um caráter explicativo e tendem à lexicalização, bem diferente do que ocorre com a metáfora literária que possui caráter estético e expressivo

O texto literário instaura um mundo ficcional que projeta em si mesmo um mundo metafórico e cria espaços mentais em redes de significados em que inferências, intertextos, interdiscursos e modelos imagético e culturais são requisitados para fazer moldura a um contexto de situação referendado tanto pelo emissor quanto pelo receptor, que estabelecem entre si um “contrato de comunicação.”<sup>23</sup>

De acordo com a maioria dos cognitivistas quase todas as metáforas são provenientes do nosso sistema conceitual e de um único conceito metafórico podem advir manifestações lingüísticas metafóricas convencionais, científicas ou literárias. Há, porém algumas diferenças que vale destacar. A convencional é ubíqua, inconsciente e quase sempre lexicalizada. A científica é explicativa, apresenta uma leitura única e faz a ligação entre um conhecimento já experienciado e o novo que ainda é inomeado e surge, muitas vezes, com o objetivo de ser adotada, ao menos, pela comunidade dos não-iniciados. A literária persegue a originalidade, insere-se num mundo criado pela ficção, pode impulsionar diferentes leituras numa semiose limitada pelo contexto, as projeções

---

<sup>23</sup> “O termo contrato de comunicação é empregado pelos semioticistas, psicossociólogos da linguagem e analistas do discurso para designar o que faz com que o ato de comunicação seja reconhecido como válido do ponto de vista do sentido. É a condição para os parceiros de atos de linguagem se compreenderem minimamente e poderem interagir, co-construindo o sentido, que é a meta essencial de qualquer ato de comunicação.” (Charaudeau e Maingueneau, 2004 :130 – 132)

entre domínios são pouco óbvias ativando significados implícitos, precisando de uma construção inferencial que pode variar de acordo com as experiências de cada um.

Não há novidade, também, no fato de que uma metáfora, mesmo sendo convencional, pode se realizar em contextos extremamente criativos (propagandas, cartoons, charges e textos literários) tornando-se um produto lingüístico inteiramente novo. Mesmo porque o significado não reside nas próprias palavras, mas estas evocam sistemas conceptuais que não se limitam às partes do esquema que estas mesmas palavras designam. Dependendo do contexto e das imagens associadas, a metáfora passa a ter uma outra roupagem e evoca na mente do receptor um esquema mais amplo que pode iluminar outras propriedades de um mesmo domínio.

Ricoeur (1983) dizia que “a referência do enunciado metafórico tem o poder de redescrever a realidade”(p.9), provocando, dessa maneira, uma certa instabilidade de sentido e um dinamismo que possibilita a inovação semântica. “A metáfora não é viva apenas por vivificar uma linguagem constituída. A metáfora é viva, ao inscrever o impulso da imaginação num ‘pensar mais’ ao nível do conceito.”(idem, p.xxxvii)

Para Lakoff e Turner (1989), a única diferença entre a metáfora conceptual usada no dia a dia e a poética é que esta usa os mesmos mecanismos, “mas estende-os, elabora-os e combina-os” de forma que possam ir mais longe do que o que é comum.(1989:67):

Longe de ser meramente uma questão de palavras, metáfora é uma questão de pensamento – todas espécies de pensamento: pensamento sobre emoção, sobre sociedade, sobre características humanas, sobre linguagem, e sobre a natureza da vida e da morte. É indispensável não somente para nossa imaginação mas também para nossa razão.

Grandes poetas podem falar-nos porque eles utilizam os mesmos pensamentos que possuímos. Usam as capacidades que nós todos partilhamos, poetas podem iluminar nossa experiência, explorar as conseqüências de nossos comportamentos, contestar a maneira como pensamos e criticar nossas ideologias. Para entender a natureza e o valor da criatividade poética é necessário que entendamos o nosso pensamento ordinário. (tradução livre: Lakoff e Turner, 1989: xi, xii)<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Far from being merely a matter of words, metaphor is a matter of thought – all kinds of thought : thought about emotion, about society, about human character, about language, and about nature of life and death. It is indispensable not only to our imagination but also to our reason. Great poets can speak to us because they use the modes of thought we possess. Using the capacities we all share, poets can illuminate our experience, explore the consequences of our beliefs, challenge the ways we think, and criticize our ideologies. To understand the nature and value of poetic creativity requires us to understand the ordinary we think. (1989: xi, xii).

Quando o escritor estende, elabora e combina as metáforas, usando os sistemas conceptuais de maneira incomum, ele produz um cenário de conexões metafóricas mais complexo que vai demandar, por parte do leitor, inferências e conhecimento de mundo diferentes dos recursos cognitivos necessários para a compreensão da metáfora do cotidiano. Ao se dizer que o poeta está elaborando o esquema ou estendendo a metáfora, também se quer dizer que o leitor está recebendo as informações e fazendo a elaboração e a extensão na forma indicada ou sugerida pelo texto literário. Soma-se a isso, que na desambiguação das metáforas literárias ele faz o percurso de afinilamento da especificidade do esquema (a ramificação na escala hierárquica produz manifestações lingüísticas mais particularizantes, mas também mais férteis, pois entram aí as possibilidades criativas que o esquema proporciona e a inventividade do poeta) para chegar às metáforas de nível mais básico e inconsciente que ficam, na verdade, no meio do esquema hierárquico. É desse centro que brotam as metáforas e metonímias mais recorrentes e convencionais que se vinculam por relações de semelhanças entre domínios ou de contigüidade entre elementos de um mesmo domínio. Para ascender ao esquema, em direção à generalização que deu origem ao conceito, o leitor vai precisar se localizar num espaço cognitivo mais privilegiado para formalizar esse conceito em uma expressão lingüística que revela uma configuração mais global.

Vejamos a sucessão hierárquica de um esquema bastante rotineiro em nossa vida

EVENTOS SÃO AÇÕES

AÇÕES SÃO MOVIMENTOS

A VIDA CHEIA DE PROPÓSITOS É UMA JORNADA

**O AMOR É UMA JORNADA**

**NASCIMENTO É CHEGADA**

**A CARREIRA É UMA JORNADA**

**MORTE É PARTIDA**

A PESSOA QUE VIVE É UM VIAJANTE

DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS

ESTADOS SÃO LOCAÇÕES

ATRIBUTOS SÃO POSSESSÕES<sup>25</sup>

CAUSAS SÃO FORÇAS

(controlando movimento de posseção [dando ou tomando]; controlando movimento para ou de locação).

<sup>25</sup> Estados e atributos são casos especiais da mesma coisa, o que pode ser atribuído a alguém.

Podemos perceber que as metáforas conceptuais em negrito são as que derivam expressões linguísticas metafóricas mais convencionais: ***Nosso amor chegou ao fim, Nossa relação vai se fortalecendo, Ele chegou ao sucesso, Ele souou muito para chegar onde chegou, Este filho trouxe-nos alegria, Ele está chegando ao fim.***

Isso, porém, não quer dizer que dessas mesmas metáforas conceptuais não surjam extensões e elaborações que estanciam o texto poético:

No meio da estrada da vida  
Eu descobri-me em uma floresta escura.<sup>26</sup>

Estrada da vida : domínio de viagem: A vida é uma jornada => Destinações específicas são objetivos na vida: “ No meio da estrada da vida”. Como está escuro não se pode VER o que há para frente, logo o eu lírico não SABE o caminho a seguir => Domínio da Visão: CONHECER É VER.

É o que também podemos comprovar na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, autora também estudada nesse trabalho, na análise do corpus.

#### IV

Na minha vida há sempre um silêncio morto  
Uma parte de mim que não se pode  
Nem desligar nem partir nem regressar  
Aonde as coisas eram uma intimamente  
Como no seio morto de uma noite.<sup>27</sup>

Aqui podemos perceber um cruzamento de domínios: o da audição (silêncio morto), o da visão (seio morto de uma noite): OUVIR e VER, dois domínios fontes projetados sobre o domínio alvo CONHECER; o domínio fonte do PERCURSO (nem partir nem regressar) projetado sobre o domínio alvo da VIDA; domínio fonte da MÁQUINA (nem desligar) projetado sobre o domínio alvo do CORPO (uma parte de mim...aonde as coisas eram uma intimamente. Ou, numa outra leitura, o domínio fonte da MATÉRIA, da SUBSTÂNCIA projetado sobre o domínio alvo do ESPÍRITO uma unidade íntima, indivisível, que não se pode des(ligar) , nem partir.

Sob a perspectiva da mesclagem de espaços mentais, podemos perceber no poema uma rede que liga os espaços mentais perceptivos (ouvir –ver), epistêmicos (conhecer) locativos ( o corpo:o ponto[dentro de mim] onde se localiza o seu íntimo [as

<sup>26</sup> In the middle of life's road, / I found myself in a dark wood. Trecho do início da Divina Comédia de Dante citado em Lakoff e Turner (1989:9).

<sup>27</sup> ANDRESSEN, Sphia de Mello Breyner. IV. *No Tempo Dividido* Lisboa: Ed. Caminho, 2003:12.

coisas eram uma intimamente] ), cinestésicos ( o movimento do percurso [ o advérbio aonde, partir x regressar], a morte como cessação dos movimentos, da percepção e da emoção).

Através da percepção das metáforas lingüísticas que se formam com base nas metáforas conceptuais, podem-se fazer inferências para atingir a poeticidade que construiu o enunciado.

Segundo Margareth H. Freeman (2000), as leituras feitas pelas leis cognitivas de um texto literário são construídas com base num cenário coerente com o mundo do texto que só acessamos porque ele é compatível com os processos cognitivos que nos capacita a conceptualizar nosso próprio mundo. E essa construção de mundos (o real e o ficcional) é acessada na e pela linguagem.

Lakoff(1993) diz que existem metáforas cuja função é mapear uma imagem convencional dentro de outra, produzindo uma imagem metafórica, geralmente, inovadora. Ele as denomina de metáforas ‘tiro-único’, pois projetam apenas uma imagem dentro de outra. Existem, pois, dois tipos de mapeamento: o conceptual e o imagético.

Para ilustrar ele apresenta um poema da tradição indiana que traduzido livremente seria:

Agora a mulher-rio  
Cingida por peixes prateados  
Move-se sem pressa como uma mulher apaixonada  
Ao amanhecer depois de uma noite de amor com seu  
amante<sup>28</sup>

Percebe-se, aqui, que a languidez da mulher após o ato sexual é mapeada dentro da imagem de sinuosidade do fluir difuso de um rio. É a superposição de uma imagem sobre a outra. O mapeamento de uma imagem dentro de outra leva-nos a projetar o conhecimento que temos sobre a primeira imagem dentro do conhecimento sobre a segunda, estruturadas por esquemas imagéticos armazenados na memória de longo termo de acordo com o Princípio da Invariância.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Now women-rivers/ belted with silver fish/ move unhurried as women in love/ at dawn after a night with their lovers ( The Peacock’s Egg, p.71) in Lakoff e Turner (1989:89).  
MERWIN,W.S.e MOUSSAIEFF,M. trans. *Sanskrit Love Poetry*. New York: Columbia University Press,1977. Reprinted as *The Peacock’s Egg*. San Francisco: North Point Press,1981.

<sup>29</sup> Ver item 3.3.1.3. Hipótese da Invariância ou Princípio da Invariância.

Lakoff e Turner (1989) indicam-nos três mecanismos básicos para interpretar expressões lingüísticas metafóricas inovadoras: 1) Extensões de metáforas convencionais; 2) metáforas de nível genérico; 3) imagens metafóricas.

Muitas metáforas poéticas interessantes usam todos esses mecanismos superpostos uns aos outros. As metáforas novas, exceto por metáforas imagéticas, são extensões de um sistema convencional e se reportam a uma generalização obrigatória. Tomemos como exemplo o enunciado encontrado em *Chuva Pasmada* de Mia Couto, uma das obras analisadas nesse trabalho:

***“Ao fim de um tempo, meu pai se afastou de nós para não vermos uma sombra pousar em seu rosto.”***

#### OS EVENTOS ESTRUTURAM METÁFORAS

Ao fim de um tempo =>

PASSAGEM DE TEMPO É ENTENDIDA EM TERMOS DE MOVIMENTO DE UM OBSERVADOR DENTRO DE UM ESPAÇO (O TEMPO É MAPEADO DENTRO DO DOMÍNIO DO ESPAÇO)

...meu pai afastou-se de nós =>

MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS (DENTRO OU FORA DE UMA REGIÃO LIMITADA)

...de nós => LOCAÇÃO: ÁREA ESPACIAL CONCEBIDA COMO UMA REGIÃO LIMITADA

...afastou-se de nós para não vermos =>

CAMPOS VISUAIS SÃO RECIPIENTES: x dentro de um recipiente não é visível, daí x inacessível ao conhecimento; x fora do recipiente é visível, daí x acessível ao conhecimento, portanto VER É COMPREENDER

... não vermos uma sombra =>

Os esquemas imagéticos mapeiam as trevas, as sombras numa estrutura de nível genérico que corresponde à morte, ao medo, à tristeza, à ignorância.

...uma sombra pousar em seu rosto =>

Imagem metafórica a partir de uma metonímia (a imagem da sombra mapeia a imagem de um pássaro pousando). Sombra é polissêmico, pois pode metonimicamente ativar a zona ativa sombra do ponto de referência pássaro ou ativar o esquema imagético que o contexto vai referendar, no caso, o medo.

Uma metáfora literária também pode ser lida pela teoria de Integração dos espaços mentais que leva em consideração todo um esquema inferencial que o sujeito vai construindo à medida que ativa seus modelos e conhecimento de mundo.

Considerando, ainda, o enunciado analisado acima, podem-se determinar dois principais espaços mentais, o do movimento e o do conhecimento:

**Domínio do movimento (espaço input 1):** o tempo passa, um agente se afasta, o deslocamento do pássaro faz sua sombra pairar sobre o rosto de um agente.

**Domínio do conhecimento (espaço input 2):** ver é conhecer/ não ver é não saber; sombra é falta de luz, logo não possibilita a visão

**Espaço genérico: MOVIMENTOS CAUSAM MUDANÇAS**

**Espaço de mesclagem:** a passagem do tempo pode revelar o que se quer esconder; ao se afastar o agente sai do campo da visão ,ou seja , do campo do conhecimento, a sombra (que se projeta no movimento suave do pássaro) esconde o que não quer (ou não pode) estar visível na face: o medo, a tristeza.

Segundo Lakoff e Turner, um dos fatores que faz com a metáfora poética seja mais interessante que a metáfora convencional é o escritor ser capaz de usar “o recurso conceptual comum de forma extraordinária. É deste modo que poetas orientam-nos além dos limites dos modos comuns do pensamento e guiam-nos além do uso automático e inconsciente da metáfora de todo dia” (1989:72).

E ser capaz de reconhecer o ordinário dentro do extraordinário é habilitar a mente à construção de uma interpretação literária alicerçada na interação entre o lingüístico e o extralingüístico que traz para o universo textual o mundo físico-sócio-cultural das nossas experiências.

### 3.4 – A metáfora como veículo de compreensão na interação verbal.

Como vimos até aqui, a metáfora é veiculadora das nossas experiências e concepções sobre o mundo e se estrutura em esquemas hierárquicos que vai da generalização das nossas experiências mais básicas e primitivas e, portanto, mais universais, até as mais específicas que apresentam com mais evidência as marcas da cultura de uma determinada comunidade lingüística.

A língua é um diassistema em que coexistem vários subsistemas organizados dentro de uma lógica que agrega os aspectos fonológicos, lexicais e morfossintáticos. Pelo olhar da cognição, essa lógica é construída pela nossa interação com o mundo, com os integrantes de uma comunidade lingüística e até mesmo pela interação com o nosso OUTRO, ou seja, pelas percepções pessoais na construção de um mundo particular que expressam um idioleto que, ainda assim, está respaldado pelo coletivo.

O nosso sistema conceptual é construído através de metáforas baseadas nas informações que aprendemos e repartimos com os demais membros através de um processo analógico<sup>30</sup> interdomínios, entrecruzando experiências para dar conta da subjetividade e também como estratégia de economia, já que através de um único conceito insemnam-se várias construções lingüísticas implicadas num único sistema (Lakoff e Johnson, 2002:206).

Toda essa teoria só terá efeitos pragmáticos se ao aspecto mental pré-lingüístico estiver agregada a “nossa atuação discursiva sobre o mundo e a nossa inserção sociocognitiva no mundo” (Marcuschi, 2003:243), isto é, se entendermos a metáfora, tanto no seu aspecto estrutural, quanto funcional.

Marcuschi (idem) defende ser “o mentalismo cognitivo” uma prática “ingênua” se não levar em conta a partilha interativa em que se integram o histórico e o social e sujeitos conscientes de que os sentidos devem ser negociados a partir de uma rede experiencial, traçada e mapeada em domínios que, de certa forma, traduzem, ao trazer para o nível da consciência, a ideologia que inegavelmente marca a nossa percepção de mundo.

---

<sup>30</sup> “...a função da analogia é justamente a modelização de um domínio menos conhecido através da transferência de conhecimento de um (ou mais) domínios-fontes de que o indivíduo possui uma melhor representação” (Amaral,1975: 140) “Nesse sentido, dizer que a metáfora assenta numa analogia não contradiz a nossa proposta, na medida em que não concebemos a analogia como sendo dada pelo conteúdo semântico do enunciado,mas como produto da tarefa interpretativa do destinatário (idem: 152).



Nesse aspecto, o pensamento e, conseqüentemente, a linguagem sofrem a ingerência da cultura, produzindo, ao nível da recepção, textos plurívocos cujos significados são construídos pelos participantes do processo comunicacional. O sujeito é o centro de um processo dinâmico, em constante redefinição, já que os sentidos são gerados levando em consideração a bagagem cognitiva acumulada na memória de longo termo e os multitextos que fazem parte do universo discursivo de cada um dos integrantes desse jogo, cujas variáveis atuam para que os usuários construam não só uma representação do texto, mas de todo um contexto sociodiscursivo.

É por isso que a Linguística Cognitiva relativiza o poder das palavras na atribuição dos sentidos, pois, embora haja um sentido básico e prototípico ativado, é o contexto que vai apontar dentro da organização gramatical “o(s) construtor(es) de espaços mentais”,<sup>31</sup> formas lingüísticas desencadeadoras dos domínios cognitivos e dos modelos cognitivos idealizados (MCIs) compartilhados em uma dada comunidade, para dar suporte às inferências e pressuposições que serão diferenciadas de acordo com a situação, os gêneros discursivos e os usuários da língua envolvidos<sup>32</sup>.

Produzimos linguagem como forma de expressão e comunicação e toda prática lingüística não é ingênua nem casual, é uma atividade sociocognitiva, crivada de pistas que orientam os receptores e despertam, num exercício automático, os conhecimentos acumulados ao longo da história de cada um. É, pois, tanto no aspecto da produção, quanto da compreensão, um conjunto de estratégias cujo emprego deve levar em conta que os sujeitos envolvidos no jogo da interlocução não se limitam mais ao autor/locutor e receptor/alocutário, mas deve-se considerar que os participantes de uma determinada formação discursiva se multiplicam em papéis diferentes dependendo da imagem que cada um faz do outro. Assim é possível para o emissor representar virtualmente o seu receptor e traçar estratégias específicas para afetá-lo, enquanto ao receptor caberá imaginar o seu parceiro nesse jogo, lugar que ele ocupa, as estratégias que utiliza, como enfoca o assunto. Dependendo do cenário histórico-social em que um discurso se atualiza, todos esses papéis se alterarão, havendo, conseqüentemente, uma mudança enunciativa e uma substituição de sujeitos.

---

<sup>31</sup> “Space builders”, segundo Fauconnier (1994)

<sup>32</sup> De acordo com Van Dijk (2000: 20) “...os usuários da língua envolvidos podem ser muito diferentes. Podem dispor de conhecimento, crenças e opiniões diferentes, ter diferentes papéis sociais, podem ser crianças ou adultos, do sexo masculino ou feminino, podem ter diferentes níveis de escolaridade e daí por diante”

É por esse motivo que os espaços mentais, onde são arquivados em domínios as experiências físicas, psíquicas, sociais e lingüísticas, são voláteis e se armam e desarmam à medida que as trocas discursivas se expandem. Durante a expansão, estratégias são traçadas para que pistas na superfície do enunciado indiquem aos parceiros da interlocução a intencionalidade implícita, a mudança dos “contextos de referenciação”, os modelos e esquemas que devem ser acionados e as inferências relevantes para dar sentido ao que se quer transmitir.

Na relação interativa, o emissor, de alguma forma, vai procurar alterar os esquemas do receptor, e este terá a tarefa de recuperar a intenção do primeiro, intuindo seus esquemas e as suas necessidades interacionais, o que prova que os significados não se estabelecem no texto, mas afloram à estrutura de superfície vindos de um espaço de mesclagem que, além do que é convencionalizado pelo grupo social, abarca o que é individual, imaginativo e subjetivo.

“...os usuários de uma língua específica podem também gerar opiniões, isto é, crenças avaliativas sobre objetos particulares ou fatos, baseadas em suas atitudes e ideologias. Isto é, a representação do discurso não será objetiva somente no sentido de ser socialmente normalizada ou convencional, mas terá também dimensões subjetivas. Esta interpretação subjetiva dependerá também de fatores contextuais, como motivações pessoais (vontades, desejos, preferências, propósitos, intenções), objetivos, interesses, tarefas, obrigações, ou aspectos sociais da situação comunicativa. Esses determinarão quais significados recebem atenção especial, quais significados serão desconsiderados, como o conhecimento, crenças e opiniões são ativados e usados, quais associações são ativadas e como os significados podem ser transformados em significados especiais, pessoais ou contextuais. ( Van Dijk, 2000: 40-41)

É ainda nesse espaço de integração conceptual que acontece o “processo de mesclagem de vozes que pré-organizam os modos de discurso”.<sup>33</sup> A perspectiva de que o conhecimento que está armazenado em domínios está sempre em processo e, por isso, sempre inacabado vem do fato de que o nosso discurso é também sempre inconcluso e vai sofrendo reformulações à medida que é atravessado por outros discursos e por vozes que se incorporam àquela fala que está travestida por uma aparente originalidade.

---

<sup>33</sup> CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. *Mesclando Vozes: Construindo a argumentação em diferentes trabalhos de face*. Trabalho desenvolvido com bolsistas de Iniciação Científica, apresentando resultados parciais do Projeto CNPq – UERJ (2000-2002). Publicado pela internet. Site: [www.da.linguagem.nom.br](http://www.da.linguagem.nom.br).

Esse processo de se apropriar do discurso do outro como seu, instaurando um novo modelo na relação eu / tu e na relação com a linguagem, em movimentos sucessivos, sempre mais elaborados, obedece aos mesmos fundamentos do processo cognitivo do conhecimento que se dá através da assimilação e da acomodação do objeto numa construção progressiva de estágios superiores. O processamento e a memorização das informações - que se incorporam em nós pela voz do outro e são imediatamente apagados pelo esquecimento e transformada em novo conhecimento - se realizam num espaço mental de integração conceptual (Fauconnier, 1994) e passam a ser veiculados pela linguagem.

Tudo o que se diz “já” foi dito e “ainda” será dito. O anterior se constitui no atual em novas condições de produção, numa outra representação semântica; ou seja, é o conhecido servindo de aporte para a introdução do novo, através do acesso à memória discursiva, responsável pelas relações intertextuais atualizadas em uma nova formação, atribuidora de um outro sentido.

Há na essência de qualquer manifestação discursiva uma dramaticidade, onde o que parece pode não ser: os atores podem vestir diferentes figurinos e mudar de papéis, o que parece ser literal, por fazer parte do nosso sistema conceptual, está na verdade travestido metaforicamente. As vozes secundárias presentes irão compor o painel significativo de um enredo que se pretende homogêneo, mas é uma colcha de retalhos cujo desenho é o mosaico resultante de muitas variantes.

Conquanto se reconheça, pelo exposto acima, que o significado não está no texto, ele se instaura na relação entre leitor / texto / autor, a leitura interpretativa não vai permitir uma frouxidão de limites onde tudo é permitido, pois as fronteiras serão estabelecidas basicamente pelo contexto (referente e sujeitos ), inseridos num tempo e lugar histórico-sociais determinantes da produção. Todavia não se pode desconsiderar que o discurso se caracteriza por sua heterogeneidade, isto é, tanto pela circulação de vozes do plano enunciativo quanto pela presença/ausência de outro(s) discurso(s) que, claramente ou através do interdito, vai/vão marcar a posição com a qual o sujeito pode se aliar ou contra a qual pode se voltar num exercício crítico e dialógico que o habilita a outras práticas sociais.

A interação - mediada por todos esses fatores (conhecimento lingüístico, conhecimento de mundo, capacidade inferencial, capacidade de pressuposição, a percepção da polifonia e do papel dos sujeitos discursivos, a articulação do dito e não-dito, a articulação da intertextualidade para efeitos de produção e recepção) - vai

possibilitar a interpretação (entendida mais como construção do que a compreensão) que viabiliza o ato comunicativo, na medida que o receptor infere a intenção do comunicador e percebe o que é relevante<sup>34</sup> para o contexto que se configura naquele enunciado.

A questão da mutabilidade do contexto<sup>35</sup> de acordo com a situação e os modelos explica por que a interpretação metafórica, na maioria das vezes, é tão prontamente entendida quanto os enunciados literais.<sup>36</sup> No que se refere à metáfora conceptual convencional, ela funciona, na troca interativa, como elemento facilitador da compreensão e não dificultador, já que os interlocutores procuram na objetividade do domínio-fonte expressar a subjetividade do domínio-alvo, daí a sua ubiqüidade no discurso. Quanto às metáforas novas, tanto na recepção quanto na produção, são criadas estratégias para a sua desambiguação: o novo se alimenta do já conhecido (um mesmo conceito alimenta as metáforas convencionais e as novas), modelos cognitivos e culturais são ativados dos domínios que armazenam as experiências e conhecimentos, cria-se um contexto de mundo possível e delineiam-se as inferências relevantes que otimizam a interpretação do que se quer comunicar.

Ainda assim não se pode fugir à tendência para uma interpretação hermético-simbólica,<sup>37</sup> pois, embora haja uma comunidade que partilhe suas experiências e conhecimentos, não há conformidade sobre as suposições que cada um faz do mundo. “Enquanto que as gramáticas neutralizam as diferenças que existem entre as

---

<sup>34</sup> De maneira simplificada o parágrafo abaixo traz uma síntese da Teoria da Relevância desenvolvida por Sperber e Wilson (2001: 92):

“Algumas das informações são antigas: já se encontram presentes na representação do mundo que o indivíduo possui. A não ser que sejam necessárias para a execução de uma tarefa cognitiva especial, e que sejam mais facilmente apreendidas do ambiente do que da memória, tais informações não valem a pena qualquer esforço de processamento. Outras informações não são apenas novas, mas completamente desligadas de qualquer coisa que faça parte das representações do mundo do indivíduo. Só podem ser acrescentadas a essas representações como pedacinhos isolados, e isso geralmente significa que há um custo demasiado elevado de processamento a favor de um benefício demasiado pequeno. Existem ainda outras informações que são novas mas que se encontram ligadas às informações antigas. Quando esses itens interligados de informações novas e antigas são utilizados em conjunto como premissas num processo inferencial, podem ser derivadas mais informações novas: informações que não podiam ter sido inferidas sem essa combinação das premissas antigas com as novas. Quando o processamento de informações novas dá origem a um tal efeito de multiplicação, chamamos-lhe *relevante*. Quanto maior for o efeito da multiplicação, maior é a relevância

<sup>35</sup> “Segundo Sperber e Wilson, o contexto que torna possível a interpretação de um enunciado não é fixo nem anterior ao processo interpretativo, mas antes construído e constantemente modificado ao longo deste (...) é uma construção psicológica do destinatário para a qual é convocada toda informação que o indivíduo dispõe” (...) é visto “como produto da interacção de informações novas com as informações já existentes”. (Amaral, 1975: 95).

<sup>36</sup> Assim como explica Gibbs ( ver 3.2)

<sup>37</sup> O pensamento pode reconhecer, alinhar, fixar os fatos, contanto que tenha descoberto uma ordem que os associe.

experiências dissemelhantes, a cognição e a memória sobrepõem diferenças mesmo nas experiências comuns.” (Sperber e Wilson, 2001: 46).

É, ainda, mais uma vez, o contexto que vai dar o limite para a semiose metafórica . Ao construí-lo na combinação das informações novas com as já disponíveis nos domínios mentais, o receptor deve calcular um conjunto de implicações, fazer inferências que gerem compatibilidades e torná-lo o mais produtivo possível para a interpretação daquela metáfora que deve resultar em novos recursos cognitivos. É este mais um dos motivos para Patrícia Amaral (1975:143) afirmar que “a interpretação da metáfora revela-se mais uma vez o paradigma do próprio processo interpretativo”.

Se a interpretação de enunciados metafóricos revela de forma exemplar o papel da recuperação da informação contextual relevante, de cuja articulação inusitada resultará uma síntese inovadora, como parte constitutiva e estruturante do processo interpretativo, ela revela também que essa operação de natureza inferencial é essencial a outras actividades cognitivas e radica, pois, no nosso próprio modo de pensar e conhecer. (Amaral, 1975:158)

#### **4 – A relevância e a especificidade da metáfora na literatura dentro do universo infantil, juvenil e adulto**

Da mesma forma, uma palavra escolhida ao acaso, e lançada à mente, produz ondas de superfície e de profundidade, provoca uma série infinita de reações em cadeia, agitando em sua queda sons e imagens, analogias e recordações, significados e sonhos, em um movimento que toca a experiência e a memória, a fantasia e o inconsciente, e que se complica pelo fato de que essa mesma mente não assiste passiva a representação, mas nela intervém continuamente, para aceitar e rejeitar, relacionar e censurar, construir e destruir. (Rodari, 1982: 14)

No capítulo dedicado ao estudo da metáfora, fizemos referência às pesquisas de Piaget<sup>1</sup> e vimos que ao interagirmos com o mundo a nossa volta, fazemo-lo levando em conta as nossas percepções mais básicas, ou seja, as sensório-motoras, que normalmente provêm do aprendizado que adquirimos de forma natural a partir das nossas relações com o meio físico e social. Nas relações com o meio físico, o nosso corpo é a referência para as imagens primárias que formarão os nossos conceitos mais elementares e nos levarão à categorização através da linguagem, preparando a bagagem mental e cultural que vai dar suporte para aquisições cada vez mais elaboradas. Essa referência corpórea e essas imagens mais elementares vão se formando com base em nossas experiências e na troca com o ambiente social ainda familiar e vão formar as estruturas lógicas do pensamento que são anteriores à aquisição da linguagem.

É, pois, nessa construção dinâmica do conhecimento - fundamentado nos esquemas imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas - que nos apropriamos de categorizações figuradas convencionais e criamos redes de significados mapeadas em um conjunto de correspondências ontológicas e epistêmicas entre domínios conceptuais.

São os esquemas imagéticos que vão configurar as fabulações do mundo infantil e darão suporte para desenvolver a imaginação e a fantasia, procedimentos mentais aflorados num ambiente favorável à ativação dos mesmos.

A criança é um sujeito tentando descobrir o sentido do mundo, lidando ativamente com objetos e pessoas. Nessa interação com o meio, ela vai construir suas estruturas mentais para entender o que a rodeia, compreender os eventos e sistematizar suas idéias. A capacitação para se referir a objetos ausentes é consequência da maturação do

---

<sup>1</sup> Ver Piaget in DOLLE, J. M. *Para compreender Jean Piaget*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1995.

pensamento simbólico traduzido em linguagem. À medida que o amadurecimento vai progredindo, vão se formando as conceptualizações e, conseqüentemente, o pensamento metafórico.

Assim se constitui o sujeito em estágios subseqüentes, estabelecendo sua interação com o mundo primeiramente através de um pensamento egocêntrico, centrado na sua própria experiência, repleto de fantasias, em que o real é distorcido em função dos seus próprios desejos, predominando, assim, o princípio do prazer.

Nesse espaço potencial e ilusório, o indivíduo desenvolverá sua capacidade criativa, agirá mais espontaneamente e experimentará plenamente sensação de ser uno e ser outro. Mais tarde, quando adolescente ou adulto, podemos reviver este espaço potencial em outras atividades como jogos, devaneios, criações artísticas e mesmo compreensão de realidades mais subjetivas.

Segundo Vygotsky (2002:77)<sup>2</sup>, “os processos criadores existem desde a tenra infância e se desenvolvem a partir de elementos tomados da realidade. A atividade criadora da imaginação se encontra, pois, em relação direta com a riqueza e variedade da experiência acumulada pelo homem”.

Acreditamos, portanto, que o vigor criativo pode transformar a inércia num movimento deflagrador da desautomatização em direção a um arremesso construtivo, tanto na produção quanto na recepção do indivíduo.

Diante das investigações da psicologia cognitivista, concluímos, induzidos por Gianni Rodari em sua Gramática da Fantasia (1982), que as crianças vão se apropriando da realidade de uma forma simbólica. Tomar contato com os objetos e acontecimentos incompreensíveis e misteriosos é um desafio cujo prazer se dá pela brincadeira, pela surpresa, pelos arquétipos veiculados nas histórias lidas ou ouvidas.

É no universo das fábulas – alimento de fantasia para a mente de todas as crianças – que “experimenta-se revivendo-o o medo de ser abandonado, de estar perdido. (...) Ser encontrado é voltar ao mundo, reconquistar seu direito, renascer. (...) Estes desafios fortalecem o sentido de segurança, sua capacidade de crescer, seu prazer de existir e conhecer.” (idem, *ibidem*:46)

São essas experiências afetivas - ligadas, muitas vezes, a arquétipos veiculados pela literatura infantil- que vão dar forma lingüística às nossas conceptualizações metafóricas geradas pela necessidade infantil de dar concretude às abstrações (Tenho uma idéia!),

---

<sup>2</sup> FREITAS, Maria Teresa de Assunção Freitas. *Vygotsky e Bakhtin- Psicologia e Educação: um intertexto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002

animizar objetos (“Escada feia, machucou meu joelho!) ou criar artificialismos (“Está chovendo, porque abriu a torneira do céu).

Tais necessidades infantis, segundo Rodari, são uma “fonte de invenção” (p.88) e vão possibilitar o mecanismo simbolista que instaura o jogo do “faz-de-conta” e vai criando a percepção entre o real e o imaginário. A intimidade entre o mundo possível e o mundo vivido faz a criança entrar no mundo da leitura com maior prazer. Essa, porém, é uma prática inaugurada antes da leitura, com as brincadeiras, cuja motivação leva a criança à inventividade para imitar o mundo adulto. Criam histórias cujos personagens são elas mesmas. O mundo da fantasia metaforiza o mundo vivido e empresta concretude às grandes aventuras engendradas pela imaginação.

As experiências vividas no jogo lúdico são formadas por e vão dar forma a modelos cognitivos idealizados (MCIs) e a modelos culturais que serão arquivados em domínios e ativados sempre que o contexto deflagra situações significativas já conhecidas ou novas.

A criança de hoje “lê” o mundo de maneira diferente que os avós. Os mecanismos para significar a leitura são os mesmos, mas os produtos são diferentes. O mundo moderno traz para o contexto de nossas crianças, com uma velocidade espantosa, elementos desconhecidos para as crianças de algumas poucas décadas atrás. Surgem novas imagens, novas informações, novas palavras e novas metáforas que rapidamente se lexicalizam e perdem o vigor da novidade.

Olhando com distanciamento para todas as conquistas que uma criança tem de empreender para acumular conhecimento, percebemos não ser este um processo pouco custoso. Quem já fez este caminho sabe da importância do lúdico para amenizar tal “sofrimento”. Viver no mundo do “faz-de-conta” as angústias, os medos, as raivas, as dificuldades, os afetos e vê-los, de certa forma, resolvidos nos personagens das fábulas do “Era uma vez...”, ou transferidos para as nossas brincadeiras de guerra, super-heróis, boneca ou bandido-e-mocinho, faz-nos moldar uma nova ordem para cuja autonomia vamos nos credenciando.

Cada criança que lê ou que brinca escreve seu próprio mundo e resolve suas próprias dificuldades. Além do mais, habilita-se, quando jovem, a uma intimidade com o mundo narrado, encontrando na ficção a válvula de escape para os embates do cotidiano. Vivendo a metáfora, aprende-se a criá-la e a interpretá-la, já que ela é constituidora dos nossos pensamentos, traduz-se em linguagem, transforma-se em conhecimento e, por isso se faz “mundo”.



#### 4.1- A literatura e o mercado editorial

É na infância que começamos a nos relacionar com os valores que nos acompanharão por toda vida, e eles são atemporais. Questões como: Quem sou eu? Quem é o outro? O que sinto? O que quero? Para onde vou? O que escolher? O que é a vida? Como é a morte? , acompanham-nos ao longo da existência. Tudo isso a boa literatura tem, seja para qualquer idade.

A literatura não responde a nenhuma dessas perguntas, ela não se pretende manual de bem-viver, mas tem uma função catártica. O texto dialoga com as nossas emoções, com o nosso intelecto e, na medida que fazemos elos entre a obra e o “fora” e o “dentro” de nós, vamos reconhecendo o OUTRO de dentro e o OUTRO de fora. Não importa a idade em que isso acontece, mas a empatia que se estabelece entre os parceiros (texto e leitor).

Quantos adultos se encantam e se reconhecem dentro do universo literário que o mercado rotula como infanto- juvenil? Ou também o contrário, quantos foram os livros escritos sem uma pré-determinação etária e logo adotados por crianças e jovens?

Qual o adulto que, muitas vezes, ao reler Monteiro Lobato para filhos e netos não se transporta para o espaço mágico do Sítio do Picapau Amarelo e se encanta com as histórias dos personagens que serão imortais em nossa memória?

Qual o jovem que ao pegar os contos de Histórias da Terra e do Mar de Sophia de Mello Breyner Andresen não se deixa envolver pelo maravilhoso da narrativa que remonta aos valores que norteiam a nossa vida e fazem a ponte que liga a ficção ao real? Ou então, num reconhecimento cultural mais localizado, o jovem português que não vê nos mistérios do mar a senha para a aventura que trouxe prestígio histórico para seu povo? Esse, por exemplo, não é um livro catalogado como livro para jovens.

Da mesma forma, Lygia Bojunga Nunes, reconhecida como escritora de livros infantis, traz para sua narrativa a intimidade da oralidade que encanta tanto o jovem, mas traz também a sofisticação de uma estratégia literária que, muitas vezes, afasta aqueles que não toleram o desafio das construções interpretativas e só suportam histórias lineares.

No terreno de Mia Couto é que não se podem pôr placas etiquetando algumas de suas obras, como é o caso de o Gato e o Escuro, Estórias Abensonhadas ou Chuva Pasmada, encantamento para crianças, jovens ou adultos, dependendo da sensibilidade que desenvolveram para a inovação e o desafio literário.

O jovem, leitor virtual da literatura juvenil, bem como a criança, leitora virtual da literatura infantil, são construções da história. Em face dessa historicidade, não tem sentido atribuir-se universalidade / objetividade / imanência a tais categorias. (Lajolo,2002:25)

Por tudo que temos estudado até aqui, podemos concluir que os rótulos normalmente estão a serviço de interesses de poder ou de mercado. A leitura, depois que passou a ser agenciada pela escola, tornou-se um filão dentro da economia editorial e categorizar os leitores por faixas etárias, veio facilitar a catalogação de livros segundo público, interesse temático, adequação de linguagem e conveniência pedagógica (o livro que se presta a determinada efeméride, a anseios ou necessidades de um grupo específico, enfim, à veiculação de ideologias).

A cultura de massa engessou comportamentos e “coletivizar identidades” (idem, ibidem:25) assegura um maior controle do espaço em que cada um pode e deve circular. Dar à criança o que a ela convém, ao jovem o que lhe cabe e ao adulto o que lhe apetece (já que é um público sobre o qual o mercado tem pouco controle e interesse, pois sua leitura é escassa e não tem ingerência institucional)<sup>3</sup>. Difundi-se, assim, a literatura de encomenda por faixa etária e segmento escolar, o que cria modelos repetitivos e, muitas vezes, retratos colados da realidade, tornando-se rapidamente fórmula gasta.

No Brasil tivemos a sorte de, pela trilha de Monteiro Lobato, criarmos uma vertente de leitores-escritores que marcaram um diferencial dentro da selvageria do capital. Formamos, com um selecionado grupo de escritores, um acervo literário para o leitor que está, não importa a idade, descobrindo as sutilezas e riquezas de um discurso que não caminha pela obviedade, apresenta criatividade lingüística e constrói “vazios” que permitem leituras cujos sujeitos têm participação ativa na rede de hipóteses para a determinação do sentido.

Todo esse material literário foi de tão elaborada substância que a comunidade acadêmica sentiu-se motivada a investir estudos nessa área. Aparecem em várias universidades brasileiras departamentos e investigadores dedicados ao estudo dos autores que tiveram para o segmento dos iniciantes um olhar direcionado.

Diante desse quadro, não foi difícil escolher a autora com quem, ao longo do nosso contínuo processo de sujeito-leitor, temos maior afinidade: Lygia Bojunga Nunes.

---

<sup>3</sup> Além do mais, um livro cujo público-alvo seja o adulto (segundo a classificação mercadológica), para fazer sucesso e dar lucro precisa de um investimento maciço em marketing, ação desnecessária para livros infantis e juvenis que só precisam de seduzir professores e bibliotecas escolares com catálogos atraentes.

Seus livros, para nós, continuam ser desafios a cada leitura. Desde aqueles cuja fabulação circula pelo mundo animal, até os escolhidos para este trabalho cuja linguagem metaliterária e o tom confessional do discurso nos aproximam mais das estratégias estéticas da escritora. Toda a obra de Lygia Bojunga passa pelo crivo da qualidade, da originalidade que ora aproxima o leitor pela intimidade da coloquialidade, ora o distancia para a reflexão crítica.

Por outro lado, o quadro em Portugal se apresenta bem diferente. O país, com uma forte tradição literária, se abasteceu de tal forma de seus baluartes que não conseguiu despertar vocações que produzissem para um público que precisava ainda galgar degraus para atingir a formalidade dos grandes clássicos portugueses.

Segundo Francesca Blockeel (2001), cuja tese de doutoramento, defendida na Bélgica, é um estudo sobre a literatura juvenil portuguesa contemporânea, “até os anos 90 quase não havia narrativas portuguesas destinadas a jovens maiores de 14 anos, sendo estes orientados para a leitura dos clássicos da literatura portuguesa: Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Eca de Queiroz, Julio Dinis, etc”(p.19). Por fatores políticos, Portugal ficou muito tempo fechado a influências de outras culturas, o que dificultou a circularidade de informações e a alteridade saudável à literatura. De certa maneira, essa característica deixou marcas nas produções literárias que ainda se debruçam sobre uma identidade nacionalista. Somente nos últimos anos aparece um mercado editorial direcionado para os jovens, cuja produção ainda está mais empenhada na quantidade do que na qualidade. Como consequência do exposto, não se formou nos bancos acadêmicos interesse significativo pelo gênero nem houve espaço para os especialistas críticos nos veículos de comunicação.

Diante desses fatos, a nossa escolha por Sophia de Mello Breyner Andresen deveu-se a sua trajetória conceituada em dois gêneros: a poesia e os contos infantis que escrevia para os filhos por total falta de alternativas no universo literário português. Essa poeticidade que lhe perpassa a alma entranha-se nos seus dois únicos livros de contos: *Contos Exemplares* e *Histórias da Terra e do Mar*, ambos lidos por jovens que encontram na prosa narrativa da consagrada poeta uma identificação maior com as suas experiências. Dentre os belíssimos contos, optamos por dois, *A História da Gata Borracheira* e *Saga*. Ambos nos envolvem com a áurea do maravilhoso que, segundo consideramos, remete-nos à alma lusitana que gostaríamos de desvelar.

Quanto à escolha de Mia Couto, foi movida pela paixão à primeira vista e pelas associações feitas com um escritor brasileiro que transita em outro universo discursivo:

Guimarães Rosa. Como já apontamos, o público leitor em Moçambique é bem restrito, só a elite escolarizada tem competência para a língua portuguesa.

A escrita dos magníficos escritores africanos faz-se ouvir em outras partes do mundo por tradução ou numa pequena comunidade de língua portuguesa, mais centrada em Portugal que no Brasil, pois há muito pouco tempo, e dentro dos muros universitários, tomamos conhecimento da riqueza simbólica do mundo africano, cultura ainda tão atuante e presente em muitas manifestações culturais brasileiras.

Em síntese, o objetivo da seleção foi estabelecer com essas obras um diálogo pontuado pelo prazer estético, abrindo caminhos para a compreensão com o uso de ferramentas teóricas que nos conduzissem à autonomia construtiva e ao entendimento de que, segundo Barthes,

...quanto mais o texto é plural menos se escreve antes de eu o ler; não o submeto a uma operação predicativa – conseqüente com a sua natureza própria -, chamada *leitura*, e *eu* não é o sujeito inocente, anterior ao texto e que dele se serviria em seguida como de um objeto que se desmonta ou uma praça que se cerca. Este “eu” que se aproxima do texto é já uma pluralidade de outros textos, de códigos infinitos, ou mais exatamente: perdidos (cuja origem se perde).

.....  
 Não estou escondido no texto – apenas sou nele irreferenciável: a minha tarefa consiste em movimentar, transladar sistemas cujo prospecto não pára no texto nem em “mim”; (...) a única prova de leitura que existe é a qualidade e a resistência da sua sistemática; por outras palavras: o seu funcionamento.  
 ( Barthes, R. S/Z. Lisboa:Edições 70 Ltda,1970: 16)

## 4.2 – Cada autor, um leitor?

A que leitor se destina a narrativa de Lygia Bojunga? Em que universo cultural ele transita? Trilhou os mesmos caminhos de leitura que um jovem português? Certamente seus referenciais culturais não são os mesmos de um jovem moçambicano falante de língua portuguesa, mesmo que esse seja aqui pouco analisado.

Na verdade, estamos caminhando sobre hipóteses e conjecturas, já que este trabalho não se propõe a uma pesquisa investigatória, porém todo escritor faz uma imagem virtual do seu leitor ideal. Para ele escreve, ele é a medida de sua escritura.

A sensibilidade do autor vai ao encontro da sensibilidade de seu leitor e certamente essa fruição é possível porque ambos compartilham a mesma cultura, os mesmos modelos cognitivos idealizados, os mesmos modelos culturais. Certamente Lygia sabe mais o que interessa a um jovem brasileiro do que sabe Mia ou saberia Sophia se fosse viva.

Certamente o modo de ser de um povo se reflete tanto no autor quanto no leitor. Ao compararmos uma narrativa de Lygia e uma de Sophia ( vamos colocar Mia num outro plano, voltado para um leitor jovem atípico, com um nível de experiência leitora apurada), podemos perceber uma já diferença no grau de formalidade da linguagem. O jovem português acostumado precocemente com a leitura dos clássicos portugueses, talvez suporte com naturalidade longas descrições que não são do agrado da maioria dos jovens brasileiros (observações de caráter empírico, baseadas na experiência profissional). Além do mais a coloquialidade lusitana é mais aproximada da norma culta do que a dos brasileiros, que quanto mais jovens mais transgressores.

As obras brasileiras analisadas, embora trabalhem com superposições de planos temáticos, espaciais e temporais - um complicador destoante da escrita mais linear de Sophia - trazem sempre uma ambientação urbana, e suas referências a dados do real tornam frágeis os limites que o separam da fantasia. Essas superposições vão dar conformação à linha metafórica das obras. As narrativas em 1ª. pessoa, além do ar confessional na relação com o leitor, levam para a cena enunciativa uma relação de informalidade acentuada entre o narrador e os demais personagens, mesmo que entre eles exista uma hierarquia de idade ou de posição social

Os contos de Sophia, por outro lado, investem nos ingredientes da fabulação do “Era uma vez...” com componentes do maravilhoso que são subvertidos para trazer o efeito de surpresa e propiciar a interação com o leitor que vai poder fazer relações

intertextuais e construir significados. Trabalha com valores morais universais em contraposição a Lygia que instaura na narrativa uma reflexão crítica com o objetivo de retratar um determinado momento histórico ou com intuito de condenar práticas convencionais. Já em Sophia os limites entre real e fantasia são bem definidos, pois a ficção transita no espaço que lhe é reservado.

Mia Couto investe na força da linguagem para converter suas formas simbólicas num círculo mágico que envolve as crenças e mitos de um povo cuja identidade está em completo devir. Segundo o próprio Mia, as identidades na África são precárias, transitórias, há muitas tribos e etnias, daí ser muito difícil traçar um perfil para um leitor que compartilhe do universo discursivo ficcional. Mas essa tipicidade bem localizada é tão matizada pela poesia que o que é local torna-se universal. Suas narrativas são metáforas poéticas tanto na estrutura de superfície quanto estrutura profunda que remete para a força do que não é nomeável.

Cada autor, um leitor? Se fossem tão definitórias essas relações de reciprocidade a literatura teria um caráter limitador e não seria arte. A arte se alimenta da alteridade com outras culturas, é vendo-se no diferente que construímos as identidades. Através do mergulho na história, o leitor se transforma em diferentes personagens, vive em épocas de culturas e crenças que já não mais existem, é possível viajar no tempo e no espaço, não como um mero espectador de um documentário, mas participante, no papel de um outro. Ter vivido “na pele” de outro muda o modo como enxergamos nós mesmos e a sociedade em que estamos.

### 4.3 - Lygia Bojunga Nunes

Essa aproximação entre Leitor e obra passa, certamente, por uma técnica de sedução. Seduzir pode ser encantar, fascinar, mas também pode ser induzir ao erro, enganar com artifícios. Nesse processo de encantamento, existe sempre um envolvimento prazeroso para sedutor e seduzido que, de alguma forma, justificam os meios para chegar ao objetivo: criar no leitor a sensação de proximidade com o autor, numa ilusão de que narrador e personagens são seres “reais”, usuários da nossa linguagem. Esse é um jogo de fingimentos pactuado entre os parceiros, porque quem se deixa enganar está consciente de não haver ali a transcrição da língua falada, mas artifícios que transformam a naturalidade da fala em língua literária. Estabelece-se, assim, um contrato de comunicação (Charaudeau e Maingueneau, 2004:130-132), que licencia essa prática languageira e permite os desvios, marca transgressora identificadora de uma variante distinta dos moldes rígidos da variedade culta formal, caracterizadora da língua padrão.

Essa acessibilidade e essa familiaridade, certamente, despertarão na memória do leitor os traços de identificação com a escrita de Lygia Bojunga. Acreditamos que o primeiro envolvimento afetivo com a sua obra seja pelo despojamento da linguagem cuja técnica não deixa transparente o domínio do sistema da língua. De imediato instala-se um clima de cumplicidade que vai tornar leitor/autor parceiros de um mesmo jogo numa troca constante de papéis na alternância autoral. Sua escrita é um laboratório de estudos no qual ela se faz personagem construída na e pela linguagem.

Daí a escolha de três obras, participantes de uma trilogia metaliterária em cujo espaço textual a autora reflete: 1) sobre a sua formação como leitora e como desabrochou a necessidade da escrita; 2) como acontece o processo de criação e seu envolvimento emocional com a produção literária; 3) como se estabelece a relação autor-leitor via obra. Por esse viés, ela metaforiza a formação do saber literário no aspecto da produção e da recepção, ilustração ficcional materializada em forma de narrativa apaixonada/apaixonante.

### 4.3.1 - Livro: um encontro com Lygia Bojunga

Barthes (1970:17) diz que um texto “é uma entrada de uma rede com mil entradas” e escolher a entrada é assumir uma perspectiva “ouvindo vozes vindas de outros textos , de outros códigos”. Nesse texto entra-se e sua saída é aberta, há inúmeros “pontos de fuga”, porém “cada texto (único) é a teoria (e não o simples exemplo dessa fuga)”.

Quando elegemos uma teoria para analisar a obra, embora conhecêssemos ambas (obra e teoria), não esperávamos encontrar metaforizada na ficção a própria teoria que vimos desenvolvendo ao longo do trabalho. Acreditamos, porém, que as escolhas não são aleatórias elas são os ecos de vozes e textos que se vão armando numa construção cuja teoria vai fortalecendo os alicerces. Sabíamos, portanto, mesmo intuitivamente, que a escrita de Lygia Bojunga ia comprovar nossas hipóteses de estudo: a metáfora e a intertextualidade são processos imbricados e são (um dos) caminhos (aquele que consideramos mais produtivo) para a compreensão.

Já havíamos afirmado em nosso trabalho que o sistema metafórico funciona como um caleidoscópio em que certos aspectos de uma **experiência** são desvelados, enquanto outros são ocultados, formando “frames” (cenários) mais usuais e outros mais inusitados<sup>1</sup>, quando fomos surpreendidos, numa releitura do livro que estamos analisando, com o seguinte trecho:

“A gente bota essas experiências fortes de lado, mas elas ficam acontecidas dentro da gente; e os fragmentos delas formam um novo desenho lá no fundo do nosso caleidoscópio. Um caleidoscópio que o Tempo vai virando. Só que no nosso caleidoscópio as imagens viradas – mesmo parecendo que nunca mais vão voltar, acabam aparecendo de novo – porque a gente não deixa de ser cada desenho que criou.” (p.9)

Daí tiramos duas conclusões: 1) a ficção confirma a teoria; 2) somos a soma de todas as vozes e textos lidos: a metáfora do caleidoscópio é mais conceptual e convencional do que supúnhamos.

Conquanto durante a apresentação da teoria tenhamos usado o corpus literário para exemplificar os fenômenos estudados, faremos, a partir de agora, uma análise para:

- descrever na obra literária os aspectos metafóricos, polifônicos e intertextuais que revelam os esquemas mentais e constroem um sistema coerente de interpretação tendo em vista o contexto acionado.

---

<sup>1</sup> ver 3.3.1.7.



- analisar se esse tipo de descrição favorece, ou não, a compreensão de textos de culturas distintas.
- Verificar se há, ou não, uma diferença cultural que se reflete na formação das metáforas lingüísticas.

Em *Livro: um encontro com Lygia Bojunga* há dois segmentos que traçam a linha divisória temática: “LIVRO - eu te lendo” e “LIVRO – eu te escrevendo”. No primeiro, metaforicamente, o livro era a casa onde morava a sua imaginação, enquanto no segundo, ela começa a fabricar tijolo para que outros possam montar a casa onde vão morar.

Seu processo de construção da leitura e da escrita é detalhadamente focado e para essas duas atividades esteve voltada durante toda a sua vida, numa relação apaixonada e erotizada, tanto que, em sua formação como leitora, relata o descobrimento do prazer usando a metafonímia para falar do seu envolvimento amoroso com os livros mais marcantes, transformando os escritores em amantes com quem vive casos de amor .

Tal como a metáfora, a metonímia está inserida no discurso das comunidades como reflexo das nossas atuações e dos nossos pensamentos, portanto não é uma questão de linguagem, mas uma expressão cognitiva das nossas experiências. No uso literário, ela pode estar associada à metáfora para produzir sentidos mais complexos. Por exemplo, Lobato metonimicamente está no lugar do livro e metaforicamente foi um amante com quem vivera um caso de amor, assim como os outros autores selecionados, configurando, dessa forma, uma ocorrência de metafonímia.

Eu tive seis casos.  
Casos de amor, eu quero dizer.  
E, para mim, um caso de amor é coisa de envolvimento muito intenso.  
Eu namorei bastante; flertei à beça; experimentei casamento; mas casos foram seis. ( E o bom é que eu não estou livre de outro...)

Seus “casos”, que passavam por “aquela química, que transforma um encontro em caso de amor”(p.17), foram de diversas naturezas: com Lobato, o caso foi puro e ingênuo, próprio do frescor da descoberta; casos pesados e angustiosos com Dostoievski e Edgar Allan Poe; um caso vergonhoso, a ponto de não revelar o nome do “amante”; o caso singular, restrito a um único livro de Rainer Maria Rilke: *Cartas a um poeta*; e, finalmente, o caso de amor amadurecido, que soube esperar com Fernando Pessoa.

E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode visitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros, com os

quais a gente teve um caso de amor. Está tudo ali, retido, seguro, todas as nossas sensações daquele tempo. E não importa que a gente diga, ué, como é que fui me apaixonar por ele? Puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais. Não importa. Ele continua a ser o depositário de toda aquela emoção do passado. (p.29)

O projeto do livro que inicialmente se voltava para a experiência da escritora como leitora acabou se desdobrando e ficando mais “redondo” (p.31) quando ela resolveu contar sua relação com a escrita e a descoberta da sua grande vocação. Nesse processo de altos e baixos ela vai se construindo como escritora numa paixão reveladora, visceral, só empanada quando precisou se “prostituir” e escrever para ganhar dinheiro. Aqui, mais uma vez, a autora erotiza seu fazer literário e explica que só reencontra o prazer da escrita quando se volta para os livros e passa a escrever artesanalmente, sentindo a volúpia do lápis em sua mão. (ESCREVER É UM ATO ERÓTICO)

Já no meu primeiro livro eu comecei a achar difícil fazer ele à máquina.

Mas eu achava tanto que escritor-escreve-é-à-máquina, que durante um tempo grande eu fiquei me segurando pra não mexer com as palavras do jeito que a minha vontade pedia: pegando nelas, imprimindo eu mesma cada letra.(...)

Quanto mais eu insistia no uso da máquina, mais a ponta do meu dedo queria sair de lá correndo pra ir se encontrar com o lápis.(p.51)

As metáforas sinestésicas erotizadas que vão construindo a teia narrativa podem ser, nesse contexto, um artifício para atrair o leitor jovem tanto para a sua escritura quanto para a ação pedagógica da leitura e da produção textual, mostrando, ainda, um certo ranço de didatismo que marcou as criações passadas e que ainda se encontrava na literatura de Lobato. Por outro lado, não podemos esquecer que essa sensualidade é um traço cultural de nossa brasilidade presente em situações que envolvam experiências subjetivas da ordem do prazer. É comum na linguagem cotidiana usarmos a linguagem sintética da metáfora para expressarmos, através das nossas vivências, o que as palavras só dariam conta com construções bastante analíticas. Numa narrativa literária que utiliza a oralidade, como a analisada, nada mais natural que a “artesã da palavra” aproveite essa tendência para os fins estéticos a que se propõe:

O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação da liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez uma impressão tão forte dentro de mim, que eu saí desse primeiro encontro pressentindo que fazer literatura ia ser para mim uma imensa aventura interior \*. E desde esse dia eu confundo as palavras livro e livre: me acontece muito querer dizer uma e sair a outra.

\* Não me enganei. (p.55)

É a imbricação entre linguagem, pensamento, ação e cultura que as metáforas querem demonstrar. E parece-nos que essa marca de erotização é uma característica da cultura brasileira, o que só poderá ser observado quando compararmos com as literaturas portuguesa e moçambicana.

O valor estético de uma obra vai se revelando à medida que o escritor usa os subterfúgios que há a seu dispor dentro do sistema - utilizando a variedade mais adequada aos seus planos comunicativos - para dar conta de expressar a afetividade e a subjetividade que não cabem nos moldes rígidos da norma gramatical.

Escolhemos como porta de entrada para analisar o esquema metafórico orientador da obra respeitar os dois blocos já determinados:

**“LIVRO – eu te lendo”**

**“LIVRO –eu te escrevendo”**

Os dois blocos são determinados  
por uma metáfora conceptual de  
nível genérico:

**EVENTOS SÃO ENTENDIDOS EM TERMOS DE AÇÃO POR ALGUM AGENTE**

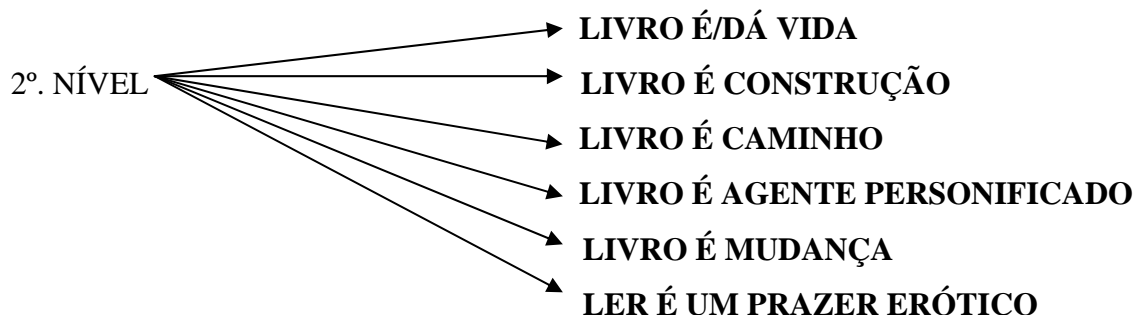
Daí a leitura e a escrita serem eventos que provocam uma série de ações e o livro funciona ora como agente, ora como paciente nesse processo de construção/descobertas que vão se afinando até chegar a um submapeamento mais específico:

**REALIZAÇÃO DE UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UMA LOCALIZAÇÃO DESEJADA**

Portanto, a partir dessa rede de mapeamentos, pode-se perceber que a autora vai esquematizando as metáforas numa escala hierárquica em que as mais específicas, e por isso de nível mais inferior, vão herdando as estruturas de projeção das mais generalizantes, daí :

No 1º.bloco: **LIVRO – eu te lendo**

1º. NÍVEL: **EVENTOS SÃO AÇÕES PROVOCADAS POR UM AGENTE**



3º. NÍVEL → **LIVRO É UM ENCONTRO CONSIGO,**  
ou seja, **REALIZAÇÃO DE UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UMA LOCALIZAÇÃO DESEJADA**

Em 1º. Nível, está a metáfora geradora do conceito, daí ser mais generalizante e não ser traduzida por manifestações lingüísticas metafóricas. A partir do 2º. Nível, um submapeamento do 1º., as metáforas conceptuais já vão se ramificar em várias manifestações lingüísticas metafóricas, com podemos comprovar:

**LIVRO É / DÁ VIDA:** “Os livros me deram casa e comida” (p.7); “O livro alimentava minha imaginação” (p.7); “Todo dia minha imaginação comia, comia, comia” (p.8); “Quanto mais eu buscava, mais o livro me dava” (p.8); “...tendo que usar uma palavra só para tentar descrever o ar que se respirava naqueles livros...” (p.14); “Era uma atmosfera tão fantasticamente opressiva que o ar, às vezes me sufocava.” (p.16); “Por alguma razão que até hoje eu não cavei muito bem (nem pretendo), eu precisava respirar aquele ar. Então voltando dos meus encontros dostoevskianos, eu enchia os meu pulmões de ar do Poe.” (p.16).

**LIVRO É CONSTRUÇÃO:** “...livro era tijolo” (p.7); Livro é lugar para se morar: “De casa em casa fui descobrindo o mundo” (p.7); “Comecei a achar que aquela história de ler não era uma coisa descomplicada feito descascar uma laranja, pular uma amarelinha, cantar junto a música que tocava no rádio”(p.12).

**LIVRO É CAMINHO:** “Minha imaginação me levava para morar em iglu, cabana, palácio, arranha-céu” (p.8); “Minha imaginação queria era mesmo voltar para aquele mundo encantado que o Lobato tinha criado” (p.13) “Mas Reinações de Narizinho tinha me dado um prazer tão intenso, que era pra ele que eu voltava sempre ao longo da minha infância.” (p.13); “Mas eu me lembro que eu andava por aquelas páginas sempre olhando daqui, dali...” (p.15)

**LIVRO É AGENTE PERSONIFICADO:** “O segundo motivo foi aquele conhecido impulso que cada um de nós tem de vez em quando: querer fazer uma homenagem a um amigo, e querer então reunir uns amigos desse amigo pra homenagem se alargar. O amigo, no caso, era o Livro” (p.9); “Este livro sacudiu a minha imaginação. E ela tinha acordado” (p.13).

**LIVRO É MUDANÇA:** “Esse acordar da minha imaginação começou a mudar tudo.”(p.13); “Aquele gente toda do sítio do Picapau Amarelo começou a virar a minha gente” (p.13); “E ela (a imaginação) tinha acordado”(p.13).

**LER É UM PRAZER ERÓTICO:** “Eu tive seis casos. Casos de amor, eu quero dizer.” (p.11) “Eu namorei bastante; flertei à beça; experimentei casamento; mas casos mesmo foram seis (E o bom é que não estou livre de outro...) (p,11); “Namorava com um livro daqui. Flertava com outro de lá” (p.14); “...descobri dois escritores ao mesmo tempo; e longa-e-perdidamente eu me apaixonei pelos dois” (p.14).

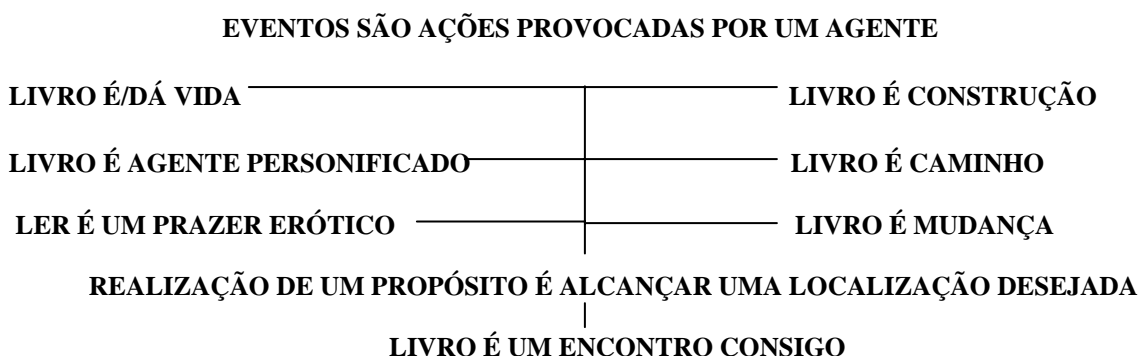
O 3º. Nível é um submapeamento do 2º., nele localizam-se as metáforas lingüísticas resultantes do caminho para o qual as pistas lingüísticas, através da elaboração das metáforas conceituais de 2º. Nível e suas inúmeras manifestações lingüísticas, hierarquicamente foram conduzindo nossa leitura

### 3º. NÍVEL : REALIZAÇÃO DE UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UMA LOCALIZAÇÃO DESEJADA —————> LIVRO É UM ENCONTRO

**CONSIGO:** “...tendo falado uma página inteirinha da minha ligação com o livro, a vontade de falar nesse assunto podia ir dormir sossegada.” (p.8); “...vivo muito encascada ( engasgada não: encascada)” (p.9); “As experiências ficam acontecidas dentro da gente// O nosso interior é um caleidoscópio// Os fragmentos das experiências formam (novos) desenhos no caleidoscópio // A gente nunca deixa de ser cada desenho que criou” (p.9); “ Lá em casa me viam tão entregue a esse livro” (p.13); “...eu me envolvi tão intensamente com esse desespero todo (Dostoievski e Edgar Allan Poe)(p.14); “ E pela primeira. vez, em 10 anos de leitora, eu tive a noção (ainda meio vaga) da inquietação que pega a gente quando se está assim em estado de amor por um livro: aquela coisa aflita de estar sempre procurando um jeito de ficar sozinha com ele; só a gente e o livro.” (p.15); “Eu já sentia, mesmo não conscientizando muito bem, essa transa tão peculiar,tão única, que liga o leitor ao escritor, e que faz com que a gente passe a sentir falta da atmosfera que certos escritores criam nos livros que eles escrevem. Mas falta mesmo. Feito um amigo, se é um caso positivo. Feito um vício, se é um desses casos meio mórbidos que também acontecem com a gente e com o livro.” (p. 16).”...a minha imaginação não parava de se beneficiar no convívio com ele – a minha, e a de todos que, como eu, mergulhavam de cabeça nos contos que ele escreveu”(p.17); “...eu sempre me liguei neles muitíssimo mais com a emoção do que com a cuca”(p.18); “Só que eu não sabia se eu tinha pegado a doença naquele livro, ou se ela já estava em mim, esperando o livro certo para poder acontecer...” (p.18); ‘Eu saía daqueles encontros me sentindo assim...poluída.”(p.19); “E no meio dessa explosão emocional, de repente, eu me dei conta de como é forte a transa livro-e-a-gente.” (p.20); “ Aquela sensação de frustração que eu estava amargando – e que se repete cada dia, cada hora, em cada canto do mundo, cada vez que um escritor decepçiona o seu leitor – tinha me dado a medida exata da minha parceria.”(p.20); “ Eu hoje me pergunto se o meu grande envolvimento com as *Cartas* foi porque eu me identifiquei com a apologia da solidão que o Rilke faz nesse livro, ou se foi por andar alimentando um desejo de ser poeta também” (p.22); “...O escritor é o

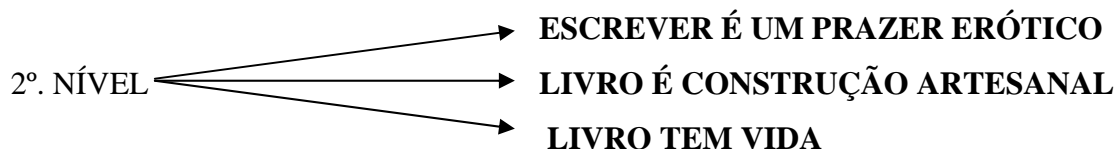
livro que escreve.”(p.22); “A cada novo poema, lido ou ouvido no passado, e aonde o meu olho batia agora, voltava todo o mundo, todo o espaço onde eu me movia naquela época.”(p28)

Graficamente, poderíamos assim representar as metáforas conceituais em níveis hierárquicos:



No 2º. Bloco: “**Livro – eu te escrevendo**”

1º. NÍVEL: **EVENTOS SÃO AÇÕES PROVOCADAS POR UM AGENTE**



3º. NÍVEL: **REALIZAÇÃO DE UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UMA LOCALIZAÇÃO DESEJADA** → **LIVRO É UM ENCONTRO CONSIGO**

No 2º. Bloco, o que mudam são as metáforas conceituais de 2º. Nível e suas manifestações lingüísticas:

**ESCREVER É UM PRAZER ERÓTICO:** “Então foi assim, caligrafando, que eu recolhi o prazer da borracha esfregando o papel, do lápis roçando a mão, do olho seguindo os sinais que eu imprimia no caderno, brincando aqui da pingar um *i*, ali de engordar um *o*.”(p.35); “Foi quando eu dei para ruminar o jeito que eu tinha, que eu comecei a namorar a idéia de escrever livro” (p.53).

**LIVRO É CONSTRUÇÃO ARTESANAL:** “...a borracha volta e meia apagando um *l* que batia com a cabeça numa linha, um *a* que botava a perna numa outra, um *b* que saía barrigudo demais.” (p.35); “E ficar desenhando e apagando letra, escrevendo e reescrevendo palavra, era bom” (p.35); “... a lembrança do meu tempo de *artesã da escrita* dormiu fundo dentro de mim.”(p.36); “...durante um tempo grande eu fiquei me segurando pra não mexer com as palavras do jeito que a minha vontade pedia: pegando nelas, imprimindo eu mesma cada

letra. Eu queria ficar apagando uma palavra daqui e riscando uma outra de lá; eu queria puxar seta para ir escrever lá em cima a mesma coisa de outro jeito, deixando pra resolver depois o jeito que eu achava melhor; eu queria ficar engordando um *a* um *o* numa palavra enquanto a seguinte não chegava; e ficar desenhando na margem até o pensamento desempacar.” (p. 51); “Era só eu cismar que eu botava o Maracanã cheinho dentro numa cena. E ninguém ia me perguntar se eu que pagava o cachê de duzentas mil pessoas” (p.54); “ Mas, pela primeira vez na vida, eu me dava o luxo de ficar corrigindo e reescrevendo o meu texto, na tentativa de suavizar um pouco os solavancos da minha prosa...”(p.55).

**LIVRO TEM VIDA:** “Eu trabalhei uma porção de meses num livro chamado O Sofá Estampado. Conforme o trabalho andava pra frente, a minha coragem andava pra trás: eu vinha sentindo que o livro não tinha vida, e se tem coisa que eu acho difícil é tocar escrita pra frente na companhia desse sentimento”(p.43); “Eu só sei é que, às vezes, eu sinto que consegui passar pra minha escrita um sopro qualquer de vida...”(p.44)

No 3º. Nível, podemos comprovar que, assim como a leitura representou um encontro do narrador-Autor com ela mesma, **a escrita também representou um caminho para dentro de si**, ou seja, **O LIVRO**, tanto na recepção quanto na produção, foi dando forma ao sujeito que ela se tornou, como poderemos comprovar nas manifestações lingüísticas dos conceitos metafóricos apresentados acima: “Era um registro compulsório de tudo que me acontecia; emoção, dúvida, tristeza, expectativa, estava tudo lá (...) quem sabe se um dia eu vou ser escritora?”(p.37); “ A impressão era que eu só escrevia mesmo se eu ia pro meu quarto e fechava a porta...”(p.37); “Mas se eu não escrevia, eu me afligia...”(p.38); Mal sabia eu que ele tinha só se mudado: saiu do meu pensamento e foi se esconder no meu sótão (lá onde meus sonhos moram)” (p.44); “...a unha do Vitor ia fazer o que eu vivia querendo fazer inventar uma cavação pra descobrir os meus pedaços mais fundos...” (p.44); “... fazer livro é ir puxando um fio que se dependura lá do meu sótão.” (p.46); “O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação da liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez um impressão tão forte dentro de mim, que eu saí desse primeiro encontro presentindo que fazer literatura ia ser para mim uma imensa aventura interior.” (p.55)

Como podemos notar, as metáforas conceptuais vão se manifestar lingüisticamente através da linguagem convencional ou através de metáforas mais originais. Por esse levantamento, podemos perceber que tanto uma quanto a outra vão estar ligadas a um único conceito. Por exemplo:

- a) “O luxo de corrigir e reescrever, (...) ia ser uma imensa aventura interior”
- b) “...fazer livro é ir puxando um fio que se dependura lá do meu sótão.”
- c) “A impressão era que eu só escrevia mesmo se eu ia pro meu quarto e fechava a porta...”

Levando-se em conta que o conceito mais específico (em relação ao mais genérico de 1º. Grau) é REALIZAÇÃO DE UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UMA LOCALIZAÇÃO DESEJADA e pelo contexto deduzimos que a metáfora conceptual que conduziu toda a narrativa derivada desse conceito foi LIVRO É UM ENCONTRO CONSIGO, podemos observar que, se alcançar uma localização é chegar a algum lugar,

pressupõe-se haver aí uma metáfora de percurso (chegar através de um caminho) , daí que, em (a), temos uma metáfora com um grau de metaforicidade baixo (o interior se opõe ao que está visível, ao que é físico), ou seja, as propriedades entre os domínios-fonte (Alcançar uma localização desejada: atingir o seu interior) e o domínio-alvo (Realização de um propósito: o livro como objeto de construção criativa em duas dimensões, receptiva e produtiva) são mais prototípicas para categorizar o lugar onde se guardam as emoções.

Em (b), a metaforicidade da expressão já é mais inusitada (em se tratando de leitores iniciantes), pois o interior já toma uma conotação de inconsciente, lugar escuro, de difícil acesso, dele sai um fio que se puxa (mas será que por ele se sobe?). As propriedades aí presentes são mais periféricas para designar o mesmo conceito.

Em (c), o contexto impõe uma indeterminação ao vocábulo “porta”. Aparentemente a frase possui um grau zero de metaforicidade, mas o leitor que der conta dos “vazios” deixados pelo texto pode atribuir ao vocábulo um valor polissêmico, já que todas as referências lingüísticas partem de um único conceito.

O narrador ao final diz ao leitor que escrever é uma “imensa aventura interior”, o que nos leva a crer que nesse caminho ou viagem não há só prazeres, é uma operação que também implica dor, como qualquer aprendizado. Isso fica claro quando, num processo de intertextualidade interna e explícita, tenta elucidar a difícil atividade de produção de um conto que escrevera: A Troca e a Tarefa (conto do livro TCHAU). O interessante é que traz para a ficção o quanto nossos discursos são atravessados por textos que de uma forma ou de outra fizeram sentido para nós:

Quando eu começava a puxar, o fio vinha arrastando lá de cima uma porção de coisas inesperadas (sons, imagens – lembranças? Sonho? Imaginação?), e quase sempre elas tinham um jeito tão mandão, que iam logo inventando novas regras pro jogo e modificando o meu planejamento todo. (...)

O Escritor, a casa, a rua, o ciúme, aquilo tudo não saía da minha cabeça pro papel porque eu custei demais para enxergar a ponta do fio dessa história. Acabei encontrando ela numa música do Vlla-Lobos: Choros nº. 10 (p.46)

Na verdade, ela ficcionalizou (ou metaforizou) o sistema que detona os espaços mentais em nossos processos de criação e interpretação, conforme vimos descrevendo em nossos pressupostos teóricos: os fios ligam os domínios onde ficam arquivadas nossas experiências físicas, sensoriais, culturais, que através de um elemento



desencadeador (a música de Villa Lobos) acionou o espaço de mescla onde se organizou o enunciado lingüístico selecionado pela criatividade do narrador-Autor.

Por fim, achamos pertinente aludir à polifonia que se faz notar no título, ***Livro: um encontro com Lygia Bojunga***, após a leitura que fizemos, abrindo o esquema de mesclagem de vozes que se realiza por uma superposição implícita de sujeitos:

EGO 1 integra totalmente o enunciado( ENUNC 2) e o enquadre (ENQ 2)) de EGO 2 ao seu enunciado (ENUNC 1) e enquadre (ENQ 1)

EGO 1: a voz do enunciador imparcial: o editor, o autor, o narrador

ENUNC 1 e ENQ 1: O título é um “convite” para Leitor e Escritor se encontrarem no espaço textual e numa interação quase direta (a forma de discurso em solilóquio<sup>2</sup>, estabelece na enunciação um tom conversacional numa espécie de face a face bilateral encenada) ouvirem/lerem sobre a experiência da escritora com o livro.

ENUNC 2 e ENQ 2: a voz do leitor-autor (aquele que estabelece significados para o texto), após a interpretação ( a que estabelecemos aqui entre as possíveis): o livro estabelece um encontro com os sujeitos que habitam em Lygia Bojunga.

#### 4.3.2-- Fazendo Ana Paz

Depois do livro que analisamos em que a autora termina falando do seu pressentimento sobre a “*imensa aventura interior*” que o ato da escrita e o fazer literário lhe proporcionariam, ela continua pela mesma trilha e, agora, numa estratégia narrativa mais elaborada vai “*falar mais dramaticamente*” sobre o ofício criativo que, para ela, além de ser um exercício de reflexão metaliterário, é uma investigação de seus processos memoriais e emocionais.

Toda construção enunciativa assemelha-se a uma cena em palco aberto cujos personagens (Ana Paz e a Autora) se revezam para contar, de forma fragmentada e em planos temporais distintos (Ana Paz-menina, Ana Paz-moça e Ana Paz-velha), o enredo que não se quer fechar. As vozes se cruzam e mesclam-se no discurso do narrador-Autor que tem a ilusão de comandar o ato criativo e não se supõe tão à mercê de sua criatura.

---

<sup>2</sup> Solilóquio, forma narrativa destinada ao teatro, mas que é encontrada também no discurso literário. (MOISÈS, Massaud. “Do solilóquio e do monólogo interior” In: Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura,mídia e ensino (vários autores e vários organizadores). São Paulo:Ed. Cortez,2001.

O Leitor, parceiro e “espectador” da ficção, vai percebendo a estrutura metafórica que se forma em torno da memória no plano enunciativo da história /História e a estrutura metafórica que se forma em torno da construção do artesanato literário (“*Sentava de manhã para escrever. Começava a brigar com as palavras.(...) ...que bom ia ser fazer um pai de barro, moldar ele no gesso...(...) A manhã se acabava e eu ali imaginando que coisa incrível devia ser a gente poder pegar no que faz*”).

A escrita perfaz um caminho labiríntico e a narrativa que se intitulava primariamente *Eu me chamo Ana Paz* teve de se renomear como **Fazendo Ana Paz** também metaforizando o processo inacabado que dá forma à essência de cada sujeito.

"A necessidade de falar mais dramaticamente do ato de escrever me fez continuar nesse caminho e levantar uma personagem chamada Ana Paz. O percurso que eu fiz com a Ana Paz foi difícil, eu não enxergava bem o caminho, tropecei e parei muitas vezes, mas me levou a um livro que eu chamei "Fazendo Ana Paz". E me levou também a querer continuar ainda na mesma estrada."

Com manifestações lingüísticas provenientes de metáforas estruturais de percurso, em que **AÇÕES SÃO CAMINHOS**, Lygia nos introduz na metaconstrução dos elementos da narrativa: personagem, tempo, espaço, enredo e leva seu leitor a compartilhar da mesma viagem que ela : o primeiro preenchendo os “vazios” da obra (“*Sou de opinião que, quando um leitor mergulha no livro que um escritor escreveu, ele está enveredando por um território sem fronteiras; nunca se sabe direito até onde está indo atrás da própria imaginação, ou em que ponto começou a seguir a imaginação do escritor*” – p.8), a segunda criando-os (“*Comecei então a pensar no jeito que eu ia usar para viajar no papel-* p.10)

Começa a trilhar os caminhos do texto em busca da personagem que se manifesta lingüisticamente por representação da metáfora conceptual **CAUSAÇÕES SÃO PROCRIAÇÕES** (“*Eu nunca tinha vivido a experiência de uma personagem me pegar tão desprevenida; eu não tinha nem pensado que a gente pode parir personagem assim.*”-p.11// “...personagem é feito filho da gente, ruim ou bom a gente gosta dele, ainda mais assim, quando ele ainda nem sabe ficar de pé” – p. 63)

O personagem se forma tão imbricado com o seu criador que ora é um filho que está sendo parido, ora é um ente que precisa romper barreiras no interior da escritora (“no seu sótão”) para ter existência concreta e material (“*Eu estava habituada a ver cada uma dos meus personagens hesitar pra vir à tona (...) que devagarinho que ele*

*abria a porta dentro de mim!*”- p.13), expressões metafóricas derivadas da metáfora conceptual **DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA MOVIMENTOS**.

Lygia trabalha com três conceitos que condicionam sobremaneira as nossas ações e nossos pensamentos: **VIDA, MORTE, E TEMPO**, que, por sinal é o título do primeiro capítulo do livro de Lakoff e Turner (1989:1).

Ao criar personagens, ela dá-lhes vida e elabora seu discurso através das manifestações lingüísticas metafóricas provenientes do conceito **VIDA É CHEGADA** (“...será que filho meu mais nenhum vai chegar feito a Raquel chegou?”- p.14 // “E aí aconteceu de novo: ela chegou, ...” – p.14 // “A Ana Paz chegou tão forte que eu senti que ela não ia mais me largar até eu fazer um destino pra ela, até eu escrever uma vida pra ela ir morar” – p.16).

A categoria VIDA pressupõe a propriedade TEMPO que conceptualmente é entendido ora em termos de movimento (e.g O tempo virá...), ora em termos de locação (e.g. Dentro de 10 dias...), daí: “...escrever uma vida para ela ir morar”.

Por associação, o verbo morar nos remete para a categoria CASA que serve, nesta obra, de domínio-fonte (por ser um elemento mais concreto) para ser projetado sobre outros domínios-alvo, cujas propriedades são mais abstratas, portanto a autora se vale de várias metáforas conceptuais, tais como: **PSIQUISMO É CASA** ( casa que possui portas a serem abertas, ou mistérios a serem desvendados), **MEMÓRIA É CASA**( a casa é depositária da memória; a casa resgata a memória ).

O conceito **VIDA É JORNADA** também aparece em metáforas lingüísticas: “Fiz tudo isso só pensando no caminho que a gente ia fazer junta, eu e a Ana Paz.” “Sem ter a mais leve intuição do monte de pedra que eu ia encontrar no meu caminho com a Ana Paz.” (p.16 – 17)

No texto *Fazendo Ana Paz*, tal como Lakoff e Turner comprovam, **VIDA É CHEGADA, TEMPO É UM BEM PRECIOSO QUE SE GASTA, VIDA É JORNADA EM QUE SE CUMPREM TAREFAS E SE ULTRAPASSAM OBSTÁCULOS** e **MORTE É PARTIDA, OU LUGAR DE CHEGADA**. Toda estratégia para montar a personagem obedece a esse critério do pensamento humano.

A infância, a mocidade e a velhice (etapas da vida) são marcadas no discurso, em princípio, por três personagens diferentes, e cada uma dessas fases trazem estereotipados conceitos do mundo biopsicossocial:

1 - A infância é o tempo do aprendizado (os valores passados pelo pai, através da Carranca).

2 - A mocidade é o tempo da descoberta do amor ( casamento e filhos).

3 - A velhice é o tempo do resgate, de término da missão, de chegada a uma meta.(volta à terra natal e reconstrói o passado e os valores que ficaram para trás).

É na casa onde Ana Paz nasceu que as três personagens em processo de criação tomam forma e se fundem. A casa também é reconstruída, na medida em que o personagem busca para si a coerência interna, os valores perdidos, logo **PSIQUISMO É CASA**, só que essa casa é formada pelos fragmentos de memória do narrador-Autor:

Então o encontro ia ser na casa.

Resolvi antes de mais nada levantar a casa.

Eu fiz ela toda de sobras. Uma sobra de casa do meu avô, outra da casa da minha tia, outra do apartamento da minha professora de inglês, que repartia a nossa hora de aula na metade antes do chá e na metade depois do chá. De cada morada eu tirava um pedaço, pra ir levantando a casa onde as minhas três mulheres iam se encontrar.(p.25)

É interessante observar que a autora se constrói internamente na medida em que constrói a narrativa, a casa/ psiquismo é feita de fragmentos da memória da infância da autora.

“É isso! As três são a mesma ! Não foi à toa que quando eu fiz a Moça e a Velha eu não dei nome nem pra uma nem pra outra: lá num fundão escuro da minha cuca eu já devia ter sacado o que só agora saquei. A Ana Paz vai crescer e se apaixonar pelo tal do Antônio. E quando ela chega **no inverno da vida** ela **vai sentir a urgência de voltar pra casa onde ela nasceu**, onde ela viu acontecer a tragédia com o pai; ela vai querer juntar os pedaços dela, vai querer se encontrar com a menina e a moça que ela foi. E nesse ajuntamento volta tudo: a ligação fortíssima que ela tinha com o pai; a casa que ela aprendeu a amar; a Carranca! A carranca que eu tinha começado a desenhar na minha cabeça quando eu fiz a primeira cena da Ana Paz” (p.28)

Nos dois trechos grifados acima, podem-se resgatar dois conceitos metafóricos. O primeiro, **VIDA DIVIDE-SE EM ESTAÇÕES DO ANO**, está inscrito na metáfora lingüística “inverno da vida”; o segundo, **O TEMPO É UM BEM PRECIOSO QUE SE GASTA**, por isso a urgência de voltar e agir para dar unidade ao que se partiu.

A narrativa é segmentada e se faz em colagens decifradas quando Ana Paz-menina, Ana Paz-moça e Ana Paz-velha se fundem num projeto de vida que refaz a circularidade num dos planos ficcionais<sup>18</sup>. No plano ficcional que metaforiza a construção da narrativa, a circularidade se completa quando o personagem se resolve e

<sup>18</sup> Essa circularidade está presente no nosso sistema conceptual em vários conceitos metafóricos: VIDA TEM A DURAÇÃO DE UM ANO, NASCIMENTO É O PONTO DE CHEGADA E MORTE É O PONTO DE PARTIDA

toma forma, mesmo que imperfeita (metáfora literária com viés ontológico,<sup>19</sup> já que essa imperfeição é inerente ao ser humano), tornando-se o personagem para o qual desde o início estava destinada.

E aí eu comecei a rasgar a Ana Paz. Pra nunca mais (nunca mais, tá me ouvindo, Ana Paz? NUNCA MAIS!) eu sofrer a tentação de continuar escrevendo ela.

- .....
- Desculpa, Ana Paz, mas não dá.
  - O quê?
  - Você não ficou resolvida.
  - Ora, não me vem com isso, quem é que fica *resolvido*?
  - Quem? Muitos personagens, ué. Eu acabei de fazer um livro: tudo que é personagem ficou resolvido.
  - Pra quem? Pra você? Pra eles? Pra quem te lê?
  - Pra mim, é claro! Se sou eu que faço eles, eles têm que ficar resolvidos pra mim! E você não foi resolvida.
  - Problema meu.
  - Meu, meu!! Escuta, Ana Paz, tem buraco na tua história, tem página riscada, tem página cheia de anotação do que você vai ser, e tem muita página em branco do que você não foi: então você não tá sentindo que eu não consegui te fazer inteira?
  - E precisa?
  - Então não precisa?! Então você não precisa dum pai pra viver? Tudo que é tentativa que eu fiz pra levantar o teu pai resultou num Pai medíocre, e você sabe muito bem, Ana Paz: ele não pode ser um pai medíocre.
  - Mas pera aí! Você me deu uma infância, me fez gostar tanto do meu pai, medíocre ou não a gente se ligou forte! E você me levou pra adolescência, e você me fez viver 80 anos até começar um projeto novo de vida, meu deus, tanta coisa! E tudo tão difícil de ser vivido, de ser vencido! Mas mesmo assim você quer me rasgar?!
  - Você não tá resolvida, vê se entende!
  - Mas por que que eu não posso ser assim mesmo?
  - Assim mesmo o quê?
  - Assim não resolvida, feito você diz, descosturada, mal acabada, tanto pedaço de mim rasgado (sabia que você me rasgou demais?). Você sonhou pra mim uma vida toda bem feita, só que tua idéia não deu certo e eu fiquei desse jeito. Mas por que que você precisa rasgar o que eu fiquei? Por que que você não pode me contar pros outros assim? Desacertada, inacabada, **esperando a luz que, um dia, vai se acender (ou não) em tudo que é pedaço que eu tenho de escuridão?** Puxa vida! Eu nasci pra viver num livro! livre! (você sabe tão bem quanto eu que não tem nada mais livre que um livro); já chega o tempo que eu fiquei numa gaveta, já chega o tempo que eu fiquei na tua cabeça: tudo tão fechado, tão cheio de complicação. Eu quero ir lá pra fora!!
  - E hoje ela foi.

Rio, abril de 1991. (pp84-87)

Apenas nesse diálogo, podemos elencar uma série de metáforas convencionais que dentro desse contexto enunciativo perdem a convencionalidade para “iluminar” outros sentidos. Tomemos, por exemplo, as metáforas conceptuais **ENTENDER É VER, IDÉIAS SÃO FONTES DE LUZ, DISCURSO É UM MEIO DE LUZ** (Lakoff e Johnson, 2000:113) que nos remetem para as metáforas lingüísticas assinaladas no

<sup>19</sup> PESSOAS SÃO SUBSTÂNCIA OU MATÉRIA QUE POSSUI FORMA

texto em negrito. É interessante salientar que inferimos ser a escuridão um impedimento para o personagem tomar forma, a mesma escuridão que impede a autora de trabalhar sobre os elementos que lhe são perturbadores: o pai, a carranca e o Antônio.

Ana Paz se fragmentou em dois momentos: na morte do pai e no casamento com Antônio. São dois momentos de cisão, de uma orfandade de valores: o pai que não mais existe e com ele se perde a função da Carranca (objeto com o qual o pai passava a Ana Paz os valores que lhe eram caros) e o Antônio que matou todos os valores que ainda faziam parte da herança paterna. (“A Ana Paz-moça se entregando pro Antonio de corpo-e-alma, quer dizer, de corpo-e-valor. Ele fica com o corpo, mas joga os valores pela janela; e ainda de quebra empurra ela para os valores dele, e ensina ela a zelar muito bem por cada um...” –p.42) .

É na dificuldade de escrever esses dois episódios que a autora deixa passar sua posição político-ideológica. Primeiro porque a narrativa sobre o pai se trava no momento em que ele é assassinado pelas forças de repressão numa época de perseguições políticas, fato ainda muito recente na memória social. Segundo, porque o personagem Antonio não se define por ela discordar implicitamente de seus valores e de seu raciocínio capitalista.

Esse bloqueio criativo impede que o caminho traçado seja cumprido, já que **DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA MOVIMENTOS.** .

Imediatamente ocorre-nos, também, que **MORTE É PARADA, MORTE É FIM**

O pai, importante personagem, ficou bloqueado e recalcou a pulsão que daria continuidade àquela história/ História e a personagem Ana Paz, que teve que vir à luz com a falta desse pai, recebeu a forma que foi possível.

Personagens - criador e criatura - dialogam e interagem na cena enunciativa no plano aparente, mas é possível uma leitura analógica da relação entre consciente X inconsciente quando se tomam como referentes os bloqueios que impedem a personagem-autora dar um rumo para a história e resolver os conflitos de Ana Paz.

Aqui é inevitável perceber, através de inferências e pressuposições, a polifonia do silêncio: Como teria sido a vida de Ana Paz se o curso da História fosse outro?

Esse intertexto subjaz à narrativa e deixa mais transparente o discurso histórico-ideológico construído com metáforas mapeadas em nosso sistema conceptual, mas que recebe a complexidade das estruturas literárias.

Tudo isso faz sentido, quando, por um processo intertextual, infere-se o quanto o

conceito liberdade/livre é relevante para a autora. Nossa expressão é uma marca do que somos e pensamos, daí os índices ideológicos rejeitarem as condições contextuais em que esses personagens (o pai e Antonio) foram tomando forma.

Em *Livro: um encontro com Lygia Bojunga* o último período do texto é: “E desde esse dia eu confundo as palavras livro e livre: me acontece muito querer dizer uma e sair outra”. E, no diálogo, o argumento final que fecha todas as reivindicações do personagem é: “Eu nasci para viver num livro! livre! (você sabe tão bem que não tem nada mais livre que um livro”).

Essa ligações intertextuais internas vão dando ao leitor as pistas para seu processo de compreensão. Ao mesmo tempo ele deve estar atento para o fato de que a superfície discursiva pode remeter para um estrato mais profundo do significado, já que a ambigüidade trazida pela metáfora, muitas vezes, se instala a partir do contexto revelado pelo discurso literário e não pela manifestações lingüísticas que podem estar iluminando propriedades do conceito que as tornam, a uma primeira leitura, extremamente convencionais..

Lygia usa, também nessa narrativa, a estratégia da coloquialidade e a entonação é marcada pela pontuação, pela letra em caixa alta, pelas repetições, pelo excesso de aumentativos e superlativos, resultando em efeitos de sentido que aproximam os atores discursivos do momento da enunciação e transformam os recursos expressivos em massa sonora, expedientes que favorecem a inter-relação entre os sujeitos. Torna-se natural, assim, mostrar a teoria de Lakoff & Johnson em relação à metáfora conceptualizada em termos de espaço traduzida no eixo sintagmático da frase para produzir sentido:

"(...) e que tinha essas tais vontades fortíssimas que ela precisava esconder **depressa**.

**depressa. depressa.**

**DEPRESSA!**" (p.11) (MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO)

“Só que, às vezes a gente se despedia num fim de semana, e quando na segunda-feira eu abria o caderno pra me encontrar de novo com ele: cadê?! Tinha me escapado. E eu ficava esperando ele voltar. **E nada.** E todo o dia eu olhando pra página branca, esperando ele sair dela. **E nada.** Sua Excelência sumida. Que terror! Às vezes esse sumiço durava um *tempão*." (pp. 12-13) (MAIS FORMA MAIS CONTEÚDO)

"E aí eu comecei a rasgar a Ana Paz. Pra **nunca mais (nunca mais, tá me ouvindo, Ana Paz? NUNCA MAIS!)** eu sofrer a tentação de continuar escrevendo ela." (p.84)

Aqui tanto no plano semântico (“tá me ouvindo Ana Paz? – **MAIOR**

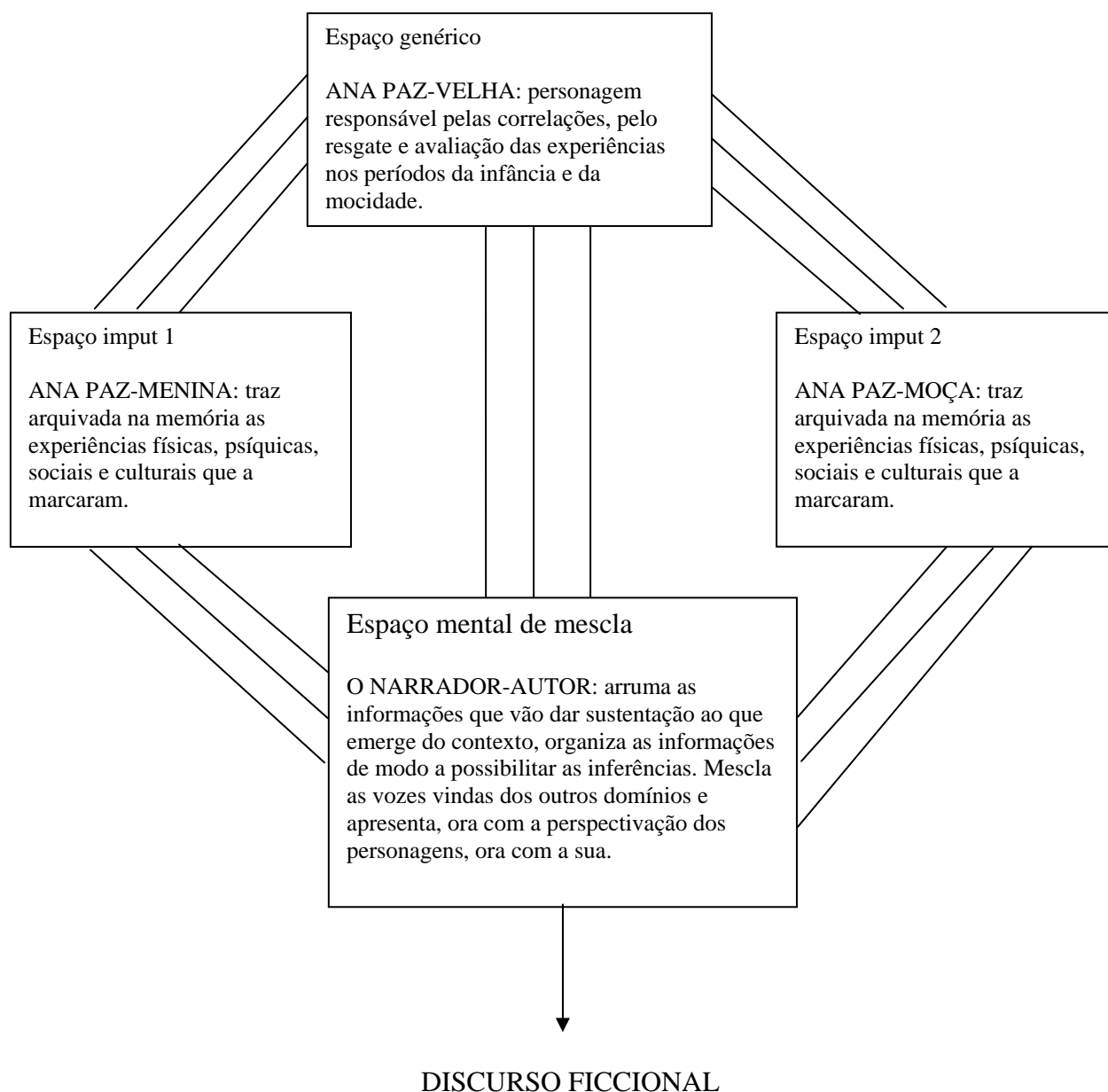
**PROXIMIDADE, MAIOR EFEITO)** , quanto no plano formal com o recurso morfológico da reduplicação da expressão “nunca mais” (**MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO**), é possível perceber que a língua possui recursos que orientam a compreensão e nela ficam as pistas que possibilitam as inferências, as pressuposições resultantes da experiência de mundo que armazenamos em nossa bagagem cognitiva

A dialogicidade, o sujeito cindido entre os seus Eus (o próprio personagem se constrói em fragmentos) vão ser recorrentes nesse texto que vai precisar de um leitor mais experiente, com uma visão histórico-cultural mais ampla para atribuir sentido a esse determinado universo discursivo.

Tendo, porém, noção dos processos mentais, fica em nossos comandos cognitivos a tentação de transportar, **por analogia**, um possível caminho que engendrou os recursos imaginativos da autora. Assim sendo, ousamos apresentar uma rede de integração dos espaços mentais que, se como diz Fauconnier, dá conta de muitos fenômenos lingüísticos, pode, possivelmente, explicar a mesclagem dos EUs cindidos que se realiza no plano da enunciação e se traduz no discurso da autora em enunciado ficcional.

Tentamos, assim, mostrar que a ficção possui um esquema que também se engendra analogicamente ao sistema mental, alimentado pelas experiências de mundo e pela cultura.





“...já chega o tempo que eu fiquei numa gaveta, já chega o tempo que eu fiquei na tua cabeça....”

#### 4.3.3 - Paisagem

Embora já tenhamos percorrido um dos atalhos que levam à construção interpretativa dessa obra, no item 2.1- Leitura e Cognição, vamos, agora, tentar explorar outras veredas, retomando as hipótese já postas, para aprofundarmos nossa análise. O livro Paisagem trabalha em dois planos enunciativos: no primeiro, tece a relação leitor/autor estabelecida por uma afinidade via texto, no segundo, os sujeitos

(autor/leitor(es)) tornam-se cúmplices na tessitura de uma outra narrativa, cujos elementos espaciais (a paisagem) possuem traços oníricos e fantásticos, induzindo o leitor extratexto a fazer, quase que obrigatoriamente, um exercício de busca dos possíveis caminhos que levem a uma coerência significativa do texto.

Inegavelmente esta narrativa faz um percurso temático-figurativo cuja superfície semântica remete para as figuras do autor e leitor(es) que compartilham um mesmo cenário figurativizado pela Paisagem. Na superfície profunda do texto, porém, subjaz a metáfora da polifonia que reconstrói o espaço da criação, somente traduzível pela experiência e sensibilidade dos actantes, simbolicamente reunidos pela ação imaginativa.

“Sou de opinião que, quando um leitor mergulha no livro que um escritor escreveu, ele está enveredando por um território sem fronteiras; nunca sabe direito até onde está indo atrás da própria imaginação, ou em que ponto começou a seguir a imaginação do escritor. Foi pensando nisso que – numa das paradas que eu dei no meu percurso com Ana Paz – eu comecei a trabalhar num personagem chamado Lourenço.

Assim que eu me envolvi com o Lourenço eu me dei conta que o símbolo das duas metades da laranja não era o que eu estava buscando: o que eu queria pra fazer a minha fala de livro ficar mais redonda era três pedaços da laranja; se no primeiro eu tinha falado da leitura e no segundo da escrita, agora eu queria, nessa terceira parte, misturar uma com a outra. Foi dessa mistura que saiu “Paisagem”, e o caminho tão comprido que eu acabei andando resultou numa pequena trilogia-do-livro.” (p.8)

*Paisagem* fecha a trilogia (*Livro: um encontro com Lygia Bojunga e Fazendo Ana Paz*) metaforizando, via estratégias narrativas, a tríade que sustenta a competência leitora: Autor/Texto/Leitor. Mais uma vez a autora se faz personagem para interagir ficcionalmente com o seu Leitor num jogo dramático que em princípio se pretende transparente, mas que já estabelece a opacidade na própria elocução narrativa.

A polifonia aparece de forma marcada (discurso indireto) e não marcada (indireto livre), comprovando o cruzamento de vozes dos sujeitos discursivos e pluridimensionando a figura do Leitor que no plano da história deixa de ser virtual para assumir uma identidade e lingüisticamente aparecer como uma manifestação da metáfora que carrega um conceito fundamental para o contexto teórico da Leitura: **O**

**LEITOR É UMA ENTIDADE / PESSOA** (“Sou teu Leitor. Estou escrevendo Leitor com letra maiúscula de propósito: acho que ser Leitor é uma ocupação maior...”)

“ Foi no ano passado que um tal de Lourenço me escreveu contando que morava no Rio, todo mundo reclamava do Rio, ele sabia que o Rio estava lotado de barulho e de problema, mas paciência: ele amava o Rio. Dizia que ele não podia reclamar do barulho: morava numa ladeira calma de Santa Teresa, **você conhece Santa Teresa?**, e me contava que o bairro era um pedaço do velho Rio, um morro de onde se via a cidade espalhada lá embaixo, **sabia que ainda tem bonde?**”

Podemos distinguir no exemplo acima as seguintes instâncias enunciativas, segundo Fiorin (2001: 235-245): o enunciador e o enunciatário, que seriam o autor e o leitor reais, e o narrador e o narratário que seriam a autora-personagem e o Lourenço. O enunciador e o enunciatário seriam, sob essa visão, extratextuais, enquanto o narrador e o narratário seriam textuais.

Como no plano lingüístico só podemos captar os sujeitos discursivos, teríamos na mesclagem de vozes EGO 1, ENUNC 1 e ENQ 1 para o narrador e EGO 2, ENUNC 2 e ENQ 2 para o narratário. No trecho sublinhado EGO 1 focaliza o ENUNC 2 e o ENQ 2 via verbo discendi modalizando a voz de EGO 2, característica do discurso indireto, já no trecho em negrito EGO 1 apresenta o ENUNC 2, absorvendo-o ao seu enunciado e ao seu enquadre, marcas características do discurso indireto livre, cuja forma será preponderante das vozes que no texto se manifestarão

O interessante, nessa obra, e nas duas anteriores, é que a autora-personagem não é um autor implícito como na maioria das narrativas em primeira ou terceira pessoas, mas um autor explícito que fala da sua relação com a escritura. Esse narrador implícito, no entanto, também não pode sumir, já que como enunciador, certamente deixará pistas de marcas ideológicas na sua emissão, sendo assim, um produto da leitura do texto sob a ótica da recepção: cabe ao leitor recuperá-lo e atribuir-lhe instância.

Em Paisagem, Lygia Bojunga, o autor real, se investe do papel de autor ficcional e corporifica no personagem Lourenço o leitor abstrato, ideal, que persegue, deduz e soma sentidos à obra. Cria-se, dessa forma, uma enunciação reportada, isto é, há um simulacro da enunciação.

No trecho a seguir, pode-se notar que o narrador (autor-personagem ou ficcional) dá voz ao narratário (leitor ideal) através de nenhum corte sintático ou qualquer

pontuação específica, como se estivesse reproduzindo para nós, leitores hipotéticos, imagens de uma cena viva de conversação, embora, mais uma vez, seja um simulacro, pois o que ela relata é a carta que recebe de Lourenço. Nesta carta há todos os ingredientes, sem os rigores da linguagem acadêmica, de o que seria o leitor ideal e que, na história, se apresenta como nada virtual

“O pai do Lourenço se chamava João. Mas o Lourenço largava o João e o resto da família pra lá e me dizia que tinha chegado à conclusão que ele e eu éramos almas afins. Sou teu Leitor. Estou escrevendo Leitor com letra maiúscula de propósito: acho que ser Leitor é uma ocupação maior, e acho também que se um Leitor se liga numa escrita do jeito que eu me liguei nos teus livros é porque existe uma coisa chamada afinidade, é ou não é? E o Lourenço foi me contando que o livro X era o preferido dele, só que o final é muito ruim, você não soube acabar a história; mas em compensação o final do livro Y foi muito bem encaminhado, só é pena que não dá pra gente acreditar no personagem, mas em compensação no teu último livro, que eu também gosto muito, a idéia é ótima e a gente acredita tintim por tintim de cada personagem, só que à última hora a história acabou ficando mal resolvida. E aí, em duas páginas de letra apertada, o Lourenço foi empilhando palpite pra melhorar tudo que ele achava ruim em cada livro que eu tinha escrito.” (p.9-10)

Através de manifestações lingüísticas provenientes da metáfora ontológica **DISCURSO É UMA SUBSTÂNCIA, IDÉIAS SÃO ORGANISMOS** (“perguntinhas mínimas...”), (“...pra "nossa" correspondência morrer mais gostoso.”), de metáforas espaciais ou orientacionais: **PESSOAS POSSUEM LIMITES** (“...sujeito horrível de tão fechado...”), metáforas lingüísticas convencionais (“...alma afim”), metáfora conceitual de teor poético, baseada no conceito de que **ESTADOS DA ALMA REFLETEM OS FENÔMENOS DA NATUREZA**, ou seja, sol irradia alegria, a chuva, tristeza (“...fazia uma manhã de chuva dentro dele e no Rio.”), a autora vai construindo uma teoria da leitura, em que não faltam elementos icônicos ( a paisagem-sonho, a paisagem-desenho) e sonoros ( o som do clarinete do João), num cruzamento de linguagens que à luz da razão ela explica como um fenômeno de intertextualidade, já que são textos que fazem parte do domínio discursivo de pessoas que aparentemente se encontram em formações sociais diferentes (ela vivia em Londres e Lourenço no Rio).

Fiquei olhando pro caderno aberto, querendo entender como é que um Lourenço que morava lá no Rio podia ter sonhado com uma paisagem que morava no meu caderno aqui em Londres. Uma paisagem que até agora só tinha feito um caminho: da minha cabeça pro caderno onde eu estava escrevendo o conto, do caderno para minha cabeça. Um Lourenço que eu mal conhecia, que eu nem sabia se era um adolescente, uma criança, um adulto?

Comecei a examinar uma possibilidade atrás da outra. Quem sabe eu já tinha visto essa paisagem num lugar qualquer? uma gravura... uma pintura... uma pintura que o Lourenço também tinha visto? (p.15)

Esse texto, também, metaforiza as substâncias contidas na mente (**A MENTE É UM CONTAINER**) que, em conjunto, formam a nossa memória discursiva e, em última análise, são responsáveis pelas associações e novos enquadres que agregam novos significados a um mesmo significante

O terceiro livro da trilogia, *Paisagem*, é o que exige, entre os três, um leitor mais experiente, pois sintetiza, através de uma alegoria, aspectos lingüísticos, discursivos e teóricos da literatura com um grau de opacidade maior que os outros.

As metáforas que se constroem sobre a imagem (descritiva, onírica e icônica) podem ser lidas em camadas isotópicas (FIORIO, 2002)<sup>1</sup>, pois o simulacro proposto pela história se apresenta, em uma visão macrotextual, iconicamente marcado pelas qualidades que remetem a um enquadre teórico que determina conceptualmente a visão moderna de leitura: **O SENTIDO É UMA NEGOCIAÇÃO**.

Os personagens vão atribuindo isotopias para a leitura do inexplicável: como a escrita da autora, exercício concebido em Londres, faz parte das sensações experienciadas por Lourenço através do sonho, e pela Menina do Lado, através do desenho. Temos, então dois conectores isotópicos<sup>2</sup> para um mesmo elemento: a paisagem.

Sob a ótica da lingüística cognitivista de Lakoff, teríamos aí um único domínio-alvo, **a paisagem**, para vários domínios-fonte<sup>3</sup>, dependendo das vivências experienciais

---

<sup>1</sup> À camada isotópica mais superficial corresponde as propriedades mais prototípicas mapeadas interdomínios e à medida que as camadas são mais profundas, selecionam-se propriedades mais periféricas do mesmo conceito.

<sup>2</sup> “O elemento formalmente idêntico e que pode ser desdobrado em duas ou mais significações recebe o nome de conector isotópico, uma vez que é passível de abarcar em si mesmo as várias isotopias do texto.”(Fiorio, 2002:74)

<sup>3</sup> Paisagem é o enigma que deve ser explicado de forma mais lógica e referencial dentro do esquema metafórico, daí ser propriedade do domínio-alvo que agrega sempre o termo mais abstrato

de cada personagem. Forma-se, assim, no discurso literário, a metáfora poética de base conceptual por sua característica extensiva e composicional:

- 1) Para a Menina do Lado, **PAISAGEM É DESENHO** e como tal passa por um processo de animismo, próprio da fantasia infantil, daí, **PAISAGEM É PESSOA**, portanto, **DESENHO TEM VIDA**.
- 2) Para Lourenço **PAISAGEM É SONHO** cujo mistério se explica por “uma coincidência-só-possível entre dois seres profundamente afins”, ele e a escritora.
- 3) Para Renata, namorada de Lourenço, **PAISAGEM É CENÁRIO COMPARTILHADO**, por autora e leitor em outras vidas. Para ela, porém, cenário (termo teórico que designa moldura contextual) é um termo banalizado pelas suas experiências amadoras em teatro.

Pode-se questionar que a metáfora conceptual não se aplica a esses casos, pois ela não tem caráter individual e criador, porém, dentro do universo ficcional, a paisagem é conceptualmente concebida, concretizada, é cenário (agora sim, moldura contextual) partilhado, cujo significado vai passar por um processo de mesclagem no sistema mental de cada um dos interpretantes e perspectivada de acordo com as experiências dos mesmos, trazendo para o discurso do personagem a justificativa que vai dar coerência à metáfora e criar para ela a força da verdade.

Lourenço busca essa coerência na “*afinidade/intuição*”, sensações que vão explicar a relação entre ele, a Monstrinho (a Menina do Lado) e a autora, já que ele, leitor perfeito, construía a ouvinte perfeita ao ler as histórias para a Menina, e, por isso foram capazes de compactuar do mesmo cenário.

O texto, que fecha a trilogia metaliterária, mais uma vez remete à metáfora **LEITURA É UM ATO ERÓTICO** quando Lourenço justifica que a Menina seria fruto da afinidade entre ele e a autora (outra vez a metáfora conceptual **CAUSAÇÕES SÃO PROCRIAÇÕES** se manifesta lingüisticamente em metáfora, provando que um único conceito metafórico se proliferará em diferentes enunciados e contextos)

- Quer dizer que você interpreta esse mistério como “mera coincidência”.
- Mera não. É uma coincidência-só-possível entre dois seres profundamente afins, como sói (gostou desse sói?) acontecer entre um leitor super ligado numa escritora (você).
- Mas não são dois seres, Lourenço, são três...

- O terceiro é resultado da ligação dos dois primeiros,tivemos uma filha monstrinho,o que que você quer? – E começou a rir.

Importa dizer que essa tríade, Lourenço-Autora-Menina do Lado, tem uma correspondência no conto **Paisagem**, escrito pela autora em Londres. O texto, quando começou a ser escrito (antes de conhecer seus dois leitores brasileiros), possuía dois personagens sem nomes: um Homem e uma Mulher que se conhecem em circunstâncias surreais e, depois de encontros e desencontros, partilham, na casa - elemento integrante da Paisagem - de uma noite de amor.O término do conto, quando a autora volta a Londres, fica inexoravelmente marcado pela contribuição de todos que se envolveram no mistério de uma imagem que, embora remeta a um único *designatum*<sup>4</sup>, passou a ter significados plurívocos. O Homem (Lourenço?), que nunca mais vê a mulher (a Autora?) vai julgar que o encontro não passou de um sonho. A mulher ficará na dúvida, até que um dia se dá conta de que dentro dela, fruto do encontro, cresce uma criança (A menina do lado?). Ao crescer, essa menina herdará, além dos traços do pai, a memória (coletiva?) de uma paisagem.

Na união desses dois planos enunciativos, surge um elo de ligação entre os três personagens Lourenço (Homem), Autora (Mulher) a Menina do Lado(a filha), trazendo para a linguagem literária e icônica a música do clarinete do João, pai do Lourenço que por ter sumido num dos planos da enunciação, passa a fazer parte da criação coletiva daqueles “seres profundamente afins”

Fica, enfim, simbolizada, através de uma grande metáfora, a relação do conhecimento partilhado que envolve os três vértices da competência leitora:AUTOR-TEXTO-LEITOR.

Resta a nós, leitores dinâmicos, movidos pela curiosidade abrangente, que parte em busca de um limite possível, mas nunca alcançável, tentar encontrar o caminho interpretativo a partir das inferências e das hipóteses que conduzirão a um viés de sentido coerente com aquele tecido. Assim sendo, ao examinar a narrativa segunda (**Paisagem**) inserida dentro da narrativa primeira, observamos que se trata de uma metáfora que brota de outra metáfora, revelada significativamente pelos personagens

---

<sup>4</sup> “É preciso,aqui, delimitar o alcance que se deve dar às palavras *denotatum* (ou referente) e *designatum*. [...] Assim, os *denotata* são objetos particulares, ‘aquilo a que se faz referência’. Quando usamos palavras para indicar seres não existentes, como unicórnios, fênix, Júlio César, temos *designata* (isto é, classes de seres que correspondem a lembranças resultantes de leituras, etc.),mas não temos um *denotatum* ou referente correspondente a tais *designata*.” (Lopes,1979: 250)

através das suas experiências de mundo, e através dos intertextos imagéticos, musicais e literários que compuseram a bagagem de cada um, e que numa simbiose alegórica se presentificaram na Paisagem (Jardim do Éden?).

“Resolvi ler Paisagem de novo, por que será que o final do meu conto tinha batido tão mal no Lourenço? Fui lendo devagar, com toda atenção. Quando cheguei no pedaço que eu descrevo a paisagem e falo do barco no mar, de repente me deu a impressão que o barco estava se mexendo (indo? voltando?). Firmei a vista. Vi que o barco estava vindo pra praia. E vi que tinha gente dentro. Fiquei um pouco alvoroçada, meio confusa, não sabia se corria pra beira do mar ou se sentava no degrau da porta da casa, esperando pra ver quem é que ia chegar. Sento.

O barco vem vindo. Uma onda pega ele e os dois aterrissam na areia. O passageiro é o Lourenço, vestido feito naquele dia, bermuda, camiseta amarela, tênis no pé. Me vê na porta e acena.

Levanto o meu braço também.

E feito coisa que não podia ser de outro jeito, o Lourenço chega perto, senta no degrau e olha em volta.

– Eu já tinha gostado dessa paisagem no desenho e no sonho, mas assim, pessoalmente, eu ainda to achando ela mais legal. Cadê o Monstrinho? Sabe eu tô com saudade de ler pra ela?

É só ouvir a voz do Lourenço que a Menina do Lado vem correndo pra janela; olha gostoso pra ele, e o oi que ela dá se emenda logo num riso. Vira a cabeça pra trás, pspsp.

Vem vindo do fundo da casa o som de um clarinete. O Lourenço olha pra mim espantado, mas eu vou logo dizendo:

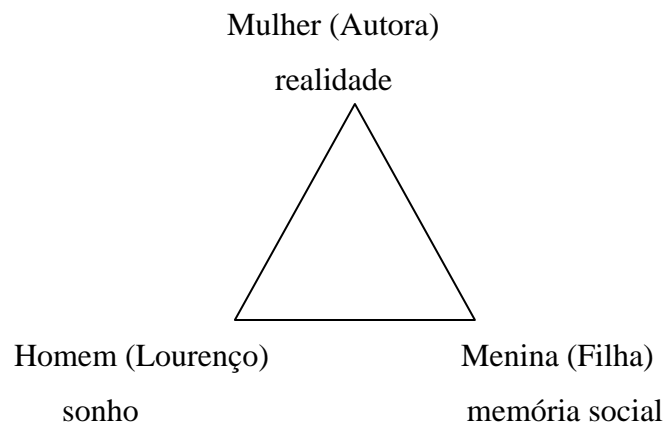
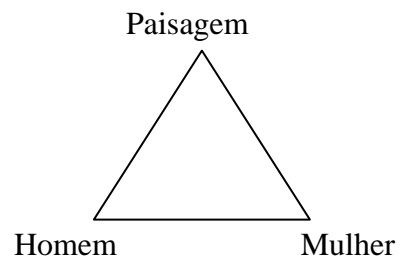
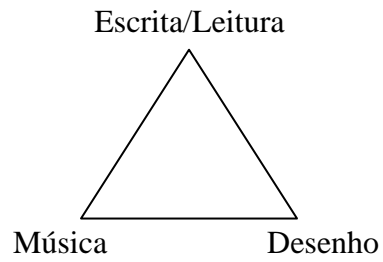
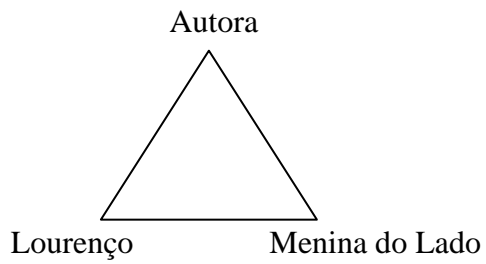
– Você me disse que ele tinha sumido...

O olho do Lourenço larga o espanto, vai ficando brincalhão. E a gente não fala mais nada, só ouvindo o João tocar.

Londres, agosto de 1991”



Poderíamos, para finalizar, construir, visualmente, as tríades presentes na narrativa:



#### 4.4 – Sophia de Mello Breyner Andresen

“...um discurso – e um poema – não é nunca o lugar da voz que ali fala, mas o sinal de como essa voz compartilha um mundo com outras vozes. A mostraçãõ de que o real não é apenas o lugar onde um sujeito habita., mas o lugar onde a habitaçãõ (a casa que é de muitos) inclui vivos e mortos, homens e deuses, história e mito...” (BUESCU, Helena C. “Poesia e Realidade” In: JL – Jornal de Letras, Artes e Idéias. Porto (PT), 21/03/2001.

Lygia e Sophia receberam o mesmo sopro de criação, mas o barro de que foram feitas era de um solo trabalhado por mãos diferentes. Viveram durante algum tempo a contemporaneidade do mundo (Sophia – 1919- 2004; Lygia – 1932), mas um mar separava o chão e a cultura de cada uma.

Ambas trazem na memória a casa dos avós, de onde , certamente, ecoam os murmúrios que habitam em seus escritos: Lygia em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil e Sophia no Porto, Portugal. Cresceram e leram em cartilhas diferentes, aprenderam outros saberes e sentiram outros sabores. Viveram a falta de liberdade política sob perspectivas próprias e ideologicamente ficaram marcadas pelos fatos históricos e a construção que cada povo fez de cada momento.

O mapa literário de Sophia assenta-se no território da poesia e sua incursão pela prosa se deve à carência de histórias infantis de qualidade que pudesse contar para os filhos. Resolveu criá-las, traçando, com essa produção, uma linha divisória no cenário português de narrativas voltadas para a infância. Começando pela Menina do Mar e Fada Oriana, ambas de 1958, seus outros cinco contos para crianças, primam pelos recursos rítmicos e musicais, provável herança da mão viciada na poesia.

Sua prosa estende-se, ainda, a dois livros de contos: Contos Exemplares (1962) e Histórias da Terra e do Mar (1984), já, agora, destinados ao público leitor em geral que se extasiava com o efeito encantatório dos livros para os pequeninos.

Faz da prosa um constante diálogo com a poesia e é por isso que, tanto em uma quanto em outra, valoriza a natureza, busca a harmonia, o equilíbrio, justiça e o humanismo cristão, valores da Antigüidade clássica. Embora sua prosa se radique na função de contadora de histórias, sua linguagem nunca incide sobre a facilitação da oralidade, além de apontar invariavelmente para um viés moralista-cristão ao tentar resgatar uma ordem cujo valor ético e social é fiel a princípios antigos e universais.



**Poemas de um livro destruído**<sup>2</sup>

## I

**(Saga)**

A memória longínqua de uma pátria  
Eterna mas perdida e não sabemos  
Se é passado ou futuro onde a perdemos.

Primeiramente, traçaremos os mapeamentos metafóricos usando um único esquema para atender aos dois contos. Tais mapeamentos são organizados em estruturas hierárquicas partindo do mais genérico para o mais específico

Tomemos como base a **metáfora do evento estrutural**

**Domínio-alvo: EVENTOS**

**Domínio-fonte: ESPAÇO**

Em nossa cultura, a vida é assumida para ser cheia de propósitos, isto é, são os objetivos da vida, daí:

**A VIDA CHEIA DE PROPÓSITO É UMA JORNADA**

**PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES**

**MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS**

**CAUSAS SÃO FORÇAS**

**DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA O MOVIMENTO**

A partir desse esquema, vamos ver as semelhanças que existem entre os dois contos:

Ambos reinvestem outros textos através do fenômeno da intertextualidade e subverte-os:

1) *História da Gata Borracheira* resgata vários ícones, índices e símbolos do conto de fadas que lhe serve como referência:

- “Como uma rapariga descalça a noite caminhava...” => A metáfora, além de apontar para o conceito **MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS** (“a noite caminhava”) indicia para um símbolo icônico da história-fonte que é o sapato (ou a falta dele).
- “Era uma jovem noite de junho...” => sugere o “era uma vez...” do conto de fadas, embora neste o tempo seja indefinido e na narrativa-base o tempo é cronologicamente marcado.

<sup>2</sup> ANDRESEN, Sophia de M. B. *No tempo dividido*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003:9

- “Do jardim via-se a casa, uma casa grande cor-de-rosa e antiga que, toda iluminada nessa noite de festa,...” => há aí uma relação icônica com o palácio onde acontece o grande baile oferecido pelo príncipe. Para Lúcia, a personagem, **A CASA É O NOVO MUNDO / O DESCONHECIDO** (“Agora, aquele baile era para ela a porta aberta para esse outro mundo”).
- Lúcia comparece ao seu primeiro baile levada pela madrinha, que lhe “arruma” um vestido, calçando um sapato roto e maior do que o seu pé => aqui começa a subversão ao conto matriz: a personagem é nomeada, seu vestido é o mais feio da festa, a madrinha em nada se assemelha a uma fada e o sapato sai do pé a meio da escada, mas ela o recupera. Mais tarde, no entanto, o perde no meio do salão e o fato é motivo de escárnio de toda gente.
- Lúcia que dançava com um belo rapaz, o único a lhe prestar atenção, abandona-o no meio do salão e refugia-se num quarto cheio de espelhos => o espelho simbolicamente remete ao mito de Narciso que fica prisioneiro da sua própria imagem, por conseguinte carrega uma interpretação moralizante, na medida em que a vaidade e o egocentrismo são punidos com castigo e condenação.
- “- Não se veja nesse espelho. Faz muito má cara” // “- A sua pele é linda e branca – atalhou a rapariga, e, ali, parece cinzenta. É melhor não olhar para lá” // - Sabe... é preciso não dar importância a este gênero de espelhos. São como as pessoas más, não dizem a verdade” // “- Sabe – e a rapariga tomou um ar ausente como se falasse sozinha – não sabemos ao certo o que querem os maus reflexos, os maus olhares, as más palavras. Talvez a perdição de nossa alma livre”.=> simbolicamente nesta festa a boa fada esteve presente na figura da única moça que dirigiu a Lúcia palavras de conforto, sem hostilidade. Ela tentou avisar sobre o prenúncio de desgraça que subjaz aos pactos diante de um espelho em que a alma se esconde, o seu verdadeiro EU está encoberto pelo véu da aparência.
- Há na natureza e no ambiente uma harmonia enganadora e, novamente, Lúcia, é prevenida, agora pelo rapaz com quem dançava e que lhe demonstrava um genuíno interesse, embora ela não percebesse => “- Tanto azul, tantos brilhos, brisas, perfumes, parecem a promessa de uma vida deslumbrada que é a nossa verdadeira vida. Mas, ao mesmo tempo, há nestas noites uma angústia especial – há no ar o pressentimento de que nos vamos **despistar**, nos vamos **distrair**, nos vamos **enganar** e não vamos nunca ser capazes de reconhecer e agarrar essa

vida que é a nossa verdadeira vida.” => Aqui se inicia o trabalho antitético traçado, através do esquema metafórico, pela autora confirmando o viés moralista que imprime à narrativa.

- **A VIDA É CHEIA DE PROPÓSITOS** e há **CAMINHOS** (o curso da própria vida) a seguir para alcançá-los. Só que os caminhos são vários, daí **A VIDA É UMA ESCOLHA**. Acionando-se o nosso esquema inferencial, sabemos, por experiências, que **ALGUMAS ESCOLHAS TÊM UM PREÇO**. (elas são conceptualizadas como matéria, substâncias).

A voz que se manifesta no texto grifado induz a que, como sujeitos, podemos nos “despistar”, nos “enganar”, seguir um caminho que não é o nosso, ou seja uma vida que não é nossa.

- Lúcia, porém, não reconhece a voz da sabedoria: “O rapaz parecia-lhe tonto e lunático. Compreendeu que não poderia dizer que para ela a verdadeira vida seria estar naquele baile com um vestido lindíssimo”. Ela pergunta-lhe: “- Por que é que me diz essas coisas? Não me conhece, não sabe como eu sou.”// “- Porque você estava a olhar para a noite em vez de olhar para os vestidos => Assim como o príncipe do conto de fadas procura nas moças da corte um diferencial (vai encontrar na possuidora de um pé especial para um sapato especial), o rapaz também acredita ser Lúcia uma pessoa especial.
- **CAUSAS SÃO FORÇAS** que podem fazer-nos mudar o caminho ( a vida), por isso Lúcia foi sendo aliciada em seus propósitos pela madrinha (fada?) => “- Lúcia, tens dezoito anos, é preciso pensar no teu futuro. Não conheces ninguém, não és convidada para nada, andas vestida como uma pobre. Vem viver comigo que sou tua madrinha e não tenho filhos. Se vieres viver comigo, eu dou-te todas as coisas de que precisas”// “- Não posso deixar o meu pai e os meus irmãos – disse Lúcia”// “- Bem, respondeu a madrinha. – **Viver é escolher**. Tu escolhes ficar com o teu pai. Mas o meu convite fica em aberto. Se um dia escolheres um caminho diferente vem viver comigo.”// (...) ‘...lembrou-se do convite que lhe fora feito e murmurou: - **Tenho de escolher outro caminho**. Tenho de ir viver com a minha madrinha.” // “Aquele baile, aquela gente que a ignorara e humilhara era o mundo que **ela decidira escolher**. Aqueles eram os vestidos, os sapatos, as jóias que ela queria possuir. Aquele o poder que desejava. E como **PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES**, ela

conclui: “Um dia hei-de voltar aqui com um vestido maravilhoso e com sapatos bordados de brilhante”.

- **MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS:** “Daí a dias Lúcia foi viver com a tia. Iniciou então o seu novo caminho. Passou a ter tudo que antes não tinha. O mundo tem um preço e Lúcia pagou o preço do mundo.” (**ESCOLHAS TÊM UM PREÇO**, ou seja, Lúcia comprou para si um mundo que não lhe pertencia).
- **AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTOPROPALADOS:** “A partir do dia da escolha, o seu êxito tornara-se mecânico. Ela nem precisava quase de lutar por ele, ele aparecia-lhe, tudo o suscitava. Era com se nela agora houvesse uma fatalidade de triunfo.”
- Nossa memória, porém, fotografa as imagens e nossa percepção vai transformando os dados vividos em marcas que consciente ou inconscientemente formam o enquadre do nosso mundo. => ”Na sua vida não havia nenhuma sombra senão a memória do antigo baile a que tinha ido”
- Como **TEMPO É MOVIMENTO DE UM OBJETO** (no caso é entidade em movimento em relação ao observador) => “E assim se passaram vinte anos”. Chegou o dia do “encontro marcado pelo destino”, o dia em que a **JORNADA** para atingir os **PROPÓSITOS** tinha chegado ao fim. E o encontro aconteceria na mesma casa e no mesmo dia (primeiro dia de junho), vinte anos depois. Estava pronta para “apagar, até o último vestígio, a memória da humilhação ali antes sofrida. Era precisão que ela, como a madrasta da Branca Flor, pudesse naquela noite perguntar a todos os espelhos da casa: - Dizei-me espelhos, qual é a mais bela, a mais perfeita, a mais rica de triunfo, aquela que está em seu reino mais segura? Num claro caso de mesclagem de vozes, antecipada pela intertextualidade anunciada pelo narrador, Lúcia assume o **ENUNCIADO** e o **ENQUADRE** da madrasta (a bruxa) de uma outra personagem do conto de fadas: Branca de neve, ou Branca Flor, como é conhecida em Portugal.  
Leitor experiente pode, a partir daí, fazer as previsões prenunciando a circularidade metafórica e mítica em que a bruxa sempre termina mal.
- A entrada triunfal de Lúcia na mesma casa de antes (palácio?), com um lindo vestido cujo comprimento deixava ver os belos sapatos bordados de brilhantes verdadeiros (sapatos de cristal?), agora apropriados ao tamanho de seus pés, parecia ser a culminância do sucesso e a concretização dos seus propósitos, se a

essa “tarefa” não correspondesse uma “troca”, ou seja, o fim do **CAMINHO**, o fim da **VIDA**. A troca foi cobrada, quando na sala dos espelhos, diante da sua imagem, que deveria ser de beleza e felicidade, vê refletida a sua verdadeira identidade psíquica sem a máscara que usou nesses vinte anos e lhe reaparece, saído do espelho, o mesmo homem (o príncipe?) que guardara o velho e roto sapato para calçar em sua dona (o verdadeiro sapato da Gata Borralheira que nunca viraria Cinderela).

- Como **DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA MOVIMENTOS**, “Lúcia quis fugir mas seu corpo estava rígido e ela não pôde mover nenhum de seus membros. Quis gritar mas a sua voz estava muda.” Chegara a vez de pagar com a própria vida “o preço do mundo”: “- Ouve, Lúcia. Lembra-te: a partir daquela noite há vinte anos tiveste uma vida maravilhosa. Nada te foi recusado, nunca mais sofreste uma humilhação. Outros sofreram, foram abandonados, humilhados, vencidos. Tu, não. Tu venceste sempre. Dá-me o teu sapato: é o preço do mundo”.
- No conto de fadas, o sapato, símbolo-índice da transformação, dá a Gata Borralheira, que optou pela humilde espera, a garantia da felicidade eterna. À Lucia, porém, o sapato traz a certeza do eterno retorno mítico-cristão: “do pó viemos ao pó voltaremos”.

Na leitura que aqui realizamos, procuramos combinar a desconstrução parodística do intertexto alusivo (A Gata Borralheira) ao esquema de mapeamento metafórico que privilegia o conceito metafórico do percurso com movimentos em direção aos objetivos que se quer alcançar. Observamos que a linguagem é clara, com a implicitação da rede metafórica mais no nível da história do que nas manifestações lingüísticas de superfície. As relações mais profundas só serão possíveis com conhecimento de uma estética clássica e algumas ilações feitas por associações com os arquétipos mítico-cristãos que dão à narrativa características moralizantes, em que a justiça é restabelecida pela punição ao transgressor.

Como demonstraremos a seguir o esquema desenvolvido nesse conto se repete no conto Saga, por isso optamos por trabalhar os dois juntos.



2) *Saga* conta a história de um habitante de Vig, reconhecida na narrativa como uma ilha do mar do Norte<sup>1</sup>. A referência intertextual que aqui identificamos foi a parábola do filho pródigo<sup>2</sup>, numa paráfrase subvertida. Identificamos também a subversão do mito do herói<sup>3</sup>, como explicaremos a seguir. O importante é que tanto à parábola quanto ao mito do herói é comum o esquema de mapeamento metafórico que traçamos para o conto anterior, ou seja: **A VIDA CHEIA DE PROPÓSITO É UMA JORNADA, PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES, MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS, CAUSAS SÃO FORÇAS, DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA O MOVIMENTO.**

- Hans, ainda jovem, quatorze anos, sonha sair da casa paterna e se aventurar ao mar, sua grande paixão => Assim, também, na parábola, o filho mais jovem deseja sair do resguardo paterno para se aventurar no mundo ao sabor do prazer.
- Sören, pai de Hans, é um homem austero e frio, “impunha a si mesmo e aos outros uma disciplina de responsabilidade e de escolha dentro da qual cada um ficava terrivelmente livre” => na parábola, o pai amealhou riqueza a custo de trabalho e sacrifício, mas em sua disciplina familiar estava implícito a mesma responsabilidade que implica qualquer escolha, tanto que não se opôs ao pedido do filho aventureiro e dividiu sua riqueza atribuindo o que lhe cabia.
- Sören tinha horror ao mar e às armadilhas que preparava para aqueles que o desafiavam. Prevendo a escolha do filho, determinou que fosse estudar no continente, longe do murmúrio, do cheiro, enfim, das provocações aos sentidos que estimulava o prazer => tal como o jovem da parábola, Hans desafiou a autoridade paterna e traçou para si um **CAMINHO** com um **PROPÓSITO** a atingir: “ser, como os seus tios e avós, marinheiro” Sua apreensão do mundo foi pelas vozes que vinham do mar. Estava marcado pela memória ancestral (“Querida navegar para o sul. Imaginava as grandes solidões do oceano, o surgir solene dos promotórios, as praias onde baloçam coqueiros e onde chega até o mar a respiração dos desertos”). O apelo que vinha do desconhecido era uma demanda a ser cumprida, daí a analogia com o mito do herói.

---

<sup>1</sup> O mar do Norte banha os países escandinavos.

<sup>2</sup> capítulo 15:11-32 do Evangelho de Lucas.

<sup>3</sup> Campbell, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. Bollingen Series XVII. 2ª ed.; 1ª ed. 1949. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1968.

- **VIVER É UMA ESCOLHA** e partir da sua terra natal para viver as aventuras “rente ao maravilhamento e ao pavor” era a experiência que queria para si. Mas como uma **VIDA CHEIA DE PROPÓSITO É UMA JORNADA**, nessa trajetória, tinha aspirações análogas a do herói mitológico, ou seja, enfrentar perigos e forças e, por fim, voltar à terra natal (ou morrer heroicamente) cumprindo uma viagem circular. Queria ser “um daqueles homens cuja ausência era sonhada e cujo regresso, mal o navio ao longe se avistava, fazia acorrer ao cais as mulheres e as crianças de Vig e a história que eles contavam era repetida e contada de boca em boca, de geração em geração, como se cada um a tivesse vivido”
- **MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS** => “Foi no ‘Angus’ que Hans fugiu de Vig, alistado como grumete”, foi em busca do seu destino (**PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES**). Aportou numa cidade (há na narrativa índices que a identificam como a cidade do Porto, onde os ingleses chegaram para comercializar o vinho da região do Douro) e, por desentendimento com o comandante do navio, foi desembarcado e abandonado numa cidade cujo idioma não conhecia . Depois de vagar por um tempo, foi encontrado por um rico exportador inglês que lhe deu abrigo e nova filiação. Hans comandou os navios de seu protetor, viajou por mares ao sul como era seu desejo.
- Tal como Lúcia, no conto anterior, **AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTOPROPALADOS** e **CAUSAS SÃO FORÇAS** => Assim, desde muito cedo, Hans conhecera as ilhas do Atlântico, as costas da África e do Brasil, os mares da China. Manobrou velas e dirigiu a manobra das velas, descarregou fardos e dirigiu o embarque e desembarque de mercadorias. Respirou o arfar dos temporais e a imensidão azul das calmarias...” Realizou o seu sonho, fez um percurso aspiralado e ascensional, mas que não fechava a circularidade porque em todas as tentativas que fazia de voltar a Vig (como herói?) era impedido pelo mutismo em que se fechou o coração de seu pai.
- **ESCOLHAS TÊM UM PREÇO** => Hans pagou a sua desobediência com uma penalidade e como **DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA MOVIMENTOS** ele não consegue “cumprir o seu projeto: regressar a Vig como capitão de um navio, ser perdoado pelo pai e acolhido na casa”.

- Na parábola, o filho volta à casa paterna pobre e faminto depois de dilapidar a fortuna e é recebido pelo pai que a tudo perdoa e festeja a chegada do filho pródigo com festa e banquete. O mito do herói também prevê o regresso do herói, ou para ser cultuado pela morte gloriosa, ou, se bem sucedido, para ser cultuado como alguém que atingiu um grau superior de sabedoria.
- Embora Hans tenha sido bem sucedido em sua empreitada (“Mais tarde os navios de Hans nunca naufragaram”), tenha ficado rico (O inglês que o adotou deixou-lhe toda a fortuna ao morrer) e tenha em várias ocasiões implorado o perdão do pai, este não desculpa a injúria e o abandono. A riqueza não era um objetivo no caminho que ele havia traçado para si. Tratava-a como uma contingência da nova ordem que se instalara em sua vida, depois de concluir que nunca mais voltaria a Vig. “E Hans compreendeu que, como todas as vidas, a sua vida não seria mais a sua própria vida, a que nele estava impaciente e latente, mas um misto de encontro e desencontro, de desejo cumprido e desejo fracassado, embora em rigor tudo fosse possível. E compreendeu que as suas grandes vitórias seriam as que não tinha desejado e que, por isso, nem sequer seriam vitórias”.

Aqui o conto *Saga* alude à voz que se manifesta no conto *História da Gata Borradeira*, num processo de intertextualidade interna (“...há no ar o pressentimento de que nos vamos despistar, nos vamos distrair, nos vamos enganar e não vamos nunca ser capazes de reconhecer e agarrar essa vida que é a nossa verdadeira vida.”).

- Seu plano de viagem não se realizou: não voltou a Vig nem morto num naufrágio para ter sua memória cultuada pelos habitantes como herói que lutou, mas foi vencido pela força maior da natureza, nem como herói que voltou como vencedor e trazia na sua voz a história que alimentaria as gerações futuras.”Hans, burguês próspero, comerciante competente que nem se perdera na tempestade, nem regressara ao cais, nunca ninguém contaria a história, nem de geração em geração, se cantaria a saga.”
- Na narrativa a metáfora do **TEMPO É ENTIDADE/OBJETO EM MOVIMENTO** é aqui tomada sob dois argumentos. No primeiro, o argumento é o movimento: “O tempo passou para Hans” , no segundo argumento Hans é o gestor do movimento: ‘Hans passou pelo tempo’. Em qualquer das duas

perspectivas não havia mais importância, porque aquela já não era a sua vida. Hans esperou pela morte para, num último pedido, mandar construir um navio naufragado em cima da sua sepultura => “- Avô – disse Joana – porque é que está sempre a olhar para o mar? // - Ah! – respondeu Hans. Porque o mar é o caminho para a minha casa.”

O mar faz parte da paisagem afetiva do povo lusitano. O passado glorioso, as grandes aventuras marítimas, das quais muitos não voltaram, formaram os arquétipos que povoam a memória com modelos cognitivos idealizados (MCIs) e modelos culturais que constroem significados no devaneio poético. No espaço das narrativas fantásticas, os impulsos inconscientes se expressam através da narrativa simbólica numa linguagem fundamentalmente emotiva. Além do mais, a metáfora conceptual tem origem no pensamento e, num estágio muito remoto os conceitos, na tentativa de ligar o sensível ao concreto, certamente, como diz Cassirer(2000), criaram um estreito vínculo entre mito e linguagem.

Nos dois contos de Sophia de Mello Breyner Andresen, podemos observar estruturas metafóricas semelhantes que se mapeiam nos temas e figuras do discurso. A intertextualidade também é temática e figurativa além de parodística, na medida em que desconstrói os mitos que engendram os textos-fonte.

#### 4.5 - Mia Couto

“Quem dança não é quem fabrica poeira, mas quem fabrica seu próprio chão.”

“O que hoje chamamos de globalização com tendência uniformizadora não é mais forte do que a necessidade de trocar,comerciar identidades e mestiçar influências”

“É uma espécie de fractura que quero introduzir na escrita para que ela deixe passar uma luz, uma outra maneira de ver a realidade e isso só pode ser feito através dessa desarrumação, não só lingüística, mas também do próprio processo de construção da escrita e da narrativa”

“Todos nós partilhamos esse mesmo gosto: o de nos devolvermos as potencialidades criativas da palavra. A palavra que é saber. A palavra que é brinquedo. E que é, às vezes, a própria ausência da palavra. E que pode ser, como diz o gato, o escuro que ilumina a própria luz.”

Mia Couto em tudo é uma surpresa porque carrega em si a ambivalência.A começar pelo nome (cognome escolhido por ele mesmo aos 2 anos de idade) que não determina pertença a um determinado gênero. Filho de pai português, nascido na Beira (Moçambique), em 1955, bebe na fonte cultural lusitana e africana. Sua pele branca não o consagra como um representante racial africano e sua linguagem não representa a oralidade, a eloqüência e a ingenuidade populares, pois é requintadamente construída como língua literária própria.

Tudo em Mia, se não é traçado do destino, é uma construção pessoal que o leva a ter uma identidade que “não pode ser capturada nem em gesto nem em palavra, é sempre plural e sempre mutável”<sup>1</sup>, pois está sempre “em viagem” e em cujo percurso vai-se saturando a bagagem pessoal de história/estórias. É essa bagagem que será a referência para uma “moçambicanidade” que convive com o múltiplo, com a tênue fissura entre o real e o fantástico, com o urbano e o não-urbano, com um universo que é o seu fazer literário sem o compromisso político-ideológico de representar a africanidade como imagem de exportação. Segundo Mia “há que ter raiz sim, mas quem demasiada raiz tem, não chega a ter asas”.

Como para Mia Couto “a poesia não é um gênero literário mas uma maneira de olhar o mundo, uma maneira de entender os outros”, casar o ofício de biólogo com a de escritor, ou seja, dar conta da ciência e da poesia são tarefas absolutamente compatíveis

---

<sup>1</sup> Todos os trechos aspeados são retirados de entrevistas (O Globo – Prosa & Verso: 03/06/060; Lusitano: Lisboa – 10/06/2000; Jornal de Notícias; Porto – 08/06/2001) e palestra proferida na UERJ em 16/11/05 no VIII Fórum de Estudos Lingüísticos

e talvez complementares, já que a natureza<sup>2</sup> se encarrega de unir corpo e espírito, sagrado e profano, mito e linguagem, razão e emoção.

A aptidão de sua escrita é despír a solenidade que investe a literatura para dar-lhe uma roupagem lúdica, principalmente na invenção linguajeira. Daí advém o prazer de construir uma oralidade que é estranha ao moçambicano urbano, mas que soa natural aos que convivem com o imaginativo e o conceptual das tradições ancestrais passadas pelas vozes que construíram a cultura africana.

A criatividade, inventividade e a oralidade imprimem ao modo de contar uma proximidade maior com a literatura brasileira do que com a formalidade da literatura portuguesa. Talvez por haver entre o português brasileiro e o português africano um menor distanciamento e por terem ambos captado influências de outras línguas.

Mia Couto traz para nós, brasileiros, a recreação<sup>3</sup> da língua que Guimarães Rosa inaugurou em nosso cenário, transfigurando-a, metaforizando-a dentro de uma outra realidade, conformando-a ao imaginário, às crenças, às fantasias, aos modelos culturais que vão dar aos modelos cognitivos idealizados singularidades próprias de uma comunidade marcada por sua história e por sua cultura.

A escrita de Mia é universal e já é traduzível em alguns idiomas (assim como era a de Guimarães Rosa) justamente porque a fronteira que separa o real do ficcional não encarcera a palavra no exotismo da cor local, mas liberta os leitores para encontrar, “muito para além do linear da realidade, outras faces do mundo”.

A escolha de Mia Couto para esse trabalho deve-se, além da beleza e da poesia de sua obra, a uma certa intimidade com a inventividade da linguagem e com a técnica literária da oralidade que já habilita o leitor brasileiro a uma escuta/leitura que não lhe é totalmente nova. Soma-se a isso o fato de que a metáfora pode ser lida na sua macrotextura e nas construções/desconstruções das neologias lingüísticas que, embora exijam um trabalho cognitivo do leitor para operar o significado, estão inscritas nos esquemas imagéticos da cultura africana que vão sendo desvelados para o leitor à medida que a “estória” vai revelando a História de um povo que, segundo o escritor, precisa desvincular sua imagem do exotismo ideológico para deixar emergir a universalidade da condição humana.

---

<sup>2</sup> Conjunto do que se produz no Universo independentemente da intervenção refletida ou consciente (Novo Dicionário Aurélio).

<sup>3</sup> Proporcionar recreio a; divertir (Novo dicionário Aurélio).

#### 4.5.1 – Chuva Pasmada

Se destituirmos a narrativa de Chuva Pasmada de toda e qualquer fantasia, teremos um enredo que é subliminar ao fantástico e possui uma chave de decifração simplória e corriqueira: um local de África (provavelmente Moçambique) onde a comunidade dividia o espaço da natureza com uma fábrica que empregava grande parte da população, mas trazia para todos o convívio com o avesso do progresso: a fumaça poluidora da atmosfera, chegando ao ponto de acumular uma camada tão espessa no ar que impedia de a chuva cair. A umidade em suspensão, porém, criava nos indivíduos acostumados a ler a natureza no texto das crenças e dos mitos a expectativa de uma chuva potencial que não caía por circunstâncias atribuídas a efeitos ligados ao sobrenatural e cuja interpretação era dada de acordo com as experiências que haviam marcado a vivência de cada um.

O leitor que toma o distanciamento crítico e não se deixa mergulhar, de imediato, no poder lúdico e sedutor da linguagem e das suas manifestações metafóricas consegue ouvir a polifonia que emana, ainda, dos 500 anos de história colonial quando o branco mantinha um poder baseado na discriminação racial, criando no negro uma mentalidade de subserviência, além de deixar claro o estatuto feminino a serviço do instinto primário de satisfazer o macho em suas necessidades sexuais.

Só que a história acima contada não é a estória que Mia Couto nos conta, ou melhor, não supõe a poesia que emana da sua escritura, nem agrega as imagens que brotam da cultura africana e traz para o leitor de uma cultura ocidentalizada o conhecimento de uma realidade que, por ser-lhe estranha, é instigante e acarreta um esforço de construção significativa ligada a um universo particular, mas que conduz a um caminho existencial inerente a todo ser humano.

A cena enunciativa traz a voz e o enquadre de um menino sem nome - assim como todos os personagens, com exceção da entidade mitológica Ntoweni, cuja descendente é avó do narrador. Todos os ritos de passagem (**VIDA É UMA JORNADA**) passam pela interveniência forçada ou consentida do menino que vai possibilitar as mudanças responsáveis pelos movimentos (**MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS**) em busca da missão pessoal que de certa forma tinha sido bloqueada por acontecimentos (**DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA MOVIMENTOS**) reveladores de uma verdade iniciática e que, por isso mesmo,

envolvia a superação de obstáculos que deveriam ser cumpridos depois de vencidas as lutas internas.

Como vemos, no macrotextual, repete-se o esquema metafórico que conduz a rede hierárquica da metáfora conceptual: **EVENTOS ESTRUTURAM METÁFORA => EVENTOS CORRESPONDEM A ESPAÇOS => ESTADOS SÃO MOVIMENTOS NO ESPAÇO** e por aí vai como demonstramos nas análises anteriores.

Existe, porém uma poeticidade que vai se manifestando no varejo, ou seja, vai emergir de uma trama lingüístico-enunciativa que revela um mapeamento metafórico diferente porque mapeia uma imagem mental convencional dentro de uma outra (e não entre domínios-fonte e alvo), cujo valor cultural mantém ainda assim a ligação com o conceito que dá suporte tanto à convencionalidade quanto à inovação. São chamadas de metáforas “tiro-único”: elas mapeiam somente uma imagem dentro de uma outra imagem.

- “Nesse aguardo, eu me distraía olhando os milhares de arco-íris que luzinhavam a toda volta. Nunca nenhum céu se tinha multiplicado em tantas cores. Dizia minha mãe, **a chuva é uma mulher. Uma dessas viúvas de vaidade envergonhada: tem um vestido de sete cores mas só o veste nos dias em que sai com o sol**” (p.7)

Aqui temos a imagem mental do arco-íris que a sabedoria popular reconhece como fenômeno que se manifesta quando o sol aparece logo após a chuva ou quando ainda essa cai e risca o céu em semicírculos de sete cores. Temos a imagem da mulher viúva cujo recato não permite a banalização da sua vaidade, daí só poder expô-la quando a segurança de um novo companheiro (o Sol) assim a justificar. Temos, então, imagens se sobrepondo para poder formar uma rede de mapeamentos imagéticos.

- “Por fim meu avô ousou falar: **- Essa chuva traz água no bico**” (p.8)

A imagem da chuva mapeada na imagem do pássaro. A chuva que estava em suspensão e se manifestava na umidade do ar assemelhava-se a um pássaro que pelo tamanho do bico só era capaz de verter água em pequenas gotas.

- “Saímos todos com pás, vassouras e panos. Todos menos o avô que mal se erguia sozinho. **E varremos o ar, socando as gotas como se agredíssemos fantasmas. Mas a chuva não tombava, as gotas viravoltavam no ar e depois, como aves tontas, voltavam a subir.**” (p.8)

Aqui numa representação imagética, reproduzindo um raciocínio animista, a chuva é representada como entidade física ou fantasmagórica que pudesse ser despertada da inércia (era uma chuva pasmada) por panos e vassouras.



- **“A chuva tinha perdido o caminho. Acontecia à água o que sucede aos bêbados: esquecia-se do seu destino. Um bêbado pode ser amparado. Mas quem poderia ensinar a chuva a retomar os seu milenares carreirinhos”** (p.9).

Duas imagens: a chuva que não acha o caminho entre céu e terra e o bêbado que esquece o seu destino. Para este, resta a possibilidade de ser ajudado, mas para aquela não há quem possa reencaminhá-la ao seu destino.

- “Meu velho **tesourou a conversa**, retirando-se para o pátio” (p.11)

A imagem da tesoura associada à conversa remete não para uma outra imagem conceptual, mas para uma metáfora conceptual convencional: a conversa é uma substância que gera a metáfora lingüística “cortar a conversa”.

- “Apoiou-se no muro do poço e ficou espreitando o isqueiro. Até que ele **espetou o braço bem no fundo do poço e acendeu a chama. O escuro ganhou paredes redondas, povoado pela labareda bêbada**” (p.11)

Várias imagens se sobrepõem: o braço esticado mapeado sobre a imagem de um espeto de pau ou ferro. Metonomicamente (a causa pelo efeito), o escuro ganha os contornos arredondados da parede de um poço. A imagem da labareda oscilante do isqueiro remete para a imagem trôpega de um bêbado.

- “Certa vez, quando regressávamos, ele (o avô) me chamou e me segredou ao ouvido: **‘- Ntoweni engravidou!’ ‘- Ntoweni?’ O velho apontou o pé direito, todo inchado. ‘- Esta é Ntoweni, minha falecida...’** Para enxotar a solidão, o avô dera nome aos pés. Cada um baptizado por engenho de seus delírios, em jogo de marionetas. Mordido pela curiosidade, aticei-o: Essa é a avó. E a outra como se chama?” (p.12)

Todo pensamento imagético cultural africano vai sendo pontuado por esquemas que remetem ao primarismo e a pureza do raciocínio imagético infantil. Os velhos possuem a sabedoria do sensitivo, do sensorial, expressando-se através de metáforas animistas para introduzir a cultura que marca a história do seu povo e passar para os mais novos o conhecimento oral que vai se perpetuando por gerações.

“ ‘Venha cá, meu neto: você nunca chegou de conhecer essa sua avó legítima?’  
 ‘- Nunca, avô. **Desencontrámo-nos**. E como era ela?’ ‘- Ntoweni era tão bonita que nem precisava ser jovem...’

Todos me falavam da sua beleza. Mas ela não gostava de ser bela. A avó sempre respondia: se eu sou bela então maldita seja a beleza! Era assim que ela falava. **A beleza, dizia, era uma gaiola que o avô inventara para ela ser pássaro. Um pássaro que canta mesmo em cativeiro. E o engano dessas aves é acreditar que o céu fica do lado de dentro da gaiola.**” (p.13)

As mulheres, embora culturalmente submissas, vão encarnar a consciência dessa submissão milenar e é nelas que recai a responsabilidade da resolução dos conflitos

para que o seu povo possa prosseguir no rumo traçado pelo destino. Ntoweni sabia pela experiência ancestral (dizia a lenda que sua avó ( a primeira Ntoweni) morrera assassinada pelo imperador do reino vizinho que se apaixonara por sua beleza e para quem vendera seu corpo em troca da água que seria concedida a sua terra seca, contanto que se tornasse sua amante para sempre e de lá nunca mais saísse. Pensando tapear o imperador, esperou que ele dormisse e fugiu para junto dos seus, carregando na cabeça uma cabaça. Ao se aproximar de sua casa, foi atingida por uma lança que a matou, derrubando a cabaça de onde, depois de um “rugido”, se desenrolou de seus restos **“uma imensa serpente azul” que deu origem ao rio** que salvaria o seu povo da enorme aridez da terra) que a beleza, para seu marido, tinha que estar em gaiola para que outros não tentassem possuí-la.

Metaforicamente, a imagem do pássaro engaiolado que mapeia o conceito de liberdade (falta de) e da serpente que mapeia a imagem de rio se tornaram convencionais nas culturas ocidentais.

Na África, a voz e a ação dos ancestrais marcam a sina e o destino dos seus descendentes, os mitos cumprem a circularidade e se reeditam em formas mais recentes. Os modelos cognitivos idealizados (MCIs) serão molduras que emergirão quando significados forem atribuídos a novas situações e conhecimentos antigos se fizerem necessários:

- “Tudo em redor rodopiava, mas à minha cabeça chegava, com clareza, a consumação do presságio. Então, era isso: o renascer da lenda. A primeira Ntoweni sacrificara a sua vida para libertar a água e salvar os seus. **Esse destino revivia agora em minha mãe. Nada sucede pela primeira vez, tudo é reedição de algo já sucedido.**” (p. 60)

Mais tarde, a mãe do narrador, a terceira Ntoweni, é quem toma a iniciativa de ir à fábrica cobrar a suspensão da fumaça para que a chuva pudesse encontrar o caminho da terra e terminasse com a aridez do solo. Lá foi negociar seu corpo com o branco, “patrão principal” da fábrica que, embora louco de desejo, rejeitara o cheiro da sua raça negra. Ela, porém, não fora capaz de ceder às exigências de esconder seus odores raciais pelo perfume que iria mascarar o asco do branco. Conta, então, ao filho (a voz que tece a narrativa e é o interlocutor dos personagens que precisam atravessar pelo rito de passagem) que não fora capaz de trair o marido e que mantivera a liberdade de escolha que, no fundo, toda Ntoweni tinha tentado exercer, mesmo se imbuindo da responsabilidade de conduzir o destino de um povo.

- “ ‘- Eu pensava que a mãe estava repetindo a lenda de Ntoweni.’ ‘- Contaram-lhe essa história?’ ‘- Sim, foi o avô.’ ‘- Disseram-lhe que o imperador possuiu a nossa primeira avó?’ ‘- Sim, disseram.’ ‘- Pois essa é a versão que os homens contam. Nós, mulheres, temos uma outra versão.’ ‘- Outra versão?’ ‘- Dou-lhe um conselho, filho. Nunca diga que uma mulher foi sua. Essas são coisas para nós, mulheres, dizermos. Só nós sabemos de quem somos. E nunca somos de ninguém.(p. 64)

A sabedoria da mulher, ainda assim, não disputa espaço com a autoridade masculina; pelo contrário, é uma poderosa arma para seduzir os homens e fazê-los recuperar auto-estima e torná-los parceiros mesmos depois da morte, como o avô que se sentava sempre na mesma cadeira deixando, ao lado, a cadeira vazia da mulher (a segunda Ntoweni) morta.

- “ ‘-Mas, mãe, por que não disse logo ao pai, por que não lhe contou desde o princípio que, afinal, nunca esse outro lhe tocou?’ ‘-Para ele sofrer de ciúme! A vocês, homens, faz bem uma dor dessas. Vocês são fracos por falta de saber sofrer..’” (p.63)

O pai do menino, que havia se transformado em espectro de homem depois que largou o trabalho nos subterrâneos das minas, reencontra a si mesmo através do encontro com o outro (“-\_Ele não me fez mal, filho. Seu pai não me magoou.(...) – Nós estávamos namoriscando. Escorregamos, sem querer, nesses penhascos.”).

- “Meu pai me queria confessar intimidades. Que o avô tinha falado com ele. E lhe mostrava como ele, o meu pai, não sendo o mais idoso era o mais envelhecido de todos nós. Porque era o mais desistido de tudo, o mais alheio ao alento e à crença. Aquela chuva se imobilizava junto ao solo? Pois também ele, o meu pasmado pai, tinha estancado junto à vida. O avô entendera o porquê da desistência de meu pai viver, o falir da sua esperança. O verdadeiro motivo daquela modorra não era ele ter estado, anos e vidas, fechado nas minas. Todo homem, afinal, está sempre saindo de um subterrâneo escuro. É por isso que temos os bichos que vivem nas tocas: partilhamos com eles esse mundo feito de trevas, segredos murmurados por demônios em chamas. **O verdadeiro motivo de meu pai ter desistido era porque ele se pensava como o centro de si mesmo. Meu pai estava entupido de si próprio. Ele fora sufocado pelo seu umbigo.** (p.69)

Esse trecho é repleto de metáforas que refletem experiências de um mundo natural muito próprio do estereótipo imagético do mundo africano: indivíduos ligados à crença, animais que vivem em tocas, mundo de trevas, segredos murmurados por demônios em chamas. Escolhemos, porém, uma metáfora ontológica conceptual básica que vigora, também, em nossa cultura ocidental e toma os nossos corpos como território cujo centro é marcado pelo umbigo onde estaria a raiz do ego, daí a metáfora lingüística convencional “olhar para o próprio umbigo”.

- “A solução era sair de dentro de si, arregaçar as mangas e os braços, arregaçar a alma inteira e tomar a dianteira sobre o destino. ‘-Você já escavou no fundo da terra. Escave agora no céu.’ Foi assim que o avô falou. Meu pai entendeu sem mais explicação” (p.69)

O avô tinha cumprido sua missão: revelara ao neto a lenda do rio, viu a filha resgatar a felicidade traçando caminhos percorridos pela bisavó Ntoweni, dera ao genro a possibilidade de traçar para si um novo destino, livrou a outra filha do peso de manter dentro de si o segredo da paixão pelo cunhado e dividiu com ela a revelação que a fazia seca por dentro. Na África diz-se que “cada velho que morre é uma biblioteca que arde”

Agora o “mais-velho” definhava desde a estiagem que se mantinha pela chuva suspensa e fizera o rio secar. Tinha desistido de viver.

- “ ‘- A velhice não é uma idade, é uma decisão.’ ‘- Uma decisão?’ ‘ – A velhice é uma desistência.’” (p.37)

“O tempo na África é circular e não se exprime pela metáfora do rio que flui. Não existe passado nem futuro”. “ O rio é uma espécie de chuva deitada. A chuva que é importante, tem ligação com o divino”<sup>4</sup>.

- “Assunto de chuvas é da competência dos deuses. É por isso que existem os samvura, os donos da chuva. São eles que falam com os espíritos para que estes libertem as águas que moram nos céus “(p.9)

Não havia, portanto, mais motivos para o avô ficar. Preparou, então a sua morte sob a égide da metáfora conceptual MORTE É PARTIDA . Pediu ao neto que o ajudasse a empurrar o barco até o rio seco. Como era muito pesado, o pai participou na tentativa de aliviar a dor do filho e prepará-lo para esse rito de passagem que, para os ocidentais, seria o fim da jornada, mas não para aquela cultura

- “- Não fique triste, filho. Que tudo isso é um engano. Não é o morrer que é para sempre. O nascer é que é para sempre” (p.70)

Para o avô, chegara a hora de partir, pois Ntoweni o chamava, ele justificava que a água que estava suspensa não era nenhuma chuva: “- Essa chuva é Ntoweni. É ela que se mudou para o céu” (p.67). Confirma-se, assim, a conceptualização da chuva, através do caráter divino, para os modelos culturais dos africanos.

Estar junto ao rio, mesmo seco, era, um dia poder empreender a viagem que o levaria até o mar.

Quando pai e filho depositaram o “ressequido” avô no interior do barco, ele fechou os olhos como que dispensando a presença dos dois que se afastaram em

---

<sup>4</sup> Fala proferida por Mía Couto em palestra no VIII Fórum de Estudos Lingüísticos na UERJ em 16/11/06.

silêncio. O silêncio, então, possibilitou a escuta de um outro silêncio: “os motores da fábrica tinham parado”. Já não havia fumaça, pois não havia mais o rio que alimentava as máquinas. E, assim acontecendo, a chuva pôde furar a barreira que a impedia de cair.

Pai, filho e o resto da família voltam ao rio para festejar e agradecer. Depois que a harmonia e a alegria se restabeleceram, o menino procura o barco do avô que já descia o rio ao sabor da correnteza.:

- “-Avô! – gritei”(…) Mas o barquinho foi, se dissolveu no horizonte. A última coisa que vi não foi a canoa mas a cabaça tombando das mãos da primeira Ntoweni. E da cabaça irrompendo, fluviosa, a serpente prateada da água.”

Mais uma vez a imagem convencional da serpente é mapeada na imagem do rio, sobreposta à imagem da cabaça da primeira Ntoweni sendo desfeita.

E, para completar, faz-se presente a circularidade do tempo, da vida, da criação que se traduz em metáfora pelo mito, representação arquetípica de uma cultura que dá conformidade ao pensamento de determinada formação social:

- “Como ele sempre dissera: o rio e o coração, o que os une? O rio nunca está feito, como não está o coração. Ambos são sempre nascentes, sempre nascendo. Ou como eu hoje escrevo: milagre é o rio não findar mais. Milagre é o coração começar sempre no peito de outra vida.”(p.74)

Pela análise, podemos perceber que a metáfora vai estar sempre ligada a um conceito e pode ser mapeada através de esquemas imagéticos (mapear uma imagem convencional dentro de outra) ou mapeada entre domínios (o domínio-fonte sobre o domínio-alvo). Mesmo em textos extremamente poéticos como *Chuva Pasmada*, a metáfora convencional se faz ouvir polifonicamente sob a metáfora inovadora e esse é um dos elementos facilitadores para a compreensão e a interpretação de textos, mesmo aqueles culturalmente marcados por uma especificidade que leva o leitor a um esforço cognitivo maior por ter que relacionar a palavra poética a um contexto que deve ser constituído pela enunciação discursiva.

Há ainda nessa análise um olhar extremamente relevante para a compreensão da metáfora conceptual que, embora não seja de natureza lingüística, vai poder se manifestar lingüisticamente, de forma sintética, pelos neologismos, através de:

- **vocábulos-valise:** “Mas ela prosseguiu chuveirando terra pelos ares. E parecia resultar, os grãos se prendiam às gotas, a areia se suspendia na chuva. Minha mãe ainda brincou: - Viu, homem? Estou a semear grãonizo.”(p.16)

O neologismo composicional com valor metafórico conceptual (**GENÉRICO É ESPECÍFICO => CHUVA AJUDA SEMEAR A TERRA => “Estou a semear grãonizo”**) formado a partir de grão + granizo por semelhança do fragmento fônico entre os dois vocábulos. Para Figueiredo (2002), o interessante nesse tipo de construção lingüística, além do jogo lúdico oferecido ao leitor que vai precisar de um esforço cognitivo para atualizar os significados naquele contexto, é observar que há implícito na criação vocabular uma co- predicação: “X, a palavra nova, é ao mesmo tempo A e B. A mesma síntese que a metáfora busca.

- **desconstrução de uma estrutura composicional** resultando a configuração um novo significado por associação a um antigo conceito. “Antes **ao sol** que mal acompanhado” (p.12); “A mãe tentou deitar água **na zanga**”(p.18); “Pai nosso, **crístais** no Céu, **santo e ficado** seja o vosso nome.”(p.20); “Cão que ladra **é porque tem medo de ser mordido**”(p.50); **Lavado** seja Deus! (p.72)

A estrutura composicional, proverbial ou não, que já se encontra lexicalizada na língua vai exigir do leitor, além da percepção do novo na forma desgastada, a reconstrução de uma nova significação cujo suporte será o contexto ficcional. As estruturas composicionais lexicalizadas evocam esquemas conceptuais automatizados e, quando passam pelo vigor criativo do escritor, ainda assim continuam ligados ao conceito que lhe deu origem, mas agora, ou iluminando outros aspectos do conceito, ou trazendo aporte de outros domínios para a nova estrutura composicional.

- **processo de derivação:** embora a obra de Mia Couto seja prolífica em diferentes processos de derivação, em Chuva Pasmada vai imperar o fenómeno de conversão de um nome em verbo através de um sufixo (muitas vezes acrescido também de prefixo) resultando em verbalização denominal (N=>V) e em verbalização adjetival (A=>V) : “...a mãe se agachou até **atamanhar** comigo” (p.29); “Eu aguardava um só instante: o de **desanzolar** o peixe” (p.36); “...pareceu-me que a tia o arrastava para uma dança, rumo a esses embalos fatais com que ela **jiboiava** os homens” (p.59); “Estava-se **abonitando** frente ao espelho” (p.54); “**Zonzeci** por ali, até que um leve toque no meu ombro reclamou minha

atenção.” (p.58) “Ela tomava gosto de ser mãe e me ver ali **filhando**, pronto a tomar conta dela” (p.64)

Esses “vocábulos literários”, segundo Figueiredo (2002), normalmente são produtos do universo ficcional e estão a serviço do contexto da obra e tem a duração da sua leitura. Sem dúvida, eles trazem à obra literária um vigor, uma modalização aspectual que altera o significado da base expandindo e agregando valores significativos que, embora ligados aos mesmos conceitos metafóricos da base, inovam na manifestação lingüística dos mesmos.

“Para falar do que quero tenho, muitas vezes, de buscar a palavra que não existe, fui empurrado para isso porque vim da poesia. A desobediência que a poesia encoraja em nós ajudou-me muito para que pudesse pensar a forma da minha escrita.”(Mia Couto, entrevista ao “Lusitano”- Noticiário Cultural, Lisboa: 10/06/2000).

Enfim, Mia Couto traz para seus leitores um universo literário marcado pela “moçambicanidade”, mas filtrado pelo olhar do poeta, revelando-nos a alma do sujeito em sua mais primitiva essência, ou melhor, devolve-nos a sabedoria pura da razão e emoção infantil.

## 5 – Conclusão

CAUSAS SÃO FORÇAS conforme conceptualizamos em nosso pensamento. Delas derivam AÇÕES que SÃO MOVIMENTOS AUTOPROPALADOS.

É assim que iniciamos todos os enredos com que escrevemos várias histórias. Essa teve início na prática de sala de aula e na vontade de transformar a palavrão estéril, mecanizada e desarticulada das experiências em um texto cuja pulsão fosse construída pela nossa percepção de estar no mundo, atuando, transformando e interagindo com o espaço e o tempo interno e externo.

Trabalhar com a metáfora inserida nos fundamentos da Semântica cognitiva pareceu-nos bastante produtivo, porque traz como preceito básico o desvelamento das associações que vão embasar nossos esquemas mentais e cujo conhecimento vai-nos habilitando a uma autonomia para relacionar sentidos e perceber que até a mais obscura emissão vai ganhar ares de previsibilidade por conta das nossas experiências, dos textos que buscamos na memória e do contexto que construímos com os dados lingüísticos que preenchem a moldura de um dado cenário.

Como tínhamos o objetivo de analisar a língua portuguesa em culturas diferentes, traçamos uma estratégia que resultou em algumas observações relevantes para analisarmos as obras e entendermos o contexto construído através de nossa leitura.

Hoje, num mundo globalizado, identidades e diferenças são problemas do homem moderno que vê reconfigurado o conceito de cultura e de língua como expressão de um povo. As subjetividades multifacetadas, como consequência dessa universalidade idealizada por um poder central, vão determinar significados modalizados por estereótipos e conhecimentos que veiculam visões de mundo adequadas a uma determinada ideologia.

O mundo encolhido não podia deixar de se refletir na língua portuguesa. Somos, hoje, usuários de uma mesma língua, muito mais fraturados em nossas identidades, embora a história tenha feito cada povo com um barro diferente.

Essas diferenças vão estar evidentes no jeito diferente com que os autores escolhidos contam a sua história/estória. No tipo de analogias que fazem, nos arquétipos que preenchem o “sótão” de cada um deles e na relação mais ou menos formal com que manuseiam a língua.



Percebemos o quanto pode ser salutar trabalhar com essas particularidades, pois é pelos mecanismos interpretativos cognitivamente construídos que os sujeitos podem, de certa forma, reconstituir a fragmentação da subjetividade.

Na medida que forem significando em redes coerentes os mundos possíveis constituidores da ficção, vão dando sentido às próprias experiências e refletindo sobre os implícitos e pressupostos que configuram “vazios” responsáveis pelos desafios criativos do jogo entre os parceiros textuais, ou responsáveis pelo silenciamento do que não se pode ou não se quer dizer, mas é ideologicamente tendencioso.

Como trabalhamos sobre um corpus literário, procuramos refletir sobre as características do discurso literário e trazer contribuições das teorias de leitura cujos significados são negociados na dialogicidade interativa entre Leitor e Texto. Alimentamo-nos, também, na teoria da recepção de Wolfgang Iser, cujos conceitos se adaptam muito bem à teoria dos espaços mentais de Gilles Fauconnier, que durante todo esse trabalho se fez presente, inclusive na mesclagem de vozes desenvolvida no item sobre intertextualidade. Aliás, a teoria de integração (mesclagem) conceptual é apropriada para explicar vários fenômenos lingüísticos, e sofremos a tentação de ousar, transportando-a para explicar, por analogia, até mesmo estratégias narrativas a serviço da ficção.

A intertextualidade e a metáfora confirmaram-se no papel fundamental sobre a revelação dos significados e a construção interpretativa de enfoque cognitivista. Aliás, a matriz interpretativa desse trabalho é pautada pelo esforço cognitivo do sujeito para se construir como autor da edificação do seu conhecimento. Num trabalho de base cognitivista, mesmo o “dado” vai passar por uma nova roupagem, por um novo contexto, também construído segundo a situação enunciativa. É no espaço mental que se mesclam e se ressemantizam vozes, textos, conhecimentos e experiências.

Lakoff e Johnson, cuja teoria sobre a metáfora conceptual alicerçou esse trabalho, começam seus estudos questionando o mito objetivo da verdade e mostram que as metáforas convencionais são fruto do nosso sistema conceptual e dos nossos pensamentos, não sendo por isso um caso de lingüística. Tais metáforas são inconscientes e, em suas manifestações lingüísticas, já estão lexicalizadas pela convencionalidade do uso. Mais tarde eles expandem seus estudos e provam que a metáfora nova também é conceptual e herda o mesmo conceito da metáfora convencional. Nesta são enfocadas as propriedades mais usuais de um dado conceito, ou suas propriedades mais prototípicas; naquela são enfocadas propriedades menos usuais

para um dado contexto desse mesmo conceito, ou seja, as propriedades periféricas. Eles se valem, como ilustração, da metáfora do caleidoscópio, que usa um mesmo conceito iluminando uns aspectos e escondendo outros de acordo com o que se quer expressar.

Mas a metáfora se mostrou produtiva em nossas análises porque associamos a sua gênese conceptual com a sua função pragmática. É nessa fusão que ela se faz língua, se faz pujante, desviante e revela para o interlocutor as marcas que a remetem para a circularidade original, ou seja, o conceito da qual ela foi gerida.

De fato, convencemo-nos de que, embora a metáfora seja, normalmente, vista em sua materialidade lingüística, seu campo de atuação é muito vasto. Refletimos nesse trabalho sobre a importância das narrativas fabulísticas, das brincadeiras e dos jogos do “faz-de-conta”, edificações de mundos possíveis que funcionam como metáforas nas elaborações que o sujeito vai estabelecendo com a realidade do mundo vivido e dando materialidade às suas emoções, dificuldades, afetos. Na medida em que o sujeito aprende a entender sua própria existência, abrem-se canais para ler o mundo e os textos que gravitam em seu universo discursivo.

Por fim, queremos trazer a questão levantada na introdução sobre a possibilidade de textos literários de língua portuguesa produzidos em culturas diferentes possuírem, para leitores iniciantes, algum entrave que não pudesse ser resolvido pelos processos da metáfora conceptual e da intertextualidade.

Concluimos que:

- 1) Os sentidos se estabelecem a partir da experiência cognitiva mediada pelo saber partilhado em uma dada comunidade lingüística. Este saber, porém, não se enclausura; vai se espraiar em vozes e textos que vão se intercambiando pelos universos discursivos. Quanto mais textos e vozes se depositarem em domínios cognitivos, mais condições de estender as redes e mapear conceitos.
- 2) A metáfora conceptual mantém sua matriz mesmo nas metáforas mais inovadoras e culturais. Ela se expande em conceitos hierarquicamente subordinados a outro(s) mais generalizante(s). Quanto mais específicos e periféricos são os conceitos, mais suas manifestações lingüísticas assumem matizes literários ou são culturalmente mais marcadas. Todavia a ligação que mantém com o conceito vai facilitar a sua desambiguação, servindo, portanto, a textos que, mesmo

distanciados das nossas experiências imediatas, estejam amparados pelo contexto enunciativo.

- 3) Os textos dos três autores examinados refletiram em suas metáforas experiências fundamentadas num esquema mental lógico que é comum ao desenvolvimento cognitivo e às experiências físicas e corpóreas dos sujeitos em geral.
- 4) As manifestações lingüísticas, discursivas e enunciativas responsáveis pela expressividade distinta nas três realidades apresentadas se fazem notar em:
  - Lygia Bojunga, por uma coloquialidade discursiva e pela proximidade espaço-temporal que cria com o leitor. Estratégias narrativas mais elaboradas com superposição de planos enunciativos. Expressões lingüísticas metafóricas transparecendo uma sensualidade que é um estereótipo cultural brasileiro. Como examinamos obras metaliterárias, a intertextualidade e a polifonia são recursos que constroem a enunciação.
  - Sophia de Mello Breyner Andresen, por se expressar numa formalidade discursiva que é uma característica do temperamento lusitano. Cultiva a reverência e tradição que a literatura conserva no cenário cultural português. Suas metáforas são frutos de uma educação clássica, se ligam ou aos aspectos da natureza ou ao caráter mítico da viagem iniciática.. Narrativa linear cujo aspecto fabulístico remete para um intertexto com o qual dialoga sob um prisma moralista-cristão.
  - Mia Couto, por manter discursivamente o traço das narrativas orais. As metáforas expressam a concretude que a lógica infantil atribui tanto aos fenômenos da natureza quanto às subjetividades do sujeito. A ambientação mítica leva o leitor para o universo do maravilhoso, para o qual colabora a inventividade da linguagem.

Segundo acreditávamos, verificamos, na aplicação da teoria no corpus analisado, que, através dos fundamentos da metáfora conceptual e da intertextualidade, poderemos compreender o que é universal e o que é cultural nas nossas expressões literárias e que a

fronteira entre essas duas dimensões não fratura o diálogo que se faz urgente e necessário, para a defesa de uma cultura lusófona.

**Agora, encerrando com a metáfora:**

A vida já nos ensinou que os **CAMINHOS PARA ATINGIR OS PROPÓSITOS** são algumas vezes cheios de armadilhas. A metáfora, grande companheira de viagem, apresentou-se, já na partida, com uma complexidade e uma bagagem bem maior do que na jornada do mestrado. Não era para menos, **TEMPO É UMA ENTIDADE EM MOVIMENTO** e seu deslocamento atua na natureza das coisas, era justo, portanto, que essa viajante, tão assediada pelo estigma enigmático que carrega, tenha sido marcada por todos os olhares que despertou de lá para cá.

Sua companhia acabou sendo uma grande aventura, pois, a cada obstáculo, mais instigante e desafiadora nos parecia a chegada. Atravessamos continentes, ouvimos outras vozes, conhecemos outra cultura e pagamos excesso de peso pelas experiências acumuladas.

Enfim, pelo prazer conquistado, supomos que a nossa viagem chegou apenas ao primeiro destino, principalmente porque queríamos mais tempo para melhor saborear a paisagem. Certamente somos diferentes hoje porque fomos afetados por nossas atuações. Colocamos ousadia na nossa relação e isso, possivelmente, não agrada a muitos e, como em qualquer interação, haverá ajustes e acertos. Deixamos também muitos “vazios”. Mesclamos nossas vozes com quem conhecia as trilhas alternativas para o percurso, mas a escolha, certa ou errada, foi sempre responsabilidade nossa.

O melhor momento da caminhada foi quando escolhemos os companheiros com quem partilharíamos o alimento que fomos colhendo ao longo da estrada. Interagimos com cada um de uma maneira particular, pois sabíamos que traziam uma visão de mundo e um modo de expressão muito individual. Percebemos, porém, que trazíamos uma poderosa estratégia: a metáfora dava conta - com uma estrutura fortemente amparada por uma rede de relações baseadas em experiências comuns a todos - das singularidades inerentes a cada manifestação expressa em texto, em vida, em arte.

Lemos e nos deixamos ler. Trocamos textos e vozes que colhêramos antes e durante o trajeto. Abrimos um diálogo franco e aberto, logicamente dirigido por nossas

subjetividades, mas sem perder o viés crítico sem o qual nos lançaríamos aos perigos da personalidade que não respeita limites.

Agora reescrevemos um novo texto, fica para ser lido e preenchido. A ele ainda voltaremos para fazer correções, traçar outros rumos e estabelecer outros roteiros.

Resta-nos a alegria de pôr no texto uma reticência e poder cantar:

“Foi bonita a festa, pá

Fiquei contente

E inda guardo, renitente

Um velho cravo para mim. (...)”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> HOLLANDA, Chico Buarque de. “Tanto Mar” In: Chicobuarque de Holanda- Literatura Comentada, SãoPaulo: Abril Educação, 1980. (fragmento)

## 6 - Referências Bibliográficas

**ANDRESSEN**, Sophia de Mello Breyner *Contos Exemplares*. 13.ed. Porto, PT: Figueirinhas, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Floresta*. 15. ed. Porto, PT: Figueirinhas, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Noite de Natal*. Porto, Pt: Figueirinhas, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Menina do Mar*. 21. ed. Porto, Pt: Figueirinhas, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Árvore*. 4a. ed. Porto, PT: Figueirinhas, 1993.

\_\_\_\_\_. *A Fada Oriana*. 26.ed. Porto, PT: Figueirinhas, 1997

\_\_\_\_\_. *O Cavaleiro da Dinamarca*. 50. ed. Porto, PT: Figueirinhas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Histórias da Terra e do Mar*. 21. ed. Lisboa, PT: Texto Editora, 2003

\_\_\_\_\_. & **MORAIS**, Graça. *O Anjo de Timor*. Santa Maria da Feira (PT): Edição Cenateca, Associação Teatro e Cultura, 2003. (tiragem limitada).

**Acta do 8º Encontro de Professores de Português promovido pela Areal Editores. Homenagem a Mia Couto**. Lisboa: Areal Editores, 8 e 9 de maio de 2003.

**ALARCÃO**, Maria de Lourdes. *Motivar para a leitura. Estratégias de abordagem do texto narrativo*. Lisboa: Texto Editora, 2001.

**AMARAL**, Patrícia Mattos. *Do Paradigma ao Modelo – A Relevância da Metáfora para a Compreensão do Processo Interpretativo*. Coimbra(PT): Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975.

**AMARAL**, Rosa Maria Baptista do. *A metáfora nos textos literários. Monografia para o curso de doutoramento em Psicologia na Universidade do Porto*. Fotocopiado, setembro, 2003.

**ARISTÓTELES**. *Arte retórica e arte poética*. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro. s/data

**AZEREDO**, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

**BAKHTIN**, Mikhail. ( Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. *Problemáticas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Coleção ensino superior).

**BARCELONA**, Antonio. “On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor” In: BARCELONA, A.(ed.). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads. A Cognitive Perspective*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2000, pp.31- 58.

**BARROS**, Diana Luz Pessoa de. “Dialogismo, polifonia e enunciação”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, Polifonia, intertextualidade : em torno de Bakhtin*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1999, pp.1 –9, (Ensaio de Cultura, 7)

**BARTHES**,Roland. O grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, 1971.

**BIRMAN**, Joel. Subjetividade, contemporaneidade e educação. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender - X ENDIPE*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

**BLOCKEEL**,Francesca. *Literatura juvenil portuguesa contemporânea: identidade e alteridade*. Lisboa: Editorial Caminh,SA, 2001.

**BRAIT**, Beth. “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs).*Dialogismo, Polifonia, intertextualidade : em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, pp.12 - 27, (Ensaio de Cultura, 7)

**BRANDT**, Pier Aage. “Mental space networks and linguistic integration” in: SILVA, Augusto Soares da (org.). *Linguagem e Cognição – A perspectiva da Lingüística Cognitiva*, Braga (PT):Associação Portuguesa de Lingüística/ Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 63 – 75.

**BUESCU**, Helena Carvalhão. Poesia e realidade. *Jornal de letras, artes e idéias* de 21/03/2001, pp.16-18.

**CARLOS**, Luis Adriano. A poesia de Sophia. IN: *Revista da faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”* Porto XVII, 2000, pp.233 – 250.

**CARREIRA**, Maria Helena Araújo. Recriação verbal em Mia Couto. Formas e funções discursivas de vocábulos-mala em Cronicando. IN: *Saberes no tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Lisboa: Edições Colibri, 2001, pp.155 – 159.

**CEIA**, Carlos. *Iniciação aos mistérios da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Veja, 1996.

**CHARAUDEAU**, Patrick & **MAINGUENEAU**, Dominique. *Dicionário da Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

**CHIAVEGATTO**, Valéria Coelho & **FERRARI**, Lílian. “A motivação conceitual da gramática.” *Matraga* 8. Rio de Janeiro, UERJ, Depext, 1997, pp. 63- 78.

\_\_\_\_\_. Um texto: Uma Rede de Espaços Mentais. In: **VALENTE**, André. *Língua, Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, pp.309 –333.

\_\_\_\_\_. “Um “olhar” sobre o processo cognitivo de mesclagem de vozes” In: *Veredas – Revista de estudos lingüísticos* – v3, nº 1, Juiz de Fora (MG): Editora UFJF, 1999, pp. 97- 114.

\_\_\_\_\_. Construções e funções no discurso jornalístico: o processo cognitivo de mesclagem de vozes. In: **AZEREDO**, José Carlos de. *Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. “Gramática: uma perspectiva sócio-cognitiva” In: **CHIAVEGATTO**, Valéria Coelho (org.). *Pistas e travessias II*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002 a.

\_\_\_\_\_. Signos Entrelaçados.Contexto e Construção dos Sentidos na Linguagem. In: **HENRIQUES**, Cláudio Cezar e **PEREIRA**, Maria Teresa Gonçalves.(orgs.) *Língua e Transdisciplinaridade- rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2002 b, pp.113 – 133.

\_\_\_\_\_. *Mesclando vozes: construindo a argumentação em diferentes trabalhos de face*. Rio de janeiro. www.da.linguagem.nom.br. Acesso em maio de 2006

\_\_\_\_\_. *O processo cognitivo de mesclagem de vozes na interação lingüística em português* . Rio de janeiro. www.da.linguagem.nom.br. Acesso em maio de 2006

**CLARET**, Jacques. *A idéia e a forma – problemática e dinâmica da linguagem*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores:1980.

**COSTA**, Marisa Vorraber. Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura. IN: **CANDAU**, Vera Maria (org.). *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender - X ENDIPE*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

**COUTO** , Mia. *Histórias Abesonhadas*. Ilustração de João Nasi Pereira. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

\_\_\_\_\_. *Cronicando*. 3.ed. Lisboa: Caminho,1996.

\_\_\_\_\_. *Vinte e Zinco*. Lisboa: Edições Caminho. Coleção Caminho de Abril, 1999.

\_\_\_\_\_. *Mar me Quer*. Ilustração de João Nasi Pereira. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

\_\_\_\_\_. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Lisboa: Editorial caminho, 2002.



\_\_\_\_\_. *O Fio das Miçangas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Chuva Pasmada*. Lisboa, PT: Ed. Caminho, 2004.

**CUENCA**, Maria Josep & **HILFERTY**, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel, 1999.

**DÄLLENBACH**, Lucien. *Intertexto e autotexto*. In: *Intertextualidades*. Coimbra: Almedina, 1979, pp.5 – 49.

**DIJK** Teun A. Van. *Cognição, discurso, e interação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

**DOLLE**, Jean-Marie. *Para compreender Piaget*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan. Sa., 1995.

**DUARTE**, Inês. *Língua Portuguesa – Instrumento de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

**DUARTE**, Isabel Margarida R. O. *O relato de discurso na ficção Narrativa – contributos para a análise da construção polifônica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

**ECO**, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Difel- difusão editorial Ltda. ,1992

\_\_\_\_\_. *Semiótica e Filosofia da linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

**ELIA**, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

**FAUCONNIER**, Gilles. *Mental Spaces*, Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

\_\_\_\_\_ & **Turner**, M. "Blending as a central process of grammar", In: **GOLDBERG**, A. (ed.), *Conceptual Structure, Discourse and Language*, Stanford: CSLI Publicacions, 1996, pp.113- 130.

**FELTES**, Heloísa Pedroso de Moraes (org.) *Produção de sentido: estudo transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educus, 2003.

**FERRARI**, Lílian Vieira. *Estrutura Conceptual: Contraste entre construções condicionais finitas e não-finitas em Português*. In: **VALENTE**, André. *Língua, Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, pp.229 – 244.

**FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

**FIGUEIREDO**, Olívia Maria. “O ficcionário de o último vôo do flamingo de Mia Couto”. In: *Revista da Faculdade de Letras “ Línguas e Literaturas”*, Porto XIX, 2002, pp.521 – 538.

**FINGER**, Ingrid. *Metáfora e significação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.(Coleção Filosofia , 46)

**FIORIN**, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz. (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, pp.29-43.( Ensaio de Cultura, 7).

\_\_\_\_\_. Semântica e análise do discurso. In: MARI, Hugo...[et alli]. *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges,1999, pp.225 – 238.

\_\_\_\_\_. A construção dos autores da enunciação nas narrativas literárias. In: *Dino Preti e seus temas: oralidade,mídia e ensino*. (vários autores e vários organizadores) SãoPaulo: Cortez, 2001.

**FIORIO**, Nilton Mario.*Semântica e estilística para universitários*. 2 ed. Goiânia: Ed. da UCG, 2002.

**FONSECA**, Joaquim. “Heterogeneidade na língua e no discurso”. *Revista da Faculdade de Letras –Línguas e Literaturas*. II série.v.VIII . 1991, pp 261 – 304.

**FONSECA**, Maria Nazareth Soares. Análise do discurso literário: pontos de vista e controvérsias. In: MARI, Hugo...[et alli] ( org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges,1999, pp 259 – 268.

**FRASE**, Bruce. The Interpretation of Novel Metaphors. . IN: ORTONY, Andrew (ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge,USA:: Cambridge University Press, 1993, pp 329 – 341.

**FREEMAN**, Margareth H. “Poetry and the scope of metaphor: Toward a cognitive theory of literature” In: BARCELONA, A.(ed.). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads. A Cognitive Perspective*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2000, pp 253 – 281.

**FREIRE**, Paulo. *Pedagogia doOprimido*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

**GARDNER**, Howard. *A Nova Ciência da Mente: uma história da revolução cognitiva*. Tradução de Inês Ricardo. Lisboa: Relógio D’Água Editores,2002.

**GIASSON**, Joclyne. *A Compreensão na Leitura*. Lisboa: Ed. Asa.1993

**GIBBS**, Raymond W, Jr. Process and Products in Making Sense of Tropes. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge,USA:: Cambridge University Press, 1993, pp 252 – 276.

- \_\_\_\_\_. *The Poetics of Mind*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. Evaluating Contemporary Models of Figurative Language Understanding. In: *Metaphor and Symbol*, 16 (3&4) Santa Cruz, California:Lawrence Erlbaum Associates. Inc,2001, pp. 317 –333.
- GNERRE**, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*.São Paulo:Martins Fontes Editora Ltda, 1985.
- GOMES**, José Antonio. A literatura para crianças em Portugal: breve historial. In: RÊGO, Manuela e SÁ, Luís (org.). *Histórias para gente de palmo e meio*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2002.
- GRICE**, Paul. Logic and conversation. In: GRICE, P. *Studies in the way of words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987, pp. 22 -40.
- GURGEL**, Maria Cristina Lírio & **VEREZA**, Solange Coelho. O dragão contra o Santo Guerreiro : um estudo da metáfora conceitual. *Intercambio. LAEL- Puc/SP*. v.5 1996, pp.167 – 178.
- HANSEN**, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987. Série Documentos.
- HOUAISS**, A. & **VILLAR**, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUIZINGA**, Johan. *Homo Ludens*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva,1980.
- ISER**, Wolfgang. “A interação do texto com o leitor” In: LIMA, Luiz Costa (org.) *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1979, pp 83 – 132).
- JAKOBSON**, Roman. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix,1973, pp 118 – 162.
- JAUSS**, Hans Robert.A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (org.) *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1979a , pp 43 – 61.
- \_\_\_\_\_. “O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis”. In: LIMA, Luiz Costa (org.) *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1979b, pp 63 – 82
- JENNY**,Laurent.“A estratégia da forma”. In: *Intertextualidades*. Coimbra: Almedina, 1979, pp. 5 – 49.
- JOUE**, Vincent. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervor. SãoPaulo: Ed. Unesp, 2002

**KLEIMAN**, Ângela. *Oficina de Leitura : teoria e prática*. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

**KOCH**, Ingedore Villaça. *A construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

**KOTHE**, Flavio R. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986.

**LAJOLO**, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

**LAKOFF**, George & **JOHNSON**, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_ & **TURNER**, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

\_\_\_\_\_. “The contemporary theory of metaphor”. IN: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge, USA.: Cambridge University Press, 1993, pp 2002- 252.

\_\_\_\_\_. & **JOHNSON**, M. *Philosophy in the Flesh . The embodied mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books. 1999.

\_\_\_\_\_. *Metaforas de la vida cotidiana*. Traducción de Carmen González Marín. 5 ed. Madri: Catedra. Colección teorema, 2001.

**LARANJEIRA**, Pires. *De Letra em Riste: identidade, autonomia e outras questões nas literaturas de Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe*. Porto (PT): Edições Afrontamento, 1992.

**LEPECKI**, Maria Lucia. *Uma questão de ouvido: ensaios de retórica e de interpretação literária*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003, pp. 13 – 65.

**LEVIN**, Samuel R..Language, concepts, and Worlds: Three domains of metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge, USA.: Cambridge University Press, 1993, pp 112 –123.

**LIMA**, Paula Lenz Costa. “Metáfora e Linguagem” in: FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes (org.) *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educsc, 2003.

**LOPES**, Armando Jorge. “O português como língua segunda em África: problemáticas de planificação e política lingüística”. In: MATEUS, Maria Helena Mira (coord.). *Uma política de língua para o Português*. Colóquio (julho de 1998). Lisboa: Ed. Colibri, 2002.

**LOPES**, Edward. *A palavra e os dias: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura*. São Paulo: Unesp/Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Ed.Cultrix, 1979.

\_\_\_\_\_. *Metáfora : da retórica à semiótica*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.

\_\_\_\_\_. “Discurso literário e dialogismo em Bakhtin”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, Polifonia, intertextualidade : em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, pp1 – 9, (Ensaio de Cultura, 7)

**MAINGUENEAU**, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Tradução de Marina Appenzeller. Revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

**MARCUSCHI**, Luiz Antônio. Atividades de referenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (org.) *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: EducS, 2003.

**MARINHO**, Maria de Fátima. “Sophia de Mello Breyner Andresen: Um original cruzamento de tendências”. In: *Máthesis 10*. Viseu:Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp.59 – 72.

**MATEUS**, Maria Helena Mira (coord.). *Uma política de língua para o Português*. Colóquio (julho de 1998).Lisboa: Ed. Colibri, 2002.

\_\_\_\_\_. e **NASCIMENTO**, Fernanda Bacelar do.(orgs). *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Ed.Caminho, 2005.

**MATTOS e SILVA**, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do Português brasileiro*. São Paulo:Parábola Editorial, 2004.

**MIGUENS**, Sofia. “Metáfora”. In: *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Filosofia, II série, Vol. XIX, 2002*, pp73 –112.

**MORENO**, Arley R. *Wittgenstein: através das imagens*. 2 ed.Campinas,SP: Ed.da Unicamp,1995

**MORIN**, Edgar.*A cabeça feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

**NUNES**, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 12 ed. Rio de Janeiro: Agir,1986.

\_\_\_\_\_. *O Sofá estampado*. Rio de Janeiro: Agir,1990

\_\_\_\_\_. *Tchau*. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir,1991.

- \_\_\_\_\_. *O meu amigo pintor*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Paisagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O abraço*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Seis vezes Lucas*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Corda Bamba*. 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Feito à mão*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Cama*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Fazendo Ana Paz*. 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

**ORLANDI**, Eni P. *Língua e conhecimento lingüístico – Para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

**ORTONY**, Andrew. “Metaphor, language and thought” In: ORTONY, Andrew (ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1993. pp 1-16.

**PALO**, Maria José. & **OLIVEIRA**, Maria Rosa D. *Literatura infantil – Voz de criança*. São Paulo: Ática, 1992. Série Princípios.

**PASCHOAL**, Mara Sofia Zanotto de. Em busca do processo de elucidação da metáfora. In: PONTES, Eunice (org.). *A Metáfora*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990, pp.115 – 129.

**PASSOS**, Maria Armanda. *Jornal de letras, artes e idéias* de 21/03/2001, pp. 16-18.

**PÊCHEUX**, M. e **FUCHS**, C. “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)” In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso : uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas(S.P): Editora da Unicamp, 1997, pp. 163-252.

**PEIRCE**, Charles. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977. Pontes, 2001.

**PAVIANI**, Jaime. “Sentido e significado na perspectiva fenomenológica”. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (org.) *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educus, 2003.

**POSSENTI**, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a análise do discurso? IN: MARINHO, Marildes (org.) *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP:

Mercado das Letras. Associação de Leitura do Brasil –ALB. 2001. (Coleção Leituras no Brasil), pp. 19-30.

**RAJAGOPALAN**, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica – Linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial,2003 (Linguagem 4)

**RAMOS**, Ana Margarida. *Percursos de Leitura na Obra de Sophia*. Porto (PT): Edições Asa, 2003.

**RIBEIRO**, João Amaral. *Teoria da Interpretação de Paul Ricoeur*. Lisboa: Edições Rumo, Ltda, 2002.

**RICOEUR**, Paul. *A metáfora viva*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto (PT): Rés editora Ltda, 1983.

**RODARI**, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo:Summus,1982.

**SALOMÃO**, Maria Margarida Martins.O Papel da Gramática na Construção do Sentido. In: VALENTE, André. *Língua, Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, pp.261 – 277.

\_\_\_\_\_. “A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem” In: *Veredas – Revista de estudos lingüísticos* – v3, nº 1, Juiz de Fora (MG): Editora UFJF, 1999, pp 61 – 79.

**SEARLE**, John R. Metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.)*Metaphor and Thought*. Cambridge,USA:: Cambridge University Press, 1993, pp.83 –111.

**SEIXO**, Maria Alzira de. Ética da Poesia . *JL – Jornal de letras, artes e idéias* de 21/03/2001, pp. 14-15.

**SIGNORINI**, Inês (org.) *Língua(gem) e identidade*.Campinas, S.P: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.- (Letramento, Educação e Sociedade).

**SILVA**,Augusto Soares da. “A lingüística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Lingüística”, in: *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol.1 – Fasc. 1 – 2, 1997, pp.59 – 101.

\_\_\_\_\_. “A abordagem cognitiva em Semântica Lexical”. In: *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Braga, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, pp 10 – 76.

\_\_\_\_\_. “Libertar, partir e permitir: Um triângulo evolucionário interlingüístico”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol. 5 – 1 / 2 – Braga (PT): 2001

\_\_\_\_\_. “Porque e como é que surgem novos significados? Prototipicidade e eficiência cognitiva e comunicativa”. Separata do livro *História da Língua e História da Gramática* – Actas do encontro. Coleção Poliedro 11. Braga (PT), 2002.

\_\_\_\_\_. “O poder cognitivo da metáfora e da metonímia”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades* 7. Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2003, pp 13 – 75.

\_\_\_\_\_. “Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento”.in:DINIS, A. E CURADO, J. M. (org.). *Consciência e Cognição* . Braga, PT.: Faculdade de Filosofia de Braga- Publicações, 2004, pp.79 – 96.

\_\_\_\_\_. “Semântica Histórica e Cognição”. Separata do livro *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga (PT): 2005.

**SILVA**, Ezequiel Theodoro da. *O Ato de ler*. 7.ed. São Paulo: Cortez: 1996.

**SMITH**, Frank. *Compreendendo a leitura*. 3 ed.. Porto Alegre: Artes Médicas,1991.

**SOARES**, Magda Becker. “As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto”. In: ZILBERMAN,Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura, Perspectivas interdisciplinares*. São Paulo:Ed. Ática, 1995, pp 18 – 29.

**SOUZA**, Álvaro José de. *Geografia Lingüística : Dominação e Liberdade – A imposição de línguas oficiais – A fala como ato político – A dominação pela linguagem*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

**SOUZA**, Maria de Lourdes Dionísio “Agora não posso. Estou a ler” In: **SOUZA**,M.L. e **CASTRO**, R.V. *Entre linhas paralelas, Estudo sobre o Português nas escolas*. Coimbra: Ângelus Novus, 1998, pp 55 – 70.

**SUMARES**, Manuel. Refiguração textual e expressão interhumana: a última fase hermenêutica de Paul Ricoeur. In: *Revista de Comunicação e Linguagens-Textualidades*. Porto.Edições Afrontamento, junho, 1986, pp 7- 21.

**TURNER**, Mark. “Figure” In: KATZ, A, **CACCIARI**, C. ,**GIBBS**,R., **TURNER**, M. (orgs) *Figurative Language and Thought*. New York: Oxford University Press, 1998, pp.44-87.

\_\_\_\_\_. e **FAUCONNIER**, G. “Metaphor,metonymy, and binding” In: BARCELONA, A. (ed.) ). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads. A Cognitive Perspective*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2000, pp.133-145.

**VALENTE**, André Crim. A Intertextualidade na mídia. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (org.). *De textos sedutores e de suas possíveis leituras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2000, pp.79 – 88. (Coleção em questão no. 4)

\_\_\_\_\_. “Intertextualidade: aspecto da textualidade e fator de coerência”. In: HENRIQUES,Cláudio Cazar e PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Língua e Transdisciplinaridade- rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002, pp.177 –193.



**VILELA**, Mário. “A metáfora ou a força categorizadora da língua: releitura de Lições de Filologia Portuguesa de Carolina Michaelis”. In: *Revistada Faculdade de Letras “Língua e Literaturas”* Porto XVIII, 2001, pp.171-180.

\_\_\_\_\_. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002

\_\_\_\_\_. “Português de Moçambique ou as metáforas “à solta”. *Verba*, vol.30: 7 -22, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, Universudade de Santiago de Compostela, 2004.

**ZANOTTO**, Mara S. T. “Metáfora e indeterminação: abrindo a Caixa de Pandora”. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998.